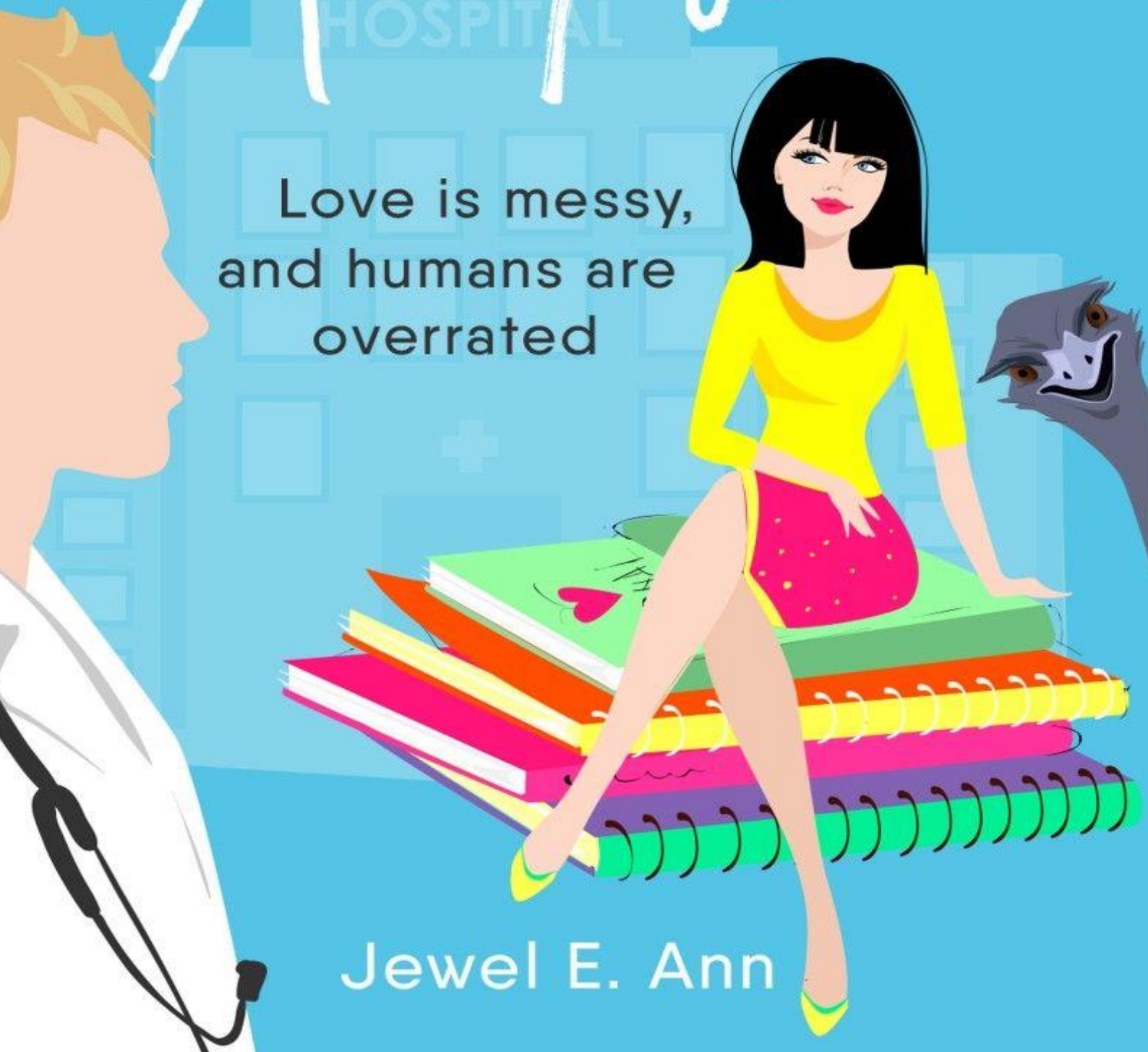
PERFECTLY Adequate

Love is messy, and humans are overrated



Jewel E. Ann



Disponibilização: Eva

Tradução: Dani, Glenda, Drika, Juzita

Revisão: Faby, Iara e Thay

Leitura Final e Formatação: Eva

Dezembro/2019

O Dr. Elijah Hawkins precisa de... alguma coisa.

Depois que sua esposa pulou de cabeça na crise da meia-idade, ele ficou com seu filho Roman e muitas perguntas sem resposta.

Essa coisa acaba por ser uma pessoa — Dorothy Mayhem, estudante de enfermagem, transportadora de pacientes, motorista imprudente e dona de emus.

Dorothy estuda os seres humanos, do tipo neurotípico[1], através de livros e televisão. Então ela imita seus padrões comportamentais para se encaixar com seus colegas.

Mas nada poderia prepará-la para o Dr. Elijah Hawkins.

Pai solteiro.

Oncologista pediátrico brilhante.

E o médico mais sexy do hospital.

Quando suas fracassadas tentativas de a convidar para sair se transformam em uma série de brincadeiras com seu filho, Dorothy se vê inesperadamente apaixonada pelo garoto e seu pai.

E isso é um problema enorme, porque a ex-esposa de Elijah é uma famosa cirurgiã plástica — e o ídolo de Dorothy.

Perfectly Adequate é uma jornada bonita, hilária e comovente ao longo do espectro 'humano'.

[1] Neurotípico ou NT, uma abreviação de neurologicamente típico, é um neologismo amplamente utilizado na Psicologia, Psiquiatria, Neurologia, bem como nos aspectos sociológicos e culturais do autismo como um rótulo para pessoas que não estão no espectro do autismo.

SWEET CLUB BOOK'S

DEDICATÓRIA

Para Marley.

PLAY LIST

Our Love – Judah & the Lion

If You Ever Wanna Be In Love – James Bay

Arms – The Paper Kiss

Magnetside - Acoustic – Tom Odell

Hold Me While You Wait – Lewis Capaldi

7 Minutes – Dean Lewis

The Shores Of Scotland – Max Richter

On The Nature Daylight – Max Richter

Rosalee Theme – Max Richter

I'm Gonna Be (500 Miles) – Blake Stratton

Don't Give Up On Me – Andy Grammer

Only To Be With You (Unplugged) – Judah & The Lion

“O espectro é humano. Não é autismo. "

–Dorothy Mayhem

CAPÍTULO 01



Ela se foi

Elijah

Uma mulher me destruiu, então escolhi outra mulher para me reconstruir.

Provavelmente não foi a minha ideia mais brilhante.

“Faz um ano.” Olho para minhas mãos cruzadas, ignorando o nublado centro de Portland, do lado de fora da janela, à minha direita.

Agosto.

Minha esposa me deixou no final do verão, dois dias após o segundo aniversário do nosso filho. Timing perfeito. Eu diria que aconteceu do nada, mas isso seria um eufemismo monumental. Ela me seduziu em uma noite, depois que dividimos uma garrafa de vinho — e ouso dizer o melhor sexo de toda a nossa vida de casados.

Nós nos conhecemos no ensino médio e frequentamos a mesma faculdade. Medicina. Residência. Hobbies. Objetivos de vida compartilhados.

Verificado.

Verificado.

Verificado.

“Sim. É hora de seguir em frente. Julie não voltará para você. Então, já pensou em namorar? Você está cercado por mulheres o dia todo. Certamente alguém tem uma amiga que pode ser uma boa combinação para você.”

“Você é a pior psiquiatra de todos os tempos.” Fecho os olhos, balanço a cabeça.

"Meus colegas discordariam." A Dra. Lori Hawkins afasta do rosto o seu cabelo prateado na altura do queixo, marcado com algumas rugas suaves. Seus olhos castanhos olham para mim por cima das armações pretas de seus óculos. Ela se supera em todos os olhares de mãe.

Sente-se.

Cale-se.

Você está mentindo.

Não seja um bebê.

O desconto familiar vem com um lado extragrande de sarcasmo e com a verdade nua e crua. A atenção da minha mãe permanece dois segundos antes de voltar para sua salada.

"Eu não namoro desde o ensino médio. Você sabe quantos anos se passaram?"

"Vinte desde que você se formou. Vinte e quatro desde que você começou o ensino médio. Eu sou boa com matemática." Ela mergulha o garfo no molho de manjericão e limão antes de pegar um tomate.

"É tudo namoro online agora. Não estou preparado. E não apenas acho isso. Eu tenho certeza." Esfrego a tensão na parte de trás do meu pescoço.

"Você é da Geração Y. Você achará uma saída." Ela limpa os lábios vermelhos com um guardanapo.

"Sou da Geração Y por apenas catorze dias." Inclinando-me para a frente, descanso os cotovelos na mesa, então seguro meu rosto com as mãos. Um suspiro profundo me escapa. Eu tenho muitos momentos de suspiro profundo. O ano anterior foi como um grande suspiro profundo.

Ela luta contra o sorriso. "Você parece o garotinho de cabelo loiro escuro que sua avó costumava trazer para este mesmo lugar há mais de trinta anos para almoçar comigo. Aquele rostinho de bebê e nariz fofo." A ponta do garfo dela bate no meu nariz quando eu o enrugo. "Claro, agora você cresceu. É um médico alto e bonito que precisa fazer a barba com mais frequência e pode cortar o cabelo. Eu gostaria que sua avó estivesse aqui para vê-lo agora. Ela ficaria tão orgulhosa."

Depois de alguns segundos, eu franzo a testa e coço meu rosto desalinhado. “Eu a odeio. Pensei que depois de tanto tempo pararia de odiá-la, mas acho que a odeio mais agora do que antes.”

“Sua avó? Isso não é muito legal... ela era um pouco teimosa e gostava de dar um tapa no seu bumbum teimoso às vezes, mas...”

“Julie.” Reviro meus olhos.

Mamãe sorri. Ela rapidamente para com um sorriso triste. “Por quê? Qual propósito há em manter esse rancor?”

Meus ombros levantam em direção às minhas orelhas, um feito terrivelmente difícil, dada a maneira como carrego o peso do mundo por tanto tempo. “Não tenho certeza de que algum dia fará sentido para mim. Esperamos até os trinta e poucos anos para começar uma família. Roman não foi um acidente. Nós o planejamos. Planejamos todas as partes de nossas vidas para se ajustarem a ele. Julie reduziu suas cirurgias porque queria estar mais em casa com ele. Recusei uma promoção porque as horas extras levariam meu tempo com minha família. Então um dia ela apenas ficou... farta? Eu passo de ver meu filho todos os dias para ser pai em período parcial? O que é isso? Quem faz isso? Quem simplesmente se afasta porque não...” Balanço a cabeça, “... quais foram as palavras dela? *Não é mais essa mulher*?”

Mamãe morde os lábios enquanto mistura a salada. “Eu vi Julie com Roman outro dia no Shemanski Park, estava comprando flores para o aniversário da mãe dela. Julie tem uma tatuagem no tornozelo, uma flor de lótus. Quando a elogiei, ela me mostrou o nome de Roman tatuado na nuca com um coração ao lado. Você sabia sobre as tatuagens? Ou que ela é ruiva agora em vez de loira?”

“Sim. Eu sei. Minha sofisticada esposa — ex-esposa — que passava o ferro obsessivamente em nossas roupas e usava o cabelo no mesmo estilo longo e reto desde que estávamos no ensino médio, tem cabelos ruivos e ondulados, tatuagens e o guarda-roupa de uma adolescente.”

E peitos. Não digo isso em voz alta e nem minha mãe, mas Julie colocou implantes de silicone há seis meses e ela gosta de mostrá-los ao mundo. Gola alta... ela usava gola alta comigo.

“A filha de Rhonda fez vinte e quatro anos recentemente. Ela é uma arquiteta que acabou de sair de um relacionamento lésbico porque está questionando sua sexualidade novamente. Ela teve alguns problemas de saúde que causaram estragos em seus hormônios. Pobre coitada. Mas ela

está melhor, e Rhonda acha que ela está pronta para tentar namorar homens novamente. Ela adora aventura. É a garota mais legal que você pode conhecer." Mamãe pega um espelho, checa os dentes em busca de alface, coloca uma folha de hortelã na boca e aplica um batom rosa suave.

"A talvez — não tem certeza se é — lésbica, é filha da sua secretária? Sinto que você está desconsiderando minhas emoções." Eu me levanto, então dobro meu braço para ver meu relógio. "Mas vamos guardar isso para a próxima vez. Tenho que voltar ao trabalho."

Ela empurra sua cadeira para trás, então dá a volta na mesa para me abraçar. "Eu te amo, Eli. E não apenas porque você me traz o almoço toda sexta-feira."

Eu dou um beijo rápido em sua bochecha. "Mas isso me faz o seu favorito, certo?"

Minha mãe ri. "Você é meu garoto favorito."

Eu sorrio, pois sou o caçula de três... e o único garoto.

Soltando-me, seus lábios brilhantes mostram tristeza. "Você conheceu Julie quando tinha dezesseis anos. Era muito jovem para se esperar um para sempre."

Eu concordo. Ela foi minha outra metade, minha melhor metade, minha xícara de café pela manhã e meu beijo de boa noite favorito por tanto tempo que parei de contar. Deveríamos ser para sempre — mas isso é algo inacessível. No entanto, estou aqui começando novamente do zero.

Hum... eu tenho Roman. Ele é meu número um, e um é suficiente; é oficialmente tudo.

"Ela não era tudo, Eli."

Como ela leu minha mente?

"Julie é a mãe do seu filho. Isso faz dela algo... mas não tudo."



Pego um café e vou para o meu laboratório. As rondas correram bem esta manhã. Alguns bons resultados de pesquisa esta tarde são tudo o que preciso para tornar a sexta-feira oficialmente o melhor dia desta semana.

Um tênis vermelho brilhante com sola vermelha e cadarço vermelho chama minha atenção quando as portas se abrem no segundo andar. Os tênis se movem em minha direção e meu olhar desliza da bata azul para a jovem mulher com cabelos castanhos na altura dos ombros e um sorriso amigável. Ela faz contato visual por dois segundos antes de virar em direção às portas e pressionar o botão no quinto andar.

"Tênis bonitos", eu digo.

"Obrigada, Dr. Hawkins." Seus olhos azuis retornam para mim com sua resposta surpreendentemente entusiasmada ao meu elogio.

Meus lábios se curvam em um sorriso inevitável. "A gente se conhece?"

Ela coloca o cabelo escuro atrás das orelhas. "Sim. Não. Bem, eu ouvi muito sobre você. E entreguei a correspondência em seu escritório e os resultados dos testes de laboratório. Nos cruzamos pelo corredor, mas claramente você não me reconhece, talvez porque eu geralmente estou empurrando um paciente ou um equipamento médico. Então... não *nos* conhecemos *oficialmente*."

"Entendo..." Olho para o crachá dela. "Dorothy?"

Ela não parece uma Dorothy. Talvez uma Lauren ou uma Elizabeth. Talvez até um nome moderno como Poppy.

A mão dela vai direto para o crachá. "Sim. Sou transportadora de pacientes e estudante de enfermagem." Olhos azuis rolam em direção ao teto enquanto ela morde os lábios. Dorothy é fofa. Jovem. Delicada. Minha mãe e irmãs diriam algo como 'simplesmente adorável, linda como uma flor' ou algo louco assim.

Meu sorriso aumenta vinte por cento. Ela tem uma confiança forçada. Eu acho que é forçada. Talvez seja apenas nervosismo. Não sei ao certo. "O que você ouviu sobre mim?" Minha cabeça balança para o lado no momento em que o elevador para no quarto andar — meu andar.

Ela aponta o dedo para cima. "Eu fico no próximo andar."

"Você não se livrou de mim. Nos vemos depois."

"Nós nos veremos?" Ela deixa escapar quando saio do elevador.

"Sim." Eu não volto atrás.

Dr. Warren, meu estagiário, olha por cima do seu tablet, olhando por cima do meu ombro enquanto as portas do elevador se fecham atrás de mim. “Dorothy Mayhem. Aqui temos uma garota peculiar.”

Mayhem? Eu mantenho a diversão comigo mesmo. Dorothy parece um oximoro para o nome Mayhem.

“Peculiar como?” Eu passo por ele em direção ao meu laboratório, e ele me segue.

“Ela tem um milhão de pares de tênis e eles sempre combinam com a blusa do uniforme dela. Eu a vi na cafeteria no domingo passado, almoçando. Ela tinha uma lancheira de metal vermelho, tudo organizado e com bom aspecto de um lado, mas o outro lado estava coberto de adesivos. Decalques... como Nike e Taylor Swift. Eu tentei dizer algo, mas ela estava com fones de ouvido e estava lendo um caderno. Willow disse que ela possui o espectro. Eu posso ver isso muito bem. Já namorei uma Aspie. Durou duas semanas. Ela era muito ansiosa para agradar na cama, então não foi completamente horrível.”

“Você é um idiota. Está sabendo disso?” Eu tiro meu crachá para abrir a porta do laboratório.

“Só estou dizendo... é uma personalidade complicada. Irritante e aborrecida.”

“É Transtorno do Espectro Autista, não Aspie, e você está me irritando. Isso significa que você está no espectro?”

Ele ri. “Ponto feito. Eu estava apenas conversando. Não me interprete mal. Ela é bonita. E ainda tem esse apelo sexual inocente. Natural, mas proibido de algumas maneiras.”

Pego os resultados dos testes do dia anterior no meu laptop. “O placebo está com melhor desempenho. Vai saber. Diga-me por que o placebo está se saindo melhor e eu o perdoarei por ser um idiota.”

Warren solta o ar quando eu sorrio para ele.

Ninguém quer curar o câncer mais do que eu... exceto Warren. Sua irmã mais nova morreu devido a um tumor cerebral maligno um ano atrás. Minha motivação não é tão pessoal. Eu só quero parar de oferecer dolorosas e, muitas vezes falsas, esperanças a jovens que deveriam ter toda a vida pela frente em vez de lutar pela chance de ter mais um natal, um baile do ensino médio ou a oportunidade de se apaixonar e ter seus corações partidos.

CAPÍTULO 02



Pegue e solte

Dorothy

Eu empurro corpos e equipamentos pelo hospital o resto da tarde. É tudo o que faço todo fim de semana — empurro, entrego, espero, retorno. Não requer uma conversa aprofundada, o que é bom, pois a conversa não é minha melhor habilidade. Às vezes, entrego correspondência e amostras de laboratório, mas a maioria delas é feita digitalmente. Tenho certeza de que o futuro terá cadeiras de rodas e macas robóticas para transportar pacientes sem a assistência de um humano — como carros autônomos.

Com um ano de faculdade de enfermagem, quero trabalhar com materiais sintéticos. Mas depois de conversar com o Dr. Hawkins, estou reconsiderando meus objetivos. Dr. Elijah Hawkins, oncologista pediátrico, elogiou meus sapatos. E qual foi a promessa sobre mais tarde? Mais tarde quando?

Hoje?

Amanhã?

O dilema se apresenta como diferentes cenários em minha mente. Eu considero encontrá-lo para ver se ele quer definir um horário específico para discutir minha situação. Após um breve encontro, estou atraída por ele por algum motivo desconhecido.

Empurro a cadeira de rodas de Gavin Hamlin de volta ao seu quarto depois da ressonância magnética. Ele tem doze anos e não fala muito. Ele tem um tumor no quadrante superior direito do cérebro — provavelmente não é câncer. Eles não têm certeza se a cirurgia é uma opção. Levei-o três vezes na semana passada.

Se eles descobrirem que *é* câncer, ele pode ter o Dr. Hawkins como oncologista. E por um segundo inteiro, acho que isso seria ótimo, porque talvez eu consiga ver o Dr. Hawkins com mais frequência se Gavin precisar de mais testes. Mas logo após esse segundo, eu penso: "Que merda acabou de passar pela minha cabeça?"

Estou querendo tirar vantagem de um jovem garoto ter câncer!

Não é um momento bom para mim.

Veja, meus pais acham que eu preciso me lançar no mundo e estar mais disponível, mas depois de uma interação com o médico mais excitante do hospital, deixei meus pensamentos penetrarem na escuridão, desejando sentenças de morte a crianças pequenas. Qual é o próximo passo? Correr pelos corredores, dizendo a todas as crianças que o coelhinho da páscoa não é real e que a maioria delas com câncer raro não viverá mais cinco anos?

"Você acha que eu vou morrer? Quero dizer... é um tumor. No meu cérebro. Isso vai me matar, certo?"

"Eu não sou sua médica." Não é meu trabalho discutir informações médicas com os pacientes. Não é realmente meu trabalho discutir nada com eles. Mas as crianças não diferem as vestimentas de um médico, então às vezes eu entro nessas questões de vida ou morte.

"Sim, mas você trabalha aqui. Tenho certeza que você vê muito isso."

"Crianças doentes? Sim. Eu vejo muitas crianças doentes. Mas nem todos morrem. A maioria vive. É tudo o que você precisa pensar."

Faço esforços conscientes para censurar cada palavra que digo às crianças do hospital. Minha mente abandona toda a emoção quando alguém faz perguntas que possui respostas factuais.

Limpo e arrumado.

Preto e branco.

Só que as crianças não se dão bem com a verdade. Risca isso. Os pais não se dão bem com a verdade.

Minta para o meu filho. Eu não quero assustá-lo.

Código para: não estou pronto para enfrentar a realidade.

Não consigo imaginar ter filhos. Manter o controle das minhas próprias coisas, meus próprios problemas e minha própria ansiedade devora todas as vinte e quatro horas do meu dia.

“Por que você acha que eu tenho esse tumor?”

“Porque você tem células em seu corpo que estão se dividindo em uma velocidade excessivamente rápida.”

“Duh... mas por quê?”

Antes que eu possa entretê-lo com minhas teorias — com base em pesquisas sólidas de alguns dos principais médicos e pesquisadores do mundo — seus pais o cumprimentam do lado de fora do quarto. Dou-lhes um sorriso e certifico-me de que ele fique a salvo em sua cama.

Várias horas depois, faço uma pausa rápida para tomar um café na cafeteria. E por falar em timing... o Dr. Hawkins está na minha frente na fila. Ele não me vê por causa dessa falha evolutiva infeliz nos seres humanos — sem olhos na parte de trás de nossas cabeças.

Minha boca se abre para dizer alguma coisa, mas então eu fecho minha mandíbula e repito o diálogo na minha cabeça mais uma vez para me certificar de que não é estúpido.

Ei, Dr. Hawkins. Eu tenho dez minutos se você quiser me pegar agora.

Me pegar agora... hmm. Não sei ao certo o que quero dizer ou o que ele quis dizer. Mas desde que realmente não sei o que ele quis dizer...

Uau! Querido Jesus, ele cheira bem.

Boas ervas. Não o cheiro de colônia amadeirada e digna de vômito. É mais como se ele tivesse rolado em uma parte das ervas do meu pai, esse tipo bom de ervas. Talvez... alecrim?

Inclino-me e respiro generosamente. “Porra!” Eu grito quando seu cotovelo pousa no meu nariz quando ele se vira para pegar uma colher de madeira.

“Merda!” Ele pula para frente, arqueando as costas depois que eu derramo meu café quente em suas costas — mas apenas porque ele me deu uma cotovelada no nariz.

Meus olhos veem estrelas e ardem com as lágrimas inevitáveis que sempre brotam no instante em que alguém te soca no nariz. Então olho para a minha mão.

Nenhum sangue.

Toco meu nariz novamente.

Nenhum sangue.

Droga! Isso doeu pra caralho. Como não há sangue? Na verdade, eu gostaria que o sangue jorrasse do meu nariz para que minha reação que silenciou a área ao nosso redor pudesse parecer um pouco mais justificada.

Dr. Hawkins faz uma careta, puxando o tecido úmido da pele enquanto inspeciona meu nariz sem sangramento. Pego vários guardanapos, assim como a senhora atrás do balcão do café, e os entregamos a ele para limpar o café. Então pego mais alguns guardanapos e assoo o nariz muito forte.

Nenhum sangue!

Eu nunca quis tanto sangrar na minha vida.

“Você está bem? Eu sinto muito. Não fazia ideia de que você estava tão perto de mim.”

Isso é porque eu estava cheirando você.

Sorrio dos meus próprios pensamentos. Quão apropriado que eu levei uma cotovelada no nariz por farejá-lo.

“Está sangrando?” Ele mantém seu foco em mim.

A mulher mais velha atrás do balcão lhe entrega mais guardanapos. “Você está bem, doutor? Isso deve ter queimado sua pele.”

Ele acena educadamente, pegando os guardanapos extras.

“Eu...” respondo sua pergunta enquanto retiro o maço de guardanapos do meu nariz e mostro a mucosa clara nele. “Não há sangue. Viu?”

A barista faz uma careta. Pego a deixa e descarto os guardanapos. Talvez mostrar meu ranho não seja a abordagem correta.

“Mas sim... não... eu quero dizer bem. Eu estou bem. Sua bunda provavelmente está chamuscada por causa do café. Espero que você tenha

uma cueca grossa." Faço o meu melhor para mostrar minha preocupação com o bem-estar dele, em vez de me concentrar no meu completo constrangimento e falta de sangue saindo do nariz.

"É apenas pele." Ele limpa a perna enquanto a barista limpa a bagunça no chão para que a fila possa continuar se movendo.

Coloco $5 no balcão para o meu café.

"Deixe-me pegar outro copo de café."

"O quê?" Balanço minha cabeça com tanta força que dói no meu cérebro. "Deixe-me pagar pelo seu uniforme. Suas contas médicas para tratar as queimaduras. Novas cuecas. Sapatos. Tudo! Deixe-me pagar por tudo."

Ele ri, apesar da leve careta em seu rosto enquanto avança vários passos. "Eu estou bem. Sério, Dorothy. É melhor eu me limpar e mandar alguém dar uma olhada nas minhas costas."

"Quer que eu dê uma olhada?"

Ele levanta uma sobrancelha. "Você é uma transportadora de pacientes."

"Sim. E uma estudante de enfermagem. Mas tenho meu certificado de auxiliar de enfermagem e fui paramédica por um tempo. Além disso, ouvi um podcast ótimo há alguns meses, sobre tratamentos de queimadura que podem evitar danos permanentes nos nervos, reduzir cicatrizes em sessenta e três por cento e reduzir o tempo de recuperação pela metade."

Dr. Hawkins pisca por alguns segundos, seus olhos se estreitam um pouco. "A Dra. Hathaway é a chefe da unidade de queimados. Acho que a farei dar uma olhada rápida."

"Sua ex-esposa?" Estou certa de que toda a lanchonete me ouve, mas sua sugestão me parece estranha. Quero dizer... todos os rumores sobre o casamento dele. A esposa dele o deixando.

Rugas se formam ao longo de sua testa.

Sim, eu sei tudo sobre ele, porque o médico mais sexy do hospital se divorciar foi o assunto mais quente durante meses. A saga do divórcio se acalmou, mas *ele* continua sendo um assunto quente.

"Ela é. Por quê?" Ele pergunta devagar.

"Eu sei que ela é médica, mas deve ser estranho deixar sua ex-mulher ver sua bunda nua... bunda... nádegas... glúteos." Eu sorrio, é o que faço quando as coisas ficam realmente estranhas — o que acontece com muita frequência.

Suas sobrancelhas grossas franzem. "Ela já viu isso algumas vezes antes." Um sorriso estranho brilha em seus lábios.

Eu não tenho certeza se *eu* o diverti ou se o excita pensar sobre a sua ex-esposa ser forçada a olhar para sua bunda novamente, um lembrete do que ela desistiu. Chupando meu lábio superior entre os dentes, eu aceno com a cabeça várias vezes. "Ok. Mas tenha certeza de que ela ouviu o podcast. Posso enviar o link se ela ainda não o ouviu. Mas tenho certeza que ela sabe tudo sobre isso. Ela é brilhante e minha chefe cadela favorita em todo o hospital.

"Dorothy..." Ele coça o queixo, seus lábios cedem.

"Quero dizer, cadela de uma maneira muito boa. Assume o controle. Sem bobagens. Resolve tudo."

A Dra. Julie Hathaway é meu ídolo de várias maneiras, mas eu paro de fazer essa confissão. Real progresso da minha parte. "Sim?" Eu sussurro.

Ele me entrega seu copo de café. Pressionando o dedo na parte inferior do meu queixo, ele o levanta, guiando minha cabeça para um lado e depois para o outro, o olhar focado no meu nariz. Então ele gentilmente aperta meu nariz enquanto pressiona a área circundante com a outra mão. Está um pouco dolorido, mas não está quebrado... ou sangrando. Ou chamuscado pelo café quente.

Huh...

Não é que eu não esteja preocupada com meu nariz. Eu estou. Esta não é minha primeira lesão no nariz. Até agora eu poderia ter danos irreversíveis às estruturas e tecidos do meu nariz. Não consigo nem pensar nos problemas de longo prazo que eu possa enfrentar, como problemas de congestão e respiração ou sinusite, ossos e outras infecções no nariz. Isso pode ser muito ruim para mim.

"Desculpe pelo seu nariz." Ele solta meu queixo e sorri antes de ir em direção aos elevadores.

"Seu café!" Eu o levanto.

"Fique com ele." Ele pressiona o botão para subir.



Elijah

Julie sabia que queria ser cirurgiã plástica desde o momento em que seu irmão mais novo passou por uma cirurgia no lábio leporino. Ela sabia que queria uma carreira de sucesso como médica. Ela sabia que queria mudar vidas, dar confiança às crianças novamente. Eu, por outro lado, cambaleei inseguro em busca de uma especialidade, inseguro de onde queria morar e trabalhar, inseguro sobre se e quando deveríamos começar uma família.

Julie era minha bússola.

"Eu preciso de um favor." Coloco um uniforme extra debaixo do braço.

Ela ergue os olhos do telefone, do lado de fora do escritório, no segundo andar. "Não vou trocar as semanas com você. Roman estava ansioso por..."

"Uma xícara grande de café muito quente acabou de ser derramada nas minhas costas."

As sobrancelhas dela se erguem. "Oh. Você quer que eu dê uma olhada?"

"Não. Só queria que você soubesse se eu morrer de sepse."

Ela revira os olhos castanhos esverdeados e sorri. "Siga-me."

Encontramos uma sala vazia no corredor e ela fecha a porta de costas para mim. "Avise-me quando estiver pronto."

"Uau! Quinze anos de casamento e você quer que eu tire a roupa enquanto você está de costas para mim? Colocarei um roupão, assim você pode puxá-lo para trás para inspecionar minha bunda nua. Já fizemos sexo tantas vezes neste hospital que parei de contar. Mesmo assim... aqui estamos. Cordial e profissional."

"Eli..." ela sussurra em um suspiro.

"Estou pronto, Dra. Hathaway."

Dra. Hathaway... não havia dúvida de que ela não aceitaria meu nome quando nos casássemos. Eu não precisava que o nome dela fosse o mesmo que o meu. Eu só precisava dela.

De barriga para baixo, olho para ela por cima do ombro. Ela se concentra nas minhas queimaduras. Sempre profissional. Eu me concentro no seu novo cabelo vermelho e sua camisa roxa e nítida sob o jaleco, revelando seu decote maior. Tenho certeza de que um cara ansioso por plásticos aproveitaria a oportunidade para obter reciprocidade profissional com a renomada Dra. Hathaway.

"Espero que você possa aprender a dormir do seu lado direito ou de bruços." Ela limpa as queimaduras enquanto eu cerro meus dentes.

"Eu durmo de costas. Você sabe disso."

Julie franze a testa, curando minhas feridas. "Foi por isso que eu disse. Mas estamos separados há mais de um ano." Ela encolhe os ombros. "Eu pensei que talvez ter a cama só para você pudesse ter mudado isso. Ou você tem companhia na cama?"

"Sim. Roman encontra o caminho para o meu quarto, e aquece minha cama cerca de dez graus."

Pela primeira vez desde que ela começou a cuidar da minha bunda descoberta, ela me lança um olhar rápido com um sorriso nervoso.

Sim, eu sou um idiota.

Viro a cabeça, encarando a parede com os braços cruzados sob o queixo. "Essa foi a sua maneira de perguntar se eu tive outra mulher na minha cama? Suave, Jules... tão suave que nem notei."

"Você é um homem maravilhoso, Eli. Qualquer mulher teria sorte de estar na sua cama."

"Exceto minha esposa."

"Não sou mais sua esposa."

Eu resmungo. Talvez eu devesse ter deixado Dorothy lidar com minhas queimaduras. "Deus... você é tão clínica, Jules."

"Eu sou profissional."

"Fria."

"Cuidadosa. Focada. Qual é o seu problema? Você achou que eu trataria suas queimaduras com um trabalho manual?"

"Se eu pensasse que você trataria minhas queimaduras com a mesma ineficácia desastrosa que seus trabalhos manuais, eu teria deixado a transportadora de pacientes me tratar."

Suas luvas estalam quando ela as retira e as joga na lata de lixo. "Faça com que sua mãe troque seus curativos."

A porta se abre. A porta se fecha.

Eu permaneço de bruços, olhos fechados enquanto respiro lentamente. Se eu não a amasse até a minha alma, não a odiaria tanto. Depois de usar um avental limpo, saio da sala e encontro Julie em seu escritório.

Ela olha por cima do computador quando a porta clica atrás de mim. Culpa guerreia em seus olhos, desgastando seu rosto e ponderando sua postura. É sempre a mesma aparência. Mesmo quando a provoco como fiz alguns minutos atrás, ela sangra mais dor do que raiva.

"Chegará o dia em que eu entenderei completamente?" Ando pelo seu pequeno escritório, inspeciono os diplomas, licenças profissionais e prêmios de conquista que já vi um milhão de vezes antes, as fotos de Roman em sua mesa e o jardim zen que minha mãe lhe deu.

"Provavelmente não."

Mantendo as costas para ela, olho fixamente para a estante cheia de revistas médicas. "Você está feliz, Jules? Essa nova vida é tudo o que você esperava que fosse?"

"Eu não sei como responder isso. É difícil se sentir feliz sendo a vilã."

Eu me viro lentamente quando ela fecha o laptop e se recosta na cadeira, cruzando os braços na frente do corpo como um escudo.

"Eu nunca disse que você era a vilã."

Julie resmunga. "Não sei se nossas famílias concordariam."

"Famílias? Você quer dizer minha família."

"Sua família. Minha família. Nossos amigos em comum. Pessoas aqui no hospital. Não haja como se não visse. Elijah perfeito e abandonado por sua terrível esposa. Os olhares. Os sussurros. Eles não passam

despercebidos por mim. E tudo bem. Tomei uma decisão muito consciente de ir embora *sabendo que* isso aconteceria. Mas já faz um ano. Não cumpri meu tempo?"

Não consigo responder a essa pergunta. Eu só... não posso. Uma noite estávamos fazendo amor com tanta intensidade que me senti como um maldito virgem, me apaixonando por essa mulher novamente. Parecia essencial. Algo tão fora do comum que eu sabia que as coisas seriam diferentes entre nós. Mas o meu diferente não estava nem no mesmo planeta que o diferente dela. Antes que eu pudesse sugerir, pedimos aos pais dela que cuidassem de Roman para que pudéssemos fugir, talvez renovássemos nossos votos de casamento e trabalhássemos para dar a Roman um irmão ou irmã... BOOM!

"*Eu preciso ir embora, Eli.*"

Precisa.

Não quer. PRECISA.

Julie precisava sair do nosso casamento. E quando começou a chorar, eu realmente senti pena *dela*. Ela parecia uma vítima presa embaixo de um carro capotado. Implorando-me para ajudá-la.

"*O que você quer que eu faça, Jules?*"

Qualquer coisa.

Eu queria fazer o que ela precisava. Tudo em que podia me concentrar é ajudá-la a sair da dor. Levantar aquele carro proverbial dela para que ela pudesse respirar... então ela pararia de chorar. Sempre foi instintivo afastar sua dor.

"*Eu preciso que você me deixe ir.*"

Ela queria que eu deixasse quinze anos de casamento, assim. Vivendo sob custódia compartilhada pelos próximos dezesseis anos. Desembaraçando minha vida da dela. Julie quer que eu pare de respirar. Ela tem sido tão inflexível com a minha falta de compreensão dos seus motivos, sentimentos. Mas eu simplesmente não consigo entender por que você trabalharia tanto para ter tudo o que sempre quis e depois apenas... deixa ir. Porque é nisso que eu acredito. A vida que tínhamos era tudo. Como você solta tudo?

Dando dois passos lentos, pego a foto emoldurada da mesa dela. Mesmo enquadramento. Imagem diferente. Costumava ser uma foto de nossa

família na Disney. Foi substituída por Julie por uma foto de Roman no zoológico.

"Você conhece os pacientes que sobrevivem ao inimaginável? Os que, por todos os direitos, deveriam estar mortos? E ainda assim... eles sobrevivem. Como médicos não temos explicação para o coração que ainda está batendo em um corpo que está quebrado além do reparo. Removemos nossa capa de herói e a jogamos de lado, porque não somos dignos de receber crédito por algo claramente superior à nossa habilidade mais afiada. É a luta. O paciente luta por algo que se recusa a perder, mesmo quando termina para todo mundo."

Devolvo a foto à mesa dela e continuo. "Eu nunca vi você lutar. Você apenas... deixou ir. E a única explicação que você já me deu é 'simplesmente não consigo explicar. Você não vai entender, e isso não vai mudar nada'."

"Eli..." Ela inclina a cabeça e fecha os olhos.

"Se você pudesse me dar *algo*... a menor das pistas... isso mudaria profundamente a minha vida." Emoção me atinge na forma de desespero. Recuso-me a piscar e a deixá-la me ver chorar novamente, mas porra... ainda dói.

Julie abre os olhos, mas mantém o queixo apoiado no peito. Ela nem sequer olha para mim. "Eu me apaixonei."

"Por mim..." eu sussurro.

Ela balança a cabeça lentamente enquanto levanta seu olhar choroso para encontrar o meu. "Por mim mesma. Eu me apaixonei pela mulher que eu não era com você. E até hoje ainda não consigo explicar por que as palavras soam tão egoístas e totalmente ridículas em minha própria cabeça. Eu só queria ser alguém diferente. E não pude fazer isso quando me sentia ancorada em você. E por mais que quisesse seguir em frente, senti um relógio marcando as horas da minha vida. E todo dia parecia uma oportunidade perdida de me honrar vivendo a vida que eu queria viver."

"O cabelo. As tatuagens. As roupas novas. O..." Olho para o peito dela "... os implantes..." balanço minha cabeça. "Você achou que eu não ficaria bem com as mudanças?"

"Não faça isso..." ela sussurra.

"Fazer o quê? Não entendo por que você não pode me dizer..."

"Porque é embaraçoso!" Ela pressiona as palmas das mãos na cabeça antes de passar os dedos pelos cabelos ruivos. "Eu queria um novo começo. Um renascimento. Eu me sentia como uma borboleta morrendo de vontade de emergir do meu casulo, e você era o casulo. Eu não queria me *tornar* algo em seus olhos. Queria simplesmente *ser* alguém aos olhos de um homem que não me observasse tropeçar na minha estranha adolescência. Que não sabia em primeira mão o quanto odiei sexo por meses depois de perder a virgindade, porque não tinha confiança para ser sexy e aventureira. Quero um homem que não me viu quebrar um milhão de vezes durante a faculdade de medicina. É como se você fosse o empreiteiro que me construiu. Mas eu não quero ficar com alguém que conhece cada parte minha. Eu quero ser emocionante e nova. Quero que um homem me olhe com curiosidade e admiração. Eu quero manter uma parte minha para mim. Um mistério insolúvel, não uma conclusão precipitada."

Suas palavras pairam pesadamente no ar enquanto minha mente luta para processá-las. Elas fariam sentido para mim se tivéssemos quinze anos novamente. Mas somos malditos adultos, com empregos e uma criança. Ainda assim, eu só quero minha vida de volta. Minha esposa... minha família. "Bem. Vamos nos encontrar em um bar. Vamos namorar como se estivéssemos nos encontrando pela primeira vez. Vou agir como se você fosse assim desde sempre. Você pode me dizer o mínimo ou o máximo que quiser sobre você, e eu não trarei à tona o nosso passado."

Após vários segundos sem piscar, um pequeno sorriso percorre seu rosto. "Eu te amo, Eli. Eu vou sempre amá-lo. Mas você mesmo disse isso, seria um *ato.* Nós dois merecemos algo melhor que isso. Poderíamos fazer os movimentos, mas eles não significariam nada porque nós dois saberíamos que são um ato."

Ela me olha como um cachorro que planeja deixar em um abrigo. Foi assim que ela me olhou quando disse que precisava ir embora. Um olhar terrível. Eu decido que será a última vez que ela me olha assim.

"Terei a mala de Roman pronta na noite de domingo." Eu me viro e saio do escritório dela sem olhar para trás. Estou farto de olhar para os destroços do meu casamento.



Dorothy

Na manhã seguinte, depois de um turno de doze horas, espero dentro da entrada da garagem. Eu sei por uma fonte segura que o Dr. Hawkins estará aqui às 07h da manhã. Não é o fim de semana dele para trabalhar, mas (sei também por uma fonte segura) que ele tem uma paciente em um teste especial de quimioterapia e precisa dar uma olhada nela.

"Dr. Hawkins!"

Sua cabeça se levanta quando ele atravessa as portas automáticas de vidro, segurando a mão do filho. O menino parece ter cerca de quatro anos pela sua altura. Alto. Provavelmente puxou os genes do pai. O Dr. Hawkins tem que ter pelo menos 1,94 de altura — trinta centímetros mais alto que minha estatura de 1,64. Mas eu sei, apesar de sua altura, que o pequeno Roman tem apenas três anos. Muitos boatos sobre o médico mais quente do hospital flutuam por aí. Tenho certeza de que a idade do filho dele está correta.

"Dorothy..." ele diz meu nome lentamente, então um sorriso cresce em seu rosto.

"Para você." Seguro uma grande sacola de compras reutilizável, mas ela não foi usada antes. Eu comprei para as coisas dele. Ele pode reutilizá-la. Ele pode pensar em mim quando a reutilizar. A menos que lhe traga lembranças de mim derramando café na bunda dele e na parte de trás de suas pernas. Então talvez eu prefira que ele não pense em mim ao reutilizar a sacola.

Ele solta a mão do menino e pega a sacola. "O que é isso?"

"O que há na sacola?" Roman pergunta muito animado. Ele é uma imagem cuspida de seu pai. Ambos têm o mesmo cabelo loiro escuro. Um pouco mais comprido na parte superior e mais curto nas laterais. Eles têm os mesmos ricos olhos castanhos também. Na camisa dele está escrito PROBLEMA.

"Dorothy..." Dr. Hawkins balança a cabeça, levantando o olhar do conteúdo da sacola para mim. "Por que você fez isso?"

"Eu estraguei seu uniforme. Então comprei um novo para você. Roupas íntimas... apenas adivinhei o tamanho. Espero que você esteja bem em usar cuecas boxer pretas. E os sapatos são dois tamanhos. Imaginei 42 ou 43. Estou certa?"

Dr. Hawkins assente lentamente, usando uma máscara distorcida de confusão. "43. Mas..."

"Doe o outro par." Eu dou de ombros.

"Você..." Ele balança a cabeça novamente, suas sobrancelhas se unem. "Você deve devolver tudo isso e pegar seu dinheiro de volta. E o que é..." Ele puxa a capa de super-herói.

"Oh!" Eu sorrio. "Isso não é para você. Ouvi dizer que você costuma chegar com esse carinha, porque ele vai para a creche do hospital. Aparentemente, os ovários das enfermeiras explodem quando isso acontece." Reviro meus olhos. "Parece um pouco forçado. Enfim, eu tinha um tio que costumava me incluir sempre que alguém da família tinha uma ocasião especial como um aniversário. Ele lhes dava um presente, e me dava algum tipo de presente de vestir. Minha mãe disse que ele estava me mimando, mas ele disse que promover a imaginação de uma criança é um investimento no futuro, não o estrago de uma geração."

Dr. Hawkins abre a boca, mas nada sai por alguns segundos.

Olho para o meu relógio. "Eu tenho que subir as escadas. Espero que tudo se encaixe. Especialmente a capa." Eu sorrio para Roman. Ele é adorável enquanto abraça a perna do pai e me olha com grandes olhos castanhos.

"Obrigado, Dorothy. Realmente... não sei o que dizer."

"Papai... vamos." Roman puxa sua perna.

"Sim, amigo. Já vamos." Ele compartilha um grande sorriso, não a expressão confusa e culpada de apenas alguns segundos antes. Dr. Hawkins tem um ótimo sorriso.

Posso dizer que ele usa fio dental. Ele é alto e usa fio dental. Digno de um diário.

"Vou dar-lhe a capa mais tarde. Se eu mostrar agora, ele vai querer levá-la para a creche, e haverá uma catástrofe quando eu não deixar."

"Isso é legal. Então... até mais tarde." Viro-me e abro a porta da escada.

"Você vai pelas escadas?"

Olho por cima do ombro. "Sim. Eu gosto de me movimentar e fecho meu ciclo de exercícios antes do meio dia." Erguendo meu pulso, mostro meu relógio.

Dr. Hawkins levanta o relógio. "Eu já fechei meu círculo de exercício esta manhã." Ele pisca.

Alto. Usa fio dental. Em forma. Sim, totalmente digno de um diário.

CAPÍTULO 03



Babá acidental

Elijah

"Capa legal." Mamãe sorri para o Super Roman enquanto ele voa pelo quintal dos meus pais, perseguindo Elmo, o Golden retriever deles.

Concordo com a cabeça, bebendo minha mimosa no brunch de domingo, achando impossível esconder meu sorriso enquanto olho para a capa e penso na mulher que deu a capa a ele. "O incidente da queimadura..." Olho para mamãe, inclinando-me para a direita, já que as queimaduras na minha nádega esquerda e na parte traseira da perna esquerda me impedem de sentar com meu peso uniformemente distribuído "... a culpada é uma transportadora de pacientes no hospital. Ela substituiu meu uniforme... incluindo roupas íntimas novas."

As sobrancelhas da mamãe sobem até sua testa.

"Sim." Eu sorrio. "Ela também comprou a capa para Roman, mesmo sem nunca o ter conhecido."

"Eu já a amo. Quando você a trará ao brunch de domingo?"

Sorrio mais um pouco. "Em outra vida quando eu não estiver atrofiado emocionalmente por minha esposa me deixar e passar apenas metade do ano com meu filho. Ou quando não estiver enterrado no meu laboratório ou assistindo a funerais de pacientes falecidos."

"Bem..." ela bate na minha perna com o dedo do pé, enquanto salta uma perna sobre a outra "... nesse discurso patético que você chama de desculpa, você não mencionou que não está interessado ou *atraído* por essa mulher. Isso é progresso, Eli."

Eu coço minha mandíbula, focando meu olhar em Roman. "Ela é jovem."

"Quão jovem?"

Dou de ombros. "Talvez vinte e tantos anos. Não tenho certeza."

"Casada?"

"Eu não sei." Sorrio "Nossas interações foram limitadas."

"Aliança de casamento?"

"Não. Mas ela pode não a usar no trabalho."

"Ha!" Mamãe joga os braços no ar como se alguém tivesse marcado um touchdown. "Você olhou! Eli, você realmente olhou para ver se ela estava usando uma aliança de casamento. Isso significa alguma coisa, meu querido garoto."

Ótimo. Sim, eu olhei para ver se ela tinha um anel no dedo depois de falar sobre o podcast sobre pesquisa de queimaduras. Por um momento minúsculo e fugaz, eu me perguntei se ela foi para casa com um cara que ouviu sua garota sexy e nerd conversando sobre pesquisa médica.

Jesus...

Eu realmente pensei 'sexy'?

"Você deveria convidá-la para um encontro."

"Eu trabalho com ela. Não é uma boa ideia."

Mamãe puxa os óculos até a ponta do nariz para me olhar por cima da armação. "Ela é uma transportadora de pacientes. Eu dificilmente chamaria isso de *trabalhar com ela*."

"Não estou pronto para namorar."

Mamãe bebe sua bebida e a coloca na mesa de mosaico entre nós. "Roman com certeza gosta dessa capa."

Com um suspiro, seguro meu sorriso. "Sim, sim... foi o presente perfeito. Vou escrever um agradecimento a ela."

"Faça isso." Mamãe assente lentamente. "Certifique-se de deixar o número do seu celular nesse agradecimento."

"Eeee... vou sair daqui. Cadê o papai?"

Ela aponta o queixo em direção à garagem isolada. “Brincando com graxa, como sempre. Sabe, você nunca esquecerá Julie se não abrir a porta para outras possibilidades.”

“Sim, acho que vou ajudar o papai.” Faço minha fuga para a garagem para ajudar meu pai. Ele não faz perguntas além do *que está acontecendo* — é um homem de poucas palavras, sempre debaixo de um carro, coberto de graxa. Meus pais são opostos de todas as formas possíveis — o mecânico e a psiquiatra. Mas de alguma forma isso simplesmente funciona. Talvez Julie e eu fôssemos muito parecidos. Nunca pensei que realmente poderia ser o caso, mas a lista de coisas que eu nunca pensei parece que cresce todos os dias.



“Convidei Dorothy para um encontro”, Dr. Warren diz dois segundos depois de eu entrar no laboratório na segunda de manhã.

Meu movimento para frente para, colidindo com uma realidade estranha. Não é porque ele a convidou para sair. É pelo jeito que minhas mãos se fecham, porque eu quero acertá-lo no nariz. E não sou uma pessoa violenta. Relaxando meus punhos, os encaro por alguns segundos antes de sacudi-los, sacudindo a sensação completamente irracional de raiva que ele provocou em minha mente instável.

“Por que você faria isso? Você estava tirando sarro dela na semana passada.”

“Eu não estava tirando sarro dela. Apenas fiz observações. Mas senti que isso o irritou, então pensei que a melhor maneira de fazer você ver que não sou um idiota seria convidá-la para sair. Comprar o jantar dela. Dar-lhe um bom momento.”

Como ele conseguiu passar pela faculdade de medicina? Por que nossas instituições educacionais não exigem um grama de bom senso para entregar um diploma? “Seu nível de ignorância não conhece fronteiras.”

“Eu me formei em primeiro lugar na minha turma.”

“Bom para você. Espero que você encontre a cura para todos os tipos de câncer, porque suas chances de obter sucesso como um ser humano decente são muito pequenas.”

Ele ri como se eu estivesse brincando.

Não estou brincando. Limpando a garganta, folheio alguns papéis ao lado do meu computador. “Ela disse sim?”

“Não tenho certeza. Acho que ela precisa verificar sua agenda, mas ela não disse agenda. Ela realmente disse ‘lista’. Você acha que Dorothy Mayhem tem uma lista de espera para namorar?” Warren ri, balançando a cabeça.

“Talvez seja uma lista de criminosos sexuais.”

“Muito engraçado.” Ele inclina o queixo, olhando através do microscópio.

“Você...” pareço casual como se não estivesse me incomodando “... apenas convidou-a para sair esta manhã?”

“Ontem. Ela trabalha apenas de sexta a domingo. Ela é uma estudante de enfermagem. Willow disse que ela mora em uma fazenda com emus. Não acreditei nesse boato, mas com maldita certeza isso me intrigou. Já faz um tempo desde que uma mulher realmente me intrigou. Mas ela não me passou seu número de telefone, então agora tenho que esperar até sexta-feira para ver onde eu me encaixo na *lista* dela.”

“Quem é Willow?”

A cabeça de Warren se levanta. “Cara, ela é a sua enfermeira.”

“Willa. Não Willow.”

Ele balança a cabeça, desfrutando de algum tipo de risada às minhas custas. “Ninguém a chama de Willa.”

Minha cabeça cai para trás. “Eu a chamo de Willa porque esse é o nome dela.”

“Eu estou te corrigindo. Ninguém, *exceto você,* a chama de Willa.”

“Por que não?”

“Se você fosse uma mulher de vinte anos com um nome de bisavó tipo Willa, você realmente usaria esse nome?”

Meus lábios se contorcem e eu aperto meus olhos. “Hã... como eu perdi isso? Vou tentar lembrar de chamá-la de Willow a partir de agora.”

“Não. Não faça. Tenho certeza de que a única coisa que a impede de pular em você é o fato de chamá-la de Willa. Se você a chamar de Willow, ela

provavelmente começará a roçar em sua perna.” Warren olha para o telefone. “Eu tenho que verificar a Opal.”

“Eu quero os resultados do laboratório dela o mais rápido possível.”

“Você os receberá.” Ele enfia o telefone no bolso do jaleco e sai do laboratório.

Meu cérebro dói mais do que minha bunda queimada. Warren e Dorothy. Dorothy e emus. Willa é Willow. Willow quer roçar na minha perna.



Quinta-feira à noite Julie pega Roman. A mãe dela cuida dele enquanto ela trabalha — porque apenas o terrível pai dele o envia para a creche... que ele ama.

Sexta de manhã eu chego cedo ao hospital e estaciono na entrada onde Dorothy me deu a sacola de presentes. Talvez eu tenha me esforçado um pouco para ver a que horas o turno dela começa, e me disseram que ela geralmente chega trinta minutos mais cedo para o turno de doze horas que começa às 08h da manhã. Então eu chego as 07h15 por segurança para não deixar de vê-la.

Exatamente às 07h30 da manhã, um Audi Q5 branco passa pelo meu Tesla azul e gira noventa graus em uma vaga de estacionamento. Como não colidiu com o carro ao lado? Um milagre.

“Droga... não vi isso acontecer”, eu sussurro para mim mesmo quando Dorothy sai do veículo — jaleco azul, camiseta rosa, tênis rosa combinando. Ela prende os cabelos escuros atrás das orelhas, pendura a bolsa no ombro e fecha a porta.

Dorothy Mayhem dirige um carro de luxo como um morcego fugindo do inferno. Sob todos os aspectos, estou em choque. Demoro alguns segundos para fechar minha boca aberta e sair do meu veículo.

“Bom Dia.”

Ela se vira logo antes da entrada. “Oh, ei! Bom Dia.”

“Esse foi um ótimo desempenho de estacionamento.”

Seu olhar voa para o carro. “Obrigada. Eu tive alguns problemas com o estacionamento. Então, assim que consegui meu Q5, decidi desacelerá-lo um pouco.”

Tento não reagir, mas sinto minhas sobrancelhas subindo até a testa por conta própria. *Essa* é a versão mais lenta dela estacionar? “Olha. Você realmente não deveria ter feito o que fez na semana passada. Então, o mínimo que posso fazer é lhe dar isso.” Entrego a ela o cartão de agradecimento. “A propósito, Roman amou a capa. Ele a usa o tempo todo. Você marcou um gol com esse presente.”

“O que é isso?” Ela pega o cartão de mim.

Sinto-me estúpido. O cartão foi uma má ideia? As pessoas não dão mais cartões de agradecimento? Tudo é comunicado via texto e e-mail? “É uh...” Enfio as mãos nos bolsos da minha calça cinza “... um cartão de agradecimento.”

“Oh.” Ela inspeciona. “Devo abrir agora? Ou você quer que eu espere?”

Eu não faço ideia. Agora, para que ela veja meu número? (Obrigado, mãe.) Ou mais tarde, para que ela não precise tomar conhecimento do meu número de telefone? Como o senso comum tem a tradição de chegar atrasado à festa, quero pegar o cartão de agradecimento da mão dela e comprar um novo que não tenha o meu número de telefone rabiscado dentro dele.

“Oh. Não importa. Tanto faz.”

Ela encolhe os ombros e o rasga para abri-lo, fazendo meu estômago revirar com arrependimento. O número de telefone foi uma péssima ideia. (Realmente... obrigado, mãe.)

Não posso ficar aqui como um idiota esperando que ela reaja. “Obrigado novamente. É melhor eu ir ao meu escritório. Tenho rondas em breve.” Passando por ela, atravesso as portas automáticas.

“Este é o seu número de telefone?”

Eu paro. Fechando os olhos, xingo minha mãe e sua péssima ideia... que eu não precisava aceitar, mas ela é inteligente e geralmente está certa, então... “Uh, sim.” Eu me encolho, incapaz de me virar como um homem adulto e encará-la.

“Estou na faculdade durante a semana e trabalho em turnos de doze horas no fim de semana, mas...”

"Não." Viro-me, fingindo confiança misturada com indiferença. "Foi estúpido e impulsivo da minha parte. Não sei ao certo por que me senti obrigado a fazê-lo. Somente..."

"Não. Quero dizer... desde que seja após as aulas e a clínica durante a semana. Ou eu acho que se você está pensando mais tarde nos fins de semana. Eu totalmente posso ser a babá de Roman para você."

Oh, pelo amor de...

Eu sou tão alheio à realidade. Estive alheio desde o dia em que minha esposa me deixou. Como posso ser tão estúpido? Dorothy é mais nova que eu. Claro que ela acha que estou procurando uma babá, não um encontro. Dr. Warren está mais próximo da idade dela. E que movimento babaca da minha parte deixar meu número depois que o Dr. Sempre Grande Babaca a convidou para sair.

"Você... tem muito o que fazer. Eu não sonharia em pedir para você cuidar do meu filho."

"Bem..." Ela acena o cartão de agradecimento. "Claramente, você pensou nisso em algum momento."

Não. Só pensei em tomar uma bebida esta semana enquanto Julie fica com Roman.

"Meu estagiário disse que te convidou para sair." Em caso de dúvida, jogue seu estagiário embaixo do ônibus. Quando você falha em convidar uma mulher para sair para um encontro, você passa para o plano B — discuta outros homens que estão esperando que ela responda ao convite para sair.

Eu não tenho noção. Talvez eu deva continuar procurando a cura para o câncer. Sinceramente, acho que pode ser mais fácil do que convidar Dorothy para um encontro.

"Dr. Warren." O rosto dela se contrai. "Sim, mas não tenho certeza sobre ele. Eu pensei sobre isso e não sei o que poderíamos discutir. E há rumores de que ele é o homem-prostituto do hospital, o que faz com que seu convite para me levar para um encontro que não envolva a sala de plantão pareça um pouco suspeito."

Os lábios dela se retorcem. "Por outro lado, ouvi dizer que ele é bom no que faz."

"Mmm... sim. Dr. Warren é um excelente médico."

"Oh." Ela sorri. "Eu quis dizer o que ele faz na sala de plantão."

Esfregando a parte de trás do meu pescoço, meu olhar vai para os meus pés. "Bem, eu não posso garantir *isso*. Você terá que obter outras referências para isso."

"A boxer coube?"

Eu preciso sair daqui. A conversa teve muitas mudanças bruscas. Meu cérebro dói com a reviravolta. Por que não fiquei com um simples 'obrigado' verbal?

Babá.

Comportamento inadequado do Dr. Warren nas salas de plantão.

A cueca de presente de uma estranha que eu conheço há dois segundos.

Realmente — sem palavras.

No entanto, eu dei a ela meu número de telefone. E no momento, minha única explicação é impulsividade... e minha mãe. Não estou pronto para namorar. Mas eu *preciso* namorar. O olhar de pena de todos ao meu redor diminui meu senso de autoestima. Sim, minha esposa me deixou. Mas esses olhares pararam meses depois do ocorrido e evoluíram para os olhares de 'o coitadinho não consegue superá-la'.

Não, obrigado.

"Sim. Serviu muito bem."

"Bom." Ela assente, um sorriso agradável invade seu rosto por alguns instantes antes de lentamente pressionar seus lábios. "Você precisa do meu número de telefone. Quero dizer. Se quer que eu seja a babá, você precisa do meu número de telefone. Não é como se eu fosse ligar para você para dizer quando você precisa de uma babá. Certo?"

Por quê? Por que o número de telefone? Eu realmente espero que ela me ligue e me convide para sair? Eu pagaria muito dinheiro por uma dose de clareza e bom senso ao escrever esse maldito obrigado.

Ela tira o telefone do bolso e move os polegares pela tela. Um segundo depois, meu telefone vibra. Olho para o texto.

Olá, Dr. Hawkins. Sou eu, Dorothy Mayhem. Agora você tem meu número.

Meu sorriso cresce exponencialmente. Isso é bom. Melhor que bom... é incrível quando olho para ela. “Obrigado. Vou adicionar você aos meus contatos.”

“Legal. Eu te vejo por aí.”

“Oh... Dorothy?”

Ela se vira. “Sim?”

“Dorothy é o nome da sua avó?”

Ela molha os lábios e os esfrega algumas vezes, enquanto suas sobrancelhas franzem em direção ao nariz. Então seu rosto relaxa, acolhendo de volta aquele sorriso contagioso. “Não, bobo. É o *meu* nome.” E assim, ela sobe as escadas enquanto eu repito o acidente na minha cabeça.

Legal. Julie nunca diz legal. E ela nunca me chama de bobo. Ela fala comigo de acordo com a necessidade, fazendo uma careta para mim como se um tumor estivesse saindo do seu pescoço, dando-lhe uma carranca perpétua.

CAPÍTULO 04



Sala de plantão

Dorothy

"Justamente a pessoa que eu estava procurando."

Eu me encolho com a voz profunda e confiante do Dr. Warren. "Oi." Continuo empurrando Lizzie Williamson em direção à radiologia.

"Você tem uma resposta para mim?" Ele pergunta.

"Não, mas eu tenho algumas perguntas."

"Tal como?" Ele se arrasta ao meu lado, então seu braço roça o meu.

"Por que jantar e não apenas a sala de plantão?"

Ele ofega com uma risada. "Hum..."

"Perguntei a Jana, Evie e Kari onde você as levou para jantar. Elas disseram que você não janta. No entanto, você especificamente disse jantar para mim. E você não se encaixa na minha lista, além de ter bons genes."

"Vou aceitar os bons genes como um elogio."

"Por quê? Você não teve nada a ver com isso."

Ele ri. "Esta lista... me conte mais sobre isso."

Dou de ombros, pressionando o botão no elevador e sorrindo para Lizzie. "Traços. Qualificações. Requerimentos mínimos. Não gosto de entrar em situações embaraçosas." As portas se abrem e eu empurro a cadeira de rodas de Lizzie através delas.

Dr. Warren lhe dá um sorriso curto enquanto me segue. Ele não diz nada até eu deixar Lizzie para uma tomografia computadorizada. "O que quer

dizer com situações embaraçosas?" Ele me encurrala... literalmente, em um canto fora da radiologia.

Ele cheira um pouco bom, um pouco ruim. Café, bom. Produto de cabelo forte, ruim.

"Na sala de plantão, você não precisa dizer muito... eu imagino." O calor corre pelo meu pescoço enquanto eu encaro seu jaleco verde limpo. "Mas o jantar exige conversa, o que não é minha especialidade. Então, se você não tem muito material planejado em termos de conversa, o jantar pode ser estranho."

Não preciso levantar os olhos para saber que ele está sorrindo. Dr. Warren sangra confiança, e goteja sobre mim como mel pegajoso que eu preciso lavar. Cabelo preto ondulado. Covinhas. É quase demais. "O jantar seria menos estranho se nosso primeiro encontro fosse na sala de plantão?"

"Isso não faz sentido." Olho à minha direita para a enfermeira que se aproxima. "Isso nos daria um tópico para discutir: sexo. E se você não corresponder às expectativas, não poderei fingir que sim. E não quero magoar seus sentimentos, mas não sou boa em mentir."

Warren solta uma risada. "Dorothy, posso garantir que isso não será um problema da minha parte. Quanto a você, não faço ideia, mas estou disposto a tentar."

Minha cabeça se levanta para encontrar seus olhos travessos e castanhos. "Sou muito instruída sobre o assunto. Provavelmente mais do que você."

"Instruída?" Dr. Warren ri mais. Ele ri de *mim*.

Parece altamente improvável que eu me junte a ele para jantar ou o encontre na sala de plantão. Embora, este último tenha uma chance melhor, porque sou bastante competitiva. E, neste ponto, quero mostrar a ele que não sou nada para rir na cama.

Ele se inclina mais perto, compartilhando seu hálito de café em um sussurro: "Dorothy... você é virgem? Uma virgem instruída?"

Tropeço para trás, batendo na parede. "Não. Eu não sou uma virgem!"

Os olhos de Warren se arregalam quando ele olha ao redor do corredor para os poucos espectadores silenciados pela minha resposta que pode ter sido um pouco mais alta do que o necessário. Ele realmente acredita que eu sou virgem aos trinta anos?

Uma diversão perturbadora assombra seu rosto quando um lado da boca se curva em um sorriso, mostrando uma covinha. “Quando você for almoçar, me bipe. Vamos ver quem faz melhor.” Ele gira e caminha em direção ao elevador.

“Eu só tenho trinta minutos para almoçar.”

“Então me encontre rapidamente.” Ele continua se esforçando.

“Mas eu tenho que comer minha sopa e cenouras.”

“Traga-as com você.” Seus ombros tremem e sei que ele está rindo de mim... de novo.



Nas próximas cinco horas, eu passo por diferentes salas de plantão e minha pele começa a coçar. Eu tenho que ser alérgica a Warren. Ou ele me deu alguma coisa. Ele respirou em mim e está com crianças doentes o dia todo. É nojento quantos médicos não seguem o protocolo adequado para evitar a contaminação cruzada. Aposto que essas salas de plantão são criadouros para todas as infecções conhecidas pelo homem.

Exatamente o que eu preciso, alguma infecção fatal que cause sangramento em todos os meus orifícios. Eu inspeciono minha pele atrás de marcas indicativas de sangramento interno.

Como está um dia ensolarado, eu almoço do lado de fora, em vez de bipar o Dr. Warren. Eu prefiro quartos limpos... e colchões infláveis, quase vazios, mas isso é uma história para outro dia. Plantando minha bunda embaixo de uma árvore, coloco meus fones de ouvido e ouço novamente um podcast sobre infecções que comem carne. Apenas no caso...

“Sopa enlatada sem galinha?”

Arrancando meus fones de ouvido, olho para o Dr. Hawkins e sua aura divina quando ele se agacha na minha frente, bebendo algo de uma caneca da YETI. Ele é gostoso. Minha mente procura algo melhor, uma palavra melhor do que gostoso, porque eu gosto de palavras — palavras como sinédoque e dispersante. Mas eu tenho que chamá-lo como o vejo. E quanto mais o vejo, é mais difícil não me fixar em sua gostosura.

Corpo alto e atlético.

Olhos brilhantes que cintilam com mais verde que marrom na luz do sol.

Um sorriso perfeito.

E mãos grandes — do tipo forte e capaz, que pode quebrar alguma coisa, não apenas do tipo com dedos esquisitamente longos balançando como tentáculos de água-viva em apêndices ósseos. Dr. Hawkins tem mãos que não seguram porcaria. Elas comandam tudo o que tocam.

Ou pelo menos eu imagino.

“Sim.” Eu tomo outra colherada da minha sopa sem galinha.

“Você está comendo isso frio direto da lata?”

Balanço a cabeça. “Temperatura ambiente.”

Ele ri. “Existem micro-ondas nas salas de descanso.”

“Sim. Mas você já os viu? É repugnante.”

Esfregando os lábios, ele assente lentamente. Eu tento focar na ponta do nariz dele, o lugar mais seguro para olhar as pessoas e dar a elas a impressão de que você está olhando nos olhos mesmo quando não está. No entanto, o Dr. Hawkins não possui zonas seguras em seu corpo. Não posso olhar para ele em lugar nenhum sem reagir fisicamente com o rosto corado e o coração acelerado porque, se minha intuição estiver certa (chance de 50/50), acho que ele também gosta de olhar para mim. Então, mantenho meu foco na minha sopa, passando a língua em meus dentes para garantir que não haja salsa entre eles.

Minha sorte envolve catástrofes de falta de comunicação. Eu acho que ele gosta de olhar para mim, mas na verdade eu tenho porcaria entre os dentes — esse tipo de catástrofe.

“Você já almoçou?” Pergunto entre colheradas de sopa.

“Sim. Eu almoço com minha mãe às sextas-feiras.” Ele aponta para o outro lado da rua. “Ela trabalha naquele prédio. Pego a salada favorita dela e levo para ela.”

Eu olho de soslaio para o prédio — outro prédio médico. “O que ela faz?”

“Ela é psiquiatra.”

Eu aceno e engulo. “Médica de conversa.”

Ele sorri antes de levar a caneca vermelha aos lábios, ainda equilibrando-se na posição agachada. “Sim, ela é uma médica de conversa.” Dr. Hawkins limpa a garganta. “Escute. Eu só queria esclarecer algo. O número de telefone no cartão não era para te chamar para ser babá.” Ele balança a cabeça, olhando para a grama entre nós. “Foi porque pensei que seria uma boa ideia se eu te chamasse para jantar. E deveria apenas ter perguntado se eu poderia te chamar para jantar, mas, em vez disso, coloquei o número no cartão e me peguei procurando as palavras certas... como estou fazendo agora.” Ele esfrega a mão no rosto e sussurra para si mesmo: “Caramba, Eli...”

“Não!” Ponho o resto da minha sopa na lancheira porque não há como terminar antes de precisar voltar ao trabalho. É ridículo que o Dr. Warren tenha pensado que poderíamos fazer sexo *e* ter tempo para eu almoçar em trinta minutos. “Sei que você acha que eu não deveria ter comprado aquelas coisas para você... que não deveria ter gasto dinheiro com você, mas estou financeiramente bem. De verdade. Então, por favor, não pense que você precisa me chamar para jantar. Eu fui ao mercado ontem à noite. A geladeira está totalmente equipada. Definitivamente não há necessidade de me comprar o jantar. Mas obrigada mesmo assim.”

Dr. Hawkins abaixa a cabeça, sacudindo levemente enquanto passa as mãos pelos cabelos loiros escuros bagunçados. Não é um gesto novo. Eu pareço provocar essa reação em muitas pessoas.

Dicas perdidas.

Mal-entendidos.

O que eu perdi?

“Eu sou péssimo nisso.” Ele suspira.

“Não sei o que é *isso*, mas acho que provavelmente sou eu. Se você precisa me pagar um jantar, tudo bem. Só não fique todo... estressado.” Meu nariz enruga. “E se você precisar de uma babá... eu também posso fazer isso.”

Ele se levanta, virando as costas para mim, então coça a cabeça enquanto examina a área.

Eu quero desesperadamente ler sua linguagem corporal, as palavras não ditas nas entrelinhas que não consigo ver. Ele está bravo comigo? Ele parece frustrado.

"Dorothy... Roman gosta da capa. Eu gosto dos seus sapatos e do seu sorriso. Ambos parecem algo que eu preciso..."

"Comprei os sapatos online. Amazon."

Dr. Hawkins se vira. "Amazon", ele sussurra antes de dar uma risada estranha como um homem louco à beira de perder a cabeça.

Eu levanto, escovando a grama da minha bunda e da parte de trás das minhas pernas. "Sim. E meu sorriso é do Dr. Crowe. Ele é um excelente ortodontista. Eu ainda uso meus retentores três noites por semana. Mas você tem dentes bonitos, então não acho que precise do Dr. Crowe."

Ele cava os dentes bonitos no lábio inferior, os olhos se estreitando um pouco. "Acho que você deveria passar algum tempo supervisionado com Roman antes de tomar conta dele por mim. Ele está com a mãe dele esta semana. Você gostaria de jantar conosco quando eu estiver com ele novamente?"

"Claro." Ok. Graças a Deus. Não sou eu. É ele e sua preocupação com um estranho cuidando do seu filho. Isso é legal. Muitos pais cegamente deixam seus filhos com completos estranhos nos serviços de babá. Eu respeito a sua abordagem. Se eu planejasse ter filhos, seria a minha abordagem também.

"Claro." Ele sorri. "Eu gosto das coisas claras. Então eu ligo para você depois de verificar minha agenda."

"Ou me mande uma mensagem. Não precisamos conversar. Ninguém me liga, exceto meu pai. Ele não gosta de mensagens de texto."

"E se eu *quiser* falar com você?"

Não consigo imaginar por que ele iria querer isso. Talvez ele não saiba enviar mensagens de texto, como meu pai.

"Então é melhor você ligar depois que eu chegar da faculdade durante a semana... depois das 15h, exceto nos dias que eu tenho clínica. Então é depois das 16h. Ou você pode me ligar depois que eu chegar em casa do trabalho nos fins de semana... por volta das 20h30." Balanço a cabeça. "Isso não é verdade. Eu ando por uma hora e meia, então adicione noventa minutos sobre esses horários."

Ele sorri como meus pais sorriem para mim e talvez alguns amigos que eu costumava ter, como Nicole. Parece confortável como... aceitação. "Anotado. Eu tenho que voltar ao trabalho. Eu *ligarei* para você."

"Ok." Começo a caminhar em direção à entrada do hospital. Ele caminha ao meu lado. "A Dra. Hathaway ouviu aqueles podcasts sobre queimadura? Aposto que ela ouviu. Ela é tão brilhante."

"Eu não perguntei, embora tenho certeza que já ouviu. Porque sim, ela é brilhante. Ela está sempre em cima de tratamentos de ponta em seu campo." Ele fala como se sua ex-esposa, a chefe cadela, médica incrível, não fosse uma grande coisa.

Mas ela é Julie Hathaway, é o auge da conquista de qualquer mulher no campo da medicina. Eu daria meu mamilo direito e até o meu clitóris na maioria dos dias para me sentir *tão* bem-sucedida, confiante e generosa.

"Foi estranho? Pedir que ela olhasse suas queimaduras? Ouvi dizer que ela saiu da sala de exames um pouco irritada."

Ele aperta o botão do elevador e se vira para mim, os braços cruzados sobre o peito. "Quantas fofocas sobre mim você ouve diariamente?"

As portas se abrem e eu entro no elevador primeiro. "Eu não estou aqui com tanta frequência. Mas se você dividir as fofocas em uma quantidade diária e multiplicá-las por sete, eu diria que é muito."

Ele me segue até o elevador e se encosta na parede oposta. Eu olho para os sapatos dele. Eles são Nikes azuis mais velhos. Não são bons, mas estão longe de ser horríveis. E fora da minha lista 'De Maneira Nenhuma No Inferno'. Seus braços fortes e seu rosto geneticamente esculpido compensam os Nikes gastos.

"As pessoas sentem pena de mim?"

"Eu não sei. Talvez. Eles apenas falam sobre você e sua..." Paro antes de dizer *gostosura*.

"Minha?" As sobrancelhas dele se erguem.

São boas sobrancelhas. Não é uma monocelha e não é como alguns dos médicos mais velhos que têm uma sobrancelha comprida que tem dois centímetros de largura e se destaca, pronta para esfaquear alguém. Sempre que vejo isso, eu só quero arrancar a maldita coisa do rosto deles. Eles não têm um espelho ou amigos íntimos para lhes contar sobre isso?

"Eu não sei... realmente." E eu não tenho certeza. Sei que muitas enfermeiras sussurram comentários inapropriados sobre ele. Inadequados por causa de regras de má conduta sexual no hospital e inadequados porque elas são casadas, tem filhos e frequentam a igreja aos domingos.

Minha opinião sobre sua gostosura permanece na minha cabeça. Ninguém pode me demitir por meus pensamentos... exceto quando os deixo passar para pacientes como 'Sim, você pode morrer'. Uma ocorrência rara que aconteceu apenas uma vez, logo após eu começar e no final de um dia muito longo, quando meu cérebro estava pronto para explodir. Em minha defesa, o garoto tinha quinze anos e sabia que estava morrendo. Ele só queria que uma pessoa lhe dissesse isso diretamente. E essa é a minha especialidade.

Mas nunca entro nas conversas na sala de descanso sobre o Dr. Gostosão Hawkins (não foi eu quem o apelidou) e as especulações sobre o tamanho do pau em relação ao tamanho da mão e à proporção do comprimento dos dedos. Não há nada científico para sustentar isso. *Isso* eu mencionei na sala de descanso uma vez, mas não foi bem recebido pelas minhas colegas de trabalho. Eu acho que usaram a palavra 'estraga prazer' para me descrever.

"Termine o que você começou a dizer."

"Oh adivinhe", eu sorrio quando as portas se abrem para o meu andar. "Não há tempo. Tchau, Dr. Hawkins."

CAPÍTULO 05



Almôndegas

Elijah

Cinco dias após o nosso bate-papo fora do hospital e no elevador, mais aludindo à minha popularidade nas fofocas, eu decido ligar para Dorothy. Nenhum raciocínio sólido apoia minha decisão. Só sei que minha necessidade incessante de que as coisas na minha vida façam sentido não me leva a lugar algum.

Sem clareza.

Nenhuma unidade familiar.

Nenhuma esposa.

Não há esperança de que tudo seja apenas um pesadelo.

Então mudo de direção e deixo o instinto me guiar. Meu instinto diz que Julie derramaria várias lágrimas se eu morresse, mas, além disso, ela não quer nada comigo. Meu amor a massageia como um pedaço de madeira lascada que alguém empalou em seu peito. Cada movimento que faço apenas intensifica sua dor e a irrita.

“Olá, Dr. Hawkins.” Dorothy responde no primeiro toque, provavelmente porque eu segui suas orientações para saber o melhor momento para ligar. Sinto que ela tem muitas orientações. Por mim tudo bem. Vou seguir todas as dicas e orientações que puder receber. Se ela não me matar brutalmente com a verdade primeiro, acho bem possível que sua honestidade possa me libertar da minha dúvida.

Essa dúvida é péssima. É uma bastarda assustadora que permanece em um canto escuro esperando para me perseguir na rua, onde tenho alta probabilidade de ser atropelado por um ônibus. Quando alguém diz ‘sou eu, não você’, é um sinal de néon piscando que há algo tão fundamentalmente

errado com você, que eles preferem assumir a culpa do que permitir que você descubra como eles realmente se sentem sobre você.

"Dr. Hawkins?"

Eu limpo minha garganta. "Sim. Oi. Como você está?"

"Cansada."

"Oh, este é um momento ruim? Posso ligar quando estiver menos cansada."

"Ok."

Olho pela janela do meu quarto o pôr do sol sobre o centro de Portland, um sorriso ridículo preso ao meu rosto. Talvez Dorothy esteja no espectro do autismo, sem o filtro social das pessoas neurotípicas, ou talvez prefira total honestidade a mentiras frívolas.

Nos meus dias de folga, gosto de dormir o tempo que Roman permite. Mas minha mãe adora me acordar com um telefonema cedo. Ela pergunta se eu estou dormindo. Sempre minto e digo não, porque não quero que ela se sinta mal por me acordar. Talvez eu devesse dizer sim e seguir com a honestidade, 'mas tudo bem'.

"Ou eu posso fazer isso muito rápido para que você possa ir para a cama."

"Ok." Sua personalidade continua a alimentar minha diversão — minha alegria.

Mesmo quando é honesta em relação a uma falha, ela tem pelo menos uma aptidão em ser agradável.

"Ótimo. Você gostaria de jantar na próxima semana?"

"Eu gosto de jantar toda semana", ela fala.

Eu sorrio. Ela está brincando? Sério? Eu não sei. Eu *gosto* que eu não saiba. Isso torna a possibilidade de conhecê-la muito mais atraente.

"Eu também. Roman também gosta de jantar. Ele gosta de espaguete. Gostaríamos muito que você comesse espaguete conosco na próxima semana, em uma noite que funcione de acordo com sua programação."

"Bem, segundas-feiras são um caos. Terça-feira pode funcionar se eu dedicar algum tempo extra aos estudos na segunda-feira. Às quartas-feiras

não funcionam porque é a noite de animais no lava-jato. Ao comprar a lavagem boa ou a melhor, você ganha uma lavagem de cachorro grátis. E às quintas-feiras é dia de compra no mercado do fazendeiro. Nas outras três noites, não saio do trabalho antes das oito e tenho certeza de que você não quer comer espaguete tão tarde. Apesar de que... não sou contra carboidratos depois de um longo turno. Eu praticamente como o tempo todo quando tenho a oportunidade. Minha mãe se perguntava se minha fome insaciável era um problema com vermes, então eu fiz uma extensa pesquisa sobre isso e me testei. Acontece que não tenho problemas com vermes. Só sinto muita fome."

Lavagens para animais de estimação. Colheita. Vermes.

Enquanto tantas perguntas correm na minha cabeça, eu prometi uma pergunta rápida antes de deixá-la ir para a cama. As outras perguntas terão que esperar até a noite do espaguete. "Terça-feira parece a noite perfeita."

"Hum... sim. Talvez." A indecisão se infiltra em suas palavras. "Vou ver se meu pai pode alimentar Wilbur, Orville e Gemma."

Ok. Mesmo com a restrição de tempo... tenho que perguntar. "Wilbur, Orville e Gemma?"

"Sim. Meus emus e minha cachorra."

Lá se vão os boatos.

Não faço ideia sobre como está a situação entre o Dr. Warren e Dorothy. Nunca parece o momento certo para perguntar a ele, especialmente desde que eu planejo meu próprio encontro — jantar — convite. E ele não fala disso, então eu assumo (secretamente espero) que ela rejeite o convite dele. Mas ele está certo sobre uma coisa, Dorothy Mayhem evoca uma curiosidade inevitável.

Fecho as cortinas e desço as escadas para a cozinha. Toda a conversa sobre comida me deixou com fome. "Terça-feira às 18h funciona para você?"

"Vou verificar com meu pai."

"Bem." Abro a geladeira e pego uma tigela de uvas. "Terça-feira às 18h, a *menos que* seu pai não consiga alimentar seus animais de estimação. Então você os alimenta, e nós jantamos às 19h."

"Mas a que horas Roman vai dormir?"

"20h."

"Então, eu ficarei por uma hora? Duas horas se meu pai alimentar Wilbur, Orville e Gemma?"

"Você pode ficar até mais tarde que a hora de dormir."

"Por quê?"

Eu sorrio. "Eu não sei. Para falar comigo."

"Sobre o quê?"

"Talvez você possa me falar sobre seus emus."

"Eu posso falar sobre elas enquanto estamos jantando."

"Verdade." Não tenho uma ótima resposta. Ela não facilita nada para mim. "Acho que se não tivermos nada para conversar depois que Roman for dormir, você voltará para casa."

"Ok."

Ok. Tão difícil e agradável ao mesmo tempo.

"Ok. Vou mandar uma mensagem com meu endereço. Talvez eu a veja no hospital neste fim de semana."

"Ok."

Eu sorrio novamente.

Não é verdade. Só não parei de sorrir.

"Boa noite."



Dorothy

"Ei." Sento-me na poltrona reclinável do meu pai desde que ele escolheu sentar-se no sofá com minha mãe. Aparentemente, eles farão sexo hoje à noite. Minha mãe deixou escapar que papai só se senta ao lado dela no sofá quando ele quer sexo.

Coisa que eu *nunca* na história da humanidade precisaria saber. Então, basicamente, entrar e encontrá-los sentados no sofá sempre parece que os créditos iniciais de um filme pornô não adequado para qualquer pessoa de qualquer idade está começando.

Eles pausam o programa da Netflix e me olham com olhos arregalados e expectantes.

“O quê?” Atiro a eles um olhar e franzo meu nariz.

“O que você está fazendo?” Mamãe pergunta, colocando sua tigela de pipoca na mesa de café.

“Estou sentando nesta cadeira.”

“Por quê?” Ela me cutuca.

História engraçada... meu tio morreu (não é a parte engraçada) e me deixou muito dinheiro.

Eu.

Não para minha mãe ou minha avó. Nem para meus outros primos.

Então, comprei um terreno com uma casa pequena e acrescentei os aposentos dos meus pais em uma extremidade. Eu acho que desde que eles me abrigaram por 26 anos, o mínimo que posso fazer é retribuir o favor. Além disso, eu gosto de tê-los aqui. Não é que passemos horas nos unindo, assistindo TV juntos e compartilhando refeições. Eu apenas gosto de ter a companhia. Por isso, compartilhamos a cozinha e a lavanderia, mas eles têm seu próprio quarto, banheiro e sala de estar.

“Acabei de falar com um médico do hospital.” Eu mencionei que a única vez que os visitei na sala deles foi quando tinha algo para compartilhar?

Eles retornam acenos lentos em uníssono — bons ouvintes — outro bônus por tê-los nas proximidades.

“Ele quer que eu seja babá para ele. Ele tem um filho de três anos chamado Roman. Vocês o amariam. Ele é realmente adorável. Mas agora ele me convidou para jantar na próxima terça-feira para conhecer Roman melhor. Eu acho que é para ele ficar confortável perto de mim antes de eu cuidar dele. Eu respeito isso. Vocês sabem quantos pais não pensam duas vezes antes de deixar seus filhos com estranhos?”

Mais acenos deles.

Espero por mais do que um aceno de cabeça. “Então?”

“Oh...” Mamãe reage. “É a nossa vez de falar?”

Eu reviro meus olhos.

“Isso é ótimo, Dorothy. Espero que você se dê bem com o rapaz. Ele está na sua faixa etária preferida de amigos.”

“Não...” Balanço minha cabeça enquanto me retraio um pouco. “O que isso deveria significar? E não era isso que eu estava perguntando.”

“Você se dá bem com pessoas mais velhas do que com pessoas muito mais jovens. Isso é tudo.”

“Isso não é verdade.” É cem por cento verdade. Eu entendo as relações mentor-pupilo. Elas são mais claras para mim. Um ensina. Outro aprende. Preto e branco. Interagir com pessoas mais próximas da minha idade fica um pouco obscuro. Devo transmitir meu conhecimento sobre eles? Eles acham que têm algo para me ensinar? Quem é o mentor? Quem é o pupilo? Parece apenas uma luta desagradável pelo poder e uma competição pelo conhecimento.

“Ok. Tanto faz...” Papai limpa a garganta. Ele odeia conflitos ainda mais do que eu. Mamãe briga comigo por mais tempo, até eu ficar frustrada e sair da sala.

Meu pai é um cara que vai direto ao ponto. “Qual foi a pergunta? Acho que nós a perdemos.”

Eu suspiro. É como se eles nem me conhecessem. A questão é perfeitamente clara. “Jantar na casa dele. Não tem restaurante. Nenhum menu para estudar online antes de terça-feira. Ele disse que é espaguete. Mas isso significa com carne? Almôndegas que eu posso segurar. Essas podem ser colocadas de lado... a menos que sejam gordurosas e deixem uma poça de óleo na massa. Mas e se for carne moída... como se fosse um molho à bolonhesa? Ou o que fazer se o molho estiver muito picante ou muito grosso? Huh...” Eu mordo minha língua. “Molho de tomate em pedaços. Encorpado.”

É chato ser uma mulher de trinta anos com espectro de autismo. Sou obcecada pelo meu diagnóstico por anos, minha obsessão é outro fator de confirmação.

Autismo.

TOC.

Transtorno de hiperatividade.

Depressão.

Eu tenho uma porrada de problemas. Meus pais suspiraram de alívio quando recebi um diagnóstico oficial da síndrome de Asperger. Para eles, é um rótulo para explicar *tudo* que não está certo comigo. Uma justificativa.

Ela é muito bagunçada.

Muito organizada.

Muito elétrica.

Demasiadamente preguiçosa.

Muito exigente.

Muito indiferente.

Basicamente, toda vez que eu sou 'demais' alguma coisa para eles, então isso é arquivado na categoria 'ela é uma Aspie'. É claro que, como em todos os rótulos, *a* correção política *de Aspie* se extinguiu anos após o meu diagnóstico. Tudo foi jogado no TEA — Transtorno do Espectro do Autismo. Mas para meus pais e até para mim, sempre serei uma Aspie. E vamos ser honestos, além da palavra 'asno' foneticamente presente na palavra Aspie, ela tem pelo menos a possibilidade de ser algo extraordinário, como sábio ou gênio.

TEA... não é legal. Mesmo que uma pessoa comum possa olhar além da parte do espectro do autismo, no segundo em que alguém ouvir a palavra 'transtorno', o jogo acaba. Algo está claramente errado com uma pessoa com TEA. Uma falha. Um defeito. Não é normal. Apenas... errado.

Então, enquanto eu passei muitas horas estudando autismo, a ponto de me sentir uma especialista, nem sempre consigo ocultar o fato de que estou, de fato, nesse maldito espectro. Quero dizer... você não precisa dizer a alguém que é diabético. Você pode manter isso em segredo até desmaiar com muito açúcar no sangue. Então é como, 'Oh, sim... desculpe, eu desmaiei em você. Esqueci de mencionar que sou diabético?'

Meu 'transtorno' não me faz desmaiar. Ele apenas contribui para escolhas de etiqueta social realmente ruins e ocasionais colapsos sobre

coisas como convites para o jantar de espaguete. Mas, diferentemente do diabético, nunca digo: “Esqueci de mencionar que sou autista?”

“Apenas diga a ele que você é vegetariana.” Mamãe dá o seu sorriso ‘acabei de resolver o seu problema’.

“Então, devo ligar para ele *apenas* para dizer que sou vegetariana? E o nível de temperos e a fragilidade? Ele não vai me pedir para cuidar de Roman. Ele vai pensar que sou louca. Especialmente porque a mãe dele é médica. Vocês não ajudam.”

Eu saio. Por quê? Por que pensei que eles poderiam ajudar? Dou muito crédito a eles por entenderem coisas que claramente não entendem.

CAPÍTULO 06



O Dr. Hawkins não trabalha todos os fins de semana. E no fim de semana que eu preciso que ele trabalhe... ele não está agendado. Isso significa que tenho um dia, uma chance de conversar com ele sobre o jantar de espaguete. Sexta-feira é meu dia — meu único dia.

Digito textos, mas excluo todos eles. Não é algo que possa ser facilmente discutido em um texto, não importa quantos emojis eu use para transmitir meus sentimentos. E meus sentimentos são fortes. Quero que ele me convide para jantar.

Obrigada pelo convite para o jantar. 🙏

Eu não como carne. Queijo é minha droga de escolha. 🐮🧀😁

Se você e Roman gostam de carne, talvez considere almôndegas em vez de molho de carne. 🍆 **LOL.** 😉

Meu humor não é do gosto de todos, mas sinto uma conexão com o Dr. Hawkins, como se talvez ele gostasse.

Não sou boa em escolher vinhos, mas posso levar o molho. 🧆🍅🙏

Algo não muito picante — por causa de Roman. 🙏

Sobre o vinho... água gelada é ótima também. 💧🙏 São muitos emojis de high-five, o que é ótimo se ele gosta desse emoji. Mas e se ele não gosta? Então eu sou a garota obcecada por emojis high-five. E enquanto eu sei que não é um encontro, gosto dele o suficiente para me importar com o que pensa de mim.

É por isso que preciso lidar com a situação do espaguete da maneira mais neurotípica possível.

Cara a cara.

Forçando o contato visual.

Recitando minhas palavras exatamente como as pratiquei.

Eu quero ajudá-lo com Roman. Só não quero parecer ingrata por seus esforços se a refeição envolver um molho picante com muita carne.

“Dr. Hawkins!” Eu o persigo pela porta pouco antes das 19h. Ele sai uma hora antes de mim. Por sorte.

Ele se vira, um sorriso imediatamente encontra seus lábios. Ele se torna sério quando olha por cima do meu ombro. “Ela é sua paciente?”

Eu sei quem tem a atenção dele — Layne Gibson e sua possível concussão de um acidente de ginástica. Estávamos voltando para o quarto dela quando vi o Dr. Hawkins indo embora.

“Não. Eu não tenho pacientes. Ela é paciente da Dra. Freeman.”

“Ela está esperando no átrio por você. Você a abandonou? Eu acho que é uma grande regra. Nunca deixe um paciente sem vigilância em uma cadeira de rodas.”

“Gary está olhando-a. Se ela parecer prestes a vomitar, ele me avisará.”

“Quem é o Gary?” Dr. Hawkins inclina a cabeça para o lado.

“O segurança.”

“Por que você não coloca a paciente da Dra. Freeman onde ela deveria estar e me liga quando você sair do trabalho?”

“Eu não posso. Por isso corri atrás de você. Se o que tenho a dizer pudesse ser dito por telefone, é claro que eu teria ligado para você. Na verdade, não. Eu teria mandado uma mensagem para você.”

Seu foco permanece colado a Layne. “Faça isso rápido.”

“Eu sou vegetariana.” Por algum milagre, consigo segurar o vômito completamente — meu amor por queijo, almôndegas versus molho de carne e pedaços de tomate.

Sua atenção se volta para mim e o sorriso retorna. “*Isso é o* que você não poderia dizer por telefone ou em uma mensagem de texto?”

Concordo. “Veja... estou sorrindo.” Aponto para o meu rosto. “Eu ainda quero ir jantar. Levarei meu próprio molho, se facilitar as coisas. Ou

até espaguete simples é ótimo. Se você tiver queijo parmesão, eu vou colocar. Eu amo queijo. Deus... eu amo tanto isso. Todos os laticínios realmente. Só não queria que você me confundisse com uma vegana."

Ele pisca tantas vezes que começo a contar. Na décima, ele tira a chave do bolso. "Volte ao trabalho, Dorothy. Não te alimentarei com porco."

"Não é só carne de porco!" Eu digo quando ele se vira, indo em direção ao seu carro. "Carne. Aves domésticas. Peixe..."

Não foi como planejado. Eu odeio quando as coisas acontecem de uma maneira na minha cabeça e de outra na realidade. Um dos meus muitos presentes especiais envolve não dar a mínima para alguma coisa ou ficar completamente obcecada, como um laser apontado no que quer que chame minha atenção. Eu sou facilmente distraída em um minuto e no outro o mundo pode acabar, mas se eu tiver algo a dizer a alguém, o mundo terá que acabar mesmo.

Sim, aos trinta anos eu tenho um domínio sólido dos meus traços de personalidade, mesmo que não entenda por que alguns deles parecem tão estranhos para todos os outros. É a diferença entre empatia e simpatia — experimentar e imaginar. Sob certas situações não ameaçadoras, posso me olhar com uma pequena porcentagem de objetividade, mas não é uma superpotência que muda meus pensamentos ou ações.

Eu deveria ter mandado uma mensagem para ele. Em vez disso, ele está indo embora enquanto eu tenho mais dez emojis para expressar e meia dúzia de cumprimentos.



Durante a última hora de trabalho, tudo se intensifica a um nível que eu não experimento há anos. Todos os meus mecanismos de enfrentamento para lidar com a sobrecarga sensorial falham comigo. Luzes piscando nos corredores, conversas excessivas, o saco de rolinhos primavera do Dr. Overton faz bile subir pela minha garganta, o contorno dos meus sapatos novos esfregando logo abaixo do meu tornozelo, a uma fração de onde todos os meus outros sapatos atingem minhas pernas, apenas... tudo.

"Como foi o trabalho?" Mamãe pergunta da cozinha, no segundo que eu entro na porta.

Não faço nenhum esforço para responder. Em vez disso, vou para o meu quarto e tranco a porta. As estantes do chão ao teto cobrem a parede em frente à minha cama. Sou uma leitora voraz, mas também tenho fileiras e pilhas de diários.

Minha sanidade vive nesses diários. Classifico minha vida em palavras nas páginas. Às vezes, apenas uma palavra em cada página para grandes problemas. Depois que meu tio morreu, usei quatro diários para descrever o funeral, cada página com uma palavra. Quatrocentos e trinta e uma palavras depois, tive meus sentimentos cuidadosamente ordenados naqueles quatro diários. O tamanho do meu script corresponde ao tamanho dos meus problemas. Portanto, meus diários não são apenas uma compilação de palavras com significado. A maneira como eles são organizados em uma página diz tanto quanto as próprias palavras.

Pego um diário novinho em folha (eu os compro no atacado e em várias cores para combinar com meu humor) e lido com tudo que está em minha mente, resgatando cada pensamento, um de cada vez, até que as águas se acalmem em um fluxo e refluxo controlável.

Rolinhos primavera devem ser banidos do hospital.

Luzes de LED devem ser usadas em todos os locais de trabalho.

Os designers de calçados não precisam reprojetar um sapato se o design original funcionar.

Os humanos falam demais.

Layne Gibson não teve uma concussão, portanto, o Dr. Hawkins não precisava se preocupar comigo deixando-a com Gary, o segurança.

O espaguete deve ser o prato mais simplista do mundo da culinária — uma caixa de macarrão, um pote de molho de marinara suave e sem pedaços. Por que o Dr. Hawkins insistiu em torná-lo tão difícil?

Pergunte ao Dr. Hawkins se ele cresceu em uma fazenda. Quem diz: "Eu não vou te alimentar com porco?"

Vou comer antes de ir jantar na casa dele. Afinal, eu não preciso comer para conhecer Roman.

Problema resolvido.

"Dia ruim?" Mamãe pergunta quando saio do meu quarto, caminhando em linha reta até a porta da frente para dar o meu passeio.

"Sim. Não. Apenas... ah!" Eu bato a porta atrás de mim.

Não há mais buzinas e congestionamentos no final da tarde. Não há colegas de trabalho tagarelando. Sem cheiros de antissépticos. Não há monitores intermitentes. Apenas... tranquilidade.

"Woof!"

Exceto por Gemma. Eu abro meus olhos. "Ei, Gem." Inclino-me e dou amor a minha Labradoodle cor de chocolate antes de seguir para os três acres de campo cercado com uma lagoa no outro extremo. Orville e Wilbur saem correndo do galpão quando me veem abrir o portão. Pressiono música no meu relógio e clico na minha lista de reprodução Max Richter.

Espaço.

Isolamento.

Ar.

Pôr do sol.

Céu.

Enquanto ando pelo perímetro da cerca com minha cachorra e dois emus a tiracolo, o estresse persistente do dia evapora da minha mente, desabafando meus sentidos. Meus pulmões recebem uma respiração cheia de ar, desde que passei a maior parte do dia segurando a respiração para me manter bem. A cada passo, meu dia se embaralha em momentos administráveis que eu posso entender do meu jeito, livre da urgência de processar rapidamente o ataque de... *tudo*.

Noventa minutos depois, alimento Wilbur e Orville e atravesso um portão atrás do galpão que se abre para fileiras de jardins de canteiros. Papai joga um punhado de ervas daninhas em um balde e coça o queixo enquanto olha para mim. Isso deixa um punhado de terra grudada nos bigodes cinzentos e curtos, apenas um pouco mais curtos do que sua careca grisalha raspada recentemente.

Ele foi do exército, da força policial e da segurança privada antes de se aposentar para passar parte do dia na jardinagem e a outra parte deixando minha mãe louca.

"Como foi a sua caminhada?" Ele se senta na beira de um dos canteiros do jardim e limpa as mãos no short cinza escuro.

Eu dou de ombros. “Boa. Como foi a lasanha requentada? Senti o cheiro da gordura queimada no segundo em que cheguei em casa. Minha mãe nem pode usar o micro-ondas corretamente.”

“Bem, considerando que estava congelada quando sua mãe a comprou e ela serviu e reservou nos últimos três dias... foi nojento. Papa remexida.”

“Como você flerta com uma garota?”

Ele pisca várias vezes antes que seus lábios se curvem em seu sorriso habitual. Meu pai tem um sorriso. Nada que irradia, nada minúsculo como um sorriso malicioso, apenas um sorriso cafona, tamanho único. “Nós teremos a conversa sobre lésbicas? Sinto que essa conversa é mais adequada para sua mãe.”

“Que conversa sobre lésbicas?”

Ele coça a cabeça, deixando mais sujeira em lugares que não deveria. “Rebobine, já que não tenho *muita* certeza do que está acontecendo. Como *faço* para flertar com as meninas? Bem, com muito cuidado, se eu quiser manter minhas bolas intactas. Sua mãe age como uma mulher confiante, mas ela tem um osso ciumento letal.”

“Como você paquerou a mamãe?” Sento-me na beira do canteiro oposto do jardim.

“Você está me perguntando como flertar? Novamente, esse pode ser um assunto que você deve discutir com sua mãe.”

“Não. Eu não preciso flertar. Tenho certeza de que posso flertar se a situação surgir. Só estou imaginando se um médico do hospital está flertando comigo. Tenho certeza que ele *não* está flertando comigo, porque é mais velho e muito bem-sucedido e sua ex-esposa é minha ídola, mas enquanto eu estava andando, o pensamento me veio à mente. Mas...” balanço minha cabeça. “Apenas esqueça que eu perguntei.”

“O que ele fez?”

“Nada... eu não sei. Ele apenas sorri para mim... muito. Talvez excessivamente. Não tenho certeza.”

Papai ri. “Lembre-me novamente porque você está tendo essa conversa comigo?”

"Porque você é um cara. Quem melhor para saber como os caras flertam?"

"Ok, querida. Para ser sincero com você, tenho que confessar que não sou mais um especialista em flertar. Sua mãe tirou isso de mim anos atrás. Eu ando em linhas retas, com uma cara séria, olhando para ela, a única mulher para mim."

"Besteira. E a sua garçonete favorita no The City Grill? Eu vi mamãe lhe dar uma cotovelada nas costelas pelo menos cem vezes. Eu sempre perco o que você faz para fazê-la reagir assim."

A trava da porta da tela traseira clica. Mamãe tem duas garrafas de cerveja e um refresco de vinho frutado. "Ele olha para os peitos dela quando ela está pegando nosso pedido e observa a bunda dela quando sai da mesa." Mamãe entrega uma cerveja para o papai e o refresco de vinho para mim antes de franzir a testa para a cesta marrom de produtos colhidos — quatro tomates pequenos, um pequeno repolho e uma cebola do tamanho de uma bola de chiclete.

"Mentiras. Tudo mentiras." Papai balança a cabeça antes de envolver a boca na garrafa âmbar.

"Como você entrou nesse tópico?" Mamãe pergunta, apertando os olhos contra o pôr do sol enquanto golpeia uma mosca.

"Um médico está de olho na nossa Dorothy." Papai pisca. "Se ele machucar meu bebê, ele vai levar na bunda."

Cuspo minha bebida, ganhando duas carrancas desagradáveis de meus pais, e limpo o jato de refresco de vinho e saliva deles. "Meu Deus! Você precisa balançar três vezes para obter impulso suficiente para sair da poltrona reclinável. Não vejo você lidando com a bunda do Dr. Hawkins. Ele tem pelo menos 1,94 de altura e é muito mais jovem. E ouvi alguém dizer que ele competiu no Iron Man."

"Eita... espere." Mamãe tira o dedo indicador da garrafa e aponta para mim. "Esse não é o mesmo médico que convidou você para jantar, né? Um médico jovem, atlético e *alto*. Me conte mais, Dorothy." Minha mãe bate na boca com a garrafa de cerveja para esconder seu sorriso.

"Não há nada a dizer."

"Ele é bonito? Você disse a ele que é vegetariana?" Ela cutuca com o cotovelo meu pai. Por quê? Eu não sei. Ela está pedindo que *ele* responda sua pergunta?

"Sua esposa... ex-esposa é a Dra. Julie Hathaway."

Meus pais se entreolham com os olhos arregalados antes de compartilhar expressões de reconhecimento comigo.

"Chefe cadela?" Mamãe pergunta.

Eu aceno com um sorriso. Dra. Julie Hathaway não é um novo nome em nossa casa. Ela é uma fixação familiar minha. Eu tento imitar sua confiança todos os dias... com pouco sucesso. A Dra. Hathaway conhece suas coisas, é dona do seu trabalho como uma durona, fala com inteligência e autoridade, mas concentra seus objetivos em cirurgias que dão às crianças uma sensação de confiança e pertencimento. Ela os cura de maneiras que vão muito além da cirurgia.

"Sim." Eu suspiro.

"Então Roman é o filho dela?"

Para uma pessoa com alto desempenho, não deve demorar muito para realmente pensar sobre isso. O Dr. Hawkins pedindo para que eu cuide de seu filho, é — numa escala entorpecente — o equivalente a me pedir para cuidar de um pedaço do meu ídolo. Muito possivelmente, a peça mais importante de sua vida.

Estou enjoada, tão enjoada que preciso correr para o meu quarto, pegar outro novo diário e listar todos os meus medos. Minhas previsões nunca se concretizam, então listo todos os medos possíveis para impedir que algo ruim aconteça.

Roman é sequestrado... sob os meus cuidados.

Roman engasga e morre com uma uva... sob os meus cuidados.

Roman é atacado por um leão da montanha... sob os meus cuidados...

CAPÍTULO 07



Sinais mistos e babadores correspondentes

Elijah

"Azul ou verde?" Eu seguro duas camisas enquanto Roman pula na minha cama.

"Aul!"

"Azul então." Coloco a camisa de manga curta e a abotoo enquanto meu mini eu ri a cada salto.

O espaguete está pronto, descansando em uma peneira enquanto o molho ferve no fogão.

Salada na geladeira.

Os picolés caseiros de cereja favoritos de Roman estão no congelador para a sobremesa.

Por que estou tão nervoso que mal posso abotoar minha camisa? Oh, está certo. Eu não estive em um encontro com ninguém além de Julie. Seis crianças na oitava série que vão ao cinema juntas contam como um encontro já que eu segurei a mão de Candice? Deus, espero que sim. Caso contrário, meu histórico de namoro é patético.

"Não é um encontro", murmuro para mim mesmo no espelho de corpo inteiro. "É um jantar com Roman e uma mulher que pode tomar conta dele para mim." Eu sorrio de mim mesmo enquanto bagunço meu cabelo úmido em algo parecido com um visual elegante. "Quando eu comecei a falar comigo mesmo? E por que minhas mãos estão suadas?"

"Ouve papai! Ouve!" Roman pula da cama e corre em direção às escadas.

A campainha toca novamente.

“Devagar, chefe.” Sigo-o escada abaixo. Dorothy está trinta minutos adiantada. “Regras, Roman. Você não atende a porta. Lembra?”

Ele luta com a trava, puxando a alavanca. “Ela está aqui. A babá está aqui! Abra a porta!”

Tive que explicar o motivo da nossa convidada para jantar, então eu disse a Roman que estávamos agradecendo a Dorothy pela capa de super-herói, e que se as coisas corressem bem, ela poderia tomar conta dele em algum momento. Eu não preciso de uma babá. Tenho custódia compartilhada de Roman, meus pais para ajudar, e duas irmãs mais velhas em Portland que viriam a qualquer momento para cuidar de Roman.

“Oh, ei, pessoal.” Sorrio para os dois jovens na porta, vendendo alguma coisa. Alguém está sempre vendendo alguma coisa. Eu tenho um aparador próximo da porta com dinheiro em uma gaveta para todas as crianças do bairro que aparecem para arrecadar dinheiro para atividades como Liga Infantil e viagens de banda.

Fazemos nossa troca habitual de dinheiro e um aperto de mão prometendo que eles acabarão retornando com dez potes de pipoca ou o que quer que eu tenha comprado por trinta dólares. Assim que começo a fechar a porta, um familiar Audi Q5 branco estacionado do outro lado da rua chama minha atenção.

“Eu acho que é o carro de Dorothy. Você acha que devemos ir ver?”

“Sim! Vamos, papai. Vamos!” Ele corre para o quintal, sem sapatos. Eu rapidamente o alcanço, pegando-o nos meus braços. “Deixe-me descer. Para baixo, papai!” Ele ri enquanto eu assopro na sua pequena barriga exposta. “Pare!”

Eu o posiciono em meu quadril e bato na janela de Dorothy.

Ela pula, fechando o espelho e encontrando meu olhar com os olhos arregalados. Os lábios recém-brilhantes de Dorothy se abrem em um pequeno sorriso enquanto ela abaixa a janela. “Oi. Estou adiantada. Eu só queria ter certeza de que sabia para onde estava indo.”

“Oi.” Tenho mais a dizer, mas eu só quero ficar aqui e deixar sua óbvia excitação ao me ver ser absorvida na minha pele, até os meus ossos. Eu quase esqueci como é esse olhar de adoração — de alguém que não é minha mãe. É muito bom.

"Oi, Dorfee", Roman a cumprimenta enquanto pressiona minhas bochechas, transformando meus lábios em lábios de peixe.

"Olá, pequeno Romeu." Os cantos da boca dela continuam subindo em seu rosto.

Ele ri. "Meu nome é Roman!" Minhas bochechas quase não aguentam o peso de sua excitação quando ele relaxa a pressão nos meus lábios, apenas para apertar meu rosto mais forte.

"Vamos perguntar a Dorothy se ela quer entrar."

"Dorfee, você entra. Pi-coé, papai!"

Dou um passo para trás e abro a porta dela, desenterrando um pouco de maneiras esquecidas. "Macarrão antes dos picolés, homenzinho."

"Obrigada." Dorothy sai, vestindo uma saia rosa que termina logo abaixo dos joelhos, uma blusa floral rosa e amarela sem mangas e sapatilhas brancas.

"Você uh..." Eu limpo minha garganta. "Tem algo na sua bochecha." Aponto para minha própria bochecha no mesmo local onde há uma mancha marrom em seu rosto.

Sua mão voa para sua bochecha, esfregando-a furiosamente. "É chocolate. Eu estava justamente checando meu rosto quando você bateu na janela. Parei para tomar sorvete enquanto vinha para cá."

Eu sorrio. "Você está fazendo isso difícil para mim. Não vou deixar Roman tomar um picolé antes do jantar, mas você parou para tomar um sorvete?"

"Sim. Caso o jantar não corra bem."

Dirijo-me para a casa com Roman nos ombros e Dorothy ao meu lado. "*Não correr bem* com as minhas habilidades culinárias, ou não *correr bem* sobre as más companhias?"

"Ainda não sei."

Olho por cima do meu ombro, mas ela não revela nada. Tudo bem para mim. Eu quero descobrir as camadas de Dorothy Mayhem seguindo seu ritmo. Julie me aleijou de uma maneira que parece igualmente devastadora e patética. Não há como desligar o meu amor por ela, todos esses anos de

casamento, faculdade, carreira, filho... Será que algum dia encontrarei um interruptor ou simplesmente precisarei encontrar uma luz mais brilhante.

No momento, Dorothy brilha, e isso me emociona porque não consigo identificar o que há nela que ilumina meu dia.

"Mmm... não cheira mal aqui." Dorothy fecha os olhos, respirando devagar depois que fecho a porta da frente e deixo Roman descer para brincar com seus brinquedos.

Espero que ela abra os olhos. Um, porque eu gosto de olhar para eles. Dois, porque eu gosto de como eles olham para mim.

Quando ela sorri, não posso deixar de me perguntar se ela tem gosto de chocolate, se fecha os olhos quando beija ou se sua mente vai para os mesmos lugares questionáveis e inadequados que os meus.

"Estou tentando muito pensar o melhor de seus comentários. Posso considerar o *não ruim* como bom? Ou isso é muito presunçoso? Você não é ruim, não significa nada demais, mas poderia ser pior?"

Tirando as sapatilhas, ela mexe os dedos dos pés pintados com esmalte branco e os encara enquanto dá a resposta. "Definitivamente bom. Não é com carne ou está picante. Já estou me arrependendo dos tacos." O nariz dela enruga.

"Tacos?"

Ela assente. "Cheguei em casa cedo *e* meu pai alimentou Orville e Wilbur, então eu tive muito mais tempo do que o inicialmente previsto. Meus pais estavam saindo para jantar cedo porque são velhos. Eu descobri que é o que os idosos fazem. Então eu os segui até o restaurante mexicano favorito deles. Mas só comi três tacos e uma cesta de batatas fritas e guacamole. Então provavelmente posso mandar ver algum macarrão."

Deus... meus músculos da bochecha doem. Não consigo parar de sorrir. "Tenho duas irmãs mais velhas, fui casado por muitos anos e vejo muitas pacientes jovens do sexo feminino. Mas não tenho certeza se já estive com uma mulher adulta, tão delicada quanto você, fazendo referências a *mandar ver algum* macarrão."

"Eu dominei a arte de queimar calorias."

"Ah? Então você deve vender esse segredo. As pessoas ganham muito dinheiro com os avanços na perda de peso." Aponto minha cabeça em direção à cozinha para ela me seguir.

"Não é meu." Ela ri. "Eu apenas corro, caminho e ando de bicicleta pelas trilhas. Salto no meu trampolim e persigo Gemma, Orville e Wilbur. As pessoas não gostam dessas dicas de perda de peso. Eu quebrei minha perna há vários anos e ganhei 07 kg porque parei de me mover, mas não parei de comer."

"Como você quebrou sua perna? Trampolim?" Eu levanto um copo. "Posso pegar algo para você beber? Vinho? Cerveja? Limonada? Água?"

"Água, por favor. E quebrei minha perna em um patinete. Em um passeio pela cidade."

"Você fez um passeio pela cidade de patinete?"

"Não. Um turista em um patinete bateu em um buraco na faixa de pedestres e colidiu contra mim." Ela enrola o cabelo atrás das orelhas, olhando a minha cozinha. "Você gosta de cozinhar?"

"Sim. Água gelada?"

"Sim, por favor."

Entrego-lhe o copo de água. "Você está falando sério sobre o patinete?" Outra risada inesperada ecoa do meu peito.

"Uh... sim." Ela levanta a saia e traça a cicatriz na perna. "Eu tive que fazer uma cirurgia."

"Bela cicatriz."

Pernas. Eu digo cicatriz, mas eu quero dizer pernas. Dorothy Mayhem tem pernas incríveis. Não pernas quilométricas como uma modelo de passarela. Não. Eu terminei com essas pernas, principalmente porque elas se afastaram de mim. As pernas em exibição diante de mim são pequenas, musculosas, bronzeadas pelo sol e cheias de mais de uma cicatriz e vários arranhões e machucados. Elas se parecem com as pernas de uma mulher trabalhadora. Uma mulher que não desiste. Uma mulher que se destaca nos tempos difíceis. E o fato dela vesti-las com saias fluidas e femininas só as torna muito mais sexy.

Sim, meu fascínio (leve obsessão) por Dorothy Mayhem acontece rapidamente — uma mistura tóxica de odiar minha esposa e passar tanto tempo sem transar. Pelo menos, é o que eu digo a mim mesmo. Eu digo a mim mesmo muitas coisas para passar o dia. Eventualmente, não consigo distinguir a verdade da intenção. Se eu parecer e agir como um homem funcional, serei um. Parece certo para mim no momento.

"Você conseguiu um acordo justo com o processo?"

"Que processo?" Ela bebe sua água.

"O processo contra a empresa de turismo de patinete."

"Não foi culpa deles. Algo foi resolvido entre a mulher que bateu em mim e a empresa de patinete. Honestamente, não tenho certeza de quem pagou o quê. Só sei que minhas despesas médicas e meu tempo livre foram cobertos." Ela me dá um encolher de ombros. "Isso é tudo o que importa para mim. Não é como se eu estivesse permanentemente incapacitada. E estou muito bem financeiramente." Outro encolher de ombros.

"Como você é antiamericana."

"O que você quer dizer?"

"Todo mundo processa todo mundo por tudo."

"Oh. ah! Sim, suponho que seja verdade. Não sou fã de conflitos."

"Você é fã de culinária?"

Ela usa o copo para esconder seu sorriso enquanto o para na boca e balança a cabeça. "Eu posso fazer... três coisas."

"Diga." Coloco água morna sobre o macarrão no coador, despejo-o na tigela e despejo o molho por cima.

"Queijo grelhado. Macarrão com queijo. Burritos de micro-ondas com feijão e queijo. Isso não conta despejar cereais em uma tigela de manhã. Oh! Sanduíches de manteiga de amendoim e nachos de micro-ondas também. São cinco." Dorothy sorri, seu queixo se ergue com tanto orgulho.

"Sem macarrão?"

"Suponho que sim, mas geralmente faço mais refeições individuais, a menos que minha mãe cozinhe para todos nós, o que é arriscado, porque ela não é melhor do que eu na cozinha. Mas ela é muito teimosa para admitir. Eu raramente como com eles, a menos que saiamos ou levemos para viagem."

"Então você mora com seus pais?" Eu levanto um dedo para fazer uma pausa na resposta dela enquanto chamo Roman para jantar. "Espaguete, Roman!"

Dorothy se senta à mesa enquanto Roman faz uma curva, quase colidindo comigo.

"Vá devagar." Pego-o, coloco-o em sua cadeira de refeição à mesa e fecho o babador.

"Você gosta de espaguete?" Dorothy pergunta a Roman enquanto eu arrumo as saladas e os vidros de molho.

"Hum... sim. Eu gosto... eu gosto de sketti." Ele puxa o babador. "Tire!" Puxando com mais força, ele resmunga para mim.

"Você terá molho por toda a roupa se eu o tirar. Apenas deixe-o aí."

"Não. Não vou!"

"Roman..." Eu franzo a testa para ele.

Ele fecha os olhos e joga a cabeça para trás. "Papai, ouve, ouve, ouve!"

Dorothy morde os lábios para não sorrir. Culpo Julie por seu constante 'ouve, ouve, ouve'. Ela sempre o cala e diz para ele ouvir. E, no processo, ela criou um monstrinho desafiador que tenta seguir o exemplo, sempre me interrompendo e me dizendo para ouvir, mesmo quando ele não tem motivo para sua cantoria 'ouve'.

"Estou ouvindo."

Roman abre os olhos e, como eu previ... nada.

"Você tem outro babador?" Dorothy pergunta.

Eu concordo. "Não importa qual babador, ele simplesmente não quer *nenhum* babador."

"Quero um babador. Quero um babador como o babador do Romeu." Ela remove o babador e o prende ao pescoço. Nunca caberia no meu pescoço, mas Dorothy é pequena. E fofa... e sexy.

Caramba!

Sim, ela é sexy. E é a última coisa que devo pensar com meu filho sentado a poucos centímetros de mim.

Roman a estuda por alguns segundos. "Papai, eu quero um babador!"

Dorothy... Dorothy... Dorothy...

A garota com um nome de velhinha, uma língua sem censura e o sorriso mais contagioso conseguiu virar meu mundo de lado. Só que ela

pensa que está aqui para uma possível posição de babá, não um encontro. As coisas são complicadas.

Depois de pegar um babador e servir a massa e as saladas, sento-me do outro lado de Roman. “Então você mora com seus pais?”

“Sim. Mas não é como você provavelmente pensa.” Ela murmura sobre a comida.

Dorothy comendo com um babador Monster Cookie no pescoço... não consigo parar de sorrir. Isso não deveria me surpreender. Afinal, ela abandonou uma paciente, arriscando seu emprego, apenas para me dizer que é vegetariana. Minha mente parou de especular algo sobre ela muito antes dela chegar em minha casa.

“Eu não tenho pensamentos sobre o assunto.” Giro o espaguete em volta do meu garfo enquanto a olho.

“Meu tio morreu. Deixou-me muito dinheiro. Como morei em casa até a vida adulta, decidi que, quando tivesse um lugar para mim, a coisa certa a fazer seria deixar meus pais morarem comigo. Comprei um terreno com uma casa nele e adicionei outra parte para que eles pudessem morar comigo sem realmente morar comigo. Compartilhamos uma cozinha e a lavanderia. É isso aí.”

“Mais papai! Mais sketti!” Roman pega meu prato.

Eu coloco parte do meu espaguete na tigela dele. “Você gostou?” Sorrio para ele antes de mudar meu foco para Dorothy. “Espero que nossa convidada goste também.”

Ela dá um tapinha na boca com o guardanapo, suas bochechas estão inchadas com um bocado de macarrão e assente. Depois de engolir, ela bebe água. “Está bom. Não está cheio de pedaços ou muito picante. E a água também está boa. Não tem um sabor desagradável... do jeito que eu gosto.”

Bato no meu lábio inferior com o garfo, olhando-a por alguns segundos, segurando o sorriso idiota que não consigo controlar.

“O quê?” Ela pergunta.

“Nada.” Balanço a cabeça, forçando-me a voltar o foco para minha comida. É difícil de fazer, porque eu amo olhar para ela, esperando seu próximo olhar, seu próximo sorriso, suas próximas palavras.

Terminamos o jantar e os picolés com Roman interrompem todas as tentativas de conversa. Dorothy se diverte com todos os seus murmúrios com entusiasmo. Não espero nada menos da mulher que usa babador no jantar.

“Homenzinho, você pode assistir um desenho enquanto eu limpo a cozinha e converso com a Dorothy.”

“Kratts! Dorfee, quer assistir Kratts?” Roman se contorce quando limpo o rosto dele.

“Certo.” Ela sorri enquanto remove o babador.

“Você não precisa assistir...”

“Eu amo os Kratt Brothers. Mostre-me o caminho, pequeno Romeu.” Ela segue Roman enquanto ele corre para a sala de estar.

“O controle remoto é complicado. Vou ligá-lo...” Antes de terminar, os Kratts já estão passando.

“Eu sei o que fazer com um controle remoto, Dr. Hawkins.”

Concordo, roubando mais alguns segundos apenas para... olhar para ela. “Dorothy...” eu sussurro em um suspiro enquanto recolho os pratos sujos da mesa.

Trinta minutos e um episódio dos Kratt Brothers depois, a cozinha está limpa e Roman está pronto para dormir.

“Boa noite, Dorfee.” Roman boceja enquanto o pego e o levo pelas escadas.

“Noite, Romeu.”

“Dorfee tem super poeres.” O sorriso de Roman brilha, muito parecido com o meu.

“Super poderes? Realmente?” Coloco-o debaixo das cobertas.

“Sim! Ela pode ver meus ossos!”

“Visão raio x?”

Roman assente.

“Isso é bem legal.” Eu beijo todo o seu rosto até ele rir. “Boa noite, amigo. Eu te amo até à lua.”

"Noite, papai." Ele boceja novamente.

"Tchau, Dr. Hawkins! Obrigada pelo jantar." Dorothy diz antes mesmo de eu sair do quarto de Roman.

Tchau?

Eu corro escada abaixo, pegando-a no momento em que ela coloca suas sapatilhas brancas. "Uau, espere! Já está saindo?"

"Sim. Você precisa de mais alguma coisa?"

Sim. Preciso de mais de cinco minutos a sós com ela, que não envolvam culinária ou a interrupção de Roman.

"Nós não falamos sobre seus emus" Enfio as mãos nos bolsos da frente da calça jeans e me apoio no corrimão de cerejeira.

"Oh. Sim." Ela descansa a mão na maçaneta da porta da frente, pronta para uma escapada rápida assim que os emus forem explicados.

O que há com as mulheres tentando desesperadamente fugir de mim?

"O proprietário anterior do terreno tinha os emus. Na verdade, eu estava lá olhando a propriedade no dia em que eles nasceram. Eu mencionei o quanto gosto de emus... você sabe, já que são basicamente pequenos dinossauros. Então ele me deixou nomeá-los. E a próxima coisa que notei foi que os papéis foram assinados e ele se mudou. Meus pais e eu chegamos com um caminhão de mudança, e os dois emus ainda estavam lá. Um presente do antigo proprietário. Quando tentei entrar em contato com ele para dizer que não podia aceitar o presente, por razões óbvias, ele nunca retornou minhas ligações."

"Uau. E eu achei que tive sorte quando Julie e eu alugamos um apartamento logo depois que nos formamos na faculdade de medicina e o proprietário anterior deixou um sofá de couro caro."

"Aposto que o sofá custa menos dinheiro para manter do que Orville e Wilbur."

"Provavelmente." Eu sorrio.

"Bem, agora você sabe." Ela abre a porta da frente.

"Dorothy?"

"Sim?"

Afasto-me do corrimão e percorro metade da distância entre nós. Não o suficiente para invadir seu espaço, mas o suficiente para agarrá-la se ela tentar sair. Sim, eu percebo o quão assustador isso soa. Mas é exatamente o que eu penso. Ela me faz sentir como uma criança realmente querendo algo, angustiada com o pensamento de não conseguir... de sair da loja sem ele.

"Eu realmente gostei de você ter vindo para jantar."

"Oh..." Ela assente meia dúzia de vezes. "Sim, Roman é ótimo. Acho que nos demos perfeitamente bem. Eu ficaria feliz em tomar conta dele sempre que isso encaixar com a minha agenda."

"Sim. Ou talvez você possa simplesmente voltar e jantar conosco? Ou poderíamos tomar sorvete alguma noite. Fazer uma caminhada. Ir a um parque." Pedirei a minha mãe para cuidar de Roman. Iremos curtir no meu sofá.

Sexo privado e pervertido!

"Hum..." Ela raspa os dentes ao longo do lábio inferior e assente lentamente. "Certo. Todo cuidado é pouco. Entendi. Você gostaria que eu passasse um pouco mais de tempo com ele enquanto supervisiona."

Notícia de última hora... Elijah Hawkins obtém um F ao convidar adequadamente uma mulher para sair em um encontro. Por que estou usando Roman como muleta? Ele deveria ser meu parceiro. Deveria tê-lo feito dizer algo para Dorothy que é super doce e impossível de resistir. Como... 'Dorfee, meu pai é incrível. Você deveria jantar com ele.'

Patético demais?

"Bem, boa noite!"

Eu nem digo 'boa noite' antes que ela chegue a meio caminho do carro.

"Suave... realmente suave." Fecho a porta e bato minha testa contra ela várias vezes.



Nas próximas semanas, consigo demonstrar como *não* namorar Dorothy Mayhem.

Etapa 01: Minta para ela e diga que precisa de uma babá quando não precisa.

Etapa 02: Quando ela continuar a transformar seus convites para encontros em encontros com seu filho, não a corrija.

Etapa 03: Não há etapa três.

Sim, não namorar Dorothy Mayhem é um processo fácil de duas etapas. E eu sou bom nisso, talvez o melhor nisso.

Peço-lhe para tomarmos juntos um café uma manhã e ela sugere um café com ótimo chocolate com leite e rosquinhas para Roman.

Peço a ela para almoçar comigo na cafeteria do hospital, e ela leva o almoço para Roman em uma lancheira novíssima que combina com a dela. Só que é azul e tem adesivos de super-heróis. Então... eu sorrio e o tiro da creche para almoçar conosco.

Faz três semanas e não tenho ideia de como terminar esse período de desencontros — a honestidade parece óbvia demais.

Minha tentativa final é outro encontro para jantar (encontro de brincadeira) na minha casa. Está indo bem. Coloquei Roman na cama. E, como sempre, Dorothy tenta escapar. Mas eu consegui pegá-la na porta, determinado a deixar claro que não preciso de uma babá.

“Dorothy?” Abaixo minha voz e dou um passo mais perto, rompendo a zona segura, aquela que eu normalmente manteria com uma potencial babá para o meu filho. Mas ela não é babá do meu filho. Ela é a jovem que eu estou obcecado há semanas. Ela é o sorriso que pego de vez em quando no corredor. Ela é a ‘Ei, Dr. Hawkins!’, que faz meu pau se mover quando ela fala enquanto aplica protetor labial no elevador.

Dorothy olha para o meu peito. Olhar para mim exigiria que ela levantasse a cabeça. Os olhos dela dobram a velocidade de piscar e as bochechas ficam vermelhas. Dorothy parece deslumbrante com bochechas rosadas. Ela solta a maçaneta da porta e pega um tubo de protetor labial no bolso da saia. Ainda focando no meu peito, ela o aplica e esfrega os lábios enquanto o coloca no bolso. O cheiro de coco invade meu nariz... é tudo o que Dorothy Mayhem é, coco.

“Dr. Hawkins?” Seus olhos curiosos olham para mim, arregalados e expectantes.

Eu quero beijar aqueles lábios brilhantes. É claro que é impulsivo, é um produto de deslocamento emocional e abandono. A estupidez de tudo isso cintila em neon na minha cabeça. Mesmo assim... eu realmente quero saber

se Dorothy Mayhem tem gosto de coco. Eu quero silenciar todas as minhas emoções dispersas, desejos, dores e necessidades com um beijo. Minha necessidade de sentir algo novo, algo promissor, quase me mata.

"Você pode me chamar de Eli."

Ela engole em seco. "Eu realmente não acho que posso."

"Por que não?" Forço meu olhar para longe de sua boca.

No segundo em que nossos olhos se encontram, ela desvia a atenção para seus pés. "Porque você é metade da dupla Hathaway-Hawkins."

Essa é nova pra mim. "Eu sou divorciado."

"Eu sei. Eu..." ela faz uma tentativa de olhar para mim, mas sua atenção se volta para minha têmpora e talvez para minha orelha. "Quero dizer, você é um médico brilhante, e a Dra. Hathaway também é... tão brilhante. Deus, ela é simplesmente fenomenal. Como se não houvesse palavras. Mas ainda assim... você muda a vida de crianças pequenas. Você os salva. Você é o que todo jovem que entra no campo da medicina só pode sonhar em se tornar. Você ganhou um título. Não posso te chamar pelo seu nome. É muito pessoal. Eu não sei... é quase íntimo."

Ela tem Julie em um pedestal muito alto. Eu? Abaixo alguns degraus. Parece certo na minha vida no momento. Não é que Julie não mereça estar no pedestal. Não importa o quanto eu a odeie, eu ainda a amo. E suas habilidades como cirurgiã plástica pediátrica são incomparáveis. Ela merece a admiração de Dorothy.

Mas não quero falar sobre remédios, elogios e salvar vidas. Eu sei... eu sei... que terrível da minha parte. Desculpe, mas preciso de algo para mim. Algo pessoal e talvez um pouco egoísta.

Definitivamente íntimo.

"Eu não preciso de uma babá para Roman."

Ela joga a cabeça para trás, dando-me toda a atenção, olhos estreitos, olhar fixo nos meus. "O quê?"

Prendo meu lábio superior entre os dentes, afogando-me no coco enquanto meu coração dispara, enviando sangue suficiente para todas as regiões do meu corpo. Deus... eu só quero, preciso, beijá-la.

"Oh caramba..." Ela balança a cabeça, fechando os olhos para respirar. "Você me convidou para jantar para... flertar." Seus olhos se abrem em um ponto mais amplo.

Uma pequena risada me escapa. Não posso evitar. Tudo nessa mulher parece um renascimento. "Convidei você para jantar, porque Roman realmente gosta de você. E eu simplesmente não posso agradecer o suficiente por tudo o que você fez por ele. Você é tão generosa."

Merda! Eu sou péssimo com isso!

Qual é o meu problema? Sim. A resposta é sim! *Sim, Dorothy, convidei você para flertar, talvez até beijar. E outras coisas...*

"Oh." Ela dá um passo para trás, tropeçando um pouco quando a porta da frente a pega, e mais vergonha tinge suas bochechas. "Bem, agora me sinto idiota. Sim, é claro que você me convidou para cá porque Roman gosta de mim. Óbvio. Agora eu pareço uma idiota por supor que você queria flertar comigo. E realmente, não há necessidade de me agradecer. Minha generosidade é egoísta. Sinto-me bem em fazer coisas boas. Isso é tudo. E realmente, você me comprou café e me fez um jantar novamente. É como se eu devesse estar agradecendo novamente. Mas isso é provavelmente estranho. Então... eu vou agora."

Realmente, *uma* merda *muito* estranha passa pela minha mente enquanto ela se move. O Dr. Hawkins não está em lugar nenhum. Nem o pai de Roman. Furiosos hormônios da puberdade de Eli Hawkins invade minha cabeça — as duas na verdade. E eu só quero beijar Dorothy. Essa é a versão censurada dos meus pensamentos. A maioria deles tem classificação para maiores. Pior que a classificação para maiores. *Tudo* em que consigo pensar são as maneiras como Dorothy e eu podemos ser generosos um com o outro, levando a agradecimentos intermináveis que não envolvem estacionamentos, uniformes substituídos, capas de super-heróis, jantares de espaguete, lancheiras... ou roupas.

"Devemos dizer que estamos quites? Chega de agradecimentos." Sugiro.

"Ok." Ela levanta o olhar, os olhos ficando um pouco vesgos como se seu foco estivesse centrado na ponta do meu nariz.

"Ok." Eu solto uma respiração lenta, mas faz muito pouco para relaxar *todo* o meu corpo. "Posso perguntar sua idade?" Não sei por que tenho sido tão fracote em perguntar a idade dela. Acho que me preocupa que ela

seja jovem demais, e me sentirei como um velho pervertido, tendo pensamentos realmente inapropriados sobre ela.

"Tenho trinta anos. Por quê?"

"Você parece jovem."

"Eu uso quantidades enormes de protetor solar."

Eu aceno lentamente.

Apenas beije-a, seu grande fracote!

E se ela não quiser ser beijada por mim? Ou flertar comigo? Eu sorrio internamente com a lembrança do seu comentário e de mim mesmo por ser igualmente desajeitado. Por que algo tão simples precisa ser tão complicado?

"Eu levo quarenta e cinco minutos de carro até em casa."

A faculdade no dia seguinte. Onde está minha cabeça?

Ah, está certo...

"Claro. Eu sinto muito. Perdi a noção do tempo."

"Ok." Ela sorri.

Eu amo seus oks. Eles parecem muito mais do que os demais oks.

"Eu vou levá-la para fora."

"Você não finalizou todos os seus círculos de exercícios?" Ela levanta o pulso, sinalizando para o relógio.

Sorrio. "Todos os círculos foram finalizados horas atrás."

"Nós poderíamos nos rastrear. Compartilhar nossos círculos de exercícios. Você sabia disso?"

Ciclos de exercícios. Beijos. Passeios para a sala de plantão para fazer sexo.

Pelo amor de Deus... recomponha-se, Elijah!

"Deixa pra lá. Isso é estranho." Ela balança a cabeça, revirando os olhos para si mesma antes de abrir a porta e correr dez passos à minha frente. Seu ritmo ganha impulso com a descida da minha entrada.

Meus longos passos a alcançam logo. Ela olha para os dois lados e sai correndo para o outro lado da rua até seu carro, então ela clica nas fechaduras e abre a porta.

“Boa noite!”

“Dorothy Mayhem... você está me matando.”

Ela se vira logo antes de se sentar no banco do motorista.

“O que você quer dizer?”

Descansando as mãos nos quadris, abaixo o queixo em derrota e encaro meus sapatos de lona cinza desamarrados. “E se eu disser que te chamei para jantar hoje à noite para... flertar?” Olho para cima, cravando os dentes no lábio inferior com uma ligeira contração.

Seu corpo permanece parado enquanto seus olhos se movem de um lado para o outro, como se ela tivesse sido pega em uma câmera escondida. “Bem... estou usando a roupa errada.” Ela se recusa a me olhar nos olhos.

“Eu acho que você está maravilhosa.”

“Sim. Mas esta é uma roupa de encontro casual. Talvez até seja uma que eu usaria para me candidatar a uma posição de babá. É divertida, mas saudável. Prática e segura.”

Eu só quero passar um dia na cabeça dela. Tudo nela me fascina muito. A curiosidade me chama tanta atenção.

“Conte-me sobre sua roupa de flerte.”

“Bem...” Ela limpa a garganta, mantendo o foco na grande descida da minha casa. E claro... suas bochechas estão perfeitamente coradas enquanto ela fala com o vento. “Desde que Romeu esteja envolvido, eu teria escolhido meu vestido vermelho com listras brancas. Ele acaba logo abaixo dos meus joelhos, mas é sem alças. E eu usaria meu cardigã azul e combinaria sandálias azuis de tiras que amarram nos tornozelos. Sedutora... mas apropriado para olhos jovens.”

“E se Roman não estivesse aqui hoje à noite?” Eu olho para a lateral de sua cabeça, e me pergunto se ela vai me olhar novamente antes de voltar para casa.

Ela estreita os olhos. “Eu tiraria o casaco depois que você me convidasse para entrar em sua casa.”

A imagem que ela pinta na minha cabeça faz todos os tipos de coisas ruins comigo. Porque imaginá-la em um vestido sem alças listrado tem um efeito físico em mim é um mistério. Não é como se ela sugerisse aparecer usando nada além de salto alto e um sobretudo. Dorothy Mayhem possui seu próprio tipo de sedução, e eu estou completamente envolvido em todas as partes.

"E nesse cenário, você teria me beijado depois que eu te acompanhasse até o seu carro?"

Ela fica *completamente* vermelha. Eu tenho certeza que até os dedos dos pés escondidos nos seus sapatos azuis devem estar vermelhos. "Você está tirando sarro de mim."

Seu comentário me afasta dez bons passos, mesmo que meu corpo permaneça bem perto dela. Por que ela diria isso?

"Se você quer que eu cuide de Roman, me avise. Eu preciso ir para casa agora."

"Por que você acha que estou tirando sarro de você?"

Ela desliza no banco do motorista. "Porque é ridículo."

"O que é ridículo?"

"Você. Eu. Isto! O médico e a transportadora. Dr. Elijah Hawkins e... eu! O ex-marido da minha ídola. Dr. Gostosão Hawkins. Isso é apenas... uma piada. E não acho engraçado."

Enquanto meus pensamentos se prendem ao *Gostosão Hawkins*, ela tenta fechar a porta, mas eu a bloqueio com meu corpo.

"Ei, ei, ei... não. Somente... não." Eu enfio minha cabeça em seu veículo.

Seus olhos quase saem de suas órbitas enquanto sua cabeça pressiona firmemente no apoio de cabeça, incapaz de evitar meu rosto... minha total invasão de seu espaço pessoal. Meus lábios... a centímetros dos dela. "Se eu não fizer isso não poderei dormir, nem pensar, ou conseguirei trabalhar amanhã, ou me concentrar em qualquer coisa, exceto que eu estou muito excitado para beijar você."

"Você vai..."

Sim. Eu a beijo. Eu a beijo porque é tudo que consigo pensar. Ela me transforma em uma criança, muito parecido com Roman com sua mente de mão única quando ele quer alguma coisa.

Dorothy não me beija de volta. Ela não se mexe. Então eu me afasto e engulo meu orgulho, fico de pé para que ela não possa ver minha angústia enquanto corro uma mão frustrada pelo meu cabelo e suspiro, pronto para bater minha cabeça no topo do seu carro. Estou sem prática com... tudo. E é uma merda. Isso me faz odiar Julie muito mais.

Julie teve seu tempo ordenando seus sentimentos, separando-se lentamente de mim sem que eu soubesse, planejando sua fuga e nova vida. Sinto como se alguém me expulsasse de um veículo em movimento — esfarrapado, machucado e com sorte de estar vivo. Mas, claramente, não tenho ideia de como existir depois do que pareceu uma experiência de quase morte.

“Sinto muito, Dorothy. Por favor, esqueça o que aconteceu.” Eu falo no teto do carro dela como se ela fosse o vento. E há pouca dúvida de que meu rosto corresponde a cor do vestido vermelho que ela me descreveu.

Você é um idiota, Elijah.

“Boa noite.” Faço uma volta de cento e oitenta graus e atravesso a rua, sem olhar em nenhuma direção como se não me importasse se um carro me atropelasse — porque no momento seria uma maneira rápida de me livrar da minha miséria.

CAPÍTULO 08



Beijar e contar

"Deve ser sexta-feira!" Mamãe me cumprimenta de sua mesa enquanto abro a porta do escritório, segurando sua salada favorita.

"Dia favorito da semana."

Ela caminha para me encontrar na frente de sua mesa, pegando a salada das minhas mãos e dando um beijo na minha bochecha. "O funeral de Emily foi ontem. Você foi ao funeral?"

"Você sabe a resposta." Sento-me quando ela volta para a cadeira atrás da mesa. Com poucas exceções, assisto aos funerais de meus pacientes — já que não pude salvá-los.

"Não. Eu *suponho* que você não foi, mas, por vezes, a sua agenda não permite isso. Então eu não tinha certeza. Como está Mary Ann?"

Mary Ann, mãe de Emily, perdeu o marido e a filha dentro de seis meses. Eu a encaminhei para minha mãe quando ela perguntou se eu tinha uma recomendação para um psiquiatra. Ela também queria que eu mantivesse minha mãe atualizada sobre o progresso de Emily.

"Estou surpresa que você não estava lá." Tomo meu café, focando na foto de Roman e eu em sua mesa.

"Eu planejei ir, mas tive uma emergência."

Concordo com a cabeça lentamente, sentindo-me melancólico nas últimas semanas. Não apenas por Emily morrer ou mesmo os encontros ruins (ou o que quer que foram) com Dorothy. Tudo se transformou em um sentimento de fracasso e solidão.

"Você quer falar sobre isso?"

“Emily?”

Mamãe assente, enquanto tira a tampa da salada.

“Não.”

“Ok. Roman está empolgado com a viagem?”

“Sim.”

Ela me lança um meio sorriso e uma única sobrancelha se levanta. “É isso aí. Apenas sim? O que há de errado?”

“Por que algo tem que estar errado?” Eu olho pela janela dela.

“Porque é aqui que você desmorona. É aqui que você me diz como é injusto que Julie esteja levando Roman para o Texas pela primeira vez, e lhe incomoda que ela esteja experimentando um ‘primeiro’ com ele porque você não se inscreveu para ser pai solteiro e perder a metade das coisas de sua infância.”

Eu dou de ombros. “Veja. Você já conhece meus sentimentos, então não há necessidade de repetir.”

“Então esse clima é sobre Emily. Eu sei que você tinha grandes esperanças com essa nova quimioterapia, mas...”

“Não é sobre Emily”, eu respondo com um pouco mais de irritação do que ela merece. “E eu não tinha grandes esperanças. Eu simplesmente tinha um raciocínio concreto para acreditar que funcionaria. Funcionou em outros cinco pacientes. Então, minhas esperanças não eram frustradas. Estou simplesmente chateado e pronto para começar a pensar em por que não funcionou para Emily.”

“Bem, tudo bem. Não é sobre Emily. Estou aqui se e quando você estiver pronto para discutir o que realmente está lhe incomodando hoje.” Ela come um pouco da salada.

Solto um suspiro longo e lento, mantendo meu olhar longe dela, sabendo que ela me inspeciona. “Eu tenho meio que visto Dorothy recentemente.”

“A transportadora Dorothy? Capa de super-herói Dorothy?

Eu concordo.

“Maravilhoso! Isso está indo bem?”

"Sim e não. Ela se dá muito bem com Roman. Ela o chama de pequeno Romeu, e por algum motivo, isso me faz gostar muito mais dela. Mas não consegui convidá-la para um encontro de verdade. Quero dizer... eu tentei, mas ela sempre assume que é uma brincadeira com Roman — como se eu estivesse avaliando-a como babá. E eu tive problemas sérios para ter coragem de dizer o contrário, porque uma parte de mim se pergunta se ela acha que sou velho demais para ela, ou talvez eu não seja o tipo dela. E sim, tenho medo de rejeição."

Minha mãe ri. Ela não me estende o mesmo nível de profissionalismo dos pacientes. Outra desvantagem do desconto familiar.

"Então você a contratou para cuidar de Roman?"

"Não!" Minha frustração até me surpreende. Eu esfrego minhas têmporas. "Eu a beijei. E por falar em beijar, quero dizer, acho que a assustei até a morte ou a ofendi completamente. Inferno, ela provavelmente entrará com uma queixa de assédio sexual contra mim." Balanço a cabeça. "Estou sem prática, por razões que você conhece. Então não vou refazer tudo, mas essa vida de solteiro não se encaixa em mim. Ou talvez sim. Talvez o ponto seja que eu deva ficar solteiro. Claramente, algo em mim afasta as mulheres."

"Ok. Tempo esgotado. Eu traço a linha quando você começa a implicar com meu bebê. Meu lindo, talentoso, responsável além das palavras, menino. Não há nada de errado com você. Não há nada errado com Julie ou Dorothy. Já falamos sobre isso. Os relacionamentos são fluidos e em constante mudança. *As pessoas* são fluidas e estão sempre mudando. Honre quem você é, não quem você não é. Deixe as pessoas irem e virem da sua vida sem sentir a necessidade de pegá-las e mantê-las. Pare de olhar para os reflexos errados. Sua felicidade é um reflexo de você e somente de você. Tenho certeza que você partiu muitos corações sem nem saber. *Eu sei* que as enfermeiras do hospital pensam que você é um deus. Se você não der uma segunda olhada, isso significa que algo está errado com elas?"

Esfrego o queixo, deixando as palavras dela se aprofundarem, mas é difícil porque só consigo pensar em Dorothy Mayhem. Não consigo parar de pensar nela. E não tenho ideia do porquê.

"Julie?"

"Dorothy." Dou a mamãe um olhar tímido.

Um sorriso recorde rouba todo o seu rosto. "Me diga mais."

Sinto meu próprio sorriso fazer o que é necessário e nem tento me conter, porque meu sorriso sobre Dorothy tem uma mente própria — uma força incontrolável. “É ridículo. Tão ridículo. Tivemos algumas interações, mas se eu for completamente honesto, estou viciado...” reviro os olhos para mim mesmo. “Sim... um *vício* que começou no segundo em que ela entrou no elevador semanas atrás, usando sapatos vermelhos ultrajantes e um olhar no rosto que provocou algo tão profundo em mim naquele momento... eu não consigo encontrar as palavras para explicar isso. Eu só sabia que algo na minha vida mudou e nunca mais seria o mesmo. E *sim,* eu sei o quão completamente ridículo isso soa. Tão mariquinha, soa como um filme de garotas. Mas, novamente, se eu for honesto, foi o que aconteceu. E agora não consigo parar de pensar nela. Quando estou fisicamente perto dela, sinto algo como antes de conhecer Julie.”

“Você era adolescente quando conheceu Julie.”

“Exatamente! Dorothy me faz sentir como um adolescente estúpido e desastrado. Mas ela também me faz sentir como se tivesse uma nova chance na vida. Uma onde eu vejo coisas através dos olhos dela.”

Mamãe mastiga a salada, a cabeça inclinada um pouco. Então ela aponta o garfo para mim. “E como as coisas parecem através dos olhos dela?”

É difícil de articular. Meu olhar volta para a janela enquanto procuro algumas palavras adequadas para descrever o indescritível. “A vida é mais vibrante através dos olhos dela. Coisas simples, como camisetas e tênis combinando, trazem alegria insondável. No mundo dela, todos são iguais. E as palavras são más expressões de sentimentos. Eu poderia ficar em uma sala com ela, sem dizer uma única palavra, e me sentir delirantemente feliz. Os olhos dela... ela tem os olhos mais azuis, e a maneira como os revira quando fala animadamente me faz procurar absolutamente qualquer desculpa para fazê-la falar. E o sorriso minúsculo que aparece quando seu rosto está tranquilo, é como estar no lado receptor do melhor segredo de todos os tempos.”

As sobrancelhas da mamãe sobem pela sua testa.

“Eu sei!” Balanço a cabeça, rindo de mim mesmo. “É insano. Apenas me julgue agora. Eu a conheço há dois segundos, e a maior parte do nosso tempo juntos foi com Roman. Estou delirante, apenas diga. Este é um efeito colateral da minha separação com Julie. Talvez minha própria crise de meia idade. Em pouco tempo, serei uma daquelas pessoas que afirmam ver a Virgem Maria na minha tigela de cereais ou alienígenas me levando para o

planeta à noite e implantando chips no meu cérebro. Amanhã, provavelmente vou me tornar um lobisomem na minha corrida matinal pela floresta."

"Ou..." Ela limpa a boca e se recosta na cadeira, passando a língua nos dentes algumas vezes. "Você tem uma química inegável com esta jovem. Pode ser assim tão simples, Eli. Não precisei de três anos para me apaixonar pelo seu pai. Isso aconteceu em um único momento. Ele saiu da sua loja, coberto de graxa e suor, para me dizer que meus freios estavam prontos. Não me importou que eu fosse uma pobre estudante universitária que não tinha dinheiro para substituí-los. Tudo o que importava era o mundo virando de lado, fazendo todo tipo de coisa estranha comigo quando ele sorria para mim. Um sorriso, Eli. Eu soube que minha vida nunca seria a mesma *por um sorriso*."

Eu amo essa história. Minhas irmãs também. Provavelmente porque cinquenta anos depois, nosso pai ainda sorri para nossa mãe da mesma maneira. E ela ainda cora toda vez que ele faz isso. Pensei que seria assim com Julie e eu.

"Ele poderia me trair amanhã."

Pisco várias vezes antes de estreitar os olhos. "O quê?"

"Seu pai. Ele poderia me trair amanhã. Você sabe como as pessoas dizem que podem morrer amanhã? Eles fazem isso para dar ao hoje uma perspectiva melhor, diminuir sua preocupação com um futuro imprevisível. Divida a palavra vida em duas — Vida. Tempo. Você passou um tempo em sua vida com Julie. Que seja uma vida inteira. Então siga em frente e dê a alguém a chance de fazer parte do seu tempo nesta vida. Passei uma vida inteira com seu pai, mas isso não significa que não passarei uma vida inteira com outra pessoa. Se algo é significativo... impactante... então pode ser uma vida. Pense em fobias. Para alguém com medo de algo, enfrentar esse medo, mesmo que seja por meros minutos ou até segundos, pode parecer uma vida inteira. É uma impressão que fica com você para sempre. Um dia, quando você se encontrar em um lugar realmente bom novamente, você se lembrará dos anos que passou com Julie e parecerá uma vida inteira atrás."

Eu amo minha psiquiatra porque ela nunca fala comigo como fala com seus pacientes. Ela me dá 75% do seu coração e 25% da mente. Por mais que ela queira me dar seu lado profissional, é um conflito de interesses. Seu lado mãe sempre vence.

"Ela não me beijou de volta."

Mamãe sorri.

"Dr. Warren me disse que ela é autista."

Ela encolhe os ombros. "Isso importa?"

Eu franzo a testa. "Você sabe que não."

"Mas você está se perguntando se é por isso que ela não te beijou de volta?"

Eu concordo.

"Ela já teve outros relacionamentos?"

"Eu não sei. Estou muito ocupado sendo apaixonado por ela para realmente *conhecê*-la. Eu preciso ir mais devagar."

"Não diminua a velocidade. Senão você vai pensar... pensar *demais*. E confie em mim, se ela tem autismo, ela já está pensando demais por vocês dois."

CAPÍTULO 09



Diários Nunca São Demais

Dorothy

O desastre do beijo ocupou dois diários inteiros — azul e rosa choque. Começando com negrito, em maiúsculas, uma palavra por página de:

EU

NÃO ESTOU

PRONTA!!!

Ele não estava tirando sarro de mim. Ele queria me beijar.

De verdade.

Sem piadas de mau gosto.

Dr. Gostosão Hawkins está com tesão por Dorothy.

Cem por cento queria me beijar.

E...

EU

NÃO ESTOU

PRONTA!!!

Eu apenas fiquei lá congelada, completamente imóvel. Eu não poderia ser menos responsiva se estivesse morta. E isso não foi uma má ideia.

Sério... me mate agora!

O que farei? Eu não faço ideia. Um CEP diferente, na costa oposta do país, parece ser a melhor ideia. Ele achou que eu não queria ser beijada ou

que não sabia beijar. Ambos são falsos. Ambos os cenários são embaraçosos. E ambas as possibilidades me deixam sem opções.

A vegetariana mimada que não gosta de pedaços, temperos fortes ou beijos.

Nãão!!!

Passo as próximas 48 horas percorrendo as aulas enquanto contemplo minhas opções.

01: Novo CEP.

02: A vida após a morte.

03: Nova profissão.

04: Pedir uma nova chance.

05: Não tenho a quinta. Eu apenas gosto de opções que posso contar em uma mão. Eu gosto do número cinco.

Sexta de manhã, chego quinze minutos mais cedo do que o habitual para evitar possíveis encontros com o Dr. Hawkins. E como tenho a sorte de um rato de uma perna em uma sala cheia de gatos, meu primeiro transporte após o almoço é um paciente do Dr. Hawkins. A enfermeira dele me chama para o andar em que ele trabalha.

Espero do lado de fora da sala enquanto ele termina de conversar com os pais do paciente. Minha cabeça continua inclinada, o cabelo cobrindo a maior parte do meu rosto. Talvez eu possa literalmente ser invisível quando ele sair.

“Boa tarde, Dorothy.”

Não tenho tanta sorte.

“Oi”, murmuro enquanto ele passa por mim, conversando com o Dr. Warren.

“Me chame quando você parar, Dorothy”, Dr. Warren diz, olhando por cima do ombro, com um sorriso arrogante que o Dr. Hawkins parece ignorar.

Eu mostro minha língua para Warren antes de empurrar a cadeira de rodas para dentro da sala para pegar Jasmine para uma ressonância magnética. Se ao menos minha língua tivesse funcionado corretamente quando o Dr. Hawkins tentou me beijar.

Tentou... isso me devora. O pobre homem teve que *tentar* me beijar.

Eu falhei.

Então ele falhou.

É a definição de um livro completo de desastre.

Como isso aconteceu? Eu não sou uma má beijadora. Sou exatamente o oposto. Estudei beijos em revistas femininas, romances, filmes e até vários documentários sobre a química por trás do beijo. Eu pratiquei em objetos inanimados antes de testar minha técnica em humanos reais. E quando eu encontrei um destinatário vivo para testar meu método especial de beijo, ele foi bem recebido. Tão bem que levou a uma ejaculação precoce.

Da parte dele, é claro. Não minha.

O resto do meu dia envolve esquivar-me do Dr. Hawkins e seu companheiro Warren. Às 20h estou pronta para voltar para casa, dar uma caminhada extralonga e fazer um diário enquanto como uma quantidade anormalmente grande de comida.

"Dorothy?"

Estremeço ao ouvir a voz do Dr. Hawkins enquanto destranco meu carro. "Hmm?" Eu abro minha porta.

"Não quero que as coisas sejam estranhas entre nós. Eu interpretei mal a situação. Eu ultrapassei um limite. E você..."

"Eu não estava pronta!" Eu me viro para ele, fechando meus punhos com muita energia reprimida e ansiedade. Depois de um dia de doze horas, essa é praticamente minha norma. Mas a ansiedade dobrou assim que ele disse meu nome.

Ele está de calça azul e uma camisa de botão branca com sapatos de lona cinza e um olhar de total confusão enquanto ele fica na parte de trás do meu carro. "O que você quer dizer?"

"Eu não estava pronta para o macarrão ter um sabor tão bom. Ou descobrir que você mora na Skyline Drive, onde eu queria viver a vida toda — mas os joelhos do meu pai não são ótimos, então eu escolhi um local mais plano. E eu não estava pronta para flertar. E eu definitivamente não estava pronta para você me beijar. eu só..." minhas unhas cravam nas palmas das mãos. "Eu não estava pronta."

Eu permaneço quieta, apenas tempo suficiente para tornar minha divagação tão estranha quanto meu beijo de cadáver.

“Não estava pronta ou não queria?”

Eu me forço a fazer contato visual com ele. “Não estava pronta.”

“Você planeja tudo?”

“Não. Eu só gosto de estar preparada.”

“Existe alguma diferença?”

“Uh...” Jogo minha cabeça para trás. “Sim. Não pretendo deixar sobras na geladeira quando chegar em casa, mas estou sempre preparada para comê-las. Não pretendo comprar um pneu furado, mas preparei o meu seguro para a estrada, caso isso aconteça.”

Ele esfrega os lábios, balançando a cabeça lentamente. “Você simplesmente não está preparada para os homens te beijarem.”

“Se eu estivesse em um encontro, então estaria preparada. Hidratante labial, chiclete de hortelã, calcular a diferença de altura, calcular a probabilidade de passar do beijo. Eu não planejaria isso, mas definitivamente estaria preparada para isso.”

Ele tenta esconder seu sorriso, mas eu vejo. E isso me deixa nervosa porque parece travesso. Não lido bem com travessuras. É imune a todo planejamento e preparação.

“Bem, talvez você deva se preparar para ser beijada.”

“Quando? Onde? Por quem?”

Ele se vira, puxa o chaveiro do bolso enquanto caminha em direção ao seu elegante Tesla azul. “Em breve. Pode acontecer em qualquer lugar. E, com certeza, espero que seja eu. Boa noite, Dorothy.”

Oh a ansiedade...



Macarrão com queijo na geladeira. Mamãe sorri quando entro pela porta, depois dos 90 minutos de caminhada com Gemma, Orville e Wilbur.

“Happy hour especial?” Tiro meus sapatos.

"Sim." Ela pega sorvete para ela e para o papai. "Como foi o trabalho?"

"O Dr. Hawkins me beijou... ou tentou me beijar na outra noite. Foi... sem mais nem menos. Não como uma tentativa de estupro. Ele apenas planejou um encontro e não mencionou que era um encontro e não um encontro de brincadeira, e então BOOM! Eu entro no meu carro, ele abaixa a cabeça e me beija! Você acredita nisso?"

Mamãe para no meio do caminho, sem piscar.

"Mas eu não estava pronta. E fiquei tão brava que ele fez isso quando eu não estava pronta. Isso me fez parecer a pior beijadora do mundo, porque eu simplesmente congelei, completamente imóvel. O único médico que não é apenas muito sexy, mas usa sapatos normais, tentou me beijar. Então eu disse a ele, hoje à noite depois do trabalho, eu disse a ele que não estava pronta. E você sabe o que ele disse?"

Mamãe pisca uma vez. Nenhum aceno de cabeça. Apenas um piscar de olhos.

"Ele me disse para me preparar para ser beijada. Como devo fazer isso se ele não me diz quando ou onde? Eu devo andar pelo hospital o dia todo fazendo o meu trabalho *e* me preparando para ser beijada por ele? Por quê? Por que ele faria isso comigo?"

"Você terminou?" Mamãe me dá um pequeno sorriso.

"Sim..." Eu suspiro.

"Eu sei que você não gosta de ouvir isso, mas está exagerando. Você não estragou tudo. Claramente, se ele disse para você se preparar para ser beijada, ele quer tentar outra vez. E muitas pessoas, principalmente as mulheres, gostam de espontaneidade. Eu sei, mas seu pai não sabe o que isso significa. Ele me pergunta às três e meia da tarde se eu quero fazer sexo naquela noite. Talvez seja ótimo para você. Talvez você precise disso, mas a maioria das mulheres não. Então, um cara só te beijar é uma coisa realmente ótima... contanto que não seja a coisa assustadora de estuprador que você mencionou."

Não preciso de um aviso as 15h30 da tarde que um beijo vai acontecer mais tarde naquela noite, nem preciso saber mais sobre a vida sexual dos meus pais.

Silêncio!

"Você não ajuda." Volto para minha carranca usual e passo por ela até a geladeira. Seus sorrisos e olhos provocadores me seguem. Eu posso apenas *senti-los* em mim enquanto coloco as sobras em um prato e pego um copo de água antes de levá-lo para a *minha* sala de TV no lado oposto da casa. Eles são basicamente proibidos de entrar no meu espaço.

Minha tela grande.

Minha poltrona.

Meus sistemas de jogos e equipamentos de realidade virtual.

Depois de terminar as sobras e jogar Xbox por uma hora, tomo um banho e vou para a cama com um livro na mão e o Dr. Hawkins dominando meus pensamentos.

Assim que eu checo o alarme definido no meu telefone, ele toca. É *ele*.

Penso em deixar ir para o meu correio de voz, mas como ele é tudo em que consigo pensar, parece bobagem ignorá-lo. Talvez ele queira me dar um aviso melhor sobre o beijo.

"Olá?"

"Oi, Dorothy. Você já está na cama?"

"Por quê? Você está ligando para fazer sexo por telefone?"

Ele tosse enquanto diz "Não."

"Bom. Vou precisar de um aviso para isso também. Bem..." Eu sorrio. "Suponho que você esteja ligando para o *aviso*, então..."

"Uau, talvez eu deva ligar novamente quando você estiver um pouco mais grogue. Não previ esse nível de... mau-humor."

"Desculpa. Por que está me ligando?"

"Eu estava me sentindo muito bem comigo mesmo. Eu tive um ótimo dia no trabalho, especialmente no laboratório. Eu dei uma longa corrida hoje de manhã e uma caminhada noturna. Os círculos de exercício no meu relógio circularam tantas vezes que a deixariam tonta. De qualquer forma... senti a necessidade de ter meu ego perfurado com algumas estacas, então pensei, quem melhor que Dorothy Mayhem para fazer o trabalho. E com certeza, cinco segundos depois de você atender o telefone, estou me sentindo completamente humilhado. Obrigado."

Gosto do seu tipo de sarcasmo, o que diz muito, já que, em geral, não gosto de sarcasmo. É como as menores letras do teste de visão. Eu tenho que me concentrar bastante para lê-las, e mesmo assim, há um pouco de suposição envolvida. Eles usam aquelas letras minúsculas apenas para garantir que nenhum humano se sinta perfeito.

Dr. Hawkins usa seu sarcasmo exageradamente, entregando-o em um pacote inconfundível. Sem adivinhações envolvidas.

"Estou feliz por poder ajudar. Precisa de mais alguma coisa de mim?" Dobro o travesseiro e apoio a cabeça com o telefone colado no ouvido e um sorriso preso no rosto. Parte de mim acha estranho que ele ligou. Quero dizer... ninguém fala comigo, exceto por necessidade e geralmente apenas pessoalmente. Mas gosto da voz dele e, por isso, estou disposta a renunciar à minha forma favorita de comunicação — emojis.

"Julie ficará com Roman esta semana. E eu realmente gostaria de ver seu vestido listrado de paquera e aqueles sapatos de salto que amarram em seus tornozelos. Quais são as chances de você fazer isso com o seu médico favorito?"

"Ha! Não tenho certeza se a Dra. Hathaway quer me ver de vestido e salto, mas se você quiser me ver, posso verificar minha agenda. Sem promessas."

"E lá vou eu... deslizando em outra estaca. Obrigado."

Eu sorrio, radiante de orgulho, porque estou brincando com ele, e é realmente fácil. "De nada."

"Traga o vestido para o trabalho amanhã. E os sapatos. Vamos sair quando o seu turno terminar."

"Não termina até as 20h."

"Eu sei."

Aperto meu lábio inferior e o puxo, franzindo o nariz. Depois do trabalho eu caminho. Então eu como e escrevo no diário. Então jogo enquanto como mais comida. Tomo banho. Deito. Não tenho certeza de como sair se encaixará na minha agenda.

"Talvez."

"Ótimo! Estarei esperando no seu carro."

"Eu disse talvez. E vamos nos encontrar no restaurante... *se* nos encontrarmos."

"*Quando* nos encontrarmos. E apenas envie-me o endereço do seu restaurante favorito. Boa noite, Dorothy." Ele termina a ligação antes que eu possa entrar em outro protesto. Outro talvez. Outro motivo para cancelar com ele.

"Ótimo..." murmuro, colocando meu telefone na mesa de cabeceira. Apenas o que eu preciso, algo para ficar obcecada no trabalho amanhã.

CAPÍTULO 10



Afundando

Encerro meus exercícios e atividades antes das 07h da manhã de sábado. Só a energia nervosa faria isso, mas eu dou um longo passeio de bicicleta apenas para estar do lado seguro.

Dormir?

O sono me evitou de todos as formas. Eu sou uma coruja da noite e tenho um sono terrível de qualquer maneira, mas o Dr. Hawkins me ligando me enviou para o outro lado. O sono não teve chance contra meu cérebro trabalhando em todos os cenários possíveis para o encontro de sábado à noite.

Vamos comer? Eu preciso saber disso para conseguir estudar o menu.

Um bar? Se ele espera que eu beba, terei que pegar uma carona para casa. Peso leve total. Mas então não terei meu carro para amanhã, então beber não é uma opção viável.

Conversar? Caramba! Sem Romeu como amortecedor, o que discutiremos? Já abordamos os tópicos da minha herança, meus animais e a faculdade de enfermagem. Espero que ele goste de discutir artigos recentes de revistas médicas, porque é a isso que dediquei os nossos principais tópicos de conversa. Também tenho uma pequena lista de coisas para perguntar, para não dominar a conversa com meus interesses.

Você é originalmente de Portland?

Qual é a sua cor favorita e por quê?

Se você não fosse médico, o que seria?

Todas as escolhas sólidas de um artigo para iniciar conversas que encontrei online.

Consigo não o ver o dia todo, mas ouvi dizer que ele está trabalhando em seu laboratório mais cedo nesta manhã. Às 20h visto meu vestido listrado vermelho e branco e sapatos de salto. Às 20h10, meu estômago começa a ficar desconfortável. Ele está no restaurante? Ele acha que estou atrasada? Hailey, uma enfermeira da UTI, foi para casa ao meio-dia porque estava com muita dor de estômago.

Febre.

Vômito.

Diarreia.

Eu provavelmente tenho o que ela teve. Eu *sei* que é isso.

O Dr. Hawkins não quer ter o que Hailey e eu temos.

Eu envio uma mensagem para ele.

Estou doente. Você não quer pegar o que eu tenho. Talvez tentemos isso outra vez.

Meu telefone toca. É *ele*. Por que ele insiste em me ligar? Um texto simples 'ok, sinta-se melhor', é a resposta apropriada. Não me ligar. Pelo que ele sabe, eu poderia estar vomitando ou no banheiro com diarreia.

"Sim?" Eu respondo com um pouco de aborrecimento.

"Quais são os seus sintomas?"

Eu suspiro. "Febre. Vômito. Diarreia."

"Qual é a sua temperatura?"

"Eu não sei. Ainda não aferi."

"Então, como você sabe que está com febre?"

"Porque eu me sinto quente."

"Quando você vomitou pela última vez?"

"Ainda não vomitei. Mas meu estômago está desconfortável, então eu sei que tudo vai aparecer em breve. "

"E a última vez que você teve diarreia?"

"Novamente, ainda não aconteceu. Meu estômago está *muito* desconfortável."

Ele ri. “Você está apenas nervosa.”

“Você não sabe nada.”

“Verdade. Eu só tenho um diploma de médico. O que eu sei?”

“Apenas vá para casa. Se você ficar doente, Romeu ficará doente. E eu me recuso a ser responsável pela propagação da infecção.”

“Roman está com Julie esta semana.”

“E você? O que acontece quando você fica doente e não consegue ver os pacientes? Vidas estão em risco, Dr. Hawkins.”

“Eli.”

“O quê?” Franzo meu nariz.

“Quando não estamos trabalhando, você deve me chamar de Eli.”

“Ainda estou no trabalho. Então, Dr. Hawkins, sugiro que você vá para casa.”

“Me chame de Eli. E eu já estou no restaurante que você sugeriu.”

“Jesus... tudo bem! Eli, vá para casa!”

“Isso foi melhor do que eu imaginava.” Ele ri.

“Você é louco.” Deslizo a bolsa por cima do ombro e pego uma máscara da sala vazia na saída. “Estou a caminho de casa.”

“Venha ao restaurante”, ele diz como um comando, como se estivesse no comando. Eu gosto de saber quem está no comando; só não tenho certeza se quero que seja ele no momento.

“Isso é estúpido. Vou parar no restaurante — *só* para que você possa ver rapidamente minha saúde deteriorada. Na verdade, não vou sair do meu carro. Então vou direto para casa antes do vômito e da diarreia começarem.” Aperto *finalizar* e deslizo a máscara.

Como esperado, ele está do lado de fora do carro no estacionamento da pizzaria, com um sorriso estúpido.

“Vá. Para. Casa. Dr. Hawkins. Isso pode ser algo perigoso. Se o Centro de Controle de Doenças for notificado amanhã e eu estiver em quarentena, você se arrependerá dessa teimosia arrogante.” Grito pela minha janela que está aberta alguns centímetros.

“Destrave a porta, Dorothy.” Ele tenta abri-la.

“É ruim. Eu posso começar a sangrar pelos meus olhos.” Eu balanço minha cabeça.

“Vou pular no capô do seu carro e esperar que você abra a porta. Então, por que você não poupa a tinta de alguns arranhões e apenas abre a porta?”

“Você é estúpido e imprudente.” Eu desligo o carro e saio, ajustando minha máscara para apertá-la um pouco.

“Droga, Dorothy... apenas... droga...”

“Droga o quê?” Eu murmuro sob minha máscara.

“Esse vestido parece incrível em você.”

“Eu sei. É o meu vestido preferido.”

Dr. Hawkins ri. “Preferido para o quê?”

“Tudo. Tenho em outras duas cores, mas o vermelho recebe mais elogios.”

Ele desliza a mão na parte de trás do meu pescoço, segurando-o e pressionando os lábios na minha testa.

“O que você está fazendo?”

“Verificando sua temperatura”, ele murmura com os lábios firmemente pressionados na minha cabeça.

“Eles ensinaram isso na faculdade de medicina?”

Ele ri quando a outra mão remove minha máscara. “Sem febre.”

“Você não sabe disso”, eu sussurro, sentindo-me estranhamente ofegante e incrivelmente ansiosa. Seu toque é definitivamente intrusivo e fora de linha para um exame médico, mas não é completamente horrível. Ele cheira bem. As ervas que eu gosto. Um milagre, porque existem pouquíssimos aromas que não me fazem legitimamente querer vomitar.

“Vou aceitar minhas chances.” Seus lábios se movem para minha bochecha. “Dorothy...” ele sussurra.

“Hã?” Eu fecho meus olhos para que não tenhamos que nos olhar tão de perto. Isso me deixa um pouco estranha.

"Eu vou te beijar agora." E ele faz. Ele prende sua boca na minha. Nós somos um bom ajuste. Eu mantenho minha mandíbula em uma posição que não permitirá que a língua dele entre na minha boca. É claro, eu presumo que ele tem um gosto tão bom quanto cheira, mas depois da catástrofe do beijo do cadáver, não quero arriscar outro beijo ruim se o gosto dele me fizer vomitar.

A mão dele cai no meu braço e o polegar roça no meu seio — acho que por acidente. Ele estimula demais meu mamilo, apenas aquele arranhão simples, porque meu vestido sem alças não permite um sutiã. E embora eu não queira que ele toque no meu seio novamente, acidental ou não, sinto uma urgência por um orgasmo.

Não há mais preliminares.

Não há mais provocações.

Apenas o orgasmo, por favor!

Ele solta meus lábios. "Você parece estar se sentindo melhor. Acho que ainda podemos ter nosso encontro."

Não consigo parar de pensar no polegar dele roçando minha área do mamilo. Foi um acidente? Meu corpo reage de maneira estranha a diferentes toques. Aquele pequeno toque de polegar enviou minha hipersensibilidade ao limite. É tudo em que consigo pensar. Eu preciso recuperar meu corpo em equilíbrio, mas é como se ele apertasse um botão, e ele não pode reverter o que precisa acontecer para equilibrar meu corpo neste exato momento.

Dr. Hawkins dá um passo para trás, esfregando os lábios antes de dar um sorriso. "Então, o que você quer fazer primeiro? Eu estava pensando..."

"Eu quero que você me chupe."

Ele congela por alguns segundos. Nem um piscar de olhos. Então sua mandíbula se move tão lentamente que espero ouvi-la estalar.

"Eu ia dizer bebidas no bar e depois jantar."

"Então por que você me beijou e passou o polegar sobre o meu mamilo?"

Ele cobre a boca com o punho e tosse e ri. "Eu..." Ele balança a cabeça. "Eu sinto muito. Eu..."

Eu suspiro. Claramente, eu interpretei mal uma sugestão. Dicas sexuais são as mais difíceis para eu ler. Ou perco completamente as tentativas flagrantes que os homens fazem para me deitar, ou interpreto mal algo tão simples quanto um polegar fora de lugar durante um primeiro beijo. "O jantar está bom. Não vou beber álcool esta noite."

O Dr. Hawkins continua a me inspecionar com o que eu acho que é confusão, com base em sua testa enrugada, mas não tenho certeza do que o confunde tanto. Não fui eu quem fez um avanço sexual confuso.

"O quê?" Afasto meu olhar dele porque minha incapacidade de ler sua expressão alimenta minha ansiedade já fora de controle.

"Você realmente acabou de me pedir para te chupar?"

"Perguntei? Não. Sugeri? Sim. Mas se você não fizer esse tipo de coisa, tudo bem. Vamos pegar pizza? Eles também têm uma salada Caesar incrível."

"Eu... nós..." Ele fecha os olhos por alguns segundos e balança a cabeça.

"O quê? Não consigo acompanhar sua gagueira e balançar de cabeça. Não sou boa com esse tipo de comunicação. De fato, isso me deixa louca. Então use suas palavras. O que você está pensando? Fiz algo errado? Ofendi você? O quê?"

"Você é inesperada."

"Sou estranha."

"Refrescantemente honesta." Ele sorri. É o sorriso bom de novo, não a careta que ele tinha em seu rosto apenas alguns segundos atrás. "Estou tentando ser um cavalheiro."

"Ok."

Ele respira a essência de uma pequena risada anasalada. "Ok."

"Então, pizza?" Eu pergunto.

"Uh, sim... a opção um está bem."

"Opção um?" Minha cabeça se inclina para o lado.

Ele sorri.

"Oh..." Eu sorrio. "O momento para a opção um passou. Prefiro comer pizza agora."

"Devo me ofender?"

Eu estreito meus olhos. "Bem, acho que não. Por que você ficaria ofendido?"

Alguém sai e entra no carro ao lado do meu. Dr. Hawkins dá um aceno de cabeça e um sorriso educado. Eu imito sua reação a eles.

"Por que você ficaria ofendido?"

"Dorothy, eu estava brincando. Eu não estou ofendido."

"Humm..." Eu resmungo. "Perdi a parte engraçada dessa piada."

"Foi malfeita. Esqueça. Vamos pegar pizza."

Eu o sigo até o restaurante e esperamos que alguém anote o nosso nome antes de esperar no bar. Ele não tenta preencher o tempo de espera com conversa fiada. E mantenho minhas conversas para mim, sabendo que vou precisar delas durante o jantar. Não faz sentido desperdiçá-las em uma espera de dez minutos enquanto eles preparam nossa mesa.

"Posso pedir algo para você beber?" Ele pergunta.

"Água. E um Dr. Pepper."

Ele repassa meu pedido ao barman.

"Eles estão sem Dr. Pepper", ele diz, olhando para mim.

"Imaginei." Eu franzo a testa. "Apenas água então."

Levamos nossas duas águas pedidas especialmente no bar conosco para a nossa mesa.

"O que você quer comer?" Ele abre o cardápio.

Não preciso abrir meu cardápio. De fato, os cardápios me deixam louca. Muitas opções e muita pressão. É por isso que gosto de frequentar os mesmos lugares ou procurar os cardápios on-line dos novos restaurantes com antecedência.

"Abacaxi com queijo extra."

"Ótimo. E uma salada Caesar?"

"Sim", eu respondo lentamente. Não sei explicar como isso me faz sentir. Quero dizer... ele nem pisca quando sugiro uma pizza de abacaxi. Ele

não sugere que cada um de nós pegue nossa própria pizza ou faça meio a meio.

A garçonete para na nossa mesa.

"Uma pizza grande de abacaxi com queijo extra e duas saladas Caesar", ele diz, entregando-lhe nossos cardápios.

Ele pediu uma grande! Nada me incomoda mais do que pessoas que querem dividir pizzas pequenas e médias.

Sobras são vida. Não que eu não consiga facilmente comer meia pizza grande.

Meu carinho pelo Dr. Hawkins triplica nesse momento. Ele dá um grande salto em direção a alcançar a Chefe Cadela.

"Então você é de Portland?" Ele pergunta, cruzando os braços na beirada da mesa.

Essa é a minha pergunta. Ele roubou minha pergunta, deixando-me duas perguntas originais.

"Sim." Eu tento sorrir além da minha ligeira irritação.

"Eu também."

Caramba!

Ele não me dá a chance de perguntar.

"Meu pai é dono de sua própria oficina. Ele a tem há mais de cinquenta anos. Sempre pensamos que ele deve se aposentar, mas ele adora. Ele irá coberto de graxa para o túmulo. Toda a minha família vive na área. Tenho duas irmãs mais velhas, três sobrinhos e duas sobrinhas. Minha sobrinha mais velha vai se casar em alguns meses. Roman será o portador do anel. Ele usará um terno azul metálico. Mais ou menos da mesma cor do meu carro, minha cor favorita."

"Se você não fosse médico, o que seria?" Eu o corto antes que ele termine a palavra favorita.

Ele puxa a cabeça para trás enquanto suas sobrancelhas se erguem. Eu posso ter deixado escapar a pergunta às pressas, mas sabia que suas próximas palavras seriam: *'Antes de decidir ser médico, queria ser...'*

"Desculpa." Eu sorrio. "Mas você está roubando minhas perguntas. Planejei três perguntas para lhe fazer hoje e você já fez duas. Não quero parecer desinteressada, mas você já arruinou duas das minhas perguntas. Eu queria uma chance de perguntar pelo menos uma."

"É uma dica de que estou falando demais?" Ele ri.

"Não. Não é dica para nada. Fale o que quiser, apenas não me diga tudo o que eu ia perguntar antes que eu tenha a chance de perguntar."

"Dorothy..." Ele coça o queixo. "Você é imprevisível. Como balões, flores e ganhar bilhetes de loteria."

Eu não tenho resposta para isso. Parece um elogio estranho, e sou graduada em estranheza, mas é um tipo diferente de estranho.

"Se eu não fosse médico, teria sido um guia turístico de caiaque ou rafting. Eu amo os dois igualmente. Eu cresci descendo rios, fazendo trilhas de caminhadas, esquiando nas encostas." Ele levanta o relógio. "É por isso que fecho meus ciclos de exercícios todos os dias."

"Vamos compartilhar o progresso de nossas atividades." Entro no meu aplicativo de atividades e convido o Dr. Hawkins a compartilhar sua atividade comigo.

Alguns segundos depois, ele olha para o relógio e sorri. Tocando uma vez, ele aceita meu convite.

Eu tenho um amigo de atividade!

"Está valendo, Mayhem. Cuidado. Sou um concorrente feroz."

"Você fica do quarto de um paciente para outro o dia inteiro, sentado à sua mesa ou fica debruçado sobre um microscópio. Eu me movo o *dia inteiro*. Você não tem chance de me superar."

Nós caímos em uma conversa fácil, algo que só faço com meus pais porque eles me conhecem melhor do que ninguém. E mesmo assim, alguns dias eles parecem zumbis quando eu explico coisas que eles não entendem.

Assim que a nossa pizza chega, o Dr. Hawkins levanta o telefone.

"Você acabou de tirar uma foto minha?" Pergunto depois que a garçonete entrega nossas saladas e pizza.

"Sim. Para os meus contatos. Eu queria você nesse vestido."

Levanto o telefone e tiro uma foto também.

Ele ri. “Você acabou de tirar uma foto da pizza? Você é uma daquelas gourmets que fotografa suas refeições?”

“Eu? Não. Eu apenas como a comida. A foto da pizza será sua foto de contato. Quando pensar em você, sempre quero lembrar que você pediu meu tipo de pizza — uma grande — sem dizer nada que me fez sentir culpada e estranha.”

Dr. Hawkins assente com pequenos acenos, olhos ligeiramente estreitados, lábios curvados em um pequeno sorriso. Ele serve uma fatia para mim e uma para ele. Então ele a dobra... ASSIM COMO EU! E ele come. Eu sigo o exemplo, empurrando facilmente metade dela na minha boca. Sorrimos um para o outro com nossas bocas cheias.

Pizza.

Saladas.

Diversão.

Sim! Estou me divertindo com o Dr. Hawkins. Não é um encontro embaraçoso, onde se finge diversão. Nem festa lotada, com muita zoeira.

Legitima. Fácil. Divertida.

“Eu sugiro sorvete se você não tiver que trabalhar pela manhã”, ele diz quando saímos do restaurante.

O ar fresco da noite captura minha respiração, ou talvez seja a mão dele nas minhas costas. O Dr. Hawkins possui um toque que não posso colocar em uma categoria específica. Isso gera ansiedade, confusão e talvez algo mais. O raspar no meu mamilo foi outra coisa.

“Sim. Se eu vou chutar sua bunda nos exercícios pela manhã, preciso dormir um pouco.”

“Bem, nesse caso, vamos tomar um sorvete, já que você não precisará de uma boa noite de sono porque não tem chance de chutar minha bunda nos exercícios pela manhã.”

Ele me acompanha até o meu carro e abre porta. “O jantar foi incrível.”

Para alguém que tem problemas para classificar emoções, sinto isso... a sensação de boa comida com uma companhia realmente boa.

Ele continua: “Não acredito que morei aqui a vida toda e nunca comi aqui. Quero dizer... eu passei por aqui centenas de vezes. Isso me faz pensar em quais outros tesouros escondidos em Portland provavelmente estou perdendo. Eu realmente preciso parar de ser uma criatura de hábitos. Sair mais e tentar coisas novas.”

“Se você pode fazer isso, provavelmente deveria.” Eu dou de ombros. “Eu não. Eu preciso dos meus hábitos, familiaridade, previsibilidade.”

“E competição amigável de exercícios.” Ele me lança um sorriso sexy.

“Sim.” Eu aceno, vestindo meu próprio sorriso quando começo a passar por ele para entrar no meu carro.

Ele descansa a mão no topo do meu carro para me parar. “Então... a pizza e a salada foram as melhores que já comi. Mas...” ele se inclina, reduzindo a distância entre nós para aproximadamente 30 cm “...a companhia também foi. Roman excluído.” Ele pisca.

“Ok.”

“Ok”, ele repete em um sussurro. “Está tudo bem?”

Eu me forço a segurar seu olhar, já que ele está tão perto do meu rosto. “Está tudo perfeitamente adequado.”

Suas gengivas firmes e rosadas e dentes bonitos roubam o show enquanto ele sorri.

Sim, fio dental total.

“Eu vou te dar um beijo de boa noite.”

“Eu imaginei. Eu usei o vestido para isso. E é por isso que eu comi aquela bala de menta depois do jantar e ofereci uma para você.” Esfrego os lábios. Eles ainda estão lubrificados com meu protetor labial pós-jantar.

Ele com certeza sorri muito para mim. Ele supera o riso habitual e os revirar de olhos. Quando nossas bocas se conectam, ele tem gosto de menta. Eu tenho gosto de menta. Menta-picante, não menta-ardida. Uma pitada de canela é boa, mas muita canela irrita minha língua. Tamales quentes no cinema deixam meu paladar frito por dias. Mas vale totalmente a pena.

Dr. Hawkins pressiona a mão no meu pescoço e a desliza para segurar minha mandíbula, levando o beijo para o próximo nível com um pouco de língua. Beijos franceses não são meus costumeiros. Saliva demais. Mas ele não está salivando como um cachorro ou sofrendo de um caso doloroso de boca seca, então o beijo é aceitável. Um momento tão dourado. Dr. Elijah Hawkins é meu ideal.

Quando o beijo termina, ele me deixa deslizar para o banco do motorista. Então ele se abaixa e me beija novamente. Um beijo mais faminto. Em vez de me perguntar quanto tempo o beijo vai durar ou planejar o que vou dizer quando o beijo terminar, eu seguro seu rosto e participo totalmente.

Eu me deixo deleitar com o fato de que o médico mais sexy do hospital está me beijando. Ele cheira bem. Tem um sabor ainda melhor. E me faz querer sexo, não é algo que eu quero regularmente. No entanto, é *tudo* em que consigo pensar agora.

Quebrando o beijo e respirando pesadamente, eu continuo segurando o rosto dele. “Eu aspirei as migalhas dos biscoitos de cachorro de Gemma do banco de trás.”

As sobrancelhas dele se juntam.

“E ela não solta pelo, então não teríamos pelos de cachorro em nós.”

“Você...” seu olhar se move sobre o meu ombro por alguns segundos. “Você está sugerindo irmos para o seu banco de trás?”

“Eu consegui o Q5 porque é mais espaçoso que o Q3. Não para fazer sexo, por Gemma. Mas já que o espaço *está* lá... bem.” Eu dou de ombros.”

Por favor diga sim. Estou morrendo um pouco aqui, amigo.

“Sexo? No banco de trás do seu carro? Agora? Nesse estacionamento?”

“As janelas são escurecidas.”

“Dorothy...” Ele ri, balançando a cabeça. “Sou médico no hospital infantil. Meu filho vai para a creche lá. Estamos a poucos quilômetros de distância. Pacientes... os pais deles, outros médicos ou administradores podem parar aqui para comer. Poderíamos ser presos por atos obscenos... indecência pública.”

“Ok.” Eu solto seu rosto, mas ele não se move. Portanto, somos apenas duas pessoas que não planejam fazer sexo no carro no banco traseiro, pairando muito perto um do outro. “Então...” eu puxo minha boca em um

sorriso de lábios fechados. “Obrigada pelo jantar. Diga oi para Roman por mim.”

Ele me dá um olhar... um emoji real, mas não consigo decifrar seu significado. Confusão?

CAPÍTULO 11



Insanidade Leve

Elijah

"Boa noite Dorothy." O que posso dizer? Minha Dorothy Mayhem eleva os acessos a um nível tão alto que não tenho certeza se meus pés sentem o chão embaixo deles.

A lição desta noite?

Espere o inesperado — se vire com a cara-de-pau que Deus lhe deu.

Desperdiçar a oportunidade de chupá-la, seguida de um raciocínio adulto incondicional por não fazer sexo com ela no banco traseiro do carro, me faz o homem mais responsável em Portland ou apenas um idiota comum?

Afasto minha parte superior do carro dela e dou um último sorriso e aceno devagar com a cabeça. "Dirija seguramente."

"Claro, Dr. Hawkins."

"Eli. Dorothy..." eu balanço minha cabeça. "Você não pode sugerir o que acabou de sugerir e depois me chamar de Dr. Hawkins."

"Bem, como você acabou de me lembrar, poderíamos ver pessoas do hospital e eu deveria manter as coisas profissionais."

"Touché. Boa noite." Fecho a porta dela. Quando ela prende o cinto de segurança e conecta o telefone na tomada, eu apenas fico aqui, como um perseguidor.

Adoro o meu trabalho, apesar de ver tantos jovens sofrerem e às vezes perderem suas batalhas contra o câncer. A luta para encontrar uma solução me mantém motivado. Eu amo ser o pai do Roman, mesmo que eu tenha que abrir mão dele a cada duas semanas. Adoro almoçar às sextas-feiras com

minha mãe. Jantares em família. Corridas matinais e caminhadas noturnas ao longo das trilhas densas da floresta.

Mas... algo está faltando. Durante um ano, pensei que fosse Julie.

Não é.

É Dorothy Mayhem e o banco traseiro do seu Audi Q5.

Deslizando os dedos pela lateral do seu carro limpo, paro na porta de trás, respiro fundo - o tipo que você toma antes de fazer algo levemente insano, mas totalmente emocionante - e a abro. Quando me sento no banco de trás e fecho a porta, Dorothy e seus grandes olhos azuis me observam com incerteza.

"Eu não tenho preservativos, mas posso atender ao seu pedido de antes do jantar."

Seus lábios se abrem e seus olhos se arregalam um pouco mais após várias piscadas. "Ok."

Brilhante.

Se ela tivesse dito qualquer coisa, mas não 'ok', eu ficaria decepcionado. Mas Dorothy Mayhem não decepciona... nunca.

E porque abrir e fechar duas portas seria fácil demais, ela solta o cinto de segurança e se arrasta pelo console central, caindo como se alguém jogasse um saco de braços e pernas no meu colo.

Ela se endireita no outro assento e pega debaixo do braço o zíper do vestido sem alças. "Eu tenho preservativo. Eu sempre coloco preservativo quando visto esse vestido. Então, nós podemos fazer as duas coisas. E não tenho sutiã, então isso não será um strip-tease. Vou rapidamente de vestida para nua. Você está bem com isso?"

Hum... sim. Isso é o céu. *Ela* é o paraíso. Aos trinta e oito anos é difícil imaginar algo velho parecer verdadeiramente novo novamente.

Errado.

Dorothy faz respirar parecer algo novo novamente. E algo me diz que ela está prestes a fazer o sexo parecer novo novamente. E eu não dou a mínima para o fato de estarmos apenas no nosso quarto encontro (o primeiro oficial).

Somo maiores de idade.

Julie tem peitos falsos e tatuagens.

Eu não faço sexo há muito tempo.

E se o mundo acabar sem que eu entre no banco traseiro do carro de Dorothy Mayhem, vou me arrepender na vida após a morte.

“Estou bem com isso.” Eu tento manter minha voz firme, mas antecipação e descrença completa abalam minhas palavras.

Zip.

Ela deixa o vestido cair até a cintura. Eu paro de respirar. Parte de mim se rende à distração da logística. Claro, o modelo do carro não é o menor, mas está longe de ser espaçoso no banco de trás.

Com um sorriso, ela se recosta e levanta a bunda do assento, passando o vestido pelos quadris e saindo dele antes de jogá-lo sobre o assento na frente dela.

Uau...

Aqui está ela sentada vestindo nada além de uma delicada calcinha branca. E ela não parece nem um pouco constrangida. Olhar nos meus olhos parece causar um desafio maior para ela do que tirar a roupa.

“Ainda bem que sou baixa, hein?”

Sim, ela é baixa, e meu pau está longo e muito, muito duro.

“Com calcinha ou sem? Você pode deslizá-las para o lado para acessar tudo”, os lábios dela se retorcem. “Mas eu não quero que elas fiquem realmente molhadas, então vamos tirá-la.”

Tem que ser um sonho. Não há como essa conversa estar ocorrendo. Ela faz sexo oral parecer clínico. Eu antecipo que ela me dará um tour rápido, apontando coisas específicas como o clitóris. Ainda assim... eu não posso piscar. E por qualquer razão inexplicável, é o momento mais erótico da minha vida.

Dorothy desamarra os sapatos e tira a calcinha. Ela a dobra e a coloca no console central. Estou na traseira do carro de Dorothy Mayhem e *ela está nua!*

“Você vai tirar a roupa para que possamos ir de um para o outro? Ou quer deixar a sua roupa enquanto você me chupa?” Ela corre para o canto mais distante do banco traseiro, que não é tão longe assim, e puxa uma perna

em direção ao peito, apoiando o pé no assento como alguém pode fazer enquanto se aconchega em um sofá. É só que... não estamos em um sofá. E sua nova posição a abre completamente para mim.

Tudo nela me paralisa. Somente meus olhos podem se mover e eles não podem decidir onde pousar. Ela é linda pra caralho.

“Dr. Hawkins...” O nariz dela franze, “eu não quero que você se sinta apressado ao ponto de não poder concluir, mas tenho que trabalhar pela manhã. Então...”

“Vamos voltar a beijar.” Eu me inclino e a beijo.

Ela segura meu rosto novamente e me beija de uma maneira que faz minhas mãos se tornarem um frenesi de necessidade.

Preciso explorar seu corpo nu, mas a pressão do tempo incomoda minha consciência, então seguro seu peito esquerdo enquanto minha outra mão toca sua buceta.

Ela geme na minha boca e eu quase gozo na minha maldita calça. Deslizo meu dedo médio dentro dela e massageio seu clitóris com o polegar. Mas Dorothy sabe exatamente o que quer... ela sabia disso antes do jantar. Suas mãos no meu rosto guiam minha cabeça por seu corpo, mas o meu torso longo não me permite chegar até onde ela me deseja. E ela está pressionada contra a porta. Talvez Dorothy precisasse usar um banco traseiro maior para acomodar sexo no carro com alguém com mais de um metro e oitenta de altura.

“Eu vou para o chão. Você se deita, e eu vou montar no seu rosto.”

Eu sorrio um pouco, apesar dos meus esforços para continuar falando sério. Afinal, tenho uma mulher nua me oferecendo sexo, todos os tipos diferentes de sexo. Mas não há espaço suficiente. E suas palavras são sensuais, mas ainda muito clínicas. É um manual de instruções em vez de algo primitivo e selvagem.

Meu carpe diem começa a desaparecer. Realmente, e se um dos meus colegas sentir vontade de comer pizza e andar de carro e, por acaso, olhar através do para-brisa para o banco de trás?

“Dorothy...” Deixo minha cabeça bater no encosto de cabeça, fechando os olhos e esfregando o rosto. Não é que eu não esteja pronto. A possibilidade do meu pau se desfazer pela tensão contra minha calça

continua sendo uma ameaça séria. “Eu pensei que poderia, mas se alguém passar pelo seu carro...”

Ela suspira e volta para o assento enquanto abraça as pernas contra o peito com o queixo apoiado no joelho. “Você provavelmente está certo. A última coisa que você precisa após o caos da Chefe Cadela deixar você, é um boato viral sobre você comendo Dorothy Mayhem — a transportadora de pacientes — na traseira de um carro estacionado do lado de fora de um restaurante.”

Mate-me agora. Comendo Dorothy Mayhem?

Minha mão fechada voa para a minha boca enquanto lágrimas enchem meus olhos. Eu não quero rir dela. Realmente, sinceramente, sinceramente, não quero rir dela. Mas eu faço. E não é uma risada leve; é o tipo de risada que me faz chorar, dificulta a respiração, faz os músculos da minha barriga doerem.

Para piorar as coisas, abro um olho depois de limpar minhas lágrimas, e ela está apenas... esperando lá. Nada demais. Ainda nua, como se sentar-se nua no carro, acontecesse o tempo todo. Seu nariz torce, mas ela não parece ofendida. Talvez um pouco divertida com a minha reação e igualmente confusa.

“Você sempre ri tanto que chora?”

“Não...” eu balanço minha cabeça e seguro minha barriga com uma mão enquanto a outra mão limpa meu rosto. “Eu não...” respiro forte para não rir mais. “Eu não tenho certeza se já ri tanto na minha vida. Obrigado.”

“Pelo quê?” Ela se inclina para frente e pega sua calcinha dobrada, veste-a lentamente com um pouco de letargia ou resignação em seus movimentos.

Recupero minha compostura, limpo os olhos uma última vez enquanto ela coloca o vestido e desliza os pés nos sapatos. “Por você.” Agarro sua cintura e a puxo para o meu colo, suas pernas montam as minhas pernas — não o meu rosto. “Você é a melhor pessoa do mundo.” Então eu a beijo, mantendo as mãos na cintura dela, em vez de rastejar pelo vestido, como quero fazer.

A noite terminou da maneira mais bizarra que se possa imaginar. Mas se transformou em algo tão inesquecível que me sinto renascido. Algum dia, vou olhar para trás e me lembrar dessa noite — a noite em que Dorothy

Mayhem entrou na minha existência de uma maneira que me mudaria para sempre.

Ela pode me trazer de volta à vida.

Ela pode me mostrar um mundo que eu nunca imaginei possível.

Ou... ela pode me destruir.

Se eu soubesse...

CAPÍTULO 12



Jogando Hooky

Dorothy

O incidente do carro requer mais de um diário, mas só tenho um diário vermelho! E tem que ser vermelho, já que eu usava meu vestido vermelho.

NÓS

NUNCA

VAMOS

FAZER

SEXO!

!!!!!!

Isso ocupa as seis primeiras páginas.

Sexo não é uma prioridade para mim.

MAS...

Eu não gosto de falhar.

Eu não gosto de decepcionar.

Como isso aconteceu?

??????????????????

Eu simplesmente não entendo!

Os livros.

Os filmes.

Os blogs.

Eu li.

TUDO!

18 páginas. E eu continuo escrevendo. Tantas emoções. Pensamentos. Coisas para resolver e resolver. Repito a noite inteira no papel, incluindo o diálogo, para poder reler minha entrada. Estudá-la. Descobrir uma maneira de repetir as coisas boas e evitar os desastres.

Toc. Toc.

"Sim?" Fecho meu diário com duas páginas em branco. Vou adicionar o *fim* mais tarde.

Mamãe abre a porta e mostra apenas a sua cabeça. "Você entrou sem dizer nada."

"Nada a dizer. E é tarde. Não imaginava que você ainda estaria acordada."

"Você teve um encontro hoje à noite. Tem que haver algo a dizer."

"O que você quer saber?" Rastejo na cama, sabendo que há uma boa chance de eu cair no sono durante o interrogatório dela.

Ela se senta no final da minha cama. "Você se divertiu?" Suas perguntas parecem genéricas, mas minhas respostas raramente são.

"Sim. Ele é tão fácil de conversar. Foi como conversar com você e papai. E ele comeu meu tipo de pizza *e* pediu uma grande."

"Isso é ótimo. Então pode haver outro encontro de verdade?"

Eu suspiro. "Eu não sei. Quero dizer... bem, é difícil dizer. Ele não funciona como a maioria dos homens que eu já namorei. Sempre consegui fazer a mesma coisa e obter os mesmos resultados. Não com o Dr. Hawkins. É como se ele jogasse com regras de um livro de regras diferente. Você entende? Mas eu realmente gosto dele, então gostaria de ver o livro de regras dele. Seria realmente estranho se eu perguntasse à Dra. Hathaway?"

Mamãe faz uma careta. "Estou inclinada a dizer que sim, mas você disse que faz muito tempo desde que ela o deixou. Então, suponho que depende do que você deseja perguntar a ela."

"Eu quero perguntar a ela sobre suas... preferências."

"Que tipo de preferências? Alimentos? Atividades? Esportes? Eu não estou te entendendo."

"Pare! Você simplesmente não entende. Sexo, mãe! Eu quero saber o que ele gosta." Eu jogo meu braço sobre o meu rosto, metade por frustração, metade por vergonha, porque no momento em que eu disse isso, a boca dela ficou aberta. Por que ela tem que reagir como se eu fosse uma garotinha?

"Eu apenas..." Ela gagueja.

"Apenas vá." Viro de bruços e enterro o rosto no travesseiro.

"Dorothy, eu não estou brava. Só não estava esperando que você dissesse *isso*."

"Oh... uau." Levanto minha cabeça para falar, mas mantenho o olhar na cabeceira da cama. "Obrigada por não ficar brava por sua filha de *trinta anos* ser sexualmente ativa."

Sou? Fui? Posso dizer que sou sexualmente ativa se não houver sexo envolvido?

Verdade. Estou ativamente procurando sexo com o Dr. Hawkins. Isso conta. Certo?

Eu quase perdi minha virgindade aos 23 anos para um homem que também era virgem. Ele pensou que estava dentro de mim. Eu pensei que ele estava na região. Seu pau deslizou na minha vulva vigorosamente, e eu fiquei esperando que ele desse uma volta acentuada no primeiro buraco. Isso não aconteceu.

Quando acabou, ele perguntou se foi bom para mim. Eu disse sim. E não era mentira. Esse tipo de sexo *quase-mas-não-real* envolvia constante estimulação do clitóris. Eu gozei. Duas vezes na verdade. No entanto, a mentira parcial consumiu minha consciência por uma semana, então eu mandei uma mensagem para ele:

Eu: *Oi. Você não encontrou o orifício. Apenas para sua informação para referência futura. Eu ainda gostei. Boa sorte nas suas finais! À propósito, o food truck do Charlie tem doce de manteiga de amendoim.* 😉

"Dorothy, eu não estou brava. Apenas surpresa. Você me disse no mês passado que o sexo era superestimado, bagunçado e mentalmente exaustivo.

Agora você está pensando em perguntar à ex-mulher de um homem sobre suas preferências sexuais. Então, respire, menina. Estou apenas surpresa, mas também feliz por você. O fato de você querer intimidade com ele é bom. Certo?"

Eu me viro novamente para olhar para ela. "Sexo não é intimidade. Eu apenas gosto de sair com ele. Ele me entende... eu acho. Nós gostamos das mesmas comidas. Nós trabalhamos juntos. Nós dois gostamos de nos exercitar. Quero dizer... seguimos os ciclos e desempenhos um do outro agora. Eu amo isso. É a maior motivação. E ele é competitivo também. Mas o sexo está apenas atrapalhando. Eu sei que ele quer. Só não sei *como* ele quer. E sim, na maioria das vezes, acho que não quero sexo, porque geralmente é superestimado, bagunçado e cansativo. Mas quando o Dr. Hawkins me beija, sinto que a exaustão bagunçada pode valer a pena."

Mamãe faz uma careta novamente. "Não sei o que dizer. Talvez você possa perguntar a ele. É o que dizem todos os especialistas. Certo? Quero dizer, seu pai e eu não..."

"LALALALA..." fecho meus olhos e tampo meus ouvidos. "Eu não quero ouvir isso!"

Abro os olhos quando ela beija minha testa. "Entendido. Verdade seja dita, também não gosto de falar de sexo com seu pai. Você vai descobrir as coisas com o Dr. Hawkins. Insistir sobre o sexo neste momento pode não ser a melhor coisa para um relacionamento nos estágios iniciais." Ela pisca e sai do meu quarto.

Depois de tentar dormir e falhar por horas, envio uma mensagem para o Dr. Hawkins.

Eu: ***Eu deveria ter comprado o Q7, hein?***

Não é que eu espere que ele responda, afinal, é depois de 01h manhã. Eu só preciso encontrar uma maneira de descobrir a coisa do sexo. E não porque eu quero isso o tempo todo. Eu simplesmente quero ser boa nisto aos olhos dele.

Dr. Hawkins: ***Oi.***

Eu pulo quando ele responde tão rapidamente.

Eu: ***Ops. Achei que você estava dormindo.***

Dr. Hawkins: ***Eu não acho que você precise de um Q7. Eu acho que você precisa avisar que está se sentindo mal amanhã e vir almoçar na casa dos meus pais.***

"O quê?" Eu murmuro, lendo o texto dele.

Eu: ***Só estou com problemas para dormir. Não estou doente.***

Dr. Hawkins: ***Bom. Eu odiaria que você deixasse meus pais doentes no brunch amanhã.***

Não estou cansada o suficiente para dormir, mas estou cansada demais para escrever no meu diário. E aqui está ele, me mandando uma mensagem para eu ir comer com seus pais.

Comida.

Comida desconhecida.

Comida feita por outras pessoas.

Comida não em um dos meus restaurantes regulares.

Eu: ***Você quer que eu minta?***

Dr. Hawkins: ***Quero que conheça meus pais amanhã.***

Eu: ***Eu nunca liguei avisando que estava doente.***

Dr. Hawkins: ***Faça isso por mim.***

Eu: ***Eu não sou boa em mentir.***

Dr. Hawkins: ***Finja que você está doente e não vai parecer mentira. Foi o que você fez anteriormente quando tentou cancelar nosso encontro. Escreverei um atestado.***

Eu: ***Realmente. Eu sou uma péssima mentirosa.***

Dr. Hawkins: ***Envie uma mensagem para o seu chefe, para não ter que dizer a mentira em voz alta. Será mais fácil.***

Eu: ***Você mente sobre estar doente?***

Dr. Hawkins: ***Não, eu sou médico. Eu tenho que trabalhar até no meu leito de morte.***

Eu: ***Eu sou uma transportadora de pacientes. Se eu não aparecer, quem transportará os SEUS pacientes?***

Dr. Hawkins: ***Por favor.*** 🙏

Eu: 😳

Dr. Hawkins: ***Garantirei que tudo seja vegetariano. Vou até pedir uma pizza ou uma dúzia de tacos do seu restaurante favorito para que você não precise comer a comida da minha mãe. O que seria uma pena, porque ela é uma excelente cozinheira.*** 🙏🙏🙏

Dr. Hawkins é um homem emoji. Isso o torna exponencialmente mais atraente para mim. Ainda assim... eu não sou uma boa mentirosa. Mas como será domingo, talvez ter quatro dias na faculdade antes de ver meus colegas de trabalho tornará mais fácil lidar com a culpa e não espalhar minhas confissões no segundo em que alguém no trabalho me perguntar se estou me sentindo melhor.

Eu: ***Envie-me o endereço e a hora. Romeu estará lá?***

Dr. Hawkins: ***Enviando agora... e sim, Julie o levará.***

O próximo texto é o endereço dos pais dele e a hora: 11h.

Levará. Isso significa que a Dra. Hathaway estará lá. Certo? Pelo menos o tempo suficiente para deixá-lo sair do carro. Ou ela o levará até a porta? Entrará? Me encontrará?

Oi. Eu sou Dorothy. Seu ex-marido exige algo fora do comum para fazer sexo? Tentei um vestido sexy, tirar a roupa para ele, ofereci sexo oral e vaginal. Não sei onde errei. Você se importaria de me dar algumas dicas? Oh... e eu acho você brilhante. Eu quero ser você quando crescer. Eu? Sim, tenho trinta anos, mas no mundo Aspie são uns vinte*... quase uma adulta.*

Eu a imagino se sentindo lisonjeada com meus elogios, sugerindo que sejamos amigas que compartilham o conhecimento de seus estudos científicos favoritos e dicas sobre homens agradáveis. Minha lista de amigos é muito curta. Acomodar a Dra. Hathaway parece possível.

Dr. Hawkins: ***Você adormeceu?***

Seu texto me tira do meu faz-de-conta.

Eu: ***Não. Vou tentar novamente agora. Vejo-o amanhã.***

Dr. Hawkins: ***Boa noite, Dorothy. Mal posso esperar para vê-la novamente.***

“Eu não me importo de ser eu. Ninguém mais pode fazer melhor.”

–Dorothy Mayhem

CAPÍTULO 13



Fritada Empanada

Dormir não deu muito certo, então passei a maior parte da minha manhã de domingo com mensagens de texto para minha chefe — mentindo para ela. Então peguei minha bicicleta e dirigi até a trilha. Duas horas depois, volto ao meu carro e verifico o aplicativo de atividades no meu relógio, com a intenção de mandar uma mensagem ao Dr. Hawkins para me gabar por ter começado a cumprir minhas metas de atividade e exercício.

"Que diabos?" Quando olho para o relógio, há notificações de que Eli já completou uma corrida de 13 quilômetros e um treino de levantamento de peso — excedendo todos os seus objetivos diários.

Antes que eu possa pensar em uma reação, meu relógio apita com uma mensagem dele.

Dr. Hawkins: ***Muito bom! Mantenha o trabalho duro.***

Essa é a resposta dele à notificação que ele recebeu sobre o treino que acabei de concluir.

"Oh, eu manterei." Expiro bem devagar e prendo minha bicicleta no seu suporte. No caminho para casa, paro na academia para garantir que eu exceda seu treino de levantamento de peso. Então, corro para casa para tomar um banho, já que o trajeto até a casa dos pais dele é de quarenta e cinco minutos e não quero me atrasar.

"Ei, o que você..."

Levanto minha mão para minha mãe enquanto ela serve café para ela e meu pai. "Não há tempo para conversar. Tenho que tomar banho."

"Por que você não está no trabalho?"

"Vou explicar mais tarde." Eu entro no chuveiro, tentando o meu melhor para fazer várias coisas — ensaboar e depilar enquanto planejo a roupa apropriada. Descido por uma saia cor de berinjela escura e uma blusa rosa claro com botões e sapatilha que combina, eu arrumo meu cabelo e aplico o protetor labial enquanto saio da garagem.

O tráfego não está muito ruim no final da manhã de domingo. Coisas que eu não saberia por que sempre estive no trabalho neste horário. A culpa de não estar no trabalho continua a me consumir, mas a ideia de passar um tempo com o Dr. Hawkins e Romeu entorpece a agitação que luta contra meu nervosismo. Dirijo-me para a entrada de veículos deles às 10h30. O Tesla azul não está em lugar nenhum, então eu espero.

Um SUV Lexus vermelho aparece atrás de mim dez minutos depois. Eu conheço o carro e a mulher que sai — Dra. Hathaway. Ela tira Roman do assento de carro e caminha ao lado do meu carro, dando-me um sorriso educado. Eu sorrio de volta e lentamente abro a porta. Se eu ficar aqui dentro, ela pode contar aos pais dele. Então eu serei a mulher estranha sentada na entrada deles. Não há como contestar minha personalidade um pouco estranha, mas tento evitar conscientemente exibi-la para todo o mundo.

Então, em vez de ser a estranha esquisita sentada no meu carro, eu me transformo na estranha esquisita que anda cinco passos atrás da Dra. Hathaway e Roman enquanto eles caminham até a porta da frente.

"Dorfee!" Ele sorri, olhando para mim.

A Dra. Hathaway também olha para trás.

"Dorfee, por que você está aqui?"

"Estou aqui para comer o brunch com você, Romeu."

"Oi." Dra. Hathaway sorri. "Eu sou Julie. Quando você conheceu Roman?"

"Dorfee é uma super-heroína!" Ele puxa a mão de Julie, pulando de emoção.

"Shh..." Seguro um dedo nos meus lábios e pisco para ele. "Isso é segredo. Lembra?"

O sorriso de Julie se transforma em algo um pouco desconfortável. Claramente eu não pareço familiar para ela. E compartilho segredos com o filho dela. Nada de assustador nisso.

"Dorothy Mayhem. Na verdade, sou uma transportadora de pacientes no seu hospital... e uma estudante de enfermagem." Eu paro. Alguém precisa me enviar um emoji high-five por ter esse autocontrole. Eu quero — *realmente* quero — falar sobre seu trabalho e estudos. As milhões de coisas que ela faz para ajudar as crianças.

"Oh, então eu provavelmente já te vi lá." A linha ao longo da sua testa diminui um pouco.

"Você viu."

Ela assente devagar, me inspecionando — a mulher que chama seu filho de Romeu e terá um brunch com seus ex-sogros. "Desculpe, eu não te reconheci. Vejo tantos rostos."

"Você não precisa se desculpar."

"Então... como é que você conhece Roman? Espere..." Ela estreita os olhos. "Dorothy, a super-heroína. Visão raio-x. Roman mencionou você. Ele disse que você comeu espaguete com ele e usou um babador. Eu pensei que você era um amigo imaginário."

"Oh! Não, eu sou real."

"Então você é amiga de Eli?"

"Vovó!" Roman corre para dentro da casa quando a porta se abre.

Sua avó o abraça enquanto seu olhar faz um pingue-pongue entre mim e Julie. "Oi. Julie. E você deve ser Dorothy."

"Oi. Sim. Prazer em conhecê-la." Passo por Julie e estendo minha mão, não que apertos de mão sejam minha coisa, mas quero me misturar no brunch. Quero que os pais dele gostem de mim.

"Eu sou Lori. É um prazer conhecê-la também, Dorothy."

"Tchau, Roman. Eu te amo..." Julie diz, mas ele já está correndo para dentro de casa. "Ok. Então, prazer em te ver, Lori. E prazer em conhecê-la oficialmente, Dorothy."

Eu me sinto mal por Julie. Ela parece nervosa. Nem um pouco como a minha chefe ídolo.

"Você também. Vejo você no hospital."

Ela assente, então coloca o óculos de sol enquanto caminha de volta para o veículo, vestida com jeans justo, um suéter cinza e botas pretas. Seu longo cabelo ruivo está solto e ondula em volta dos ombros, em vez de um rabo de cavalo ou coque bagunçado, como acontece no trabalho. Pelo menos ela está parecida com o que eu imaginei que a Chefe Cadela seria fora do hospital — casual, mas ainda muito elegante.

"Entre, Dorothy. Você recebeu a mensagem de Eli? Ele teve uma emergência. Ele chegará aqui o mais rápido que puder. Não sabíamos se você apareceria ou não. Ele disse que daria a você a opção de vir em outro domingo. Mas estou tão feliz que você decidiu vir hoje."

Olho para o meu relógio. Sim. Há uma mensagem dele. Como eu perdi isso?

Dr. Hawkins: ***Oi. Fui chamado para uma emergência. Espero ainda estar no brunch. Você é bem-vinda para ir lá e passar um tempo com Roman e meus pais, mas presumo que você escolherá um dia diferente quando eu não estiver atrasado. Ligo mais tarde! Ou posso vê-la no hospital se você decidir ir para lá agora.***

Apenas... ótimo. Eu sorrio. "Não vi a mensagem dele. Vou remarcar para outro domingo." Eu me viro, dando passos em direção ao meu carro.

Meu Deus! Eu não precisava estar aqui! Por que estou aqui?

"Espere? Não! Você deve ficar, Dorothy. Eu absolutamente adoraria que você ficasse. Minhas filhas não conseguiram vir hoje, então somos apenas Roman, Kent e eu... e, claro, Eli quando ele aparecer."

Eu não quero ficar

Não.

De jeito nenhum.

Cinco anos antes, eu teria continuado balançando a cabeça, entrado no carro e deslizado para fora da entrada de carros. Mas eu não ajo mais por impulso total o tempo todo. Eu pratiquei ao observar neurotípicos, imaginando o que eles fariam na minha situação e reagindo de acordo.

"Obrigada pela oferta gentil." Viro-me, dando um sorriso. "Mas sou vegetariana. Eu odiaria que você tivesse que lidar com minhas restrições alimentares. Tenha um ótimo dia."

Ter um bom dia é o mesmo que tudo estar bem, como na vez em que contei a Kelsey, uma das técnicas de raios-x, que seu desodorizante havia vencido e ela estava exalando um odor ofensivo. No início ela ofegou, o que me levou a acreditar que eu tinha falado incorretamente, mas depois segui com um 'tenha um bom dia', e ela assentiu lentamente enquanto enrolava os braços contra o peito. Aspies podem não ser os melhores amigos, mas somos os mais honestos.

"Eli me disse. Tudo o que fiz hoje para o brunch é vegetariano e com muito queijo. Ele disse que você gosta de queijo."

Ele falou, não é?

Ela tem a melhor mão de cartas hoje, então respiro fundo e volto em direção à casa. Não há nada que eu ame mais do que passar tempo com estranhos, comer comida que eles fazem e provavelmente não vou gostar, e conversar um pouco — a coisa mais difícil do mundo para eu fazer.

Lori me leva para a cozinha dela. É grande e limpa. Toneladas de comida enchem uma mesa de buffet atrás de uma grande mesa da sala de jantar decorada com um buquê de flores frescas, pratos e talheres de verdade e guardanapos de pano. Parece um bom restaurante. Até as bandejas de comida são adornadas com brotos de ervas e frutas frescas.

"Uau, esse é o brunch? Sinceramente, imaginei café, bagels, bacon e talvez alguns donuts."

"Parece o café da manhã em um hotel." Ela ri. "Eu sou fã de uma boa apresentação."

Eu também.

Só que tenho que trabalhar muito duro e raramente consigo cem por cento.

"Kent?" Ela chama pela porta dos fundos. "Vamos comer. Traga Roman."

"O que posso pegar para você beber, Dorothy? Você gosta de mimosas?"

"Sim. Mas estou dirigindo, então vou passar."

"Você pode apenas tomar suco de laranja. Foi recém espremido."

Recém espremido, como se ela tivesse apalpado as laranjas e as espremeu... talvez com as mãos. “Eu tenho minha garrafa de água na minha bolsa.” Tiro a garrafa da minha bolsa.

“Tem certeza?”

Eu concordo.

“Por favor, pegue um prato e sirva-se.”

A primeira a cruzar a linha. Eu posso fazer isso. sim... ela provavelmente tocou tudo nessas travessas, mas escolho acreditar que ela usou luvas. E ser a primeira a cruzar a linha significa que ninguém mais teve a chance de tocar a comida primeiro ou espirrar nela. Pego um prato e talheres. Talheres de verdade, não do tipo de plástico que tem gosto de plástico. *Que nojo!*

“Dorfee!” Roman entra correndo com uma versão alta e mais antiga do Dr. Hawkins atrás dele — com um pouco mais de rugas, cabelos grisalhos misturados com loiros escuros e uma entrada do cabelo mais pronunciada. Ele está vestindo jeans e um agasalho Trailblazer.

“Dorothy, este é meu marido Kent. Kent, essa é a amiga de Eli, Dorothy.”

“Vovô, Dorfee é uma super-heroína.” Roman pega um prato atrás de mim. Kent rapidamente o pega dele.

“Prazer em conhecê-la, Dorothy.” Dr. Hawkins tem o sorriso do seu pai.

Eu retorno um sorriso genuíno. Não é horrível aqui — ainda. Só nós quatro. Posso fazer isso. Com algumas respirações profundas... eu posso lidar com o brunch com estranhos.

“Mostre-me o que você quer, Roman”, Kent adiciona comida ao prato de Roman depois que Roman cutuca as coisas que ele quer com o dedo.

Fico me lembrando de que sou a primeira da fila e, claramente, não haverá uma segunda viagem para mim, mesmo que eu goste da comida. Não é que eu não goste do Romeu, mas sei muito bem que as chances dele ter passado a maior parte do caminho até a casa deles com o mesmo dedo enfiado no nariz são muito grandes.

"Pare de tocar em tudo, bobo." Lori revira os olhos para Roman. "Temos companhia, e não acho que sua amiga, Dorothy quer que seus dedinhos toquem toda a comida."

Uma pequena quantidade de bile sobe pela minha garganta. Eu só quero ignorar os dedos dele e ficar um passo à frente deles sem imaginar comer comida contaminada pela criança.

"Está um pouco frio, mas temos os aquecedores na varanda, para que você possa sair por aquela porta." Kent acena com a cabeça para a porta pela qual ele e Roman passaram mais cedo.

"Ok." Saio pela porta e me sento em uma das confortáveis cadeiras ao ar livre. Depois de colocar o prato no meu colo, envio uma mensagem para o Dr. Hawkins.

Eu: ***Não recebi sua mensagem a tempo. Estou na casa dos seus pais. Espero que você chegue em breve. Não mate um paciente para chegar aqui, mas por favor, se apresse.*** 😅

"Vou sentar ao lado da Dorfee!" Roman se arrasta para a cadeira ao meu lado.

"Talvez você deva se sentar à sua mesa. Pode ser mais fácil para você comer, amigo." Kent coloca o prato de Roman na mesinha no canto da varanda.

"Não! Ouve, vovô, ouve! Eu me sento ao lado de Dorfee!"

"Vou sentar ao seu lado, Romeu." Pego minhas coisas e vou para a mesa da criança, torcendo meus lábios para a pequena cadeira vermelha por alguns segundos. Certamente isso vai me segurar. Aliviada por isso, eu sorrio. "Você vem?" Pergunto-lhe.

Romeu pula da cadeira grande e corre até a mesa, sentando-se ao meu lado na cadeira azul.

"Você realmente não precisa." Kent sorri.

"Eu prefiro a mesa das crianças." Dou de ombros. É cem por cento verdade.

Lori sai para a varanda, soltando uma risadinha quando me vê sentada ao lado de Roman. "Seu pai vai ficar com ciúmes de você, Roman. Você está roubando a amiga dele."

Roman brinca com sua comida, ignorando sua avó.

“Que é isso?” Roman coloca o dedo em uma das minúsculas pilhas de comida no meu prato.

Eu congelo, tentando parecer legal. “Hum... eu não tenho certeza.”

“Roman Alexander... mantenha seus dedos fora da comida de Dorothy!” Lori o repreende. “É fritada. Você quer um pouco?”

Ele tira o dedo do meu pequeno quadrado de fritada, enfia na boca e assente.

Lori começa a se levantar.

“Aqui. Ele pode apenas experimentar algumas das minhas. Eu levanto meu prato e o seguro ao lado dele enquanto coloco *todas* em seu prato.

“Você não precisa dar a ele tudo isso.” Kent franze a testa para o neto.

Presumo que Lori irá correr para pegar mais para mim, o que não quero. Não. Ela apenas sorri para mim como se eu tivesse feito algo certo, e ela não vai jogar de remediadora com a comida. Ela sabe que eu preciso dar *tudo a* ele depois que ele enfiou o dedo na fritada? Talvez. Ela é uma médica de conversa. Ela provavelmente conhece o meu tipo. Mas não anuncio meu status Aspie e nem lhes mostro minha pulseira de identificação médica, que eu *não* estou usando, para minha condição neurodivergente.

Eu já fodi meu exercício de atuar como neurotípica hoje? Hmm... o que deu a dica? Provavelmente a garrafa de água. Eu deveria ter bebido a mimosa e pedido que meus pais viessem me levar para casa. Isso é o que a maioria das pessoas faria, certo?

“Quanto tempo de faculdade falta para você, Dorothy?” Lori pergunta.

“Em enfermagem?”

Ela assente. “Sim. Você está se formando em outra coisa também?”

“Ainda não.” Dou de ombros. “Sou bacharel em ciências. E eu sou Assistente de Enfermagem e paramédica. Espero que essa coisa de enfermagem dê certo. Eu gostaria de trabalhar na área de plástica com a Dra. Hathaway. Ela é tão brilhante.”

Lori continua comendo, não me dando feedback visual — que eu entendo de qualquer maneira. Talvez ela não perceba o quão brilhante sua ex-nora é.

"Eli também é um médico brilhante", Kent diz, primeiro olhando para Lori antes de sorrir para mim.

"Sim. Ele é. Mas a oncologia é bastante desgastante. Não é nada como Ok versus melhor — cicatrizes desfigurantes versus nenhuma cicatriz desfigurante. É sempre vida versus morte. É assistir os pais buscarem falsas esperanças. Quero dizer... quando o tratamento funciona, é fenomenal, mas quando não funciona, torna-se o pior trabalho do mundo. 'Quanto tempo meu filho tem?' Realmente? Poderia haver uma pergunta pior a ser respondida?"

"É muito difícil para Eli, mas ele é o melhor nisso. Ele sempre foi nosso filho mais compassivo, o que é interessante, pois ele é nosso único filho. E eu amo que você tenha tanto respeito por Julie. Ela *é* incrivelmente talentosa. Você não poderia ter um modelo profissional melhor." Lori bebe sua mimosa.

Profissional. Lori enfatizou essa palavra. Pelo menos foi o que me pareceu. É possível que eles não pensem bem de Julie depois que ela deixou o filho deles. Quando ouvi a notícia da separação, escrevi no diário porque todo mundo não parava de falar sobre isso. Então, eu trabalhei na minha mente e coloquei no papel. Foi quando eu percebi que eles eram muito parecidos. Sem alfa ou beta. Nenhum professor e aluno. Seria difícil para mim.

Somente a estatura física do Dr. Hawkins lhe dá um ar de domínio, sem falar em suas realizações profissionais. Mas a Chefe Cadela nunca poderia ser uma estudante... uma beta... ou submissa. De jeito nenhum.

Desde que ela reconheceu a grandiosidade da Dra. Hathaway e como possui seu próprio diploma médico, acho que seria apropriado listar algumas das coisas que mais admiro na Chefe Cadela. Parece a conversa perfeita e muito melhor do que conversa fiada.

"Na verdade, ouvi a Dra. Hathaway falar anos atrás sob..."

CAPÍTULO 14



Estilo cachorrinho

Elijah

Com duas horas de atraso eu chego à casa dos meus pais. O carro de Dorothy ainda está estacionado na garagem. Isso me faz feliz. Eu quero vê-la. Quero vê-la em torno da minha família.

"Ei." Sorrio para minha mãe quando entro na cozinha. Ela para de olhar o telefone.

"Oi. As sobras estão na geladeira. Está tudo bem?"

"Sim, tudo bem agora. Todo mundo está lá atrás?"

"Uh huh..." Ela coloca o telefone no balcão. "Desculpa. Estou de plantão neste fim de semana. E é claro que tem sido uma loucura. Sim... seu pai está lá atrás com Roman e Dorothy."

"Tudo está indo bem?"

Ela ri. "Foi bem. Muito bem. Nós gostamos dela. Ela adora Roman, mesmo que ele tenha enfiado os dedos na comida dela. E ela se sentou na mesinha com ele."

Claro que sim. Dorothy é incrível assim.

"E... Dorothy acha que Julie anda sobre a água."

Eu sorrio. "Bem, não sei se diria que ela acha que Julie anda sobre a água."

"Não." Mamãe balança a cabeça. "Eu definitivamente digo que ela pensa que Julie anda sobre a água. Dorothy sabe mais sobre Julie — profissionalmente — do que você e eu juntos. Mas..." Ela levanta um dedo. "No começo, ela me pegou de surpresa, e eu não tinha certeza de como tudo

isso aconteceria. Mas agora acho que é uma coisa boa. Se você e Dorothy ficarem sérios, acho que o respeito dela por Julie será positivo para todos os envolvidos. Dorothy pode ser a cola que manterá todos unidos com respeito."

Não consigo descobrir como fazer sexo corretamente com Dorothy. Um relacionamento sério parece um caminho adiante. E ela trabalha três turnos longos por semana e vai para a faculdade. A última coisa que Dorothy precisa é ser a cola de alguém.

"Não vamos nos antecipar. Eu só queria que você a conhecesse, porque ela conheceu Roman. E eu, no momento, aprecio a companhia dela." Pego a comida da geladeira, especificamente o prato que minha mãe fez e guardou para mim.

"Ok. Eu tenho que pedir uma receita. Já vou sair."

Concordo com a cabeça, então pego um copo de suco de laranja antes de sair pela porta de tela para a varanda, onde meu pai está sentado com um sorriso satisfeito enquanto observa Dorothy e Roman jogando bola com Elmo.

"Eu gosto dela, Eli."

Meu sorriso idiota se alarga. Como alguém pode não gostar de Dorothy Mayhem? "Sim, eu também. Como você está?" Sento-me ao lado dele, em vez de interromper a brincadeira no quintal.

"Nada mal. Sua mãe está me incomodando para tirar uma folga para umas férias. Ela quer ir para a Costa Rica depois do Natal."

"Bem, então leve mamãe para a Costa Rica."

"Odeio viajar."

Eu sorrio. "Você odeia qualquer coisa que o afaste da sua oficina. Estou surpreso que você esteja sentado aqui agora."

"Você sabe que ela ameaçou fazer algo muito brutal com minhas bolas se eu não ficasse... quais foram as palavras? Ah, sim, tenho que estar *totalmente envolvido* durante o brunch com sua amiga."

"Dorothy dará um passe se você quiser trocar de roupa e colocar uma chave inglesa nas mãos. Tenho certeza de que ela não ficou emocionada por conhecer você e mamãe sozinha."

"Você não saberia. Ela é bastante faladora quando começamos a falar sobre algo que ela ama... como sua ex-esposa."

Um grunhido passa pela colher de fritada na minha boca. Limpo-me com um guardanapo. “Dorothy estava aqui quando Julie deixou Roman?”

Ele encolhe os ombros. “Sei lá.”

“Sim”, mamãe responde enquanto ela empurra a porta de tela. “Elas chegaram ao mesmo tempo. Eu percebi que havia uma conversa acontecendo na varanda antes de abrir a porta. Tudo simpático e amigável. Julie parecia um pouco surpresa por Dorothy estar aqui, mas não necessariamente com raiva. Somente surpreendida.”

Gostaria de saber se vou receber uma ligação ou mensagem de Julie. Elas devem ter discutido sobre convidar Dorothy para almoçar. “Bem, pena que não é da conta dela.”

“Agora, Eli, Roman também é filho dela. Ela deveria estar preocupada em saber quais pessoas você traz para a vida dele, se são boas para ele, e você deve ter as mesmas preocupações com as pessoas que Julie namora.”

“Eu não acho que ela namora. Ouvi dizer que ela só tem conexões aleatórias quando estou com o Roman. Julie! Nunca é tarde para ser uma vagabunda.”

“Elijah Alexander Hawkins!” Mamãe sussurra.

“Exagerei?” Eu sorrio antes de tomar um gole do meu suco.

“Sim. Exagerou demais. Ela é a mãe do seu filho.” Mamãe faz uma careta. Às sextas-feiras, em seu escritório durante o almoço, ela adota um tom um pouco mais profissional comigo. Mas na casa dela, ela não é a Dra. Lori Hawkins, é apenas a mãe. Brutalmente honesta e tão opinativa quanto qualquer outra mãe é sobre o comportamento de seus filhos.

“Oh... mulher caída!” Papai se encolhe.

Eu mudo minha atenção para o quintal.

“Dorfee! Você está bem?”

Coloco o meu prato no pufe e corro para a área paisagística de arbustos e pedras do rio, onde Dorothy está caída de bunda, gemendo enquanto puxa os joelhos raspados contra o peito.

“Papai! Dorfee está sangrando! Ligue para 9-1-1!” Roman agacha ao lado dela.

"Roman..." Eu pego sua mão no momento em que seu dedo mindinho gordinho alcança o sangue no joelho dela. "Não toque no dodói dela. Isso a machucará. Ok?"

"Está tudo bem." Ela começa a se levantar.

Agarro seu braço, ajudando-a a se levantar. "Nós vamos limpar isso. O que aconteceu?"

"Elmo me atropelou. Não é culpa dele. Eu estava olhando para Romeu atrás de mim me perseguindo.

"Bem, eu conheço um bom médico." Ajudo-a a voltar para a casa.

"A Dra. Hathaway já foi embora."

"Não é engraçado, Mayhem." Reviro meus olhos.

Ela ri. "Eu não sabia se você entenderia a piada. Bem... não é totalmente uma piada."

"Você está bem, Dorothy?" Mamãe pergunta assim que pisamos na varanda.

"Sim. Bem. Sou desajeitada por natureza."

"O kit de primeiros socorros está lá em cima, embaixo do lavatório, Eli."

"Obrigado, mãe."

"Estou bem. Realmente. Podemos apenas limpá-lo com um papel toalha.

"Ou podemos lavá-lo adequadamente e colocar um pouco de pomada antibiótica e um curativo nele"

Dorothy revira os olhos. "Certo. Ou isto. É muito gentil da sua parte, Dr. Hawkins."

"Eli. E me desculpe. Realmente."

"Está bem. Gosto de Roman... e até de Elmo, apesar dos acontecimentos recentes."

"Dos meus pais não?" Olho para ela quando chegamos ao topo da escada.

"Eles também, mas claramente eram apenas Roman e Elmo que queriam brincar de pega-pega no quintal. Não é uma atividade no meu relógio, então eu entrei em corrida ao ar livre. Você notou que estou chutando sua bunda agora?"

"O dia não acabou." Dou um tapa brincalhão na bunda dela enquanto a conduzo para o quarto de hóspedes. "Sente-se no banco. Vou pegar o kit."

Dorothy me dá um olhar de olhos arregalados por cima do ombro. "Está ficando um pouco sexual para um brunch em família, Dr. Hawkins." Ela esfrega sua bunda onde eu levemente bati nela.

"Isso não foi sexual. Foi divertido." Pego o kit de primeiros socorros e uma toalha de mão.

"Você bateria em sua mãe assim?" Ela se senta no banco, cruzando os braços sobre o peito.

"Realmente? Você casualmente se despiu para mim ontem à noite no banco de trás do seu carro, mas um tapinha brincalhão na sua bunda faz o que... te ofende?" Eu me ajoelho na frente dela.

"Eu estava vestida para fazer sexo ontem à noite. Minha mente estava focada no sexo."

E... lá vai meu pau, fazendo suas próprias coisas.

"Mas hoje, estou vestida para um brunch com sua família. Então, eu não estou esperando um avanço sexual. Isso é tudo."

Sorrindo, balanço a cabeça e limpo seus joelhos. "Eu amo suas regras. Mesmo que eu não as tenha dominado ainda. Eu ainda amo que você as tenha."

"Você gosta de quebrá-las." Ela esfrega os lábios quando olho para ela. Eles têm brilho, como se ela tivesse aplicado recentemente seu protetor labial. Eles parecem beijáveis. Eu aplico dois Band-aid e separo suas pernas apenas o suficiente para encaixar meu corpo entre elas, colocando minhas mãos na zona segura logo acima de sua bunda.

"Isso parece inapropriado." Suas palavras teriam mais peso se ela não estivesse olhando nos meus lábios. "Seus pais e Roman podem se esgueirar aqui e se perguntar o que está acontecendo."

"Algo está acontecendo?" Eu beijo seu pescoço.

Ela respira fundo. “Você tem que parar de me provocar. Não consigo descobrir o que é um encontro de brincadeira e o que é um encontro sexual, não que tenhamos feito sexo, porque não consigo descobrir como fazê-lo ter sexo comigo. E isso é muito frustrante. Mas mesmo assim... você deve se comportar. Parece a coisa certa a fazer. Talvez eu não seja o melhor juiz disso o tempo todo, mas isto é bastante óbvio.”

“Espere”, eu me afasto, inclinando minha cabeça para o lado. “Você não consegue descobrir como *me fazer ter sexo com você*?”

“Duh...” ela encolhe os ombros. “Se ficar completamente nua para você e trazer meus próprios preservativos não funcionou, não tenho certeza de que algo funcione. Então, eu só preciso saber, faremos sexo? Ou você está apenas procurando companhia — uma mão para segurar, alguns beijos roubados... uma bunda para dar tapinhas? Eu estou bem com o que quiser. É que eu não gosto de não saber. Eu *preciso* saber. Então, se nunca acontecer, está legal. Totalmente legal. Posso parar de ficar obcecada com *quando* isso vai acontecer. Posso me concentrar nos meus ciclos de exercícios. Eu não tenho que lidar com a calcinha sexy que coça. Eu poderei usar as minhas calcinhas de algodão macio e perfeitamente desgastadas.” Ela solta um longo suspiro.

Incrível... já que ela usou tanto oxigênio para soltar todas essas informações em tão pouco tempo. Não pensei que uma mulher pudesse pensar em sexo mais do que um homem.

Errado.

“Você diz o lugar e a hora.”

Ela aperta os olhos. “Para o sexo?”

Concordo com a cabeça, deslizando as mãos um centímetro mais baixo para trazê-la mais perto da beira do banco, para que ela possa sentir o quanto eu quero fazer sexo com ela.

“Agora. Bem aqui. Você tem preservativo? Minha bolsa está lá embaixo.”

“Agora?” Eu sorrio. Talvez ela não entenda sobre flertar e preliminares. “Dois segundos atrás, você me deu um discurso sobre isso ser inapropriado e alguém se aproximar de nós. Mas *agora* você quer fazer sexo? Aqui? Enquanto meus pais e Roman me esperam curar suas feridas?”

Ela torce os lábios para o lado por alguns segundos. “Não é o ideal. Mas é possível se você não demorar muito e se cobrir minha boca se eu começar a fazer barulho — mas não o farei se não for nada espetacular. E realmente, acho que precisamos fazê-lo, então você saberá.”

Todas... todas as conversas com Dorothy se transformam na mais bizarra troca de pensamentos aleatórios. Cinquenta por cento inadequado. Cinquenta por cento engraçado.

“Então saberei o quê?”

“Que eu sou boa nisso.”

Tento controlar minhas sobrancelhas de subir pela minha testa, mas elas fazem isso antes que eu possa controlar minha reação.

Essa mulher...

“Quero dizer...” Ela revira os olhos, “claramente eu não tenho a parte da sedução. Não pensei que fosse esse o caso até conhecer você. Mas se você me der uma chance justa, não se arrependerá.”

Sério... Pelo. Amor. De. Deus! A mulher fala de sexo como se fosse participar de uma entrevista de emprego.

No entanto... sim... estou tão excitado no momento. Pressiono minhas mãos no banco dos dois lados do seu quadril e me levanto para ficar de pé.

Dê a volta.

Dê três passos.

Feche e tranque a porta do quarto.

“Vai ser rápido, porque tem que ser. Você *nunca* dirá a ninguém que fizemos sexo *rápido*. Não preciso desse boato por aí.” Desabotoo meu jeans e pego um preservativo na minha carteira.

Sim, eu aprendi minha lição na noite anterior.

“Essa não é minha calcinha sexy. Só para você saber.” Ela fica de pé, levanta a saia e tira a calcinha.

“Não ligo a mínima para a aparência da sua calcinha, Dorothy. Apenas tire-a e escolha a posição.”

Seus olhos se iluminam assim como seu sorriso. “Eu escolho a posição?”

Quando fiz sexo com Julie pela primeira vez, começou com um beijo que progrediu em preliminares pesadas que levaram a minha mão a deslizar pela frente da sua calcinha, encontrei uma protuberância, e me perguntei se era seu clitóris. Ela me acariciou tanto do lado de fora do meu short de ginástica que o puxou alguns centímetros à frente. Nós éramos uma bagunça excitada de hormônios adolescentes. O sexo era estranho, e o tocar era desleixado. Eu não conseguia equilibrar minhas mãos para colocar um preservativo, e Julie temia que fizéssemos parte da pequena porcentagem de falhas no preservativo.

Ela gozou na minha mão antes de eu colocar meu pau nela, e eu gozei dois segundos depois que o referido pau entrou nela.

Décadas depois... aqui estou eu, empurrando minha calça jeans apenas o suficiente para puxar meu pau e colocar um preservativo com as mãos firmes, enquanto Dorothy se arrasta para a cama, com saia em volta da cintura e a bunda no ar.

Estilo cachorrinho. Eu não imaginei que seria sua escolha. Interessante...

Fico ao lado da cama e agarro seus quadris, persuadindo-a a se aproximar da beira. Portanto, aqui está trinta e oito anos de sexo milenar, pós-divórcio. Nada extravagante, apenas sexo à la carte.

Nossa... como os tempos mudaram.

“Espere!” Ela se senta sobre os calcanhares, vira para mim com o pulso perto do rosto. “Você já pressionou start?”

“O quê?”

Ela balança a cabeça para trás, me olhando por cima do ombro, com um sorriso espetacular. “No seu relógio?”

“Para o sexo?” Eu solto uma risada.

“Hum... sim. No aplicativo de saúde do telefone, você pode adicionar manualmente a atividade sexual. Veja?” Ela levanta o braço e pressiona o *Siga.* Então ela encolhe os ombros. “Não se preocupe, o seu apenas gravará como movimento.”

Eu deixei a declaração de ‘comer Dorothy’ terminar nossa busca por sexo na noite anterior. Posso facilmente deixar que a atividade sexual rastreada no relógio dela me faça parar apenas o tempo suficiente para deixar meus pensamentos me alcançarem.

Meus pais.

A casa deles.

Roman.

Mas não. Porque no segundo em que ela se inclina para frente novamente e ajusta a saia, expondo sua bunda nua, não consigo parar minha mão de deslizar entre suas pernas sexy para sentir se ela está pronta para mim.

Sua respiração ofega quando eu encontro seu clitóris, circulando meu dedo sobre ele várias vezes antes de deslizar o dedo nela.

“Dr. Hawkins...” Ela geme meu nome e puxa minha mão.

“Eli... você *tem* que me chamar de Eli.” Dr. Hawkins me faz sentir como um velho pervertido fazendo algo realmente inapropriado para uma paciente. Enfio um segundo dedo nela e beijo a curva da sua bunda.

“Eli... não lamba a minha bunda. Ok?” Ela pede com uma voz ofegante.

Eu sorrio contra a pele macia da sua bunda perfeita. “Ok.” Meus dedos a trabalham mais rápido, e ela balança as mãos e os joelhos para definir o ritmo. Eu a quero nua novamente. Quero sentir cada centímetro da sua pele. Eu quero deslizar minha cabeça entre as pernas dela e dar a ela exatamente o que ela queria na noite anterior.

Mas... temos que ser rápidos. Então substituo meus dedos pelo meu pau, agarro seus quadris e empurro nela com força suficiente para fazer seu corpo inteiro se mover para frente.

“Eli...” Cubro sua boca para abafar o choro.

“Acho que isso significa que sou bastante espetacular, hein?” Eu sussurro, inclinando-me perto de sua orelha.

Com a mão ainda sobre a boca, ela assente.

Não vou revelar o quão rápido terminamos. Mas foi muito rápido. Tão rápido que eu me empolgo novamente quando ela veste a calcinha de volta.

“Somente quarenta calorias?” Ela franze a testa para o relógio antes de deslizar os pés em suas sapatilhas novamente.

Depois de descartar o preservativo e vestir minha calça, agarro a parte de trás da cabeça dela e a beijo. Beijo-a como se eu quisesse fazer sexo com ela — lenta e profundamente. Explorando cada centímetro da sua boca do jeito que eu quero fazer com seu corpo.

Suas mãos reivindicam minha camisa, mantendo-me perto. E ela cantarola no beijo, mais suave do que antes, mas igualmente sexy. Segundos... talvez minutos depois, eu me afasto alguns centímetros, admirando o tom rosado em suas bochechas e seus lábios um pouco inchados totalmente limpos do seu gloss de coco.

“Dorothy Mayhem, você é cheia de surpresas.” Arrumo seus cabelos atrás da orelha de um lado. “Aparentemente, preliminares e sedução não são o seu jogo. Ou talvez seja uma coisa do passado. Jesus... eu sou realmente tão velho e sem noção sobre namoro e tendências sexuais?”

“Eu disse que era boa no sexo.” Ela sorri.

“Calma, campeã. Eu não chamaria de boa apenas quarenta calorias. Dou pontos por resistência. Vamos precisar refazer em melhores circunstâncias, com mais tempo para realmente queimar algumas calorias.”

“Papai?” Dois pezinhos batem nas escadas em um ritmo lento.

Eu endireito minha camisa e minha ereção enquanto Dorothy tenta dissipar um pouco do calor de suas bochechas com as palmas das mãos pressionadas contra elas. Então eu rapidamente destranco a porta do quarto. A última coisa que preciso é de Roman dizendo à minha mãe que a porta do quarto estava trancada.

“Papai! Onde você está?” Roman corre direto para as minhas pernas, me fazendo balançar um pouco para manter o equilíbrio.

“Estou bem aqui, amigo. Você está pronto para ir para casa?”

“Dorfee! Seus joelhos estão sangrando.”

Eu me viro quando ela se inclina para recolocar os Band-aid. Então meu olhar corre para a cama e as duas manchas sangrentas na colcha esbranquiçada. Meu rosto se torce em uma careta quando o olhar de Dorothy segue o meu.

“Opa...” Ela olha para mim, espelhando minha careta.

“Eu estava pegando novos Band-Aids para Dorothy. Eles saíram porque eram pequenos demais.” Dando a Roman um rápido encolher de

ombros e uma cara de 'vai entender', puxo dois novos Band-Aids do kit de primeiros socorros.

"Sente-se." Eu pisco para Dorothy.

"Aff!" Ela diz e sorri para Roman enquanto se senta no banco novamente.

"Uh... escolha interessante de posição, dadas as suas recentes lesões no joelho", murmuro baixinho enquanto troco o Band-Aid, mais chateado comigo mesmo por esquecer completamente os joelhos dela quando o sexo se tornou o assunto.

"Meu filho médico não sabe como usar um curativo?" A voz da mamãe se aproxima mais quando Roman sobe na cama e começa a pular.

"Desça, Roman. Agora... por favor."

Por favor, criança! Saia da cama antes de...

"Nenhum macaquinho pulando na minha cama." Mamãe se dirige para a cama.

"Eu o pego!" Antes que eu consiga substituir o segundo Band-Aid, levanto-me, puxando Roman da cama e me virando para encarar minha mãe, na esperança de bloquear sua visão das manchas sangrentas.

Dorothy termina o segundo curativo.

"Não podíamos imaginar o que estava fazendo vocês dois demorar tanto."

Roman se contorce dos meus braços e corre em direção às escadas.

"Desculpa. Nós estávamos conversando... isso é tudo." Dou meu melhor sorriso sem graça, estou com problemas.

Dorothy se levanta e mamãe a inspeciona. "Querida, você tem mancha de sangue nos joelhos. Eli não limpou seus joelhos primeiro?" Ela mexe a língua e balança a cabeça.

Dorothy permanece escultural, olhos arregalados.

"Sente-se, Dorothy. Vou pegar uma toalha molhada." Mamãe aponta para o banco no final da cama.

"Não fale. Ok?" Eu sussurro depois que mamãe sai do quarto.

Dorothy assente rigidamente.

Movo o cobertor cinza para cima da cama para cobrir as manchas de sangue e rapidamente volto para a porta quando mamãe entra com um pano molhado. Ela se agacha na frente de Dorothy e limpa o sangue seco ao redor dos curativos.

“Pronto. Muito melhor.” Mamãe fica ereta, sorrindo para Dorothy. Seu sorriso desaparece quando ela vê o cobertor jogado no meio da cama.

“Obrigado mãe. Eu preciso usar o banheiro. Você pode levar Dorothy lá para baixo? Talvez empacote algumas dessas sobras para ela. Ela *ama* sobras.”

“Claro...” Ela dá um passo em direção à cama.

“O que você está fazendo?” Eu bloqueio sua tentativa de ir em direção à cama.

Mamãe estreita os olhos para mim. Sim, estou agindo incrivelmente estranho — extremamente paranoico. “Estou apenas arrumando o cobertor na cama.”

“Eu pensei que você ia pegar sobras para Dorothy.” Planto meus punhos nos quadris para ampliar meu corpo como um portão pelo qual ela não pode passar.

“Sim, Eli. Eu só quero arrumar a...”

“Mamãe! Dorothy não tem o dia todo.”

O quarto fica em silêncio.

A cabeça da mamãe se move para trás quando Dorothy faz uma careta, prendendo o lábio inferior entre os dentes, torcendo as mãos na frente dela.

“Elijah Alexander, o que há de errado com você, criança?”

“Nada”, eu digo o mais calmamente possível. “Você apenas... vá. Vou arrumar o cobertor e usar o banheiro. Você pega algumas sobras para Dorothy.”

“O que há debaixo daquele cobertor?” Ela cruza os braços sobre o peito?

“O quê?” Eu estreito meus olhos.

"Eu não nasci ontem. Você está agindo como costumava agir quando quebrava algo e não queria que eu descobrisse. Você pode ser um homem crescido agora, mas ainda mente para sua mãe como um garoto de dez anos. O que há debaixo daquele cobertor? Roman sujou com os pés descalços?"

"Sim. Apenas deixe-me limpá-lo. Não quero que você se preocupe..."

"Não!" Dorothy grita antes de colocar a mão na boca.

Minha mãe se vira para ela enquanto balanço minha cabeça com tanta força que faz meu pescoço doer. Os olhos de Dorothy pulam entre nós. Eu silenciosamente imploro por ela.

"Não... o quê, querida?"

"Não foi Roman", ela murmura por trás da mão.

"Dorothy, está tudo bem. Ele não vai se meter em nenhum problema." Uma risada nervosa se infiltra nas minhas palavras.

"Fui eu", ela diz, soltando a mão da boca. "Eu sujei de sangue a sua colcha. Eu realmente sinto muito. Vou substituí-la se não sair na lavagem."

"Dorothy, não estou preocupada com algumas gotas de sangue. Vou tirá-las." Mamãe passa por mim e remove o cobertor. "Oh... acho que são mais do que algumas gotas. Desmaiou de cara na cama ou algo assim?" Ela inclina a cabeça, inspecionando demais as manchas... muito mesmo.

"Sim, um pouco de tontura." Pego os ombros da mamãe para levá-la para fora do quarto.

Ela me afasta, me fazendo uma careta antes de voltar sua atenção para Dorothy. "Bem, parece que você tem muita cor nas bochechas agora."

Dorothy pressiona as palmas das mãos nas bochechas, dando-lhes um tapinha gentil.

"Melhor se acostumar com um pouco de sangue, querida. Você pode ver muito disso como enfermeira."

"Eu estou bem com sangue." Dorothy age um pouco ofendida.

Não é o momento certo de se ofender.

"Apenas não o seu. Isso é bastante comum." Mamãe se dirige para as escadas.

Graças a Deus!

"Não. Eu estou bem com o meu." Dorothy corre atrás da minha mãe como se ela tivesse um ponto a provar.

Nenhum ponto precisa ser provado. Só precisamos dar o fora daqui.

"Eu não fiquei tonta..."

Dorothy golpeia minha mão cobrindo sua boca.

"Deixe-a ir!" Eu sussurro em seu ouvido.

"Elijah Alexander!"

Aqui vamos nós...

Eu tiro minha mão.

"O que em nome de Deus você está fazendo com ela?" Mamãe fica no meio da escada com um olhar de horror gravado no rosto.

Dorothy enrola o cabelo atrás das orelhas e deixa as mãos caírem ao lado do corpo enquanto solta o maior suspiro do mundo. "Nós fizemos sexo. Eu escolhi a posição cachorrinho, esquecendo totalmente meus joelhos. Eu sinto muito. Eu deveria ter dito papai e mamãe."

Fechando os olhos, esfrego as têmporas e encosto o queixo no peito. O que eu fiz com a minha vida?

"Oh..." Minha mãe estica esse 'oh' por muitos segundos. "Entendo. Dorothy, nos encontramos lá embaixo. Eu preciso de alguns minutos com meu filho."

"Ok."

Ok...

Droga! Dorothy não tem remorso em sua voz. Sem vergonha. Não há preocupação com o fato de que estou prestes a ficar de castigo por toda a vida. Sim, tenho certeza de que minha mãe me castigará — aos trinta e oito.

O *click* dos passos de Dorothy desaparece, mas o leve rangido dos degraus fica mais alto quando minha mãe se aproxima de mim. Eu não posso olhar para ela. Há uma boa possibilidade de nunca mais poder olhá-la nos olhos.

"Eli?"

"Mãe, eu..."

"Estou tão incrivelmente orgulhosa de você."

"O quê?" Minha cabeça se levanta.

Sim, é orgulho que brilha em seu rosto, alimentando seu sorriso, brilhando em seus olhos.

"Bom trabalho! Eu queria isso para você há meses. A mulher certa que o arrastaria para fora de sua caverna de desespero e depressão. Uma mulher tão completamente diferente de Julie, mas que adora você e Roman. Uma mulher com um gosto pela vida. Uma mulher disposta a correr riscos como uma rapidinha na casa dos seus pais."

Pisco.

Pisco.

Pisco.

"Hum..."

Pisco.

Pisco.

Pisco.

"Não sei se Dorothy é necessariamente uma pessoa que corre riscos. Eu acho que *se* ela está no espectro, então ela só fica um pouco concentrada em... provar alguma coisa", eu digo.

Minha mãe não para de sorrir para mim. Normalmente, o orgulho dos pais é uma coisa boa. Agora não. Não quando foder Dorothy Mayhem no estilo cachorrinho é a razão do orgulho brilhante de mamãe.

Não.

Apenas... não.

"O que ela estava tentando provar?"

"Nós acabamos de falar sobre isso." Eu passo por ela até as escadas.

"Você me dirá sexta-feira."

"Eu nunca vou te contar. Desculpe *mãe*."

Mamãe guarda as sobras, mas posso dizer pela expressão horrorizada no rosto de Dorothy que ela não as comerá.

"Obrigada pelo brunch. Foi melhor do que eu imaginava." Dorothy dá um sorriso sincero para minha mãe.

Mamãe ri. "Você é bem-vinda aqui a qualquer momento, Dorothy — com ou sem Eli."

Reviro os olhos e enlaço Roman jogando-o no meu ombro. "Obrigado, mãe, por outro ótimo brunch de domingo e por sua hospitalidade." Eu beijo sua bochecha. "Diga tchau a vovó, Roman."

Ele ri, de cabeça para baixo por cima do meu ombro enquanto mamãe lhe dá um beijo de despedida.

"Diga adeus ao papai."

"Oh eu vou. O canalha já escapou para sua oficina."

Seguimos Dorothy até a garagem.

"Tchau, Dorfee!" Roman grita perto do meu ouvido, assim que o coloco na parte de trás do meu carro.

"Tchau, Romeu. Te vejo por aí."

"Suba no seu assento, amigo."

Enquanto Roman sobe em seu assento, eu encontro Dorothy na porta do motorista e me inclino para trás para que ela não saia correndo ainda. "Obrigado. Eu sei que brincar de prostituta, mentir para sua chefe, comer com estranhos e deixar Roman contaminar sua comida provavelmente está fora de sua zona de conforto, mas eu realmente..." abaixo minha voz, "...*realmente* gostei desse encontro no brunch."

"Ok." Ela sorri.

"Ok..." eu a respondo com meu próprio sorriso de culpado pra caralho. "Então, o que está na sua agenda para o resto do dia?"

Ela olha para o relógio. "Além de ficar de olho no Dr. Hawkins e em sua atividade diária, não muito. Eu deveria estar no trabalho, então provavelmente terei um tempo extra para ler e jogar."

"Sem estudar?"

"Não, eu não tenho que estudar muito. Quero dizer, às vezes tenho que estudar, mas nada hoje."

"Garota esperta, hein?"

Dorothy encolhe os ombros. “Eu suponho. É apenas uma coisa fácil, é tudo.” Ela enrola os cabelos atrás das orelhas e olha para os pés.

“Você sabe... Roman nunca viu um emu de perto.”

“Realmente?” Ela olha para mim, apertando os olhos contra o sol.

“Realmente.”

“Ele os amaria.”

Concordo com a cabeça lentamente enquanto ela volta a encarar seus pés porque a estou impedindo de entrar no carro.

“Se eu soubesse onde ele poderia ver um... ou dois.”

“Mmm... hmm.” Ela assente alguns segundos antes de levantar a cabeça para encontrar meu olhar novamente. “Oh...” Ela ri. “Você quer dizer Orville e Wilbur. Você quer que eu mostre a ele os meus emus.”

Levanto meus ombros, então enfio minhas as mãos nos bolsos da minha calça jeans. “Somente quando funcionar na sua agenda. Como em um dia em que você estiver inesperadamente em casa, e não no trabalho.”

“Ha. Tudo bem eu já entendi. Você quer dizer hoje.” Ela franze o nariz enquanto morde o lábio. “Eu não planejava receber visitantes hoje.”

“Você não planejou não trabalhar hoje. Mas... até agora tudo bem, certo?”

Dorothy me estuda por alguns segundos. “Eu suponho.”

“O que aconteceu no quarto merece uma classificação mais alta do que *eu suponho*.”

“Ok.”

“Ok, podemos segui-la para casa?”

Ela assente.

“Você tem certeza? Não quero deixar você desconfortável.”

“Ha! Esta manhã inteira foi realmente desconfortável.”

Eu franzo a testa. “Eu sinto muito. Nós podemos ir para casa. Não precisamos de importuná-la mais em seu dia.” Afastando-me do veículo, abro a porta.

"Dr. Hawkins..."

"Eli", eu digo com mais força do que pretendo.

"Eli..." ela repete em uma expiração "...eu não sou a melhor em articular as coisas corretamente. É difícil de explicar. Eu apenas expresso as coisas de maneira diferente. Mas eu quero que você venha à minha casa. E quero apresentar Romeu a Orville e Wilbur, mesmo que tenha sido um dia estressante. Todos os meus dias são estressantes de uma maneira que você não consegue entender. Ok?"

"Ok." Esfrego os lábios, estudando-a por alguns segundos, tentando descobrir se agora é a hora certa de dizer alguma coisa. "Warren disse que você tem TEA", eu minto. Ele não disse isso exatamente.

"O Dr. Warren?" Ela torce a boca. "Hã... ele queria foder uma Aspie. Interessante."

Não. A parte interessante é a reação dela. Então Aspie é um bom termo para ela. Quem imaginaria?

"O que você acha, *Eli*?" A cabeça dela balança para o lado.

Isso é um teste? O que ela espera que eu diga? E é uma referência ao seu TEA ou Dr. Warren querendo foder uma Aspie? Eu não sei, e isso não deveria importar. Não há como eu tropeçar na pergunta dela. Passando as pontas dos dedos na palma da mão dela, eu me inclino perto da sua orelha e sussurro: "Eu acho que você é uma *humana* extraordinariamente espetacular. Dirija seguramente. Nós seguiremos você." Deixo meus lábios roçarem sua bochecha, e me pergunto se os olhos jovens estão assistindo e se Roman dirá alguma coisa se ele me vir tão perto de Dorothy.

Dorothy me observa, sem piscar.

"Ok?" Eu pergunto.

Depois de mais alguns segundos, ela pisca e assente.

"Eu tenho uma surpresa para você, Roman", digo, agarrando-o do chão do meu carro, onde ele tenta se esconder de mim.

CAPÍTULO 15



Eu-nós

Dorothy

Uma interessante característica da maioria dos Aspies — nós não fazemos bem multitarefas. Não fisicamente ou mentalmente. Eu não deveria estar voltando para casa. Minha distração cerebral deve ser mais perigosa do que o comprometimento do álcool. Mas tenho três coisas disputando minha atenção, meus pensamentos... minha tendência natural a ficar obcecada.

Eu fiz sexo com Eli, e ele quer fazer tudo de novo.

Dr. Warren sabe que eu sou uma Aspie e ele quer fazer sexo comigo.

Eli não se importa de eu ser Asperger.

Por algum milagre chego em casa sem cruzar a linha central ou cair de uma ponte. Eu parei no sinal vermelho? Presumivelmente, uma vez que não consigo me lembrar de ninguém buzinando para mim.

Olho no espelho retrovisor antes de entrar na garagem.

Nenhum Tesla azul.

A tela do meu telefone mostra uma série de mensagens e duas chamadas perdidas de Eli.

Devagar, por favor.

Você acabou de passar o sinal vermelho.

Jesus, Dorothy! Desacelere!

Você nos deixou para trás. Parando para aguardar que você atenda seu telefone ou responda a esta mensagem.

Talvez você possa me dar seu endereço?

"Oh, foda-se..." murmuro enquanto digito o meu endereço com um emoji de sorriso sem graça.

Aproveito meu tempo extra acidentalmente ganho para entrar em casa e garantir que meus pais não estejam sentados juntos no sofá ou fazendo uma bagunça na cozinha. Ou vestidos com roupas estranhas.

"Dr. Hawk..." Balanço a cabeça. "Eli e Roman estarão aqui em breve."

Mamãe levanta os olhos do livro. "Isso é emocionante."

"Não. É..." faço uma careta e balanço a cabeça. "É apenas... deixa para lá. Cadê o papai?"

"No jardim dele, é claro. Você quer me dizer agora por que não está no trabalho hoje?"

"Não." Saio da sala dela para verificar meu quarto. Não há como deixá-los entrar no meu quarto, mas o sexo na casa dos pais dele também não estava no meu radar. Eu tenho que me submeter ao fato de que Eli tem sua própria agenda que nem sempre corresponde à minha. Fazer sexo na casa dos pais dele foi ideia minha ou dele?

De qualquer maneira, eu gosto da agenda dele — a nossa agenda — às vezes... como antes. Eu gostei muito disso. Queria gostar de novo, logo depois que gostei da primeira vez, mas isso pareceu ganancioso e talvez desrespeitoso com seus pais e Roman.

"Eles estão aqui!" Mamãe diz.

Eu endireito meus diários e passo a mão sobre a cama para alisar o edredom.

"Papai está conversando com eles."

"Não!" Eu corro em direção à porta.

Eli está chateado por eu contar à mãe dele sobre o sexo estilo cachorrinho? Ele vai se vingar contando ao meu pai? Meu pai não é o tipo de cara com quem você brinca sobre sua filha e, definitivamente, não se fala sobre fodê-la por trás.

"Ei!" Eu praticamente explodo pela porta da frente, um pouco sem fôlego e muito ansiosa com a situação.

Eli e Roman na minha propriedade.

Eli e Roman encontrando meus pais pela primeira vez.

Eli com aquele olhar de eu acabei de foder sua filha.

Ok, eu posso estar lendo incorretamente esse visual, mas ainda *parece* uma possibilidade real.

“Ei. Que bom que você chegou em casa com segurança.” Eli sorri para mim.

“Desculpe, eu me distraí totalmente e não prestei atenção no fato de que você não estava mais atrás de mim.”

“Seu telefone não tocou no seu carro?”

“Ela dirige como um morcego fugindo do inferno.” Papai balança a cabeça. “E se ela estiver distraída, um alarme de incêndio não alcança seus ouvidos surdos.”

“Você deveria nos apresentar, Dorothy.” A voz da mamãe soa bem atrás de mim.

“Randy já se apresentou. Eu sou Eli e este é Roman.” Eli estende a mão para minha mãe.

“Kellie. Prazer em conhecer vocês dois. Dorothy fala sem parar sobre você.”

“Mãe...” murmuro entre os dentes.

Eli pisca para mim quando Roman puxa seu braço.

“Papai, olhe!” Ele aponta para o meus Orville e Wilbur caminhando em direção à cerca. “Ouve papai! Ouve!”

Eu sorrio. “Vamos vê-los, Romeu.” Estendo minha mão e ele a pega. “Você pode vir também, Eli.”

“Estou bem. Vou ficar aqui e conversar com seus pais.”

“Não. Você precisa vir conhecer os meus emus.”

Ele ri junto com meus pais, mas depois de alguns segundos, ouço as pedras atrás de mim sendo esmagadas por seus passos.

“Pássaro grande! Papai, olhe para os pássaros grandes!”

“Sim. Como eu te disse que eles se chamam?

"Eu-nós."

Oh meu Deus... esse garoto é tão adorável. "Emus." Eu o levanto quando nos aproximamos da cerca.

"Esse é o Wilbur. Ele é um amor." Acaricio o pescoço de Wilbur. "E este é Orville. Ele é um pouco rabugento. Você verá o que eu quero dizer. Ele é um pouco mais desajeitado."

Ruff!

Gemma corre em direção a eles. "E essa é minha garota, Gemma. Ela tem acesso à área cercada e à casa. Orville conseguiu ser pego na porta de acesso de Gemma mais de uma vez."

"Macio..." Roman diz com reverência enquanto acaricia Wilbur. "Olha papai! Um cachorrinho."

Assim que os emus veem Gemma correndo na direção deles, eles decolam como dois ladrões fugindo de um banco.

"E assim começa a perseguição." Eu sorrio.

"Quem se desgasta primeiro?" Eli pergunta.

"Gemma. Esses pássaros podem correr por horas e depois se refrescar na lagoa ou na piscina infantil."

"Papai, olhe para o eu-nós correndo!"

"Eles são rápidos, hein?"

"Sim!" Roman dá um soco no ar com seu pequeno punho. "Papai, olhe!" Ele aponta para o meu trampolim.

"Oh... isso parece... perigoso." Eli me lança um sorriso com a boca fechada.

"Papai, vamos pular."

"Uma pequena fratura no meu braço, mas fora isso, tem sido bastante seguro. Vamos dar uma olhada enquanto os três se desgastam."

Coloco Roman no chão e ele corre direto para o trampolim. Nós corremos para alcançá-lo. Eu o ajudo através da porta de malha e me arrasto atrás dele.

"Essa visão pode valer uma pequena fratura."

Olho de volta para o sorriso de Eli quando ele olha para minha bunda. Ele já a viu hoje.

“Pervertido.” Reviro meus olhos.

“Não é minha culpa que você continue colocando-a na minha cara.”

Nos revezamos pulando com Roman, e tendo um dia divertido que eu não esperava. Então brincamos com Gemma, Orville e Wilbur quando a energia deles se transforma em algo mais administrável para Roman. E por administrável, quero dizer, eles estão empoleirados em seus cobertores limpos em seu galpão, deixando Roman acariciá-los. Eu tiro pelo menos cinquenta fotos.

“O que você vai fazer com todas essas fotos?” Eli pergunta enquanto eu passo por elas.

“Colocar na página do Instagram deles.”

“De quem é a página do Instagram?”

“Orville e Wilbur.”

“O quê? Seus emus tem uma página no Instagram?”

Eu levanto meu telefone.

Os olhos de Eli tentam sair de sua cabeça enquanto ele se inclina para mais perto do meu telefone. “Seus emus tem mais de quinhentos mil seguidores? Isso é real?”

“Muito real.” Eu dou de ombros. “O que posso dizer? As pessoas gostam de animais mais que dos humanos. E sei disso por que eu gosto.”

Ele ri. “Claramente, você não está sozinha.” Então acena com a cabeça para Roman dormindo entre Wilbur e Orville.

Eu tenho que tirar mais dez fotos.

“Você tem uma conta pessoal? Uma conta de Dorothy Mayhem?”

“Sim.”

“E quantos seguidores ela tem?”

Pego minha conta e mostro a ele.

Ele levanta a sobrancelha direita para a tela. “Treze pessoas?”

"É uma conta privada. Não deixo que muitas pessoas me sigam."

"Então, sua mãe e seu pai... quem são os outros onze?"

"Duas pessoas do trabalho e da faculdade. Meu quiroprata, por quem minha mãe tem uma grande paixão. E vários pacientes que compartilham meu gosto por tênis incríveis."

Ele pega o telefone e move os polegares pela tela. Alguns segundos depois, meu telefone vibra com uma solicitação de Eli Hawkins para me seguir no Instagram. Eu fecho a tela e coloco meu telefone para dar um pouco de amor a Gemma, já que ela conseguiu colocar metade do corpo no meu colo.

"Hum... você acabou de ver o meu pedido para segui-la?"

Concordo, encarando meu emu sendo todo doce para um Romeu adormecido.

"Mas você não aceitou."

"Eu sei. Eu costumo pensar nas solicitações por um tempo."

"Você está falando sério?"

"Sim."

Ele abaixa a voz. "Eu estava fisicamente dentro de você apenas algumas horas atrás, mas você tem que pensar em me deixar segui-la no Instagram?"

"Eita... você honestamente acha que se eu deixasse Warren fazer sexo comigo, eu também deixaria que ele me seguisse no Instagram?"

"Eu acho que é estranho que seus padrões para parceiros sexuais sejam mais baixos do que os padrões para as pessoas que seguem você em uma rede social."

"É *muito* mais fácil perseguir alguém e assediá-lo nas redes sociais do que fazê-lo cara a cara. Eu poderia obter uma ordem de restrição contra você mais fácil do que poderia afastar você da minha vida no Instagram. Você percebe quantos pervertidos têm várias contas? Quero dizer... alguns psicopatas podem roubar um monte de fotos, digamos... dos emus, e criar uma conta adorável para atrair vítimas inocentes."

"Bem..." Ele silenciosamente abre e fecha a boca algumas vezes antes de terminar seu pensamento. "Ok. Você pensa em me deixar te seguir.

Claramente, você não estava pronta para eu segui-la até sua casa, então eu esperei. E vou esperar você me deixar segui-la no Instagram."

"Não tem graça. Eu não estava tentando te despistar. Eu tinha muita coisa acontecendo na minha cabeça."

"Bem, eu adoraria rastejar em sua cabeça algum dia."

"Não. Você não quer. É um buraco escuro com ideias erradas. É onde boas intenções são sufocadas. É um trem de carga sem freios. São milhões de cenas de filmes, livros e observações da vida real, todas tentando descobrir onde elas se encaixam na minha própria vida — todas esperando para serem exibidas no momento certo. É uma repetição incessante de sugestões perdidas e palavras faladas."

Ele estreita os olhos.

Desvio o olhar e dou de ombros. "Eu não me importo de ser eu. Ninguém mais pode fazer melhor."

CAPÍTULO 16



O ponto G

Elijah

Eu poderia me apaixonar por Dorothy Mayhem. Mesmo que meu cérebro analítico não queira isso, nem um pouquinho. Eu sou pai. A mulher que pensei ser o amor da minha vida me deixou porque queria ser outra pessoa sem mim. Minha mãe está certa — eu moro em uma caverna de desespero e depressão.

Dorothy não me atrai com suas tentativas de imitar pessoas neurotípicas. Ela captura pequenos pedaços do meu coração com sua honestidade sussurrada. Eu sinto isso, de uma maneira diferente.

É bom.

Eu tenho sido bom.

"Como você está, Eli?" Amigos preocupados perguntam.

"Eu estou bem."

"Como é ser pai solteiro?"

"É bom."

"Como está seu relacionamento com Julie?"

"É bom."

"Como Roman está se adaptando?"

"Bem. Bom. Bom. Ele é bom. Eu estou bem. Julie está bem. É tudo bom pra caralho."

Exceto que... não é.

"Vou rapidinho ao banheiro", Dorothy diz.

Saio das minhas reflexões sobre bondade. "Oh. Ok. Eu esperarei aqui. Não quero que ele durma muito, mas outros trinta minutos facilitarão o resto do meu dia, porque ele estará de bom humor na volta para casa."

"Fique o tempo que quiser." Ela sorri. "Vamos lá, Gemma."

Trinta minutos depois, Roman ainda está dormindo entre os dois emus, e Dorothy não voltou. Ela deve ter algum problema gastrointestinal. Espero que não tenha nada a ver com o brunch. Ela nunca voltará para a casa dos meus pais para outro brunch. E eu definitivamente quero que ela volte.

"Roman..." Esfrego suas costas quando Orville inspeciona minha mão com seu bico. "Hora de acordar, amigo."

Ele se estende sobre o cobertor, surpreendendo Wilbur, que rapidamente se levanta assim como Orville. Pego meu filho entre eles e o carrego para a casa. Depois de tocar a campainha duas vezes, Kellie atende.

"Oh, ei." Ela se levanta na ponta dos pés para olhar por cima do meu ombro. "Onde está Dorothy?"

"Ela foi ao banheiro — meia hora atrás. Pode querer checá-la."

"Oh caramba... ela provavelmente pensa que está morrendo. Essa garota é tão hipocondríaca." Kellie se afasta para entrarmos.

Tudo está arrumado. Não muito decorado, cozinha branca bastante básica, algumas fotos emolduradas em paredes brancas. Pisos de madeira gravados com arranhões, provavelmente de Gemma.

"Dorothy?" Kellie bate na porta do banheiro várias vezes e depois vira a maçaneta. Abre para um banheiro escuro e vazio. "Dorothy?" Ela tenta abrir outra porta.

Tudo o que posso ver é o fundo de uma cama.

"Talvez ela tenha saído pela porta dos fundos e você não a viu." Ela caminha por um pequeno corredor e abre mais uma porta. "Oh meu Deus... o que você está fazendo?"

Tiro meus sapatos e os sapatos de Roman e me arrasto pelo corredor atrás de Kellie.

"O quê?" Dorothy tira fones de ouvido sem fio da cabeça e pausa o jogo no Xbox.

"Você tem convidados e os deixou para jogar Xbox?"

Ela encolhe os ombros, olhando da sua mãe para mim, com um olhar curioso no rosto. "Como foi a hora da soneca?"

"Eu..." Kellie se vira para mim, balançando a cabeça e esfregando as têmporas. "Sinto muito. Eu realmente pensei que a educamos melhor."

"Melhor o quê?" Dorothy se levanta, caminhando até nós.

"Nada, Dorothy. Nada." Kellie passa por nós e continua andando.

"Romeu, você gosta do Xbox?"

"Eu gosto do EssBoss." Ele se contorce em meus braços.

"Comprei um jogo para você enquanto você estava dormindo." Dorothy abre o jogo enquanto Roman pega o controle.

Julie borraria sua calça se soubesse que Roman está jogando videogame. Pelo menos é o que me vem à mente. Não tenho ideia do que Julie faria ou não faria mais. Tudo o que sei é que Dorothy comprou um jogo para o meu filho para que ele pudesse jogar no Xbox dela.

"Quer que eu lhe mostre como jogar?" Ela pergunta, começando a tirar o controle remoto dele.

"Não! Eu faço isso."

"Tudo bem, isso é legal. Pegue, então." Ela se afasta, observando-o com um sorriso no rosto.

Eu me movo atrás dela e deslizo meus braços em volta de sua cintura, descansando meu queixo em seu ombro, nós dois fora da vista de Roman. Não que algo desvie sua atenção da enorme tela da TV e seu fascínio pelo controle remoto, que acho que ele não sabe usar. Ainda assim, coisas aleatórias acontecem na tela quando ele aperta os botões, e isso parece entretê-lo.

"Você me deixou no celeiro."

"É um galpão. E eu tive que usar o banheiro."

"E jogar Xbox?"

"Você não estava dizendo muito. Então assumi que terminamos de conversar. Roman estava dormindo. Qual é o problema?" Ela se vira nos meus braços, pressionando as mãos contra o meu peito.

"Eu não me importo de ser eu. Ninguém mais pode fazer isso melhor."

Suas palavras permanecem pintadas nas paredes de todo hospital infantil, toda igreja, toda escola. Se *todo* humano pudesse possuir a humilde confiança de Dorothy, o mundo seria um lugar muito melhor.

"Sem problemas."

"Você está bravo por eu não voltar para o galpão."

"Não."

"Você está. Minha mãe também está brava. Vai entender. Dorothy falhou na Regra nº 473 de etiqueta social."

Dou alguns passos para trás e a puxo comigo, para nos afastar um pouco mais dos jovens ouvidos. "Não consegui manter meu casamento de treze anos com uma criança de dois anos na época. Frequento inúmeros funerais de crianças que não consegui manter vivas. Eu provavelmente conheço muitas regras de etiqueta social, mas elas não salvam casamentos e não salvam vidas. Então fodam-se as regras. Se você quiser jogar Xbox enquanto estou no seu galpão, jogue Xbox. Se você deseja cancelar um encontro porque não está preparada para algo que possa acontecer, cancele o encontro. Se você precisar levar semanas — ou meses — para decidir se sou digno de segui-la no Instagram, então tenha esse tempo."

"Agora você está tirando sarro de mim."

"Não. Só realmente espero ver suas postagens secretas nas redes sociais."

Ela olha para o relógio, estreitando os olhos antes de raspar os dentes ao longo do lábio inferior.

"Nós devemos ir." Eu a liberto do meu aperto.

"Eu quero caminhar. Isso é tudo. Você pode ficar."

"Nós podemos andar com você." No segundo em que as palavras saem, eu compreendo. Sinto seu corpo enrijecer mesmo sem tocá-la. E seu rosto se contorce em uma careta nervosa. "Pensando bem, vamos voltar para casa."

Dorothy não tenta argumentar, nenhuma tentativa de fazer parecer que caminhar com ela seria legal. Essa é a minha lição de hoje. Dorothy precisa de tempo sozinha. Não é pessoal para ninguém. É a personalidade dela. Mais uma coisa boa, é apenas isso... mais. Não necessariamente melhor. Então, mesmo que eu deseje mais tempo com ela, preciso esperar. Quero que o desejo seja mútuo. A última coisa que posso lidar nesse momento é ter sentimentos por outra mulher que quer ficar o mais longe possível de mim.

"Vá caminhar. Se estiver tudo bem com você, vou dar a ele uma contagem regressiva de cinco minutos. Ele se sai melhor se souber que seu tempo está quase acabando, em vez de eu agarrá-lo e levá-lo porta afora."

"Sim. Certo. Absolutamente. Fique o tempo que precisar."

"Obrigado." Deslizo minha mão em volta do pescoço dela até a nuca e a puxo para mim para um beijo lento.

Ela se firma segurando meus braços. Eu espio por cima dela para ver se Roman ainda está fascinado pelo Xbox. Quando eu determino que ele está, deslizo minha outra mão para o rosto dela para aprofundar o beijo. Dorothy costumava enrijecer nesse momento, como se a incomodasse trocar saliva ou deixar nossas línguas se tocarem. Mas as coisas mudaram, e agora ela parece perfeitamente disposta e até um pouco ansiosa para deixar nosso beijo se transformar em algo que pode exigir um balde de água fria para extinguir.

Eu me afasto primeiro porque quero que ela me queira. E isso é péssimo. Julie sufocou minha confiança de uma maneira que parece permanente. Sempre esperarei o outro sapato cair? Trarei a paranoia comigo para todo relacionamento? Vou me tornar a pessoa carente do relacionamento, que exige confirmação constante de que está tudo bem? Que está tudo *bom*?

Meu Deus... espero que não.

"Obrigado por comprar esse jogo para o Roman."

"Oh. Sim. Vou comprar todos os jogos que ele quiser."

"Bem, vamos começar com apenas um."

"Sim, não quero que se transforme em um vício como aconteceu comigo."

"Você é viciada em Xbox?"

"Xbox. Netflix. Certas músicas. Eu tenho muitas obsessões. Se você tiver sorte, pode se tornar uma delas."

Engulo em seco e limpo a garganta. "Roman, cinco minutos, e depois vamos para casa, amigo."

"Seis minutos. Ouve... ouve, papai. Seis minutos."

Balanço a cabeça. "Não tenho certeza de quando e como ele aprendeu a negociar, mas o garoto é impossível."

"Hmm... seis minutos. Tempo suficiente para mostrar meu quarto." Ela me puxa para o quarto dela.

"Fique aí, Roman. Voltarei logo."

"Ok, papai."

Dorothy fecha suavemente a porta do quarto e se recosta na porta. Olho em volta para a enorme quantidade de livros e revistas.

"Você tem HPV?"

"O que?" Eu me viro para ela no momento em que ela está tirando a calcinha. "Dorothy..."

"Sim ou não."

"Hum... não. Por que você..."

"Eu também não." Ela dobra a calcinha e a coloca na beira de uma das estantes de livros antes de se encostar na porta, uma mão na maçaneta. "Me beija."

Roman definitivamente tem cinco minutos, talvez quatro, não que *ele* esteja contando o tempo. Mas o fato é que meu filho de três anos está a três metros da porta atrás de Dorothy. Ela molha os lábios, e eu não posso dizer não, então eu a beijo. Ela me beija de volta por dois segundos antes de virar a cabeça para o lado para quebrar o beijo.

"Embaixo", ela diz com uma voz rouca que eu mal reconheço.

Eu beijo seu pescoço, inalando o cheiro persistente de coco em sua pele.

"Mais embaixo..."

Eu beijo ao longo da área aberta de sua blusa de botão, logo acima de seu decote.

“Mais embaixo...”

Começo a desabotoar a blusa dela.

“Abaixo...” ela segura meus cabelos e empurra minha cabeça para baixo “... mais.”

Meus joelhos atingem o chão. Dorothy solta meu cabelo e agarra sua saia, levantando-a um centímetro de cada vez. Ela não olha para mim. Seus olhos se fecham quando o lábio inferior permanece preso entre os dentes, como se a necessidade fosse quase dolorosa.

No momento em que minha língua rompe o ápice de suas pernas, ela agarra a maçaneta da porta e treme, mordendo o lábio com mais força enquanto seus quadris se afastam da porta. Eu sei como isso vai acontecer — literal e figurativamente. Vou dar a ela o melhor sexo oral que ela já teve. O cronômetro de seis minutos disparará na minha cabeça ou, se tivermos muita sorte, um pequeno punho baterá na porta e tentará virar a maçaneta. Ela deslizará a saia para baixo como se nada tivesse acontecido. A porta se abrirá e minha ereção dolorosamente dura sairá do meu jeans e cutucará os olhos do meu filho.

É possível que eu tenha problemas com a sensação de que a sorte *não* está do meu lado.

“Porra... porra... porra... porra...” ela sussurra enquanto solta sua saia e agarra meu cabelo novamente, empurrando-o na direção em que ela quer que eu vá como se minha cabeça fosse um controle do Xbox. “Você sabe onde está o meu ponto G?” Seus olhos se abrem quando ela me dá um olhar aguçado.

Eu aceno, mantendo minha língua em movimento.

“Então encontre.”

Sinônimos de *Mayhem*: caos, estragos, loucura, problemas, desordem, pandemônio.

Sim. Todos se encaixam em Dorothy.

Deslizo dois dedos dentro dela — nada como colocar no local ou ter que encontrá-lo. Um quiz popular *oral* da vida real. Para dez pontos extras, encontre o ponto G.

"Mmm!" Ela morde os lábios e assente repetidamente enquanto seus olhos se fecham. "Mmm hmm..." A mão direita dela puxa meu cabelo até eu conseguir um orgasmo dela. Então ela perde todo o controle de suas pernas.

Puxo meus dedos para conseguir agarrar seus quadris para impedi-la de cair enquanto minha boca fica entre suas pernas. Nossos olhares se encontram. Suas pálpebras estão pesadas e seus dedos acariciam meu cabelo, um silencioso obrigada.

Eu lentamente me levanto.

"Não!" Dorothy balança a cabeça para o lado quando eu me inclino para beijá-la. "Eu não quero me provar. Eca... não. De jeito nenhum." Ela espia com um olho.

"Mas você queria que eu fizesse isso com você."

"Sim. Mas não quero fazer isso comigo mesma."

Dou um passo para trás, ajustando meu pau antes de cutucar uma criança pequena nos olhos. "Está bem então."

"Você está com raiva?"

"Não. Dolorosamente excitado? Sim. Mas é por isso que Deus fez banhos frios e crianças de três anos."

"Ok. Bem..." Ela encolhe os ombros. "Obrigada."

Balanço minha cabeça em uma pequena risada enquanto uso as costas da minha mão para limpar o 'eca' de Dorothy da minha boca. "A qualquer momento."

"Nós podemos nos abraçar."

Eu sorrio de novo. Um abraço — o feio meio-irmão do beijo francês e do boquete.

"Ok." Eu tento abraçá-la, mas é como se fossemos duas pessoas tentando passar uma pela outra em vez de nos abraçar. Ela não pode decidir em qual caminho mover a cabeça. Se ela fosse da minha altura, nós bateríamos na cabeça.

É um abraço estranho. Eu não consigo explicar. Antes, quando a abracei e a beijei apaixonadamente, ela agarrou meus braços e minha camisa, às vezes até a parte de trás do meu pescoço, e me puxou para ela com tanta necessidade e desejo. Tivemos sexo estilo cachorrinho mais cedo

hoje. E acabei de atacá-la por cerca de quatro minutos e meio, incluindo a conquista bem-sucedida do seu ponto G.

Mas depois de tudo isso, a única coisa que Dorothy Mayhem realmente é péssima é em abraçar. Então eu a abraço como quando Roman não quer ser abraçado. E ela me dá uma série muito estranha de tapinhas.

Tapinha. tap-tap-tap-tap.

Nem parece um abraço, é mais como dois estranhos forçados a se mover juntos em um espaço apertado para deixar alguém passar.

"É melhor irmos."

"Sim." Ela rapidamente me libera, não que ela realmente estivesse me segurando. "Vou tirá-lo do Xbox enquanto você lava as mãos."

Para o registro, eu planejava entrar no banheiro para lavar as mãos antes de pegar Roman. Eu juro. Mas o fato de Dorothy insistir nisso antes que eu tenha a chance de fazê-lo apenas amplia a enorme diferença nas mulheres que escolhi para estarem na minha vida.

Durante o final de nosso casamento, quando Julie estava experimentando evidentemente sua nova personalidade, a que ela testou algumas vezes comigo (sem que eu soubesse), ela sentou-se nua na cama, encostada na cabeceira da cama, com as pernas bem abertas e se masturbou na minha frente. Então ela enfiou os dedos molhados na minha boca e me disse para prová-la. Mas ela nunca sugeriu que um de nós fosse lavar as mãos.

"Ótimo. Obrigado." Sorrio quando Dorothy abre a porta.

"Certo. Sem problemas."

Eu amo isto. Isso me enche de alegria — a maneira como Dorothy muda de uma garota dizendo para encontrar seu ponto G para um educado 'sem problemas', como se eu tivesse acabado de derramar algumas gotas de café na minha camisa e ela estivesse observando Roman enquanto eu entro no banheiro para cuidar das manchas.

Por mais que eu queira acreditar que conheço Dorothy Mayhem, eu só peguei pequenos vislumbres dela. Cada um tão luminoso, sei que ela é muito brilhante para que alguém possa realmente vê-la.

Depois de lavar as mãos, faço Roman ir ao banheiro antes do passeio de carro. Dorothy espera do lado de fora por nós, já vestida com calças de ioga e tênis Nike que combinam com sua camiseta laranja.

“Tchau, Dorfee. Nós… nós voltaremos. Vou jogar EssBoss.

“Tchau, Romeu.” Ela se agacha na frente dele e lhe dá um sorriso e um nariz enrugado.

Roman a ataca com um abraço. Ela cai para trás, deitada rigidamente no chão, com os braços de Roman em volta do pescoço.

“Ei, amigo. Já chega de abraços.” Eu o retiro de seu corpo e estendo minha mão para ajudá-la.

Ela limpa suas costas e ri. “Ele é um pequeno abraçador. Estarei pronta na próxima vez.”

Mordo minha língua quando as palavras ‘você pode aprender algumas coisas’ aprecem entre meus lábios franzidos. Mas ela disse que estaria pronta na próxima vez, e isso significa que ela receberá mais abraços do meu filho.

“Tenha uma ótima caminhada.”

“Ok. Obrigada.” Ela levanta a mão em um aceno estranho enquanto eu carrego Roman para o carro. “Todas as sobras ficaram no meu carro.”

“Oh… jogue fora. Não pode comê-las se não tiverem sido refrigeradas.” Ela encolhe os ombros.

“Desculpa. Eu sei que você estava realmente querendo-as.” Eu sorrio.

Ela devolve um sorriso tenso, sua versão fraca de mentir.

CAPÍTULO 17



Recolhimento[2] 101

Aguardei três dias antes de pressionar CHAMAR no meu telefone para ligar para Dorothy. Além de suas demandas sexuais aleatórias, que acontecem com um segundo de aviso, ela se qualifica como a namorada menos carente do mundo.

Namorada.

Essa é uma palavra estranha para eu ter na minha cabeça de trinta e oito anos. Ela é minha namorada? Estou quase duas décadas atrasado nas coisas do namoro, então talvez namorada seja um termo ultrapassado.

Ela não atende minha ligação, mesmo que tenha passado do horário programado de lavar o carro e os cães. Talvez ela ainda esteja caminhando. Antes que eu possa especular mais, meu telefone vibra com uma mensagem dela.

Dorothy: ***O que você precisa?***

Eu: ***Eu preciso falar com você.***

Dorothy: ***Mensagem não funciona para você?***

Eu sorrio.

Eu: ***Eu gosto do som da sua voz.***

[2] Ação de recolher alimentos que são deixados para trás após a colheita ou venda em mercados.

Dorothy: ***"O que você quer?"***

Ela envia uma mensagem de voz. Quero dizer... é *claro que* ela envia.

Isso me faz rir mais. Faz aquela felicidade infinita borbulhar para a superfície novamente.

Devolvo com uma mensagem de voz. ***"Eu preciso de uma babá para Roman amanhã à noite."***

Não é mentira.

É verdade que meus pais ou uma de minhas irmãs cuidariam dele com alegria, mas isso não me dará a chance de ver Dorothy novamente antes do trabalho na sexta-feira.

Dorothy: ***Certo!*** 😂 ***A que horas? Volto do recolhimento por volta das 20h.*** 👏

Eu: ***Eu tenho um compromisso às 19h.*** 🤧

Dorothy: ***Oh. Vadio. Desculpa.*** 😣

Eu: ***O que você tem às 19h?***

Dorothy: ***Recolhimento.*** ✊ 😳

Eu: ***Você poderia pular uma noite?***

Dorothy: ***Claro, deixarei as pessoas pobres, sem-teto e famintas saberem que irei deixar de alimentá-las porque você precisa de mim. Qual é o seu compromisso?***

Eu: ***Massagem.***

Dorothy: ***Oh! Sim, parece super importante.***

Eu: ***Ligando para você agora. ATENDA SEU TELEFONE!***

Eu ligo para ela e ela atende no primeiro toque.

"Qual é o seu problema? As mensagens de texto foram inventadas para que as pessoas não precisassem ter conversas verbais."

"Oi, Dorothy. Eu também senti sua falta. Você teve uma boa semana até agora?"

"Claro, me faça parecer insensível."

"Qual é a sua aversão a conversas telefônicas?"

"Aff! É apenas uma coisa de tempo. Conversa fiada. Porcaria de bate-papo que me deixa louca."

"Então, falar comigo deixa você louca?"

"Não. Ainda não, mas se você se recusar a enviar uma mensagem para mim, poderá chegar a esse ponto. E os emojis dão contexto às palavras melhor do que eu posso fazer com a inflexão. Então, quando você tira os meus emojis, há uma boa chance de você interpretar mal o verdadeiro significado por trás das minhas palavras."

"Eu farei *qualquer coisa* se você pular uma noite de recolhimento para cuidar de Roman por mim."

Isso é um código para: eu faria *qualquer coisa* para vê-la na quinta à noite.

"Hum... de novo, nenhum emoji dificulta isso para mim, mas o seu *qualquer coisa* parece sexual. Você está se prostituindo para conseguir uma babá para o seu filho? Puxa, que tipo de massagem é essa que você está recebendo?"

"Por favor."

"Você parece desesperado."

"Por favorzinho."

"Sim, está melhor. Não está tão desesperado. Emoji de rolar os olhos."

Eu sorrio. "Você acabou de me falar verbalmente um emoji?"

"Sim. Emoji high-five."

"Chega de emojis. A inflexão da sua voz é o bastante para mim. Só para você saber, o por favor e o por favorzinho é de Roman. Ele está implorando para passar um tempo com você novamente."

"Uau, e eu pensei que era péssima em mentir. Eu sei que já passou da hora dele dormir."

"Ele me disse tudo o que queria te dizer antes de ir para a cama."

"Ok."

Eu ofego com a minha próxima respiração cheia de mais mendicância. Ok. Ela disse que está bem. "Ok, sim, você vai cuidar dele?"

"Sim."

"Ele ficará tão animado."

"Ok."

Sim, alguns emojis com aquele ok monótono não seria tão ruim. Eu mentalmente insiro meu próprio emoji de carinha feliz e high-five depois que ela concorda.

"Você pode estar aqui às 18h30?"

"Ok."

"Ótimo! Boa noite, Dorothy. Você é a melhor."

"Ok..."

Espero a linha se desconectar.

"Boa noite, Eli."

Sim! 🙏.



Dorothy chega às 18h e fica no carro até as 18h30. Eu a deixo porque acho que talvez ela precise desses trinta minutos sozinha em seu carro. É bom empurrá-la ao seu limite sem empurrá-la completamente sobre o barranco. Grandes coisas acontecem quando ela se permite se aventurar fora de sua norma diária — como sexo estilo cachorrinho e sexo oral.

Sim, *ainda* estou pensando nisso. Tenho certeza de que pensarei nesse dia todos os dias pelo resto da minha vida.

"Dorfee!" Roman a cumprimenta com um abraço novamente, só que ela está pronta para isso desta vez e fica de pé.

"Pequeno Romeu! Você está animado para ficar comigo esta noite?"

"Sim!" Tão rapidamente quanto sua excitação começa, ele sai correndo para brincar, como um cachorro cumprimentando alguém e depois fugindo quando percebe que ninguém lhe trouxe doces.

"Ei." Observo como ela veste um jeans, blusa floral e tênis Nike verde que combina com as hastes na blusa floral. É a primeira vez que a vejo em um jeans. Ele não é tão convidativo quanto suas saias muito acessíveis, mas ela parece sexy pra caramba da mesma forma.

"Ei. Então você deixará a cadeirinha dele... para emergências?"

"O 9-1-1 é a melhor escolha para emergências."

"Sim, mas se você sofrer um acidente ou minha mãe ou meu pai se engasgarem com alguma coisa e morrerem, eu não gostaria de esperar até você chegar em casa. E o 9-1-1 não é um serviço de táxi." Ela enfia as mãos nos bolsos da frente, depois nos bolsos traseiros, depois as dobra sobre o peito. Isso é muito estranho para ela.

"Sim. Vou colocar a cadeirinha no seu carro agora. Só não se esqueça de me falar para tirar quando eu voltar."

"Beleza." Ela passa por mim e tira os tênis.

Algo parece um pouco estranho com Dorothy hoje à noite, mas não consigo entender direito. E preciso chegar à minha consulta, então troco a cadeirinha e dou as instruções de última hora.

"Há uma lista de números no balcão. Ele já jantou, mas há também uma lista de lanches que ele pode comer, mas não lhe dê nada depois das 19h30. A hora de dormir é 20h. Há uma lista dessa rotina também. Fazer xixi está no topo da lista. Faça-o ir primeiro e mais uma vez antes de colocá-lo na cama."

"Eli, eu sei ler. E esta não é a minha primeira vez como babá. Vá." Ela olha para o relógio.

Mais uma vez, sinto que algo não está certo com ela. Ela exala uma vibração nervosa que é diferente de suas outras vibrações.

Com Roman no outro quarto, eu me aproximo dela, esperando apagar a vibração estranha com um beijo. Ela endurece a princípio. Então ela pega minha camisa e me deixa beijá-la, permitindo que sua língua deslize contra a minha.

Foda-se a massagem. Quero colocar Roman em sua cama e deixar Dorothy nua na minha. Quando me afasto de sua boca, meu nariz esfrega contra o dela enquanto eu sussurro. “Talvez quando eu voltar você possa me beijar... mais embaixo.”

Ela esfrega os lábios e levanta o olhar para o meu. Alguns segundos depois, eles aumentam uma fração, pois minhas intenções devem estabelecer sua conexão em seu cérebro.

“Oh...” Ela balança a cabeça. “Não. Eu estou bem.”

Eu sorrio, dando um passo para trás, sentindo a ardência da rejeição. Talvez eu devesse ter enviado uma mensagem para ela. Talvez ela tivesse inserido um emoji de rosto piscando. Talvez aquele com a língua de fora. Talvez um emoji de berinjela.

Talvez... meus dias de boquete acabaram.

Eu suspiro. “Bem, obrigado. Vejo você mais tarde.”

Ela olha novamente para o relógio, mordendo o lábio inferior e assente. “Ok.”

“Tchau, Roman. Fique de olho em Dorothy.” Entro na sala onde ele está cercado por Legos e dou-lhe um beijo no topo de sua cabeça. Quando entro no meu carro, sussurro em uma risada: “Oh... não, eu estou bem.” Minha risada de ego esmagado continua quando saio da garagem. “Você perdeu o jogo, cara. Apenas... acabou.”



Depois da massagem vejo uma série de ligações perdidas e mensagens de textos de Julie no meu telefone.

Por que a transportadora hospitalar está com o nosso filho no mercado dos fazendeiros?

Onde você está?

Por que você não está atendendo o telefone?

Por que ela não sabe onde você está?

Ela tinha um assento de carro para ele?

Vou levá-lo comigo, já que ele está na minha agenda amanhã de qualquer maneira.

Droga, Eli! Por que o MEU filho teve um ataque quando tentei levá-lo comigo? Oh meu Deus, estou tão envergonhada que ele fez uma birra porque queria ficar com ela. Um policial perguntou a ela se estava tudo bem, como se eu estivesse tentando sequestrar meu próprio filho!

Onde você está?

Eu ligo para ela enquanto caminho para o carro.

"Jesus! Cadê você, Elijah?"

Eu esfrego minha testa. "Eu tinha um compromisso. Acalme-se. O que está acontecendo?"

"Você está transando com a garota transportadora? É por isso que ela estava no brunch no domingo e no mercado dos fazendeiros com Roman esta noite?"

"Como se fosse da sua conta. Você tem outra pergunta para mim?"

"Aquele é o meu filho. Você não pode deixá-lo com qualquer um. Ela não tinha a menor ideia de onde você estava."

"Ela disse isso?"

"Ela disse que você tinha um compromisso. Eu perguntei onde, e depois de alguns minutos daquele olhar de cervo encarando um farol, ela deu de ombros. Como ela pode falar com você em caso de uma emergência, se ela não tem ideia de onde você está? Como ela falaria comigo ou..."

"Fiz uma massagem. Dei mal jeito nas minhas costas na minha caminhada no outro dia. E, para que conste, Dorothy tem uma lista completa de nomes e números, incluindo o seu, para ligar em caso de emergência. Roman e eu passamos um tempo com Dorothy por quase seis semanas. Ela não é uma estranha aleatória. Ela é uma estudante de enfermagem e socorrista. Estou completamente confiante em sua capacidade de manter nosso filho seguro e agir adequadamente em caso de emergência."

"Você está namorando com ela?"

"Então terminamos aqui. Bom. Obrigado por ligar, Jules."

Saio do estacionamento e volto para casa, organizando meus pensamentos para descobrir com cuidado por que diabos Dorothy levou Roman ao mercado dos fazendeiros. Quando entro na garagem, a cadeirinha está ao lado da porta dos fundos.

Paro na cadeirinha, abaixando-me para inspecioná-la mais de perto. Os cintos parecem sujos. E quando os toco, estão pegajosos com manchas brancas como adesivo.

"Que diabos?" Eu murmuro antes de entrar em casa.

Dorothy ergue os olhos do sofá e coloca um dedo nos lábios. "Ele está dormindo", ela sussurra.

Mas ele não está dormindo em sua cama. E ele não está de pijama. Ele está dormindo no sofá, com a cabeça no colo dela, com comida no rosto e uma pilha de livros ao seu redor.

Ela sorri, acariciando seus cabelos.

Eu me ajoelho na poltrona oposta ao sofá e descanso meus braços nas pernas, abaixo a cabeça por alguns segundos para passar os dedos pelos cabelos. "Dorothy..." eu sussurro, balançando a cabeça. "O que você estava pensando ao levá-lo ao mercado dos fazendeiros?"

Quando olho para ela, espero culpa e remorso. Não. Em vez disso, ela torce os lábios para o lado e solta um suspiro lento enquanto tira a cabeça de Roman do colo. Sem olhar para mim, ela arrasta os pés para a cozinha, então eu a sigo.

Dorothy se vira para mim e se encosta no balcão. "Você conversou com a Dra. Hathaway." Ela arranha os dentes ao longo do lábio superior enquanto balança a cabeça lenta e contemplativamente. "Sim, isso foi realmente estranho. Ela queria levá-lo para casa com ela. Achei que seria bom, quero dizer... ela é mãe dele. Mas ele não queria ir, e apenas piorou tudo. E eu meio que me senti mal por não me lembrar de onde você disse que estava indo. Às vezes, eu perco certos detalhes. De qualquer forma... ela continuava perguntando repetidamente. Não estou acostumada a vê-la tão nervosa. A Chefe Cadela geralmente mostra muita autoridade e controle. Meio que... eu senti muito por ela." Ela encolhe os ombros. "O que eu deveria fazer?"

"Hum..." Eu tusso sarcasticamente. "Talvez *não* o levar ao mercado dos fazendeiros. Levá-lo para a cama na hora, vestindo o pijama e com o rosto lavado. Basicamente, seguir as instruções que eu deixei para você seguir."

"Eu recolho doações às quintas-feiras."

"Eu entendi isso. Mas pedi para você cuidar de Roman em vez disso hoje à noite."

"Você me implorou para vê-lo. E eu fiz. Você nunca me disse que eu não poderia levá-lo comigo."

"Você não perguntou."

"Eu não sabia que precisava perguntar."

"Eu não acredito nisso. É por isso que você queria a cadeirinha."

"Eu também queria a cadeirinha para emergências. Eu não estava mentindo sobre isso."

"Só sobre ir ao mercado dos fazendeiros."

Ela balança a cabeça. "Eu não menti."

"Você já ouviu falar que omitir a verdade é o mesmo que mentir?"

"Não. Nunca ouvi isso. E isso não faz sentido."

"Dorothy..." Descansando as mãos nos quadris, abaixo a cabeça e a balanço de um lado para o outro.

"Eu tenho fotos dele na minha carroça vermelha, andando com todos os sacos de sobras de alimento. Quer ver? Ele disse a todos que passamos que estávamos *recolhendo.* Meu Deus... foi tão fofo." Ela puxa o telefone do bolso.

"Não. Não quero ver fotos suas fazendo algo que não deveria estar fazendo com meu filho. *E...* não quero pensar em você dirigindo um veículo com meu filho nele. Você dirige rápido demais, ultrapassa as luzes vermelhas e fica completamente distraída quando está dirigindo. Não estou apenas chateado que você o levou ao mercado dos fazendeiros. Estou chateado que você o levou a algum lugar. E eu estou chateado que você me colocou em uma posição realmente desconfortável com Julie."

"Papai?" Roman tropeça na cozinha, esfregando os olhos. "Eu fiz xixi."

Com certeza, suas calças estão ensopadas, e eu suspeito que minhas almofadas do sofá também.

"Eu vou limpar tudo." Dorothy se afasta do balcão e vai em direção a Roman.

"Apenas vá, por favor. Vou limpá-lo. Obrigado por..." Eu balanço minha cabeça novamente, sentindo uma dor de cabeça chegando. "Cuidar dele."

"Eu vou. Eu... eu vou limpá-lo. Como uh... como se não tivesse acontecido. Vou apenas limpar." Ela pega a mão de Roman.

"Dorothy, você está me ouvindo? Por favor, vá para casa."

"Eu acho que você está bravo. Então vou limpá-lo. Problema resolvido."

"Dorothy!"

Ela pula. Seus olhos se arregalam sem piscar para mim.

O lábio inferior de Roman se projeta para frente e lágrimas enchem seus olhos. "Papai... por que você está com raiva de Dorfee?"

Porra...

"Ok. E-Então..." Dorothy gagueja e examina a sala como se estivesse procurando algo. "Eu vou apenas... embora. Tchau, Romeu."

"Tchau, Dorfee", ele murmura, piscando várias vezes sem soltar nenhuma lágrima de verdade ainda.

Quando ela passa por mim, eu agarro sua mão para detê-la e solto um longo suspiro. "Eu não deveria ter pedido para você vê-lo esta noite. Você tinha planos e eu não respeitei isso. Então tudo isso é comigo, não você."

Ela mantém o olhar na porta e não diz nada, então eu solto sua mão porque não tenho tempo para lidar com ela *e* deixar Roman limpo e na cama.

Sem tempo para paciência.

Sem tempo para reflexão.

Não tenho tempo para planejar como lidarei com Julie pela manhã.

Então, ajo por impulso e faço as coisas que precisam ser feitas primeiro, começando com meu filho encharcado.

A porta clica atrás de Dorothy.

"Vamos limpá-lo, amigo." Tiro a roupa dele sobre o chão de azulejos da cozinha.

"Papai, eu andei em uma carroça vermelha."

"Ah é?" Eu forço um pouco de entusiasmo paterno, mesmo que não sinta nenhum.

"Eu andei. Eu andei... e Dorfee puxou a carroça e eu fiz wee! E... e nós temos comida. Muita comida. Estávamos recolhendo!"

"Isso é ótimo, Roman." Eu o pego e o carrego para cima. "Você vai tomar banho comigo?"

"E Dorfee e eu demos *todos* os montes de alimentos para as pessoas, papai."

"Uh huh..." coloco-o no chão e ligo o chuveiro para aquecer enquanto tiro a roupa. "Vamos ver se você tem mais xixi." Coloco-o no vaso e, com certeza, mais xixi.

Ele ri. "É limão... ada. Eu e Dorfee tomamos limão... ada. Limão... ada roxa."

"Limonada de lavanda?"

"Sim. Limão... ada de lavanda. Era gostosa."

Eu o levo ao chuveiro.

Enquanto lavo seu cabelo, ele olha para mim. "Papai, algumas... algumas pessoas não têm comida."

Faço uma pausa nos meus movimentos por alguns segundos antes de retornar um aceno lento e retomar a lavagem. "Isso é verdade."

"É triste, papai. Dorfee diz que é triste. Mas eu e Dorfee demos... demos comida às pessoas. Todos os montes de comida. Isso... isso fez as pessoas felizes."

Eu sou um idiota.

Quando você conhece alguém que é essencialmente um humano melhor do que noventa e nove por cento da população, é difícil não mostrar ocasionalmente o seu lado idiota. Por padrão, o altruísmo deles será

interpretado como egoísmo. Esta noite, pensei que Dorothy estava sendo egoísta com sua insistência em ir ao mercado dos fazendeiros.

Eu estava errado.

Ela estava sendo completamente altruísta em suas ações. E, ao mesmo tempo, ensinando ao meu filho uma lição muito valiosa e a mim também.

CAPÍTULO 18



Ela é minha

Dorothy

"Bom dia." Mamãe sorri, apertando o laço do roupão branco.

"Obrigada por isso", murmuro com a boca cheia do arroz frito que sobrou.

"Você quer dizer o meu almoço que você está comendo como café da manhã?"

"Opa." Eu sorrio

"Como foi o mercado?"

"Bom. Levei Romeu comigo. Coloquei-o na minha pequena carroça vermelha. Veja." Pego as fotos no meu telefone. "Ele é tão esperto. Ele também ficou comendo a comida que estávamos juntando. Os vendedores enlouqueceram por ele. E comprei limonada de lavanda, e ele tentou comer o raminho de lavanda, mas cuspiu na perna de uma senhora passando por nós. Isso foi um pouco embaraçoso."

Ela ri. "Tenho certeza. Eli gostou do mercado?"

"Oh." Balanço a cabeça, pegando mais da comida. "Ele não foi. Ele tinha um compromisso. Eu estava cuidando de Roman por ele. Também encontrei a Dra. Hathaway. Ela parecia um pouco confusa ou preocupada por eu estar sozinha com Roman. Quando ela tentou convencê-lo a ir para casa com ela, ele gritou: 'Não! Eu fico com Dorfee!' Oh meu Deus, foi apenas... muito louco. Eu não sabia o que fazer."

"Então ele finalmente foi com ela?"

"Não. Porque um policial se aproximou e basicamente me perguntou se 'eu e meu filho' a conhecíamos. Tipo... você pode imaginar como ela deve estar horrorizada? Eu me senti muito mal por ela. Mas eu não sabia o que fazer."

"O que Eli disse quando você contou a ele?"

Eu me encolho. "Eu não acho que ele estava feliz. Ele não sabia *exatamente* que eu levaria Romeu ao mercado comigo. Ele meio que pirou quando chegou em casa."

"Dorothy Emmaline Mayhem, você levou o filho dele sem perguntar?"

"Não. Eu não *levei* o filho dele. Ele me pediu para cuidar de Roman. Nada demais. Tipo, o filho dele estava bem. Sim, ele não estava de pijama e seu rosto estava um pouco sujo, mas estava seguro e dormindo no sofá. Quero dizer... não é isso que deveria ser importante para os pais? Que no final do dia, seu filho está vivo e seguro em casa? Tipo... ele vê coisas ruins o dia todo. Ele vê crianças morrendo e pais sofrendo. Mas ele enlouquece com uma viagem ao mercado dos fazendeiros que acabou bem. Eu não sabia o que dizer ou fazer. Hoje de manhã, enquanto tomava banho, pensei que graças a Deus ele não sabia sobre o assento do carro."

"Você não usou um assento de carro?"

"Não. Claro que sim." Lavo o garfo e coloco na máquina de lavar louça. "Eu simplesmente não conseguia entender o sistema estúpido dos cintos. É como se estivesse muito solto, então tentei apertá-lo e Romeu disse que estava muito apertado. E justamente quando eu pensei que tinha acertado, percebi que havia... outro cinto com uma parte de metal no final que precisava ir em algum lugar, mas inferno se eu sabia onde era. Então tentei novamente, e todas as peças de metal estavam presas em algum tipo de trinco, o que é bom, certo? Mas como as coisas estavam muito frouxas, encontrei fita adesiva na garagem de Eli e prendi as tiras soltas até me sentir confiante de que tudo estava seguro e apertado."

"Oh meu Deus..." Mamãe cobre a boca. Ela ri tanto que bufa. "Dorothy... meu Deus. Você não fez isso. Por favor, me diga que você não colocou fita adesiva no filho daquele homem."

"Não em Roman. Eu colei nos cintos. E foi uma merda tirar essa fita quando chegamos ao mercado."

Ela enxuga as lágrimas dos olhos. "E quando voltou para casa? A fita não poderia estar tão fixa."

Eu reviro meus olhos. “Duh, eu levei o rolo inteiro comigo.” Olho para o meu relógio. “Eu preciso escovar os dentes e ir.”

“Eu te amo. Eu realmente amo você.” Ela continua rindo.

“Sim, sim. Amo você também.”



Elijah

“Nós precisamos conversar.” Julie está parada na porta do meu escritório, vestida com uma saia na altura dos joelhos, uma blusa branca revelando um pouco do seu novo decote, saltos pretos que fazem suas pernas parecerem ter 16 quilômetros de comprimento e um jaleco branco. Ela veste o mesmo look que usava no dia em que pediu o divórcio.

Eu fecho meu laptop e me recosto na cadeira da mesa. “Então fale.”

Ela entra no meu escritório e fecha a porta atrás dela antes de se sentar do outro lado da minha mesa. “Eu vivo com uma culpa por deixar você. E quando nos divorciamos, jurei para mim mesma que nunca seria mesquinha por causa de pequenos problemas com Roman. Portanto, não quero parecer que estou tentando causar problemas. Eu não estou. Ontem, tive um mau pressentimento quando vi sua amiga, Dorothy, com Roman no mercado. Eu não estava tentando ter um confronto. Simplesmente perguntei sobre o seu paradeiro. Sinceramente, presumi que você estivesse lá. Era realmente muito perturbador que ela parecesse tão ignorante sobre o assunto. Minha mente entrou em modo protetor de mãe e eu podia imaginá-la dando as costas para ele por dois segundos e não saber onde ele estava.”

“Jules...”

“Apenas...” Ela levanta a mão. “Por favor, me ouça.” Respirando fundo, ela encontra meu olhar examinador. “Isso poderia acontecer com você. Isso poderia acontecer comigo. Pessoas responsáveis têm coisas ruins acontecendo com seus filhos. Mas *nós* vivemos neste mundo com um amor feroz e protetor para ele. E eu sei que sua família e a minha família compartilham esse amor também. Você sabe que eu odeio que você o envie para uma creche, onde as pessoas que cuidam dele fazem isso porque estão

sendo pagos, não porque o amam com todo o seu ser. Mas pelo menos ele está em um lugar. E há regras e segurança. Mas uma garota que você conhece há dois segundos não deve poder passear pela cidade com nosso filho. E eu não me importo se isso me faz parecer uma cadela fria e desconfiada. O que você pensa ou qualquer outra pessoa pensa não importa para mim. Roman é minha única preocupação aqui."

"Você terminou?"

"Não. Eu quero um acordo legal que liste as pessoas que podem supervisionar Roman. E a lista deve ser mutuamente aceitável para todos os nomes nela."

Eu dou uma risada. "E você não quer Dorothy nessa lista."

"Você vai se casar com ela?"

"Pelo amor de Deus, Jules. Casar-se com alguém não os torna magicamente mais confiáveis."

"Uh..." ela ri. "Discordo. Gostaria de acreditar que nenhum de nós se casará com alguém, a menos que confiemos completamente nele com Roman."

"Bem, eu confio completamente em Dorothy." Odeio essa mentira. Eu, na maior parte, confio nela. E me sinto muito culpado por não poder confiar nela completamente, mas com certeza não deixarei Julie ver um pingo da minha dúvida. Isso não significa que estou planejando deixar Roman com Dorothy novamente em breve. Mas quero que a decisão seja minha, não algo mutuamente acordado entre Julie, eu e nossos advogados.

"Então você sabe tudo sobre ela? Qual a cor favorita dela? Em que hospital ela nasceu? Qual é o nome de solteira de sua mãe? Qual escola ela frequentou? Animais da infância? Ela tem cáries? Quais medicamentos ela toma?"

"Chega..." esfrego minha testa. "Se eu contratasse uma babá profissional, não saberia nem me importaria com a cor favorita dela."

"Verdade. Mas ela vem com referências. E você pode fazer uma verificação de antecedentes. Teste de drogas. Todas as coisas que um pai responsável faria antes de contratar uma babá. Então, se você não a conhece bem o suficiente para se casar com ela, e não realizou uma verificação completa de antecedentes, é melhor você sempre estar com ela quando ela estiver com Roman."

"Julie..."

"Isso é inegociável, Eli. Eu serei a vadia, se é isso que é necessário para manter meu filho o mais seguro possível. Estou um pouco decepcionada por você não mostrar o mesmo nível de responsabilidade. E se você não puder fazer isso por conta própria, vou garantir que um juiz faça você fazer isso."

Meu telefone vibra com uma mensagem da minha enfermeira. Fico de pé e visto meu jaleco. "Eu tenho que ir. Tenha um dia fabuloso, Jules. Você com certeza fez o meu."

"Por que você me faz parecer a pessoa ruim?" Ela me segue para fora do meu escritório.

"Porque todo dia que eu consigo encontrar algo seriamente errado com você é um dia a menos que eu tenho que me perguntar se algo está seriamente errado comigo." Continuo andando em direção ao elevador sem olhar para trás.

Depois de verificar um paciente que foi readmitido no início desta manhã, vou até o laboratório para verificar Warren e revisar alguns resultados dos testes.

"Como está indo?" Eu pergunto, entrando no laboratório.

Warren empurra sua cadeira para longe do balcão para me deixar olhar para o computador. "Eu acho que está indo muito bem."

E está. Estamos vendo uma destruição maciça de células cancerígenas sem grandes efeitos colaterais. Ainda temos muitos testes a fazer. Mas pequenas vitórias são importantes.

"Willow disse que viu Dorothy Mayhem com seu filho no mercado dos fazendeiros ontem à noite. Ela também está sendo sua babá agora? Cara, essa garota pode fazer muitos malabarismos. Ela por acaso disse alguma coisa sobre mim? Ela está levando o jogo de difícil a um nível ridículo."

Ótimo. Houve testemunhas. Espero que isso não chegue a Julie. Eu sei que ela começará a atrair pessoas para o escritório para interrogá-las.

"Eu tinha um compromisso. Ela cuidou dele por mim. Não é um trabalho real para ela."

"Você não tem um milhão de membros da família sempre brigando por quem cuida dele?"

Sim. Eu tenho. Mas eu não precisava de uma babá, precisava de Dorothy nua na minha cama. Mas tudo isso foi uma merda. Eu me pergunto se a verei nua novamente.

"Humm..." é minha única resposta enquanto inspeciono alguns slides.

Ele se encosta no balcão a alguns metros de mim. "Eu me pergunto se ela é uma garota de flores. Quero dizer, no começo eu pensei que ela poderia ser uma diversão, sabe? Mas quanto mais ela me dispensa, mais eu a quero. E acho que ela está decidida a arrebentar minhas bolas até que eu a trate da maneira que ela acha que merece ser tratada. Você sabe?"

"Como uma mulher inteligente com moral e altos padrões?"

Warren ri. "Certo. Algo parecido. Então, o que você acha? Flores? Chocolates? Caixa de biscoitos? Telegrama cantando?"

Digo a mim mesmo que não há razão para não contar a verdade a Warren. Mas a *verdade* é que há um milhão de razões para não dizer a Warren sobre mim e Dorothy. Eu não preciso de rumores por aí, porque os rumores sempre aumentam para as coisas mais ridículas. E a última coisa que preciso é de Julie descobrindo algo que não é verdade sobre Dorothy.

"Talvez ela não esteja legitimamente interessada. Sei que não é isso que o seu ego quer ouvir. Mas você pode não ser um deus para todas as mulheres."

"Se você é um cristão que acredita em um só deus, então é possível que eu *possa* ser um deus — o deus — para todas as mulheres."

"Nesse caso, envie a ela uma caixa de biscoitos da Bloomin Bakery."

"Oh sim. Esses são os melhores."

"Eles realmente são."

"Será que é tarde demais para pedir um hoje? Eu adoraria fazê-la pensar em mim hoje. Isso deixa mais dois dias para selar o acordo."

"E por acordo, você quer dizer educadamente convidá-la para sair, não a tornar uma conquista de plantão, certo?"

"Certo." Ele sorri.

Eu quero dar um soco nele. Por que meu instinto de proteger Dorothy me deixa assustadoramente violento?



Por volta das 16h, Dorothy bate na porta do laboratório. Warren a deixa entrar. Uma grande caixa de biscoitos esconde seu rosto.

"Eu não posso aceitar isso. Quero dizer, eu comi um, mas apenas como pagamento pelo meu tempo para entregá-los a você."

Ele pega o buquê dela. "Por que não?"

Ela me lança um olhar nervoso antes de levantar o queixo e se dirigir a Warren novamente. "Eu *percebo* a insinuação sexual. Esses cookies em troca do meu cookie. Bem, não quero compartilhar meu cookie com você. Então, boa tentativa."

Enquanto eles resolvem seus problemas de biscoito, pego um dos bombons embrulhados em celofane e dou uma mordida.

Mmm...

Eles são meus biscoitos favoritos em Portland.

"Droga..." Warren olha para o telefone. "Eu tenho que ir. Esses cookies não têm nada a ver com o seu cookie. Na verdade, eles nem foram minha ideia. O Dr. Hawkins fez a sugestão quando eu disse que queria lhe enviar uma coisa. Então agora você acha que *ele* quer seu cookie?"

"Sim."

Eu me engasgo com o meu cookie quando ela responde sem titubear.

Uma gargalhada sai de Warren quando ele cobre a boca com o punho e me lança um olhar acompanhado por um rolar de olhos. "Certo. Claro que sim. Mandarei algo menos sexual amanhã, Mayhem, algo como um rosário." Warren sai do laboratório.

"Ei, 'Dr. Hawkins,' por que você diria a Warren para me enviar uma caixa de cookies?"

Eu jogo o último pedaço do cookie na minha boca. "Por que você está citando meu nome?"

"Porque você é estranho com seu nome. Eli. Elijah. Dr. Hawkins. São tantas regras para lembrar."

"No trabalho, Dr. Hawkins está ótimo. Sem as aspas no ar. Sugeri que Warren lhe enviasse uma caixa de cookies porque sabia que você não aceitaria, e pensei que os cookies da Bloomin Bouquet seriam muito bons hoje. Perdi o almoço com minha mãe. Estou com fome."

"Por que você perdeu o almoço com sua mãe?"

"Porque eu fiz sexo com Dorothy Mayhem na casa da minha mãe no fim de semana passado. E eu sabia que isso é *tudo* que ela gostaria de falar hoje."

"Talvez você precisasse falar da sua raiva por eu levar Roman ao mercado dos fazendeiros. Talvez ela tivesse lhe dito algo realmente profundo como 'Eli, você deveria estar agradecido por seu filho estar vivo e livre de câncer. Aposto que muitos dos pais de seus pacientes adorariam que seu maior problema fosse que seu filho não vista pijama antes de adormecer ou que ele molhe a calça depois de muita limonada porque está saudável o suficiente para ir ao mercado'."

Rosto vermelho.

Balançando as mãos cerradas.

Maxilar contraído.

Dorothy Mayhem está seriamente chateada. Não é algo que eu já vi antes. Ela não gaguejou nem uma vez. Cada palavra parece planejada e ensaiada. Ela recitou esse discurso a noite toda?

"Entendi o que você está dizendo, mas não é assim tão simples."

"É simples assim! Ele está vivo. Você tem um filho vivo e que respira. Pare de foder os minutos do seu tempo se preocupando com ele e com coisas estúpidas."

Levanto-me e me aproximo para que ela abaixe a voz e possa ouvir minhas palavras e sentir sua gravidade.

"Talvez ele não esteja morrendo hoje, mas isso não significa que não corro o risco de perdê-lo. Julie não quer que você fique sozinha com ele sem supervisão."

"O quê?" Dorothy balança a cabeça para trás. "Ela sabe que nós fizemos sexo?"

"Assassinos em série, estupradores e molestadores de crianças fazem sexo. Não é um passe para a santidade."

Eu odeio Julie por estar certa. Isso faz as razões dela para me deixar certas também? Ela está sempre certa? Espero que não. Mas ela está certa sobre Roman e sobre nós o protegermos ser nossa prioridade número um. Sem chance de dizer a ela que ela está certa. Mas... Julie está certa. E nada que Dorothy possa dizer mudará isso.

"Você acha que eu sou uma serial killer, estupradora ou molestadora de crianças? Sério?"

"Não." Eu retribuo um sorriso triste. "Mas se você fosse, eu não saberia. A verdade é que há tanta coisa que não sei sobre você. E não posso ser guiado por instinto cego ou momentos insanos de paixão. Eu sempre tenho que manter a cabeça clara quando se trata de Roman. E eu não fiz um bom trabalho com isso."

"Por minha causa."

"Não. Sim... eu... não estou dizendo que tudo isso é culpa sua. Eu me aproximei de você. Convidei você para fazer as coisas conosco. Pedi para você vê-lo ontem à noite. Sou eu. Eu preciso ser mais maduro em meus pensamentos. Não tão impulsivo."

Com os olhos levemente estreitados, ela me observa. Então ela assente lentamente. "Ok. Sim, foi um erro."

"Erros acontecem." Dou de ombros, dando a ela o meu melhor sorriso compreensivo, esperando que pareça seu emoji favorito para que ela saiba que eu não estou bravo com ela, e não a culpo.

"Então, agimos como se nunca tivesse acontecido?" Ela pergunta.

"Sim. Eu acho que é uma boa ideia. Eu não me importo em insistir nisso."

O olhar de Dorothy passa por mim. "Os cookies foram realmente sua ideia?"

"Sim."

Os lábios dela franzem. "Ok." Ela pega a caixa de biscoitos e sai.

Eu balanço minha cabeça, com um sorriso fixado em meu rosto. Isso poderia ter dado errado. Ela chegou brigando, mas no final, sinto que

chegamos a um acordo. Ela pegou os biscoitos antes que eu tivesse a chance de pegar mais um, mas não posso ser ganancioso com minhas vitórias.

Uma hora depois, Warren retorna com um salto e cantarolando uma música.

"Obrigado, Dr. Hawkins."

Olho para ele com uma sobrancelha levantada. "Por quê?"

"A sugestão da caixa de biscoitos. Uma vez que a Srta. *Mayhem* percebeu que não foi minha ideia, mas fiz o esforço de aceitar sua sugestão e segui-la, ela me deu um joinha."

Empurrando minha cadeira para o lado para encará-lo, eu levanto minha cabeça, meus olhos se estreitam. "Joinha para o que exatamente?"

"Terça à noite vou levá-la para jantar."

O que... que merda?

"Você está brincando."

"Não. Eu não brincaria sobre isso. Aquela garota é uma parede de tijolos há semanas. Então, do nada, a caixa de biscoitos é igual a encontro com o Dr. Warren. No alvo!"

Olho para o meu relógio. "Eu vou tomar café."

"Posso pegar um para você."

"Não. Não quero que você tenha nada a ver com o meu café." Eu empurro a porta.

"Cara!" Ele ri. "Isso foi um pouco duro."

Duro? Duro será quando eu bater nele pra caralho por não ter recuado com Dorothy. Duro será perder meu emprego por brigar. Duro será tentar manter a custódia do meu filho com uma condenação por agressão em meu registro.

Eu envio uma mensagem para ela.

Eu: ***Onde você está?***

Ela não responde em tempo oportuno. E por oportuno, quero dizer em segundos. Então... eu ligo para ela.

Sem resposta.

Mas meu telefone vibra com um texto.

Dorothy: **Trabalhando. Não é permitido atender ligações no trabalho. Também não deveria estar mandando mensagens de texto.** 🤷

"Willa, como posso encontrar Dorothy Mayhem?"

Ela olha da mesa do lado de fora do meu laboratório. "A transportadora?"

"Sim."

"O que você precisa, Dr. Hawkins?"

"Eu preciso de Dorothy Mayhem."

"Eu tenho alguns minutos. Posso te ajudar."

"Ótimo. Diga a Dorothy Mayhem para vir aqui.

As sobrancelhas dela serpenteiam juntas. "Hum..."

"Duas palavras, Willa. Dorothy. Mayhem. Você pode fazer isso por mim?"

Ela assente lentamente, puxando o telefone do bolso da blusa. "O que você quer que eu diga a ela?"

"Eu não sei. Solicite alguma coisa."

"Para quem?"

Eu dou de ombros, mandíbula cerrada de irritação. "Não importa."

"Eu acho que importa. Veja, você pede algo que envolva um scan, e ela vem transportar o paciente. Ou equipamento. Você precisa de um ultrassom ou algo assim?"

"Bem. Uma tomografia computadorizada."

"Para quem?"

Eu resmungo. "Isto. Não. Importa."

"Mas sim. Eu tenho que inserir a ordem no sistema com o nome de um paciente."

"Jesus..." Eu corro minhas mãos pelos meus cabelos. "Ninguém receberá um escaneamento de verdade."

"Mas você acabou de dizer..."

"Deixa pra lá." Eu pulo fora. "Eu vou encontrá-la." Não é fácil rastreá-la, mas, eventualmente, eu a pego retornando um paciente para o quarto no segundo andar.

"O que..." Ela tropeça quando eu a apoio contra a parede, pairando sobre ela sem realmente tocá-la.

"Eu preciso de uma palavra com você."

"Estou trabalhando."

"Não estou pedindo. Uma palavra. Agora. Ou eu faço uma cena. Preciso fazer uma cena?"

"Prefiro que você não faça", ela diz, seus olhos vão de um lado para o outro.

"Ande." Eu aceno em direção à sala vazia vários metros atrás dela.

Mantendo seu olhar em mim, ela volta para o quarto enquanto eu me movo em sua direção, uma dança lenta de desconfiança.

Fecho a porta e tranco atrás de nós. Ela olha para mim com os olhos sem piscar.

"Você tem um *encontro* com Warren?"

Ela aprofunda a testa em confusão e assente uma vez.

"Por quê?" Eu parcialmente grito porque não gosto de ser pego de surpresa assim.

"Hum..." Seus olhos se voltam para os lados. "Porque ele me perguntou e comprou para mim uma caixa de biscoitos. E... pensei que ele poderia ser uma boa maneira para eu nos superar."

"Nos superar? O que isso significa?"

"Uau..." Ela limpa a garganta e engole em seco. "Quando você disse que não queria insistir, você realmente quis dizer isso. Bem, você meio que terminou o que quer que tínhamos..." ela confere o relógio "...uma hora atrás. Então imaginei que poderia passar semanas registrando em diário e dissecando o que exatamente deu errado, ou poderia seguir em frente rapidamente para distrair meus pensamentos. Então eu escolhi seguir em frente rapidamente."

"Do que você está falando? Eu não acabei com a gente."

"Você terminou. Você nos chamou de má decisão. Eu disse *erro*. Você disse: 'Erros acontecem'. E você disse que não queria mais insistir nisso."

"Eu estava falando sobre a noite passada!"

Ela pula. Não pretendia assustá-la, mas odeio me sentir tão fora de controle. Eu odeio a ideia de perdê-la. Mas ela age como se tudo já estivesse perdido.

Isso me deixa tão zangado comigo mesmo, com Warren, com Julie, com... o mundo. Estou chateado com o mundo por nenhuma outra razão além de quase cair de joelhos ao pensar em Dorothy e Warren juntos.

As pessoas não são propriedade — coisas a possuir. Mas, neste exato momento, minha mente diz: 'Foda-se isso'. Dorothy Mayhem pertence a mim. Pronto. Eu possuo seus momentos embaraçosos, suas risadas patetas e barulhentas, sua sedução robótica e cada centímetro de seu corpo, levando diretamente ao seu ponto G, que... sim. Isso pertence a mim também.

"Eu estava falando sobre a noite passada", digo com um pouco menos de desespero e agressividade. "Foi um erro *meu*. Eu não precisava de uma babá. Tenho uma longa lista de familiares ansiosos e sempre prontos e dispostos a cuidar de Roman. Eu nunca precisei de uma babá. Eu só..." coço a parte de trás do meu pescoço. "Eu só queria tanto te ver. E não sabia se você me diria sim, então aproveitei a oportunidade de você dizer sim a Roman."

Os olhos dela se estreitam. "Você usou Roman para me ver?"

"Uh... *sim*. Não tenho vergonha quando se trata de você." Eu escovo meus lábios nos dela.

Para minha surpresa, ela não fica rígida e leva tempo para decidir se quer ser beijada. Em vez disso, ela pega meu jaleco e me puxa para ela,

abrindo a boca para mim. Eu beijo cada centímetro da sua boca enquanto a possuo também, enquanto Dorothy faz pequenos zumbidos.

"M-Meu telefone?" Ela quebra o beijo e pega o telefone. "Eu tenho que ir."

Concordo com a cabeça, tentando suprimir a inclinação de dizer a ela para ignorar o telefone, tirar a roupa e me deixar encontrar *todos* os pontos que lhe dão prazer. "Ok."

Ela assente, esfregando os lábios que escondem um pequeno sorriso. "Ok."

"Amanhã, faça uma mala e venha para minha casa depois do trabalho."

Seu olhar dispara para o meu. "Oh... hum..."

Eu sorrio. "Por *Roman*. Por favor..." pisco para ela.

"Você está usando-o para me fazer ir?"

"Cem por cento. E sem arrependimentos." Sorrio, abaixando minha cabeça para beijar seu pescoço, sinto o cheiro de coco ao longo de sua pele enquanto minhas mãos espalmam sua bunda.

Sua respiração engata. "Oh... uh... então você está me convidando para uma festa do pijama?"

"Mmm hmm..." Eu me torturo tomando um último gosto de sua pele, um último aperto em sua bunda firme e curvilínea.

"Ok."

"Siiiim..." Deslizo minhas mãos logo atrás de sua bunda na parte de trás de suas pernas e a levanto, pressionando-a de volta à porta, posicionando a minha ereção entre as pernas abertas.

"Eu tenho que ir." Ela agarra meu pescoço para se firmar enquanto manobro seus quadris para... bem, torturar meu pau um pouco mais. "Se..." sua voz assume uma entonação necessitada e ofegante "...se você não parar agora, eu vou ter que encontrar um lugar para me masturbar, porque não serei capaz de parar de pensar no orgasmo que você *quase* me deu."

Sim, pessoas neurotípicas não dizem isso. Com certeza eu nunca confessaria a uma mulher que seu flerte e provocação exigiria que eu me masturbasse. Deus sabe que fiz isso depois de todos os encontros falsos

quando conheci Dorothy. E depois que ela sair desta sala, vou pegar a xícara de café que eu disse que pegaria, voltarei para o meu escritório, trancarei a porta, fecharei as cortinas e vou bater uma. Mas *nunca* confessaria isso a ela ou a qualquer outra mulher.

Minha testa cai no ombro dela. “Você está me matando, Dorothy. Está me matando.”

“Eu tenho que ir. Se esperarmos, alguém perguntará onde eu estive. E não poderei mentir.”

Tum.

Felizmente, ela cai de pé quando a solto como se tirasse uma panela do forno sem luvas. Não preciso que ela conte às pessoas sobre eu tocá-la em uma sala vazia enquanto a convido para passar a noite comigo. E é assim que ela diria, não tenho dúvida disso.

“Vá trabalhar. Vai! Vai! Vai!” Abro a porta e dou-lhe um empurrão suave.

CAPÍTULO 19



Mulher-Maravilha

Dorothy

Em vez de lidar com uma avalanche de perguntas, escrevo uma mensagem para minha mãe depois que chego ao trabalho.

Eu: **Não estarei em casa hoje à noite. Fui convidada para uma festa do pijama com Roman. Amo você.**

Então descobri que Eli não está trabalhando hoje. Tão bom. Eu tenho problemas suficientes em focar no meu trabalho enquanto minha mente continua vagando para a festa do pijama. Roman vai enlouquecer quando ele vir meu pijama. Tenho gavetas de roupas que me convenci de que precisava em determinado momento, mas estão longe de serem práticas. No entanto, mantenho-as com a crença de que a ocasião certa se apresente e terei a roupa perfeita.

Apresentando... uma festa do pijama com Romeu.

Perfeito!

Depois do trabalho, troco de roupa no meu carro. Ninguém no hospital precisa ver meu pijama, embora parte de mim queira exibi-lo. Estou um pouco surpresa que Eli esteja deixando Roman me ver hoje à noite desde que saio do trabalho às 20h, o que significa que não chegarei à casa dele até quase 20h30. Mas é uma noite de sábado, então suponho que Roman fique acordado até um pouco mais tarde.

Tantas suposições. Ser um Aspie nem sempre é chocolate quente e marshmallow com granulado de arco-íris. Não. Muitas vezes, é como estar em uma festa temática de Guerra nas Estrelas vestida como Spock, cumprimentando a todos com a saudação Vulcano.

"Ei!" Sorrio com orgulho quando Eli abre a porta da frente. Meu sorriso desaparece. "É o melhor que você tem?" Meu olhar faz uma inspeção crítica de seus jeans desbotados e camiseta branca lisa. O pobre Romeu precisa de um adulto divertido em sua vida, alguém que saiba que as festas do pijama envolvem pelo menos um macacão com pés bicudos.

"Eu... eu estou..." os olhos de Eli se arregalam, sua mandíbula treme quando eu entro e deslizo minha jaqueta. Seu olhar percorre minhas meias vermelhas até os joelhos que parecem botas, meu minúsculo short azul com estrelas amarelas, minha blusa vermelha justa com o logotipo da Mulher-Maravilha e minha tiara chique.

"Cha... to." Reviro os olhos para o traje dele, passando por ele e largando minha bolsa pelo aparador. "Onde ele está?" Vou até a cozinha, onde há dois copos e uma garrafa de vinho — uma escolha estranha para uma festa do pijama. Espero que ele tenha suco de maçã para o Romeu. Mas Eli ganha muito quando percebo a grande caixa de pizza da minha pizzaria favorita.

Mas a pizza tem que esperar. Eu quero encontrar Romeu.

"Onde está meu pequeno Romeu?" Eu ando pela sala de estar.

Sem Roman.

"A Mulher-Maravilha está aqui." Subo as escadas para o quarto dele.

Sem Roman.

Depois de olhar para sua cama perfeitamente feita dentro do seu quarto escuro, eu viro na porta. Eli está no topo da escada, o nariz enrugado e os dentes presos no lábio inferior.

"Ele está brincando de esconde-esconde, hein?" Eu sussurro.

Eli vira a cabeça de um lado para o outro, seu olhar me inspecionando com fome.

Fico triste. "Então, onde ele está?"

"Hum..." Eli limpa a garganta. "Julie está com ele esta semana."

"O quê? Mas você me convidou aqui *hoje à noite!* Eu tenho isso no meu calendário. Eu posso te mostrar."

"Não... eu..." Ele esfrega a boca, e eu juro que ele faz isso para mascarar seu sorriso.

Isso me deixa surpresa.

"Eu pedi para você passar a noite comigo."

"Uma *festa do pijama.*" Eu estendo meus braços.

Olá!

Sério, ele perdeu o meu pijama? Pijama é igual a festa do pijama.

"*Você* chamou assim." Ele balança a cabeça.

"Você disse *por Roman*!"

"Foi uma piada. Eu tinha acabado de lhe contar como o tinha usado descaradamente para passar um tempo com você. E eu sorri e pisquei quando disse isso porque era uma piada. Pensei que você soubesse que era uma piada e que Julie o tem esta semana."

Minha mente explode. Não consigo formular um único pensamento coerente.

Raiva.

Confusão.

Embaraço.

Estupidez.

Tantas emoções. Eu não sei como lidar com elas. O que dizer. Ou o que fazer a seguir.

"Eu..." balanço minha cabeça, e abro a boca. "Eu não entendi a piada então. Perco muito do humor."

"Eu realmente sinto muito. Podemos simplesmente deixar pra lá? Tenho pizza e vinho. E *eu* quero que você fique esta noite."

Oh Deus... sexo. Ele me convidou para fazer sexo!

De repente, seu jeans sexy e camiseta branca e colada fazem sentido.

"Eu tenho que correr para casa." Corro em uma linha reta para as escadas, mas ele me impede de descer por elas.

"O quê? Não, por quê? Você esqueceu alguma coisa? Eu tenho uma escova de dentes extra. Apenas fique."

Levanto os olhos, dando-lhe um enorme olhar descontente. Claramente, eu sou a única que pode ver o óbvio. “Esta não é a roupa que eu usaria para passar a noite com *você*. Eu tenho uma que funcionará melhor. Vou para casa e pego. Mas agora, não estou vestida para sexo e sedução.”

“Oh, Dorothy...” Ele ri, dando um passo em minha direção. “Eu acredito que você está.”

Eu dou um passo para trás.

Ele dá um passo à frente com um olhar nos olhos. Eu já vi isso antes. E eu *não* estou vestindo as roupas adequadas para o que significa esse olhar.

Nossa pequena dança termina em seu quarto com sua cama batendo na parte de trás das minhas pernas, impedindo-me de dar outro passo.

Eu respiro fundo, muito fundo.

Corre!

Sim, eu quero correr, rápido como a Mulher-Maravilha ou até pular pela janela. Mas parte de mim quer ficar porque Eli cheira a ervas familiares, um dos aromas raros que eu gosto. E ele parece sexy, não como se pudesse salvar o mundo ou algo espetacular assim, mas definitivamente como se ele pudesse trazer seu jogo A na cama.

“Eu pareço... hum...” Meus olhos se fecham quando ele passa os lábios pela minha bochecha até a minha boca.

“Espetacular pra caralho.” Ele beija meu lábio superior antes de brincar com a língua ao longo da minha boca.

Não tenho sutiã embaixo da minha blusa. Meus mamilos geralmente são bem-comportados. Eli consegue expor meu lado selvagem, e isso é um pouco embaraçoso para mim. E eu não gosto do jeito que minha blusa esfrega contra eles em seu estado ereto. Coça demais.

Depois, há a situação das roupas íntimas. Sim, é uma *situação*. Calcinha da Mulher-Maravilha que parece cueca de menino, mas não é para meninos. Realmente. Eu a comprei online e dizia especificamente *meninas jovens*.

Se ele a vir, pode ficar ofendido. Imaginando se eu tinha planejado mostrar a Romeu minha cueca.

Eu não tinha tais planos. Mas poderia parecer assim.

Eu só a uso porque a tenho. E para o meu próprio sentimento pessoal de grandiosidade, eu queria me sentir o máximo possível a Mulher-Maravilha.

Virando a cabeça, eu finalizo o beijo. “Esta camisa está arranhando meus mamilos.”

Ele me estuda por alguns segundos e sorri, agarrando a barra da minha camisa.

“Não.” Eu me abraço para impedi-lo de tirar minha blusa. “Preciso trocar minha calcinha primeiro.”

As sobrancelhas dele se erguem na testa. “Você teve algum problema?”

“Não.” Eu atiro minha cabeça para trás.

“Bem, nenhuma roupa íntima é necessária para o que eu planejei.”

Eu reviro meus olhos. “Eu só não quero que você veja a que estou usando.”

“Listras?”

“O quê? Não!”

“Furos?”

“Ugh... não!”

“Agora você *tem* que me mostrar.” Ele desliza os polegares sob a cintura do meu short. Eu os afasto.

“Oh, merda, Eli! É uma calcinha da Mulher-Maravilha. Eu *não a mostraria* ao Roman. Não sou uma molestadora de crianças. Eu a coloquei porque a tinha e ela combina com o resto da minha roupa.”

O sorriso de Eli cresce até as orelhas. “Jesus... eu sou um cara de sorte hoje à noite. Vamos chegar a essa calcinha especial em um segundo. Estou mais preocupado com seus mamilos.” Suas mãos voltam para a barra da minha camisa.

Pego minha tiara.

“Isso está coçando também?” Ele se concentra na minha cabeça.

“Não.”

"Então deixe aí." Sua boca se torce em um sorriso perverso quando ele desliza minha blusa para cima, passando-a pela minha cabeça sem retirar a tiara. "Sente-se."

Sento-me na beira da cama, me sentindo bastante agradável neste momento, porque meus mamilos estão muito felizes por estarem livres da camisa de algodão que coça. Ele apalpa um dos meus seios minúsculos (sim, minúsculos) e acaricia meu mamilo com a ponta do polegar enquanto beija meu pescoço até minha boca.

Fato: Se feito corretamente, uma mulher pode ter um orgasmo apenas com a estimulação do mamilo. Nossos mamilos são um campo minado de nervos que enviam sensações para as mesmas partes do cérebro que o clitóris e o útero. Anos atrás, li um estudo publicado no Journal of Sexual Medicine. Eu imediatamente conduzi meu próprio experimento e confirmei a precisão dos resultados publicados.

Quando Eli move a boca para o meu peito, dando aos minúsculos seios uma atenção especializada com a língua, sinto-me confiante de que ele também leu o mesmo artigo porque, em pouco tempo... tenho meu primeiro orgasmo da noite, sentada à beira da sua cama.

Ele parece bastante satisfeito consigo mesmo. Também estou satisfeita comigo mesma, mas não pelo orgasmo. Consigo não estragar o momento, informando a ele que sou tão sensível assim, o que significa que não é preciso muito para me agradar e que também não é preciso muito para me estimular a ponto de querer rastejar para fora da minha pele.

Vamos torcer para que isso não aconteça.

"Legaaal..." Digo com uma respiração forte e muito calor nas minhas bochechas enquanto sorrimos um para o outro. "Chega dos meus mamilos. Agora vá para outra coisa."

Eli ri e fica de pé. Ele tira a camisa e desabotoa o jeans. É quando me bate... estamos a segundos e meros centímetros do seu pau exposto pendurado ou provavelmente saltando ao nível dos olhos (nível da boca) comigo. Eu pulo de pé, o que faz seus olhos se arregalarem de surpresa.

É hipócrita ou talvez realmente injusto da minha parte querer que ele — pedir a ele — vá para baixo em mim, quando não tenho desejo ou intenção de retribuir? Provavelmente.

Não é que eu não tenha estudado boquetes. Eu fiz. E se eu puder desligar meu cérebro, meu paladar, meu olfato e entorpecer meu reflexo de

vômito, sei que posso dar um boquete tão bom quanto qualquer outra pessoa. Mas essa mudança ainda não existe — talvez com futuros avanços médicos e farmacêuticos. Então Eli está preso à mulher que tem hipersensibilidade a tudo. E embora eu não tenha dados reais para fazer o backup, tenho certeza de que muitos Aspies provavelmente recebem um F no sexo oral.

Antes que Eli possa questionar meu movimento rápido, eu o beijo. Isso eu posso fazer. Eu realmente gosto de fazer.

E para aliviar a picada da proibição do sexo oral, deslizo minha mão pela frente da sua cueca e a envolvo em seu pau. Minha mão não pode cheirar, provar ou amordaçar. Então eu sei que posso e vou acariciá-lo a noite toda, se é isso que é preciso para manter essa coisa fora da minha boca.

“Porra...” ele diz, quebrando nosso beijo e descansando sua testa na minha logo abaixo da minha tiara, vendo-me acariciá-lo. Também não me importo de assistir. Eu sou muito boa nisso.

Eli agarra a parte de trás da minha cabeça e esmaga sua boca na minha, gemendo em nosso beijo, balançando seu quadril na minha mão. “Tire minha calça”, ele murmura contra os meus lábios.

Merda!

Esse é o código clássico para conseguir que uma mulher se agache e puxe as calças para baixo, apenas para esfaqueá-la na garganta com um pau.

Eu arranco minha boca da dele e tiro a mão de sua calça. Ele me observa com olhos semicerrados enquanto umedece os lábios. Eli parece drogado. E sexy. Ele parece muito gostoso. Mas nem mesmo o sol seria quente o suficiente para eu cair na armadilha de tirar sua calça. E o sorriso de lábios apertados que dou a ele deve dar uma pista sobre isso. Ele tem que saber que eu gosto dele e de suas táticas amadoras.

Eu beijo seu peito e seu braço, movendo-me lentamente para as costas, onde beijo entre as omoplatas dele, enquanto envolvo meus braços em volta dele, raspando meus dedos e unhas ao longo de seu peito. E então... eu me agacho na zona segura. Minhas mãos enrolam em volta da cintura do seu jeans e cueca, puxando os dois para baixo em um movimento moderadamente suave. Enquanto beijo a parte de trás de suas pernas e sua bunda firme, ele sai do jeans e se vira para mim.

Um pequeno sorriso puxa seus lábios quando ele agarra minha bunda, puxando-me para mais perto dele. ‘Por que o sorriso?’

Tirei sua calça sem engolir seu pau! Estou muito orgulhosa de mim mesma.

E é exatamente isso que sairá da minha boca se eu for forçada a dar uma resposta. Então, levanto-me na ponta dos pés e o beijo. Abraçando-me com mais força, ele me levanta do chão e me deita no meio de sua cama.

Ajoelhado entre meus joelhos abertos, ele tira minhas meias e as joga por cima do ombro, com um sorriso arrogante. "Receio ter desperdiçado toda a minha vida baixando muito o nível das minhas fantasias, porque você é o meu maior sonho molhado até agora." Ele beija ao longo da minha panturrilha, subindo lentamente minha perna enquanto deslizo meu short alguns centímetros, apenas o suficiente para revelar minha cueca de menina. "Perfeito." Ele sorri, removendo completamente meu short e o jogando no chão com o resto das minhas roupas.

"O quê?" Pergunto quando ele passa o olhar sobre o meu corpo sem mover outro músculo.

"Você é linda, Dorothy. E eu só quero olhar para você. Só por alguns segundos, quero guardar isso na memória."

Parece doce. Realmente parece. Mas estou esparramada na cama dele, vestindo nada mais que uma cueca de menina da Mulher-Maravilha e uma tiara. Pervertido? Fetichista até? Talvez. Mas *bonito* é difícil de acreditar, provavelmente porque vejo *partes* mais do que a totalidade das coisas. Lindo o quê? Olhos? Pele? Cabelo?

"Você é um pouco excêntrico, Eli?"

Seus lábios se contraem, olhos cheios de palavras não ditas. Eu preciso dessas palavras. Forçar-me a adivinhar a merda geralmente termina em desastre.

"Defina excêntrico." Ele se inclina para a frente e beija meu abdômen, provocando com sua língua o topo da minha cueca da Mulher-Maravilha.

Eu fecho meus olhos enquanto meus dedos se enrolam em seus cabelos, pressionando-o um pouco mais para baixo. Ele passa o nariz pela virilha da minha cueca, deixando-me louca com o calor da sua respiração.

"Eli..." Levanto meus quadris da cama. Sim, eu percebo que é o equivalente a ele esfaquear minha boca com seu pau. Eu nunca afirmei que meu raciocínio é justo.

"Ainda não..." Sua boca nega meu pedido enquanto beija seu caminho pelo meu corpo. "Se eu te der isso agora..." ele escova os lábios nos meus "...vou ter que lavar minha boca com água e sabão, escovar e passar fio dental nos dentes antes que eu possa te beijar. E agora... eu quero te beijar."

Eu sorrio "Afirmação correta."

Eli me beija, parece diferente dos outros beijos — há um estranho choque de paciência e desespero. Talvez seja o corpo nu dele pairando sobre o meu. Talvez seja porque estamos a ponto de fazer sexo totalmente nus em uma cama que não pertence à mãe dele.

Suas mãos exploram meu corpo. As minhas descansam nos braços dele. Eli deixa as coisas crescerem lentamente, como se ele quisesse aproveitar o momento. A jornada parece ter importância para ele. Eu, por outro lado, tenho foco a laser no destino.

Eu odeio ter dois modos: não me toque. Ou... me dê um orgasmo agora!

Preliminares são simplesmente uma superabundância de toques.

"Coloque um preservativo."

"Eu vou." Ele continua me tocando com sua boca em volta no meu corpo.

Eu faço uma careta, apertando as mãos para me impedir de alcançar entre minhas pernas e me dar um orgasmo. Sim, algo que eu teria feito e costumava fazer anos antes. O olhar de choque que aparecia nos rapazes depois que eu me divertia e pulava da cama antes de embrulhá-lo e tentar colocá-lo dentro de mim era realmente inestimável.

Mas Eli não é apenas um rapaz aleatório que pretendo usar para um orgasmo rápido. E quero que ele pense que sou boa em sexo — não apenas comigo mesma, mas também com ele.

Mais uma vez, ele deixa sua boca pairar entre as minhas pernas enquanto desliza um dedo debaixo da minha cueca, provocando meu clitóris. Minha mão cobre a dele enquanto eu puxo minha pélvis, guiando seu dedo dentro de mim.

Sim!

Ele é lento. Meus quadris balançam contra a mão dele em um ritmo muito mais rápido. Seu polegar encontra meu clitóris enquanto ele beija a parte interna da minha coxa, provocando-a com a língua.

Nós terminamos de nos beijar? Eu sinto como se tivéssemos. Se ele puder adicionar o dedo médio longo e mover a língua para cima dois centímetros, incluindo-a na mistura, verei estrelas.

“Deixe-me pegar o preservativo.”

O quê?!

Ele se senta na beira da cama, pega um preservativo da gaveta e o coloca.

Tiro a minha cueca de super-heroína. Apresse-se.”

O corpo dele vibra. “Temos a noite toda.”

Não. Certamente *não* temos a noite toda. Há pizza no andar de baixo. Eu tenho meus remédios para tomar. Rosto para lavar. Dentes para escovar e passar o fio dental. E *se* ele puder trabalhar com sua eficiência, podemos ter mais uma vez, mas não há como arrastarmos essa vez. A. Noite. Toda.

De jeito nenhum.

Então... eu o ataco. Essa é realmente a melhor descrição. Eu o empurro de volta na cama e o beijo com força enquanto alinho seu pau. Então afundo enquanto nos agitamos em uníssono.

“Encontre-me, Eli.” Eu sorrio, segurando meu pulso e colocando minha função de atividade sexual no meu relógio.

Ele revira os olhos. “Não é uma corrida.”

“Discordo.” Começo a me mover em um ritmo acelerado.

Ele agarra meus quadris para me desacelerar, mas eu mantenho o ritmo, perseguindo o orgasmo, inclinando-me para frente para manter meu clitóris esfregando contra sua pélvis. E quando me aproximo da linha de chegada cobiçada, ele me tira dele, como se soubesse.

“O que você está fazendo?” Eu protesto.

Ele me vira de costas — colocando meus braços na cama ao lado da minha cabeça — e coloca seus quadris entre as minhas pernas, deslizando

de volta para dentro de mim. “Estou *te encontrando,* Mayhem. É melhor me acompanhar.” Ele sorri antes de me beijar e bater *seriamente* em mim.

O jogo segue!

Até que... não.

Eli consegue encontrar o ângulo perfeito que me nega o atrito que eu preciso, e ele tem minhas mãos presas na cama para que eu não possa me masturbar.

“Você é terrível no sexo.” Faço uma careta para ele por causa das gotas de suor ao longo de sua testa enquanto ele se move em cima de mim, claramente queimando mais calorias e se aproximando da maldita linha de chegada que não consigo mais ver.

“Eu realmente não sou.” Ele sorri, soltando meus braços.

Minhas mãos voam direto para o cabelo dele. Fechando-os em punhos, eu o puxo o mais forte possível. “Puta...”

Ele me corta com os lábios cobrindo os meus e sua língua enche minha boca enquanto desliza a mão entre nossas pélvis e produz um orgasmo espetacular apenas alguns segundos depois que ele chega ao clímax. Eli só *tem* que ganhar.

CAPÍTULO 20



Dorothy Definida

Elijah

Bem, foi a primeira vez.

Mesmo nas vezes em que fiz sexo violento com Julie, não foi tão violento. Foi mais como sexo com maquiagem e um pouco de atitude.

O sexo com Dorothy Mayhem envolve um campo de jogo — talvez um campo de batalha — um relógio e medalhas de colocação.

Antes que eu possa abraçá-la e puxá-la para perto de mim, ela sai da cama e volta para o pijama de super-heroína, menos a tiara que caiu enquanto ela me montava como uma verdadeira deusa.

"Uau..." Ela se abaixa e inclina a cabeça para olhar para a pilha de livros na mesa ao lado da cadeira no canto do meu quarto. "Você tem muitos livros sobre autismo. Você acha que Roman está no espectro?"

Sento-me e pego um lenço de papel, minha cueca e jeans. "Não."

Dorothy se senta na cadeira e inspeciona os livros, um de cada vez. "*Autismo nos saltos.* Parece algo para uma mulher."

Espero na beira da cama, jeans vestido, mãos cruzadas entre as pernas.

Ela olha para mim, as sobrancelhas arqueadas em questão. "Você está lendo isso por minha causa?"

Eu aceno, me perguntando o que está acontecendo em sua mente. Preciso me desculpar? Pescar alguma desculpa patética?

Dorothy os joga na poltrona otomana e esfrega os lábios. “O que você quer saber? Você não precisa de um livro. Tudo o que precisa fazer é me perguntar.”

Abaixando a cabeça, massageio a parte de trás do meu pescoço. “Eu não estava procurando respostas. Eu estava procurando informações. Estava procurando *para* as perguntas que eu nunca teria pensado em fazer até depois que estragasse tudo. Até que fosse tarde demais.”

Ela assente lentamente, sua testa está enrugada. “Aposto que foi frustrante ler isso. Porque para cada três coisas que você poderia relacionar diretamente comigo, tem que haver pelo menos uma... talvez duas que não se encaixam bem. Eu sei disso porque li todos os livros. Eu acho que até esse aqui.” Ela pega um dos livros e olha para trás.

Eu olho para ela e sussurro: “Sim.”

“Se eu pegasse um livro sobre homens, todos os estereótipos se aplicariam a você?”

Balanço a cabeça.

“Se eu conhecer você, isso significa que saberei tudo o que faz o Dr. Warren agir da maneira que ele age?”

Balanço a cabeça.

“O espectro é *humano*. Não é autismo. Não importa o que dizem os chamados especialistas. Mas eu possuo o rótulo há anos de qualquer maneira.” Ela ri. “Imagine ser meus pais... sentados ao redor de uma mesa com sua filha de dez anos de idade (depois de anos ouvindo que as garotas não tinham autismo), e o médico finalmente diz: ‘Sim, o diagnóstico é de Asperger. E sua filha grita: ‘Oh, ótimo... agora eu tenho HAMBURGER’.”

Mordo meus lábios, até meu rosto ficar azul.

Dorothy sorri. “Está bem. Você pode rir. É bem engraçado.”

Eu aperto minha mão na minha boca e gargalho até minha barriga doer, assim como fiz na parte de trás do seu Audi quando ela disse ‘comendo Dorothy’. Não sou eu rindo dela de uma maneira maldosa. É ela me fazendo rir da maneira mais refrescante. Depois que Julie saiu, eu me perguntei se alguma vez riria assim novamente.

Roman me faz rir, e é real. E isso é bom. Mas é agridoce, porque toda vez que ele faz algo fofo ou engraçado, quero ligar para Julie e dizer para ela

vir vê-lo ou ouvi-lo repetir. Mas Julie não está aqui. Não somos mais uma unidade familiar. E isso sempre rouba um pedacinho de alegria do momento.

"Meus pais contam essa história o tempo todo. Levei anos para ver o humor disso. Mas agora isso me faz rir. O humor pode ser difícil para mim. Rir de mim nunca veio naturalmente. Eu posso fazer isso agora, mas apenas porque aprendi a fazê-lo. Através de muitos colapsos e lágrimas, eu me forcei a rir disso. E diários. Eu trabalho as coisas dessa maneira. E às vezes eu converso com meus pais. Eles não são médicos certificados como sua mãe, mas são suficientes. Eles me ajudam a colocar as coisas em perspectiva. Dizem quando exagerei em uma situação ou subestimei a importância de fazer ou dizer mais."

Vou até ela, removendo os livros da otomana e sentando-me, descansando as mãos nas pernas dela, esperando que esteja tudo bem. Ela coloca as mãos em cima das minhas. Eu preciso disso. Preciso saber que posso tocá-la — pelo menos algumas vezes — e que está tudo bem. Algumas coisas nestes livros me preocupam. Eles me fazem pensar que ela nunca vai querer ser tocada. Nunca *realmente* irá querer fazer sexo.

"Eu não leio esses livros para entender você. Eu os li para aprender mais sobre uma parte do espectro humano."

Ela olha para mim e sorri.

"Nunca é demais estudar perspectivas diferentes. Certo?" Eu pergunto.

"Certo."

"Acha que é tarde demais para pizza?"

O queixo de Dorothy cai quando ela ofega. "*Nunca* é tarde para pizza."

"Ok, Mulher-Maravilha. Vamos comer." Eu me levanto, pegando a mão dela e a levando para a cozinha.

Ela empilha metade da pizza no prato.

Eu sorrio. "Preocupada que vou comer mais do que minha parte?"

"Isso acontece muito comigo." Ela pega sua bolsa e pesca um recipiente de comprimidos.

"Remédios para colesterol para todo o queijo que você come?"

"Ainda não." Ela sorri enquanto eu entrego a ela uma garrafa de água.

"Pílula de ansiedade. Comprimido para dormir. Multivitaminas. Magnésio. Açafrão. O que você toma?"

Eu sorrio, carregando nossos pratos para a mesa. "Eu vou me automedicar com esta garrafa de pinot."

"Que nojo. Eu odeio vinho." Ela se joga em sua pizza.

"Anotado. Na verdade, eu gostaria de fazer mais anotações, se você não se importa."

Dorothy olha para mim com meia fatia de pizza pendurada na boca. "Sobre o quê?" Ela murmura.

Durante a próxima hora, eu a entrevisto, preparando-me para passar em todos os testes de Dorothy Mayhem, se a ocasião surgir novamente.

Cor favorita: Vermelho.

Local de nascimento: Portland, Oregon.

Data de nascimento: 6 de maio de 1989.

Ensino Médio: Riverdale.

Nome de solteira da mãe: Crowley.

Animais de estimação na infância: dois cães, ambos Cavalier Spaniels – Jax e Bailey.

Cáries: Nenhuma.

Condições médicas: Protegida pelo seguro HIPAA.

Passatempo favorito: empate entre Xbox e maratona na Netflix.

Série favorita: Game of Thrones.

Cantor favorito: Taylor Swift.

E então há tantas coisas que ela não pode responder sobre si mesma. Eu estou bem com isso porque quero descobri-la, não estudá-la.

"Venha para a cama." Estendo minha mão enquanto ela boceja pouco antes da meia-noite.

Subimos as escadas.

"Toma banho comigo?"

“Parece lotado e bagunçado.”

“Você não viu meu banheiro. É grande e limpo. E se encontrarmos algo que está sujo, tenho muito sabão para usar.”

“Esta é a sua maneira de sugerir sexo novamente?”

No topo da escada, eu a puxo para mim. “Isso seria tão ruim?”

“Sem preliminares.”

“Nenhuma mulher nunca disse isso.” Eu sorrio.

“Bem, eu sou uma mulher, e estou dizendo isso.”

“Sinto que você está me usando apenas para orgasmos rápidos.”

Ela caminha em direção ao meu banheiro, puxando-me atrás dela por nada mais do que o dedo indicador apertado no meu. “Isso seria tão ruim?” Ela me lança um sorriso sedutor por cima do ombro.

Dorothy... Dorothy... Dorothy...

CAPÍTULO 21



Despedidas perdidas

Dorothy

A pior noite da vida

Reviravolta na história — um ótimo sexo termina em um sono agitado. Pelo menos para mim.

A cama é dura.

Os lençóis coçam.

A luz está acesa no corredor.

O excesso de calor corporal.

Isso não funciona para mim.

Por volta das quatro da manhã, desisto. Por que me torturar mais?

“Eli?” Eu digo.

Sem resposta.

“Eli!”

“Jesus!” Ele pula com o volume da minha voz ligeiramente elevada e outra vez, quando abre os olhos e vê meu rosto a centímetros do dele. “Uau...” Ele balança a cabeça para o lado e senta na cama. “O que está acontecendo? Por que você gritou comigo? Que horas são?” Ele olha para o relógio no carregador ao lado da cama.

“Eu vou me exercitar.”

“O quê? São quatro da manhã. Domingo.”

"Sim, mas eu tenho que trabalhar."

"Não até as 08h", ele responde com uma voz rouca enquanto esfrega os olhos.

"Eu não consegui dormir. Então é melhor me exercitar."

"Eu vou com você."

"Não. Eu vou para a academia. Você não é sócio da minha academia, é?"

"Não..." ele murmura em um bocejo.

"Ok. Até mais."

Ele agarra meu braço.

"Não vamos nos beijar."

"Hálito matinal?" Ele ri.

"Sim." Eu torço o nariz.

"Que tal um abraço estranho?"

"Por que tem que ser estranho?"

"Não tem. É apenas uma grande probabilidade." Ele me puxa para seu corpo e me abraça. Eu tento moldar meu corpo no dele sem cair em cima dele. Mas com ele encostado à cabeceira da cama, não sei onde colocar meus braços. Então eu coloco minha bunda de lado e deixo que ele abrace meu tórax enquanto minha bochecha bate desconfortavelmente em seu ombro.

Ele me solta.

"O que você quer dizer?"

"Nada." Ele sorri. "Dirija com segurança, ok?"

"Ok."

"Dorothy?"

Eu viro na porta. "Sim?"

"Vou para San Francisco amanhã de manhã para uma conferência de dois dias. Volto quarta-feira."

"Ok. Hum... devo contar a Warren sobre nós? Porque agora ele está esperando que eu vá jantar com ele terça à noite."

"Provavelmente ainda não. Eu tenho que trabalhar com ele, e ele te convidou para sair apenas alguns dias atrás. Não tenho certeza de quão bem receberá as notícias. Talvez é melhor dar um tempo."

"Ajo normalmente?"

Eli ri. "Isso."

"Você está rindo porque eu não sou normal."

"Dorothy, eu perdi todo o senso de normalidade antes de você aparecer. Não há julgamento aqui."

"Ok. Tchau."

Paro na academia e queimo rapidamente seiscentas calorias. Eli receberá a notificação assim que verificar o relógio. Isso me deixa muito feliz.

A felicidade não equilibra completamente a decepção que sinto por *odiar* a cama dele. Eu sei que ele vai pedir para eu ficar mais uma vez. E também sei que direi não. Infelizmente, tenho problemas maiores.

Warren.

"Bom Dia." Ele desliza ao meu lado enquanto pago meu café na cafeteria.

"Dr. Warren." Eu sorrio. Ok, é uma careta que tento vender como um sorriso.

Felizmente o Dr. Warren é tão cheio de si que acaba comprando. "Tenho reservas em um restaurante muito popular. Eu acho que você vai gostar muito."

Aja normalmente. Não conte a ele.

Mais fácil falar do que fazer.

"Só se você me disser o nome dele."

"Não. É uma surpresa."

"Eu não gosto de surpresas." Dou passos rápidos em direção ao elevador.

Ele rapidamente está atrás de mim. “Você vai gostar dessa.”

Não. Eu não vou gostar. Só vou ter certeza de jantar antes de sair.

“A propósito...” Viro depois de entrar no elevador.

Ele me segue, trazendo seu perfume avassalador com ele. “Sim?” Ele me mostra seu sorriso caro.

“Nós não faremos sexo no nosso encontro.”

“Não?” Ele inclina a cabeça para o lado. “Você tem certeza disso?”

Olho fixo para os números digitais do andar enquanto o elevador sobe. “Definitivamente.”

Ele dá um passo para trás e lentamente me inspeciona sobre a tampa de seu copo de café. Depois de alguns segundos, seu rosto se transforma em algo como reconhecimento. “Oh... entendi.”

Ele entendeu?

Como ele pode dizer tão rapidamente que eu fiz sexo quente, forte e com orgasmos múltiplos com o Dr. Hawkins? Estou brilhando?

“Eu vou esperar.” Ele pisca, saindo do elevador um andar antes do meu. “Mande-me seu endereço, Dorothy. Vejo você na terça-feira.”



Elijah

Na segunda-feira de manhã eu viajo para San Francisco para a conferência de dois dias. Quando enviei uma mensagem para Dorothy no domingo à noite para me despedir, ela deu sua resposta usual de ‘Ok, adeus’. Ela precisa do seu espaço. Eu respeito isso, mas isso não me faz desejar menos tempo com ela.

Digo a mim mesmo que vou ter calma e não vou mandar mensagem ou telefonar enquanto estiver viajando, mas não posso mentir... estou um pouco decepcionado por ela não fazer nenhum esforço para se comunicar comigo. Novamente, tenho que lembrar que Dorothy não é Julie ou qualquer

outra mulher que eu já conheci. Então, enquanto isso é noventa por cento uma coisa realmente boa, eu tenho que lidar com os dez por cento que são péssimos. E sua falta de necessidade de contato regular comigo é os 10%. Isso me faz sentir carente, e eu realmente não sou uma pessoa carente.

"Bem-vindo de volta. Como foi a conferência?" Warren pergunta quarta-feira de manhã antes das rondas enquanto toma um café na sala.

"Bem." Olho para o meu tablet. "Foi o último dia de quimioterapia do Brandon. Deus... eu preciso que isso funcione."

"Ele está bem apesar de tudo. Eu o vejo voltando a campo no próximo ano." Warren se levanta e veste o jaleco.

"Mmm..." Concordo, abrindo uma garrafa de água. "Espero que sim."

"Então... alguma sugestão para um segundo encontro?"

"Do que você está falando?" Pergunto sem levantar os olhos do meu tablet.

"Levei Dorothy para jantar ontem à noite. Estou pensando em uma peça ou algo parecido para o nosso próximo encontro."

Eu levanto meu olhar lentamente para encontrar seu sorriso. Não devo ter ouvido corretamente.

"Diga isso de novo."

"Qual parte?"

"Tudo."

"Levei Dorothy para jantar na noite passada..."

"Dorothy Mayhem?"

Ele ri. "Uh... sim. Cara, você estava aqui na semana passada quando enviei para ela o buquê com os biscoitos que *você* sugeriu. Lembra?"

Concordo com a cabeça lentamente, aperto meu tablet fortemente enquanto ranjo os dentes.

"Aonde você vai?" Ele pergunta enquanto viro e saio da sala.

Dorothy está em aula, mas *tenho* que *mandar* uma mensagem para ela, mesmo que não responda. Ou uma mensagem para o telefone dela ou um soco na cara de Warren.

Eu: ***Precisamos conversar sobre seu encontro com Warren.***

Leva uma hora para ela responder. Enquanto estou no meio das minhas rondas, olho para a tela do meu telefone.

Dorothy: ***Ugh! Ele me levou em um ENCONTRO EM UMA FONDUE!*** 😭😭😭😭😭

"Dr. Hawkins?"

Volto minha atenção para a mãe da paciente. "Sim?"

Warren tem a coragem de franzir a testa para mim, do jeito que eu costumava franzir para ele antes de proibi-lo de usar o telefone durante as rondas.

"A escola. Ela será capaz de permanecer na escola enquanto recebe radiação?"

Não posso parar de pensar em Warren e Dorothy. Mesmo quando cuspo minha resposta para a mãe, uma mulher que merece toda a minha atenção. Não consigo me livrar da raiva.



Dorothy

Depois da aula, respondo à última mensagem de Eli, que foi:

Dr. Hawkins: ***Ou eu vou para sua casa ou você vai para a minha, mas vamos conversar hoje à noite.***

Eu: ***Vou levar Gemma para uma noite de Lavagem de Carro e Cachorro.*** 🫧🐶🚗

Dr. Hawkins: ***Gemma e seu carro sujo podem esperar. Eu não.***

Dorothy: ***A lavagem gratuita de Cachorro é somente nas quartas-feiras.*** 🐶

Eu: ***Eu não dou à mínima.***

Alguém está de mau humor. Eu dispenso. Balanço a cabeça.

Eu: ***Ligue-me amanhã depois do mercado. Veja... vou deixá-lo me ligar.*** 😀🙋

Dr. Hawkins: ***Eu vou correr. Depois do banho, irei para sua casa. Lide com isso.***

Ele realmente precisa adicionar alguns emojis. Na minha cabeça, imagino emojis zangados, mas ele não tem motivos para estar zangado... pelo menos não comigo. Talvez ele tenha problemas no trabalho ou com a Dra. Hathaway e precise de alguém com quem conversar.

Eu: ***Ok.*** 😀🙋

Depois de lavar o carro e o cachorro, faço minha caminhada de rotina, janto, tomo banho e jogo Xbox, esperando por Eli. Às 22h20, meu telefone toca. Hailey — gastroenterite da UTI me manda uma mensagem — bem, na verdade é uma mensagem de grupo. Eu *odeio* mensagens de grupo.

Hailey: ***Oh meu Deus... O Dr. Hawkins está gravemente ferido!***

Olho fixo para a tela, não acreditando totalmente no que está surgindo — a longa sequência de respostas de todos os outros do grupo. Não tenho nada a dizer por que meu cérebro está preso em negação.

Que porra? O que aconteceu?

Ele vai viver?

Quando? O que aconteceu?

Oh Meu Deus do Céu, você está falando sério?

Detalhes... precisamos de todas os detalhes.

Ele caiu de um barranco em uma trilha.

Teve que ser transportado por via aérea.

Levou duas horas para tirá-lo.

Barranco muito íngreme.

Eles estão o levando para cirurgia agora no Hospital Geral.

Eu saio em dez minutos. Vou direto para lá para descobrir mais. Atualizo em breve.

Depois de ler todas as mensagens do grupo, corro direto para o quarto dos meus pais e abro a porta.

Eles erguem os olhos da cama ajustável, iluminada pela tela da TV. *Grey´s Anatomy*. Sempre *Grey´s Anatomy*.

“O que há de errado?” Mamãe pergunta.

“Dr. Hawkins está entrando em cirurgia. Ele estava correndo. Caiu de um barranco íngreme da trilha. Hailey enviou uma mensagem no grupo. Ele deveria vir me ver essa noite. Estava esperando por ele. Não sei o que fazer. Fico? Vou? Eu não sou da família. Eu sei que eles não vão me dizer nada. Hailey dará melhores atualizações no grupo. Mas seus pais estarão lá. Meu Deus... pobre Roman. Ele está com Julie, mas ainda assim... ela vai levá-lo ao hospital, certo? Ou talvez não. Quero dizer, se for ruim, pode assustá-lo. Ele tem três anos. Oh Deus...” Eu pisco e sinto muitas lágrimas caírem pelo meu rosto ao mesmo tempo. “E se ele não viver?”

É como se eles estivessem na cama em um minuto, e em um piscar de olhos, eles estão me abraçando.

“Vá”, minha mãe diz. “Você definitivamente deve ir. Vou levá-la e ficar com você até sabermos como ele está.”

Eu concordo, limpando as lágrimas. “Ok.”

Dirigimos para o Hospital Geral, e somos recebidos por uma sala de espera lotada de familiares, colegas de trabalho e amigos. Estou completamente fora de lugar — mais do que o normal. Não há lugar para sentar-se, então mamãe e eu, nos aconchegamos em um canto perto de uma janela.

“Posso pegar cafés para nós?” Ela sugere.

“Ok.”

Depois que ela sai para pegar café, um pequeno olho mágico se forma na multidão, e do outro lado da sala, faço o que parece um contato acidental com os olhos de Lori Hawkins. Ela parece estranhamente calma. Nenhuma expressão decifrável em seu rosto. Não que eu seja uma especialista nisso.

Ela se levanta lentamente, soltando a mão de Kent e se dirigindo até mim. “Dorothy, querida... venha se sentar conosco.” Os braços dela me abraçam. Eu endureço. Depois de alguns segundos, aliso minhas mãos e lhe dou alguns tapinhas reconfortantes.

"Eles estão tentando parar o sangramento interno. Ele não estava respondendo quando chegaram com ele. Deus... nós temos tanta sorte que alguém o viu ir além do limite, caso contrário..." sua voz falha.

Caso contrário, ele teria morrido e levaria dias, se não mais, para encontrar seu corpo. Eu posso ler entre *essas* linhas.

"Onde está o Roman?"

"Ele está em casa com a mãe da Julie, Peggy. Venha." Ela pega minha mão e me puxa para o outro lado da sala de espera.

Kent me dá um sorriso triste quando Lori me apresenta às irmãs de Eli, Kendra e Molly, seus maridos e filhos. Julie está do outro lado de Kent, com olhos vermelhos e um lenço na mão. Sorrio para ela. Julie olha na outra direção e enxuga os olhos. Kent descansa a mão nas costas dela e esfrega círculos nela enquanto ela se inclina para ele.

"Sente-se, Dorothy. Eu sentei muito tempo. Acho que preciso dar uma volta. Kent, me mande uma mensagem se ouvir alguma coisa." Lori solta minha mão e aponta para o assento do outro lado de Kent.

"Minha mãe está aqui. Ela me trouxe. Ela foi pegar café. Eu estou bem. Não preciso me sentar agora."

Lori concorda. "Ok. Volto daqui a pouco."

Aqui estou... na frente da família de Eli e da Dra. Hathaway, que ou está realmente triste com o acidente — triste demais para sequer sorrir para mim — ou ainda está chateada com o incidente no hortifruti. Não posso culpá-la de qualquer maneira.

"Ei, aqui está você." Mamãe me entrega uma xícara de café. Eu me viro para ela e dou alguns passos para trás para nos distanciar da família de Eli.

"Eu acho que você não vai me apresentar, hein?" Mamãe me dá um olhar. O olhar que diz que não tenho bons modos.

"Lori foi dar uma volta. A Dra. Hathaway está do lado direito do pai dele, chorando. Eu sei o nome de Kent, mas já esqueci os nomes das irmãs de Eli e os nomes de seus maridos e filhos. Eu falharia epicamente na apresentação."

"Justo." Mamãe concorda.

"Eu deveria ter ido à lanchonete com você. Só vamos esperar aqui agora, quem sabe quanto tempo e, eventualmente, um médico vai aparecer e dizer que ele está vivo ou morto. De qualquer forma, não poderei vê-lo muito em breve, então..." dou de ombros.

"Ele ficará bem. Temos que acreditar nisso."

Eu concordo.

Durante as três horas restantes da cirurgia, aproveito a oportunidade para apresentar minha mãe à família dele. Depois que Lori volta, pegamos um sanduíche de café da manhã e um Dr. Pepper e damos uma longa caminhada pelo quarteirão. Então dois médicos saem para contar para a família que eles pararam todo o sangramento. Ele tem duas costelas fraturadas, uma fíbula quebrada, uma infinidade de cortes e perfurações e edema cerebral.

É um milagre que ele tenha sobrevivido à queda. Pelo menos é a conversa pela sala de espera. E por pior que pareça a lista de lesões... em uma escala maior, são ferimentos leves. Ele não precisa de cirurgia para as fraturas. E contanto que o inchaço em seu cérebro diminua sem complicações, ele deve se recuperar completamente.

O médico diz que vai demorar mais uma hora até que a família possa vê-lo e, mesmo assim, ele provavelmente não estará consciente.

"Vou para casa. Eu tenho aula. Estarei aqui se precisarem de mim. Apenas me avise. Eu posso ajudar com Roman ou... qualquer coisa." Solto meu discurso de saída depois de praticá-lo durante a última hora da cirurgia, porque sabia que não ficaria. Na verdade, estou morrendo de vontade de sair dessa sala de espera.

"Você deveria vir conosco." Lori aponta para a UTI.

"Eu não sou da família."

"Dorothy..."

"Eu venho amanhã depois da faculdade."

Lori franze a testa. "Ok. Garantiremos que alguém entre em contato com você se algo mudar."

"Ótimo. Obrigada."

Eu saio rápido do hospital.

"Notei que a Dra. Hathaway estava ao lado do pai de Eli, se preparando para ir com eles para vê-lo. Ela ainda é realmente da família?" Mamãe pergunta.

"Não sei. Eu não ligo. Ele provavelmente não vai acordar enquanto eles estiverem lá. Não há necessidade de ficar no canto da sala, vendo uma máquina ajudá-lo a respirar."

"Por que ele estava planejando visitá-la tão tarde?" Ela me segue pela porta.

"Ele queria conversar. A princípio, fez parecer que queria conversar sobre o meu encontro com o Dr. Warren. Mas não sei por que seria. Acho que deve ser outra coisa, porque as mensagens dele pareciam urgentes." Entro no Ford Escape da mamãe.

"Espera... você foi a um encontro com o Dr. Warren?" Ela fecha a porta e liga o carro.

"Sim." Inclino a cabeça no encosto de cabeça. "Eu ia te contar, mas você estava dormindo, então esqueci... é mais como se eu tivesse bloqueado a memória. Ele me levou para uma fondue. Eu simplesmente não consegui. Era tão nojento. Não acredito que esses restaurantes sejam legais. É apenas um caldeirão de germes nojentos. Um paraíso para doenças crônicas. Não vou mentir, meu estômago não está bom desde então. Acho que peguei alguma coisa. Amanhã vou solicitar exames de sangue e fezes. Na verdade, eu comi um pedaço, o primeiro, mas você sabe que eles não lavam aquelas panelas entre os clientes. Eles apenas despejam mais leite e queijo, aumentam o calor e assumem que ele se auto descontamina com o calor. Errado!"

"Espere... você e Eli terminaram?"

Uau, ela parece não se importar com o meu sofrimento sobre a fondue.

"Não. Quero dizer... não sei o que somos ou éramos. Não é como se conversássemos sobre isso. Nós fazemos sexo. Bom sexo. Mas não tenho certeza se compartilhar mutuamente as respostas do sistema nervoso autônomo necessariamente nos torne um casal."

"Autônomo, o quê?"

"Orgasmos. Nós fazemos sexo. Eu te disse no domingo passado que passar a noite foi um desastre completo. Nós não estamos nos abraçando e sussurrando eu te amo. É como fazer sexo, mas com comida e, às vezes, um

encontro com Roman. E ele não queria que eu dissesse ao Dr. Warren sobre nós, e Warren já tinha me chamado para sair e eu aceitei. Então, que escolha eu tinha? Eu fui ao terrível encontro de fondue, mas disse a ele com bastante antecedência que não faríamos sexo. Não estou interessada em fazer sexo com ninguém além de Eli agora."

"Sim, Dorothy." Mamãe ri. "Sexo com apenas uma pessoa. Isso se chama monogamia. Você está em um relacionamento monogâmico com Eli. Vocês são um casal. Você é a namorada dele."

Eu franzo o nariz, realmente não acredito no raciocínio dela, mesmo que isso faça algum sentido quando repito na minha cabeça.

"Tanto faz."

CAPÍTULO 22



Pode ser amor?

Elijah

Luzes.

Brilhante demais.

Bipe.

Alto demais.

Dor.

Dor demais.

Porra...

Tudo dói. Até minhas pálpebras protestam, especialmente meu olho esquerdo. Demoro um pouco para perceber que não consigo abri-lo.

Minha garganta...

Tem algo na minha garganta.

Os sons. Meu olho. Minha garganta... estou no hospital. O que aconteceu?

O eco de vozes frustra minhas tentativas de pensar... lembrar o que aconteceu.

Jesus... eu estou sequer vivo? Minha cabeça...

Sim, eu estou vivo. Pessoas mortas não sentem esse tipo de dor. A morte não parece exatamente terrível no momento.

"Eli?"

Inferno do caralho! Você se importa de não jogar essa luz nos meus olhos?

"Eli?" Mamãe.

Minha mãe está aqui.

Eu forço meu olho direito a abrir um pouco mais. O quarto está na penumbra, alguém apagou as luzes ou fechou as persianas. O tubo na minha garganta impede que eu agradeça a quem fez isso, mas ainda assim estou agradecido.

Mamãe... Seu rosto pensativo entra em foco.

"Eli. Eles removerão o tubo de respiração."

Isso é ótimo. Exceto que eu sei pelo meu treinamento médico que remover tubos não é exatamente a melhor experiência para o paciente. Eu gosto de ser o médico. O paciente? Não muito.

Sigo as instruções como se não as conhecesse muito bem.

Sucção.

Desinflar.

Retirar.

Tusso algumas vezes antes de colocarem uma máscara de oxigênio na minha boca e nariz.

Mamãe sorri quando papai entra na minha linha de visão. Minha linha de visão de um olho só.

"Você sabe o que aconteceu?" Mamãe pergunta enquanto uma equipe médica anda em volta da minha cama, verificando sinais vitais, monitores, reflexos.

Minha cabeça vira de um lado para o outro. Está dura. Mas ela se move então isso é realmente um bom sinal.

"Você caiu enquanto estava na trilha. Foi uma queda grande. Você ficará bem."

Eu não me lembro disso. Talvez seja melhor. Só me lembro de Dorothy e Warren e seu encontro na fondue. Encontro... como ela pode fazer sexo comigo e sair com ele duas noites depois? Ha! Não gosto dessa memória, mas

com certeza é bom saber que tenho lembranças. Então, meus ferimentos na cabeça não podem ser tão graves.

"Quanto... tempo faz?"

"Dois dias." Mamãe sorri de novo. Claro que ela sorri. Estou vivo e só fiquei em coma por dois dias. Boas notícias, de fato. Poderiam ter sido dois anos. Dois anos para Roman me esquecer. Dois anos para Julie se casar novamente. Dois anos sem salvar vidas jovens. Dois anos para Dorothy se apaixonar pelo Dr. Warren.

"Kendra e Molly estarão aqui em breve. Julie ia jantar com Roman e levá-lo à Peggy, mas seu pai acabou de mandar uma mensagem, então ela está a caminho agora com Roman. Ele não esteve no hospital desde o seu acidente. Não queríamos que ele o visse inconsciente."

"Bom", eu digo com uma voz rouca.

"Dorothy disse que viria verificá-lo após o final do turno dela. Mandei uma mensagem e ela enviou uma série de emojis. Ela pareceu muito animada ao saber que você está acordado."

"Ok." Sorrio interiormente porque é difícil formar um no meu rosto. Meu lábio inferior dói. Provavelmente está cortado, costurado ou rasgado. Não tenho certeza.

Enquanto esperamos pelo resto da minha família, eles removem minha máscara de oxigênio e me dão alguns pedaços de gelo. Mamãe continua me questionando sobre o acidente, mas não lembro. Lembro de tudo mais que ela pergunta o que parece agradar a ela e aos outros médicos.

"Papai!"

Julie mantém firme a mão de Roman enquanto ele tenta correr em direção a minha cama. "Lembre-se, o papai está um pouco frágil agora. Temos que ter cuidado com ele." Ela o levanta e o coloca ao lado da minha cama. Julie sorri para mim, mas é carregado com um pouco de tristeza, mas principalmente de alívio. E pela primeira vez no que parece uma eternidade, não sinto nada como ressentimento ou culpa. Parece como minha esposa costumava sorrir para mim.

"Seu olho. Papai olha! Seu olho é assustador."

"Sim, bem, vai melhorar logo. Não vou parecer assustador para sempre."

Julie usa um braço para impedir que Roman fique muito agitado ao meu redor enquanto sua outra mão aperta a minha. Lágrimas enchem seus olhos. “Eu tive tanto medo, Eli.”

Aperto a mão dela de volta. “Desculpe-me.”

Ela rapidamente limpa a lágrima perdida da bochecha e ri. “Não peça desculpas. Eu estou apenas...” Ela engole em seco. “Estou tão aliviada por você estar aqui. Poderia ter...” suas palavras se quebram quando mais lágrimas enchem seus olhos.

“Ei”, aperto a mão dela novamente, “está tudo bem. Estou bem.”

Minha mãe entrega um lenço para Julie enquanto Roman tenta descer da cama.

Mais tarde, minhas irmãs e suas famílias chegam. Todo mundo parece aliviado por me ver acordado. Muitas lágrimas. Deve ter sido ruim. Mais uma vez, estou feliz com a pequena perda de memória.

“Dorothy, não! Volte aqui”, minha mãe diz, saindo da sala, “não se assuste. É só a família. Entre, querida.” Ela traz Dorothy para dentro do quarto.

Dorothy ainda usa seu uniforme de trabalho, vermelho com uma camiseta azul royal e Nikes azul royal. Colocando os cabelos atrás das orelhas, seu olhar percorre o quarto cheio de pessoas. O desconforto dela não pode ser tão ruim quanto o meu, mas ainda sinto uma pontada de desconforto por ela.

“Dorfee!” Roman corre para ela e levanta a mão para bater contra a dela.

A expressão de Julie permanece neutra, como se estivesse tentando agir naturalmente, mas mesmo com apenas um olho funcionando no momento, não perco seu pequeno sobressalto.

“Pequeno Romeu, eu senti sua falta.” Dorothy sorri para Roman antes de finalmente me olhar.

Preciso daqueles olhos honestos em mim. Eles me dizem tudo o que ela tem medo de dizer.

“Temo que tenhamos problemas por ter muitas pessoas aqui. Por que não vamos jantar?” Mamãe sugere.

Todo mundo me diz boa noite enquanto Dorothy vai para o canto do quarto como se estivesse tentando desaparecer.

“Vem cá.” Estendo minha mão depois que a porta se fecha e somos apenas nós.

“Obrigada por não morrer.” Ela ri nervosamente enquanto segura minha mão.

“De nada.” Eu levanto minha mão para que nossas palmas fiquem apoiadas uma contra a outra.

Ela olha para as nossas mãos enquanto entrelaço nossos dedos.

“Eu te amo.”

Seu olhar dispara para o meu. Olhos arregalados e lábios abertos.

“Eu amo. E eu quase morri sem dizer isso. E isso foi estúpido da minha parte. Então, no caso de eu ter um coágulo ou tomar um rumo inesperado, só quero que você saiba. Eu te amo, Dorothy Mayhem.”

Não é que eu pretenda que minha declaração seja uma surpresa, mas claramente é bem chocante. Eu sorrio e faço uma careta. Minhas costelas não estão prontas para risadas. “Não é uma pergunta. Ok? Não requer resposta, nem reconhecimento.”

Ela assente lentamente, voltando o olhar para os nossos dedos entrelaçados. Trago-os para o meu rosto, roçando gentilmente meus lábios (lábios inchados) sobre seus dedos. Dorothy tem um jeito de aliviar minha dor, e tenho certeza de que ela não tem ideia do efeito que tem sobre mim.

“Receio que possa ficar para trás então fecharei meus ciclos por um tempo.”

Um sorriso se forma em seus lábios perfeitos. “Você acha?”

“Estou feliz que você veio na outra noite. Eu posso precisar dessas memórias para passar pelo processo de cura.”

Suas bochechas ficam vermelhas. “Eu estava lendo sobre orgasmos.”

Sim, eu a amo. E tenho certeza de que morrerei feliz se ela começar toda conversa com ‘eu estava lendo sobre orgasmos’.

Ela continua, “Você conhece o reflexo de Lázaro?”

“Sim.”

"Bem, você sabia que se estiver sendo mantido vivo apenas por máquinas, basicamente morto, e que enquanto seu nervo sacral estiver sendo oxigenado, você pode ser estimulado a ter um orgasmo? É tipo dar a uma pessoa morta um orgasmo. Essa seria uma boa maneira de ir, certo?"

Tudo dói muito, mas é muito bom ao mesmo tempo. Meu sorriso puxa o meu lábio inchado, e minha risada puxa as minhas costelas fraturadas, mas gosto da dor porque Dorothy Mayhem torna a vida incrível demais. "Quero saber como tudo isso surgiu?"

Ela encolhe os ombros. "Apenas algo em que pensei quando eles não sabiam se você acordaria."

"Você iria sugerir que eu tivesse um último orgasmo antes que eles me desconectassem? Por favor, diga sim. Se você disser, acho que me certificarei de que você seja legalmente responsável por tomar todas as decisões finais por mim se eu apagar novamente."

Dorothy ri. "Vi ultrassons de bebês se masturbando no útero. É justo sair com o mesmo prazer ingênuo com o qual você veio a este mundo."

A pergunta implora para ser feita... por que Dorothy estava pesquisando tão profundamente sobre orgasmos? Mas não faço a pergunta porque é Dorothy Mayhem. Eu espero o inesperado dela. É uma das coisas que me fez apaixonar tão rápido e tão forte por ela.

"Você deve dormir. E eu não estive em casa ainda, tenho muito que fazer antes do trabalho amanhã."

"Como se masturbar?"

"O quê? Não!" Ela solta minha mão e enrola o cabelo atrás das orelhas novamente.

"Há rumores de que eu posso ficar neste quarto por mais uma semana. Acha que você poderia contrabandear uma pizza uma noite?"

Aí está... aquele sorriso. Deus, é meu oxigênio. "Talvez."

"Dirija com segurança, Dorothy."

Ela assente, seus lábios retorcem enquanto seu olhar faz uma inspeção lenta dos meus dedos dos pés à cabeça. Então ela se inclina e beija minha bochecha. "Boa noite", ela sussurra.

Respiro lentamente enquanto ela caminha até a porta e eu fecho os olhos quando ela desaparece no canto.

“Eli?”

Abro o olho novamente.

Ela espia com a cabeça no canto, com os dentes enfiados no lábio inferior.

“Sim?”

“Eu também.”

“Você também?” Pergunto.

“Amo você. Eu acho que também te amo.” Ela encolhe os ombros. “Então agora você sabe, apenas no caso de você não acordar de manhã.”

Que incrivelmente mórbido... e... *perfeito*. Três palavras não se encaixam em Dorothy. Um simples ‘eu te amo’ não ficaria bem saindo da boca dela neste momento. Não. Tem que ser seis. Seis é infinitamente melhor que três.

Eu acho que também te amo.

CAPÍTULO 23



Enfermeira domiciliar

Dorothy

Mantenho a maior parte da minha rotina. Eu *preciso* da rotina, especialmente com Eli no hospital e sua família visitando em horários aleatoriamente diferentes. Várias vezes penso em sugerir que planejemos um horário para que o quarto dele não fique lotado de visitas. Mas eles parecem gostar da grande reunião, e Eli também. Portanto, nunca tenho coragem de dizer nada.

Na sua última noite no hospital eu paro lá depois do meu turno, assumindo — esperando — que depois dessa hora eu possa ter algum tempo a sós com Eli.

Não tenho tanta sorte.

Em vez disso, seus pais e Julie estão aqui, discutindo seus cuidados em casa. Eles sorriem quando entro no quarto, até o sorriso de Julie parece um pouco mais genuíno.

“Oi, docinho.” Lori sorri.

Eles continuam discutindo quem cuidará de Eli até que ele possa se locomover sozinho.

Enquanto me sento no canto do quarto, Eli pisca para mim antes de voltar a atenção para sua mãe.

“Vou tirar folga dois dias por semana para ficar com você. Seu pai também tirará um dia. Molly vai tentar tirar uma manhã, mas ainda não tem certeza. Eu realmente acho que devemos considerar uma enfermeira em casa apenas durante o dia. E eu vou ficar durante as noites.” Sua mãe afasta a franja dele do rosto.

"Eu posso fazer dois dias. E eu também fico as noites e fins de semana", anuncia Julie.

"Jules..." Eli começa a falar.

"Está tudo bem. Já arrumei dois dos meus colegas para me cobrirem alguns dias até você se recuperar. Então minha mãe pode ter uma folga de cuidar do Roman. Ela e meu pai estavam querendo tirar férias de qualquer maneira. E Roman pode dar um tempo da creche." Julie descansa a mão no braço de Eli.

Quanto a mim... quero sair do quarto antes que alguém olhe na minha direção.

Tarde demais.

Eli estuda Julie com uma expressão ilegível antes de deslizar o olhar na minha direção. "Conhece alguma boa enfermeira domiciliar?"

"Oh..." eu conheço. Conheço várias.

Mas Julie me interrompe. "Eli, não seja ridículo. Por que você iria querer isso? Estou lhe dando mais tempo com Roman. Tempo de qualidade. É a solução perfeita, mas você prefere que um estranho o ajude no banheiro? Para deitar e levantar da cama?"

Sim. Eu realmente preciso sair daqui. Gosto da Chefe Cadela. Eu amo o renomado Dr. Hathaway. Mas Julie, a ex-esposa de Eli, não faz parte da minha lista de pessoas favoritas com sua oferta para ajudá-lo a ir ao banheiro, deitar e levantar da cama.

Seus pais e Julie seguem seu olhar, que se fixa em mim, como se fosse eu quem tivesse uma decisão a tomar. Eu nem quero estar aqui, muito menos pesar nas decisões.

"Pensando, Dorothy?" Eli me pergunta.

Uau! Sem pressão.

"Roman adoraria passar mais tempo com você." Cometo o erro de dar uma rápida olhada em Julie. "*Vocês* dois." Meu sorriso parece ter mais dentes. Tudo a mais. Eles percebem o meu nível de desconforto tipo 'me tire daqui?' "Aposto que ele achará realmente divertido. Hora do Lego. Assistir os Irmãos Kratt. E todo o resto."

Ok! Todos estão felizes? Ótimo. Posso sair agora?

Eu odeio conflitos, tanto que tenho um histórico terrível de me colocar em posições realmente desconfortáveis para evitar lidar com certas situações. Meus pais acham essa característica em particular frustrante. Eles acham que eu constantemente desisto da minha própria felicidade, porque não quero entrar em conflito. O que eles realmente não entendem é que evitar conflitos me deixa feliz.

"Você quer conversar em particular sobre isso?" Eli me pergunta, então três pares de olhos estão em mim.

"Não particularmente."

"Vocês podem nos dar um minuto?" Ele pede.

Lori e Kent não piscam, eles apenas concordam com a cabeça e saem do quarto. Julie... bem, ela mostra um pouco mais de relutância em sair. Ou talvez a mão dela esteja presa ao braço de Eli.

"Jules, por favor."

Jules... eu meio que odeio que ele tenha um apelido para ela. Sem apelidos para mim. Não. Apenas Dorothy. Algumas pessoas tentam me chamar de Dot ou Dottie. Essas escolhas não parecem tão suaves ou legais quanto Jules. E eu simplesmente odeio Dot e Dottie. Então tenho que ficar com Dorothy.

Jules aperta o braço dele e concorda. "Eu estarei lá fora."

"Obrigado."

Ele a observa sair do quarto antes de me dar um sorriso sólido. "Você teve um bom dia?"

"Você limpou o quarto só para me perguntar isso?" Arrasto meus tênis em direção a ele, sentando-me na beira da cama.

Ele descansa a mão na minha perna. "Certo. Mas, para constar, eu estava pensando em pedir que saíssem de qualquer maneira, apenas para olhar para você sem ser interrompido."

"Seu olho parece muito melhor."

"Melhor para ver você, minha querida."

Eu sorrio.

"Eu não ficaria bem com o seu ex-marido ficando com você se você estivesse incapaz de cuidar de si mesma."

"Não tenho ex-marido. Nunca fui casada."

Sua boca se levanta um pouco de um lado. "O que estou dizendo é que não há problema em você não querer que Julie fique comigo e cuide de mim. Vou contratar uma enfermeira domiciliar."

"Você verá Roman todos os dias se ela ficar com você."

"Verdade, mas a que custo?"

Dou de ombros. "Parece que sem nenhum custo. Acho que ela não vai cobrar de você."

"Você sabe o que eu quero dizer. Qual será o custo para nós?"

"Minha vida não vai mudar. Tenho a faculdade e trabalho. E você verá Roman *todos os dias*. Eu acho que você está louco se deixar passar esta oportunidade. Estou com inveja que você vai ficar com ele todos os dias. Ele é muito mais legal do que meus colegas de classe ou qualquer pessoa no hospital."

"Você tem certeza... sobre Julie?"

Eu sorrio. "Ela é meu ídolo. Eu a escolheria para cuidar de mim se estivesse impossibilitada."

"Puxa... muito obrigado."

"Por nada, Dr. Hawkins."

Ele revira os olhos.

"Você virá, certo? Jantar? Noites de cinema? Macarrão? Xbox?"

Só nós quatro. Soa super incrível. Super estranho. Super improvável.

"Você pegou a parte em que eu disse que tenho faculdade, trabalho, um cachorro, dois emus e pais idosos?"

"Você pegou a parte que eu te amo? A parte que anseia tempo com você?"

Eu suspiro. "Vou visitar quando puder." Estou sendo honesta. Eu também tenho uma agenda cheia.

"Será incrível ter Roman mais por perto de novo. Deus... sinto muita falta dele quando ele está com Julie. Eu só..." uma pequena carranca rouba seu sorriso "... sinto falta dele."

CAPÍTULO 24



Lembra quando...

Elijah

Minha família faz uma festa em casa para mim no dia seguinte. Dorothy tem que trabalhar. Roman enlouquece com os balões e o bolo, Julie não perde tempo reorganizando as coisas pela casa, incluindo coisas na minha cozinha e banheiro.

"Estou tão feliz que você esteja em casa... e vivo. Mas você deve descansar agora." Mamãe beija minha bochecha enquanto todos se dirigem para a porta.

"Precisa de ajuda para levá-lo para cima?" Papai pergunta a Julie.

"Eu acho que tenho tudo em ordem. Mas obrigada."

Roman se despede de todos com abraços e beijos. Alguns minutos depois, somos apenas nós três. Imediatamente parece estranho e familiar ao mesmo tempo. Não é a casa que morávamos juntos, mas a maioria dos móveis são os mesmos. Julie quis uma quebra completa da nossa vida, o que incluiu uma nova casa e todos os móveis novos. Eu queria uma visão melhor e um deslocamento fácil, mas estava bem com os móveis antigos. Eu sabia que Roman trabalharia duro para destruí-los de qualquer maneira.

"Eu esqueci o quão confortável esta poltrona reclinável é." Julie se senta na poltrona marrom enquanto fico sentado no sofá com a perna engessada apoiada na mesa de centro.

"Bem, você não pode tê-la agora." Eu sorrio.

Ela revira os olhos. "Eu disse que é confortável, não elegante."

"Serve para Roman e eu."

Eu espero pela sua resposta. Ela define o ano anterior. Pequenos golpes aqui e ali, mas raramente algo como uma luta de boxe. Nós sempre conseguimos pensar em Roman. Estamos nisso por ele. Muitas vezes me pergunto se não tivéssemos Roman, ela teria deixado Portland? Eu a veria novamente?

Há algo diferente nela agora. Muito dela parece familiar, como a Julie pela qual me apaixonei 22 anos atrás. Mas do lado de fora, não a reconheço — os cabelos ruivos, os seios, as roupas que a abraçam um pouco mais do que as roupas confortáveis e práticas que ela usava quando nos casamos.

“Mamãe! Estou com fome.” Roman desce a escada e dispara em sua direção, pulando no seu colo.

“Eita!” Ela o abraça, balançando-o um pouco enquanto ele a abraça de volta.

Meu mundo.

Minha vida.

Bem aqui, mas não mais completamente real. Por um momento, quando Julie olha para mim e sorri por cima do ombro de Roman, sinto que o ano anterior nunca aconteceu, como se não tivesse acabado de acordar depois de um acidente, talvez tenha acordado do pesadelo onde minha esposa me deixava.

Na próxima piscada, penso em Dorothy.

“Ei, amigo. Você pode me trazer meu telefone? Está na mesa da cozinha.”

“Entendi!” Roman desce do colo de Julie e corre para a cozinha.

“Então... o que parece bom para o jantar?” Ela se levanta, desliza as mãos nos bolsos traseiros o que pressiona seu peito novo, exibindo os atributos.

“Podemos pedir algo que seja entregue.”

“Não. Estou aqui. Eu pretendo fazer as refeições. Limpar a casa. Talvez tricotar alguma coisa.” Ela pisca.

Quando estava grávida de Roman, ela começou a tricotar. Naquele Natal, todo mundo ganhou cachecóis e luvas.

"Pelo que me lembro, na última vez que você começou a tricotar, a casa nunca foi limpa e sempre pedimos comida para ser entregue."

"Verdade." Uma risada fácil borbulha do seu peito. "Vou tentar me conter um pouco mais dessa vez."

"Aqui, papai." Roman me traz meu telefone.

"Obrigado, amigo."

"Você vai me ajudar a fazer o jantar, senhor?" Julie bagunça o cabelo de Roman enquanto os dois se dirigem para a cozinha.

Dorothy tem mais três horas de trabalho, mas não resisto a mandar uma mensagem de texto e arriscar que ela quebre as regras e me envie uma mensagem de volta.

Eu: ***O que você está vestindo?***

Ela não responde imediatamente. Tudo bem. Não tenho para onde ir e tenho todo o tempo do mundo. Vinte minutos depois, ela manda uma mensagem.

Dorothy: ***Uniforme.*** 👩

Eu: ***Qual é a combinação de cores hoje?***

Dorothy: ***Estou trabalhando.***

Eu: ***Duas palavras. Eu sei que você está vestindo duas cores. Seja rápida e sorrateira. Digite as duas palavras para mim.*** 👊

Dorothy: ***Verde, branco.***

Eu: ***Grama verde 🌿 ou verde cirúrgico 💉?***

Ela não responde. Eu franzo a testa. Parabéns a Dorothy por levar seu trabalho a sério.

Enquanto Julie e Roman fazem o jantar, inclino a cabeça para trás e fecho os olhos. Sonho em correr pela minha trilha favorita, os caminhos estreitos e o vento. Nada além de quilômetros de árvores, ravinas profundas e o gotejar de pequenas cachoeiras.

"Papai!"

Eu pulo, encolhendo-me enquanto meus ferimentos protestam.

"Não assuste o papai, bobo. Lembre-se de que precisamos ser realmente muito gentis com ele." Julie prende Roman pela cintura com o braço e o beija na bochecha enquanto o pega em seus braços. "Deixe-me pegar a comida desse garoto selvagem. Então vou ajudá-lo a ir até a mesa. A menos que você prefira comer no sofá."

"A mesa está bem. Se eu comer aqui, Roman também vai querer comer aqui. E isso se tornará um hábito inquebrável."

Julie acaricia a orelha de Roman enquanto ele dá uma risada. "É verdade. Eu volto já."

Nós comemos tacos.

Penso em Dorothy e seu amor por tacos... e por toda comida na verdade.

Depois do jantar, Roman se senta entre mim e Julie no sofá (minha perna apoiada na mesa de centro), e nos revezamos lendo suas histórias favoritas.

Às 20h, Julie o leva para cima para colocá-lo na cama.

Dorothy: ***Verde cirúrgico***

Eu sorrio conforme meu telefone toca.

Eu: ***Como foi o trabalho hoje?***

Dorothy: ***O mesmo que todos os dias. Como você está se sentindo?***

Eu: ***Como se eu tivesse caído de um barranco íngreme.*** 💯💯💯

Quando posso te ver?

Dorothy: ***Sei lá.***

Eu: ***Não é uma resposta aceitável*** 😐

Dorothy: ***Sua casa fica a apenas vinte minutos da minha faculdade. Eu tenho um intervalo de 02h05 entre as aulas às segundas-feiras. Eu poderia levar almoço para você. E para Roman. E a Dra. Hathaway.***

Olho para a última linha da mensagem dela. Julie está morando comigo. Ajudando-me. Permitindo-me mais tempo com Roman. Sou grato.

Sobre isso, não há dúvida. Mas não é um bom presságio para o meu tempo com Dorothy.

Eu. Meu filho. Minha namorada. E... minha ex-mulher.

Mas talvez seja isso. Quero dizer... eu já vi isso antes. Eu vi aqueles raros casos em que casais se divorciam. Compartilham a guarda. E, na verdade, continuam amigos. Amigos um com o outro. Amigos dos novos interesses amorosos um do outro. Talvez não tenha que ser uma situação embaraçosa. Talvez possa ser uma oportunidade.

Afinal de contas, Julie me deixou. Não deve haver ciúmes da parte dela. E Dorothy idolatra Julie, então elas têm uma boa chance de se tornarem amigas.

Eu: ***Isso seria sensacional. Eu te pago de volta.***

Dorothy: ***Não se preocupe com o dinheiro. Vou enviar uma mensagem do menu para que vocês possam decidir o que querem. Eu posso estar aí por volta das 11h30.*** 👊

Eu: ***Soa perfeito. Mal posso esperar para ver você!*** 👊♡

Começo a digitar 'eu te amo', mas apago. Ela sabe. Eu disse a ela, sem incerteza, exatamente como me sinto. Não há necessidade de sufocá-la com as palavras. Mas caramba! Eu com certeza as sinto.

Dorothy: ***Te amo! Boa noite!*** 😘😴

"O que é esse sorriso?"

Olho para cima conforme Julie dá os dois últimos passos. Um sorriso curioso no rosto.

Nossa nova amizade não parece pronta para eu dizer a ela que não consigo parar de sorrir porque Dorothy Mayhem me ama. E ela disse isso com emojis também. Sim, estou na porra da lua, pronto para tirar o meu gesso e fazer uma dança feliz.

Ok, talvez ainda não. Meu corpo precisa de um pouco mais de tempo para recuperar o entusiasmo emocional.

"Apenas lendo uma mensagem." Jogo meu telefone no sofá ao meu lado.

"Da sua mãe?" Julie se senta no lado oposto do sofá, abraçando os joelhos em seu peito.

É difícil não ficar parado olhando para ela. Ainda não estou acostumado com o novo visual dela, e ela o usa há meses.

"Não. Era Dorothy. O turno dela acabou. Ela vai passar aqui amanhã entre as aulas, e trará o almoço para nós."

Ah... e ela me ama.

Julie aperta seus lábios e concorda. "Isso é... doce."

Ignoro o jeito que ela faz parecer que Dorothy é uma garota vizinha trazendo uma cesta para Roman de primeiro de maio.

"Tão grato quanto estou pelo que você está fazendo, não posso deixar de me perguntar se isso não vai conturbar sua vida pessoal. Espero que você saiba que minha família pode ajudar. Definitivamente nos fins de semana. Se você quiser fazer planos ou mesmo ficar na sua casa nos fins de semana, eu ficarei bem. Você sabe que minha família cuidaria de mim e de Roman."

"Uau! Não estou aqui nem um dia inteiro e você está me dispensando?" Os olhos de Julie se arregalam.

"Não." Eu sorrio. "Só estou pensando no futuro, é tudo. Sinto que concordamos com esse acordo sem considerá-lo minuciosamente."

"Bem..." seus lábios se retorcem enquanto ela desvia o olhar para a mesa de centro "... minha vida pessoal não é tão emocionante no momento quanto o que você provavelmente imagina."

"Eu tento não imaginar sua vida pessoal."

Ela ignora meu golpe.

"Eu estava vendo alguém. Não contei a ninguém. Nunca apresentei Roman a ele." Ela olha para mim com um sorriso vazio, como se para me fazer sentir culpado pelo relacionamento de Dorothy e Roman.

Foda-se. Dorothy é incrível. A culpa é sua por não encontrar pessoas que adoram nosso filho, como Dorothy.

"Ele voltou para a família dele."

"Esse é o código de que você teve um caso com um homem casado?"

Ela joga a cabeça para trás e me lança uma careta. "Não!"

Realmente, como eu deveria saber? Para ser sincero, a frase favorita de Julie é 'Você simplesmente não me conhece mais'.

"Eles estavam divorciados."

"E agora eles estão juntos novamente?"

Ela assente, apoiando o queixo nos joelhos. "E para constar... como eu disse antes, mesmo que você não acreditasse em mim... eu nunca te traí. Não te deixei porque estava tendo um caso. Não havia mais ninguém. Não deixei você por outro homem, deixei você por mim."

Eu concordo. "Eu perdoo você."

"Por deixar você?"

"Não." Estreito meus olhos. "Eu não acho que me deixar requer um pedido de desculpas. Quero dizer... pedimos desculpas pelas coisas que lamentamos certo? Eu nunca senti que você se arrependeu por me deixar. Mas sempre senti seu arrependimento por me machucar. E por isso, eu te perdoo."

Conforme mudo meu olhar para encontrar seus olhos chorosos, ela rapidamente os limpa. "Você não sabe o quanto eu precisava ouvir você dizer isso."

"Bem, desculpe-me por não poder dizer isso antes."

Ela se recosta e passa as mãos pelos cabelos. "Eu estava lutando de maneiras que você não sabia."

"O que você quer dizer?"

Ela balança a cabeça. "Nada. Não é hora de discutir isso."

"Olhe para mim. Sou uma plateia bastante cativa no momento, completamente dependente de ajuda externa para chegar sequer ao banheiro... o que, a propósito, precisarei chegar a um em breve."

"Oh!" Ela pula. "Desculpa. Nossa, é claro. Você bebeu toneladas de água com o jantar e os comprimidos, é claro que seus globos oculares devem estar flutuando."

"Está tudo bem. Acho que estou bem se você apenas me entregar as muletas."

"Você ainda precisa de ajuda por causa de suas costelas."

Eu estou todo quebrado e ainda muito fraco, então não protesto.

Ela caminha ao meu lado enquanto manco até o banheiro no andar principal.

"Você precisa de ajuda para baixar as calças?"

Eu olho para ela rapidamente. Ela está corando?

"Estou começando a pensar que deveria ter contratado alguém... um profissional."

"Sou médica, caso você não tenha recebido o memorando. Isso me faz uma profissional. E eu já vi tudo isso."

"É por isso que você me deu as costas quando me despi para vestir um roupão após o incidente do café."

"Você não precisava da minha ajuda para se despir, e eu não ia ajudar, o que significava que eu só estaria assistindo você se despir. *Você* sabe a diferença."

Eu preciso fazer xixi. Muito...

"Apenas desvie o olhar." Puxo a frente da minha calça de moletom enquanto ela me ajuda a me equilibrar, virando a cabeça na direção oposta.

Seguro seus ombros, me sentindo um pouco cansado só por caminhar até o banheiro. Um pouco de náusea toma conta de mim também, devido à pressão nas minhas feridas cirúrgicas.

Eu faço xixi pelo que parece dez minutos. "Não estou indo tão bem."

"Oh!" Ela puxa minhas calças para cima.

Jesus... eu não pedi para ela fazer isso. Qual foi o sentido de desviar o olhar?

"Vamos levá-lo de volta ao sofá. Você pode fazer isso? Preciso ajudá-lo a relaxar no chão?"

"Sofá. Vamos..." levanto o queixo e concentro-me na minha respiração.

Julie agarra minha cintura e deixamos uma muleta cair no chão enquanto ela me ajuda a mancar de volta para o sofá.

Assim que minha bunda encosta na almofada eu inclino minha cabeça para trás, suor escorre pela minha testa.

“Tudo bem?”

Eu sussurro um rápido, “Sim.”

Ela volta da cozinha alguns minutos depois com uma toalha fria para a minha testa e uma bebida eletrolítica.

“Quanto mais eu bebo, mais vou ter que fazer xixi.” Tomo um gole.

“Vou pegar um kit de cateter amanhã. Acho que será mais fácil.”

Ela está brincando... pelo menos eu acho que é uma piada.

“Então... acho que você vai dormir aqui embaixo essa noite.”

Eu dou uma pequena risada. “Sim, não vamos lidar com as escadas ainda.”

Julie se senta no lado oposto do sofá novamente. Nossos sorrisos desaparecem depois de alguns segundos, deixando-nos sem nada a dizer em uma sala silenciosa.

“Eu tive medo, Eli.”

Meu olhar a encontra. Mas ela olha para suas mãos no colo.

“Eu deixei você ir, ainda assim fiquei com tanto medo de perdê-lo quando eles o levaram para a cirurgia. Todas as minhas razões para deixá-lo pareceram ridículas e mesquinhas. Uma pedra de arrependimento pousou em mim e eu mal conseguia respirar. Eu pensei... é isso. Esta é a maneira de Deus me testar. Sabe? Como realmente me testar para ver se eu realmente acreditava que poderia viver sem você. Se eu realmente *quero* viver sem você.”

Não. Não posso deixá-la pensar assim. Não. É tarde demais para ter esses pensamentos. Então eu sorrio e suspiro. “Bem, que bom que eu estou bem. Você está se preocupando e pensando demais... pensando que Deus estava falando com você... bem, não era nada disso. Apenas o bom e velho medo. Uma reação muito normal a situações traumáticas.”

Julie olha para cima para mim por alguns segundos. Não quero que ela me olhe como se ainda estivesse pensando demais nas coisas.

"Você pode pegar minha escova de dente e creme dental? Uma bacia e um pouco de água? Acho que não irei mais ao banheiro até que tenha que fazer xixi."

Ela leva mais alguns segundos antes de concordar. "Sim. Eu vou buscar."

CAPÍTULO 25



Primeiros

Dorothy

Eli envia uma mensagem com os pedidos deles. Pego sanduíches e cookies no meu café favorito e dirijo até a casa de Eli.

"Dorfee!" Roman abraça minhas pernas assim que a Dra. Hathaway abre a porta.

"Ei, pequeno Romeu!"

"Cuidado, garoto selvagem. Ela está com as mãos cheias. Oi Dorothy." A Dra. Hathaway sorri. Um sorrido real, tenho certeza disso. Eu a vi sorrir em situações profissionais, sua confiança brilha. Esse é o sorriso que ela me dá.

"Oi."

"É muita gentileza sua trazer o almoço para todos nós. Quanto eu devo a você?"

Sigo-a para dentro, tirando meus tênis. "Nada. Realmente. Está tudo bem. Eu posso pagar isso."

Ela me questiona com um olhar que eu ignoro enquanto coloco as sacolas no balcão e tiro minha jaqueta. "O que posso pegar para você beber, Dorothy?"

"Água está ótimo, obrigada."

Ela tira toda a comida das sacolas e coloca cada sanduíche embrulhado em um prato. "O seu deve ser a salada de ovo."

"Sim."

"Se você quiser colocar os pratos na mesa, eu vou ajudar Eli a se sentar na cadeira."

"Ah... sim. Ou eu posso ajudá-lo. Sou muito mais forte do que pareço", digo.

"Apenas pegue os pratos."

Ok então...

Levo os pratos para a mesa, onde ela tem uma tigela de legumes cortados e uma tigela de uvas. Eu considero meus sentimentos sobre comer comida preparada pela Chefe Cadela. Como estou em cima do muro, decido ficar com meu sanduíche e cookie.

"Ei..."

Viro-me para a voz de Eli enquanto a Dra. Hathaway o ajuda a chegar à mesa da cozinha.

"Ei! Como você está se sentindo?" Pergunto.

"Bem."

"Fraco", a Dra. Hathaway o corrige com o canto dos olhos.

"Bem e fraco." Ele se senta na cadeira e ela apoia o gesso dele em um banquinho.

"Você não precisa comer na mesa", eu digo, sentando-me ao lado dele.

"Eu preciso. Caso contrário, Roman pensará que todas as refeições pela eternidade podem ser consumidas na sala de estar. Julie levou o café da manhã no sofá antes de Roman acordar."

"Roman venha comer!" A Dra. Hathaway chama.

Ele corre para a cozinha.

"Babador, garoto selvagem." A Dra. Hathaway coloca o babador. "Onde você vai?"

Ele corre para o outro lado da cozinha e pega outro babador. "Dorfee, aqui está o seu babador."

"Amigo, não..." A Dra. Hathaway e Eli desaprovam em uníssono.

"Fantástico. Estava me perguntando onde você colocou meu babador." Pego o babador e amarro no meu pescoço.

Eli e a Dra. Hathaway se entreolham e depois me encaram. Devolvo um encolher de ombro satisfeito e desembrulho meu sanduíche.

"Mmm... este é realmente um bom sanduíche." A Dra. Hathaway revira os olhos como se comer lhe desse um orgasmo. "Lembra-me os sanduíches que comemos no pequeno bar logo abaixo do hotel quando fomos a Londres logo antes de eu engravidar. Lembra?"

"Oh sim." Eli assente. "O melhor sanduíche de todos os tempos. Esse chega perto, no entanto. Boa descoberta, Dorothy." Ele pisca para mim.

"Você já esteve em Londres, Dorothy?" A Dra. Hathaway pergunta.

"Não. Sou praticamente uma pessoa caseira."

"Oh isso é muito ruim. Há muito o que ver no mundo." Ela limpa a boca e toma um gole de água.

Eu termino de mastigar minha comida... pensando em uma resposta apropriada.

"Quando eu melhorar, devemos ir a algum lugar. O que você acha?" Eli pergunta.

"Eu também! Vou a algum lugar com Dorfee."

A Dra. Hathaway limpa a garganta. "Você ficará comigo, garoto selvagem. Nós iremos a algum lugar juntos. Talvez à Disney."

"Se for a minha semana com ele, ele poderá vir conosco", Eli informa à Dra. Hathaway.

"Eu suponho. Mas não quero que você o leve a Londres. Eu quero estar com ele na primeira vez que ele ver Londres."

"Bem, e se eu quiser estar com ele na primeira vez que ele ver Londres?" Eli refuta.

Eu? Oh, eu continuo comendo. Na verdade, não consigo comer rápido o suficiente.

"Não acho que você honestamente se importe. Só acho que você está agindo assim, porque sabe o quanto isso significa para mim." A Dra. Hathaway limpa a boca.

"Sim, você e sua necessidade de experimentar todos os 'primeiros' dele. Já pensou que eu queria estar com ele em sua primeira visita ao Texas? Não parece justo, considerando que tomou a decisão de tê-lo na metade do tempo. Isso significa que você deve ficar bem com a metade, do jeito que me faz ter que ficar bem com a metade. E talvez a primeira vez em Londres não faça parte da sua metade."

"Eli..." A Dra. Hathaway estreita os olhos.

"Talvez..." interrompo-os antes de engolir completamente. "Vocês poderiam levá-lo para Londres juntos."

Eu me concentro no agora. Como sair de uma situação desconfortável agora. Não mais tarde, quando os três estiverem a caminho de Londres e eu em casa, sendo a Dorothy caseira e sentindo como se tivesse dado uma mãozinha para reunir a família deles novamente.

Não. Eu sou a favor do agora.

Apenas parem de discutir na frente de Roman agora.

"Oh meu Deus... nós deveríamos Eli. Deveríamos levá-lo juntos!" A Dra. Hathaway sorri.

Eli... nem tanto. Um pedaço de alface sai da boca dele, no meio da mastigação.

Alguém deveria me dar um emoji de palma da mão aberta. Problema resolvido.

Eli termina de mastigar sua mordida e volta sua atenção para mim. "Você acha que eu deveria ir com Roman e Julie para Londres? Só nós três?"

"Com certeza." Mudo meu olhar para o cookie no meu prato. Já está pela metade. "Vocês dois parecem gostar. E ouvi dizer que eles têm ótimos sanduíches por lá." Eu olho para cima.

É sério?!

Ninguém ri. Eu cronometrei perfeitamente essa piada. Como eles podem perder?

Eli grunhe e volta a comer seu sanduíche.

"Você realmente não se importaria?" Dra. Hathaway me pergunta, com olhos grandes e um sorriso minúsculo.

"Por que eu me importaria?"

"Por nada." Ela balança a cabeça.

Roman rouba a conversa dizendo por que ele quer ser um texugo de mel, e isso engole o resto da hora do almoço.

"Por que você não leva Roman para fora para brincar um pouco?" Eli pergunta à Dra. Hathaway.

Ela olha para Eli e depois para mim quando termina de limpar o rosto e as mãos de Roman. "Sim, claro."

"Eu posso levá-lo para brincar um pouco. Eu tenho cerca de trinta minutos antes de ter que voltar."

"Não." Eli empurra o prato para longe da borda da mesa. "Julie fará isso." Se o rosto dele fosse um emoji no momento, não seria o meu favorito. Eu prefiro emojis mais felizes.

A Dra. Hathaway e Roman saem enquanto me sento à mesa da cozinha sob o olhar de emoji ruim do Eli.

"Não quero ir a Londres com Julie e Roman. Eu quero ir com *você* e Roman."

"Ok. Mas não me importo tanto em ver Londres como Julie — a Dra. Hathaway — se importa. E ela é a mãe de Roman, então faz sentido que ela deva ver Londres com ele em vez de mim."

"Talvez esse seja o problema. Talvez eu queira que você se importe. Quero que se importe o suficiente para não sair em um encontro com o Dr. Warren. Que se importe com o fato de minha ex-esposa morar comigo pelos próximos dois meses. Quero que se importe que eu seja oficialmente dependente dela para minhas necessidades básicas. Quero que você se importe com o fato dela puxar minha calça para tirar meu pau para que eu possa urinar!"

Enrolo meu cabelo atrás das orelhas. "Eu não sabia que ela faz isso por você."

"Bem..." ele tossiu ri "... agora você sabe. Então você se importa?"

"Sim."

"Bem, você tem uma maneira terrível de mostrar isso."

"Diferente", eu sussurro.

"O quê?" Ele pergunta em um tom cortante.

"Nada." Murmuro enquanto olho para o meu relógio. "Eu uh... devo ir."

"Cinco minutos atrás, você disse que tinha trinta minutos, mas agora precisa ir?"

"Eu não sei por que você está tão bravo. Eu sinto muito. O que eu fiz?"

"Diga-me o que você disse."

"Sobre o quê?"

"Eu disse que você tem uma maneira terrível de mostrar que se importa. E você disse algo depois disso. O que você disse?"

"Eu disse diferente. Eu tenho uma maneira diferente de mostrar que me importo. Não é uma maneira terrível. Só porque não ajo como você ou qualquer outra pessoa neurotípica por aí, não significa que minhas ações sejam erradas ou terríveis. Significa apenas que são diferentes. Posso ir agora?"

"Dorothy... eu preciso saber onde está sua cabeça nisso. Onde seu coração está nisso. Porque sinto que Julie está arrependida sobre nós. Que arrepende-se de ter me deixado. E embora no começo eu tenha pensado que foi apenas um choque devido o acidente, não tenho mais tanta certeza."

"Arrependida? Como se ela desejasse não ter se divorciado de você?"

Eli encolhe os ombros. Alguns segundos depois, ele assente.

"Ok."

"Ok? Realmente, essa é a sua resposta?"

"Eli... eu..." Fecho meus olhos, mas isso não para a minha dor de cabeça. "Vou jogar a carta Asperger aqui. Eu não sabia o que isso significava cinco anos atrás, mas entendo agora. É quando sinto que todo mundo está esperando que eu *entenda* ou veja algo que é tão óbvio, mas eu não vejo. E não é porque não sou inteligente. Eu sei que sou uma pessoa inteligente. Tenho as notas para provar isso. É que eu perdi uma dica ou não consegui fazer uma conexão importante, e tudo depois desse ponto é... bem, sem

sentido. Então, se você está 'fazendo rodeios', então precisa parar. Você precisa ser muito específico, e muito direto."

Ele me estuda sob seu olhar analítico por vários segundos. "Tudo bem. Literalmente até o momento em que entrei naquele elevador com você, eu queria minha vida de volta. Eu queria que Julie acordasse e percebesse o terrível erro que ela cometeu. E talvez isso me torne patético, mas não me importo. Não me arrependo de amar alguém tão profundamente. Não me arrependo de ter um filho com ela. E não me arrependo de pensar que vale a pena lutar por quinze anos de casamento e um filho, até que você saiba sem dúvida que não há absolutamente nenhuma esperança."

"Mais direto." Olho para o meu relógio.

Ele suspira. "Eu te amo."

"Eu sei."

"E eu escolho você."

"Ok."

Ele faz uma careta. "Mas se daqui a seis meses você não sentir mais que sou a pessoa certa para você, vou olhar para trás e me perguntar se eu estraguei minha última chance de reunir minha família novamente."

"Existe uma pergunta? Se sim, você deve perguntar agora."

"Sou isso para você? Você pode se ver comigo daqui a vinte... trinta anos?"

Eu sorrio, balançando a cabeça. "Nós nos conhecemos há menos de dois meses, e você está me perguntando daqui a vinte, trinta anos? Eu mudei de profissão três vezes em oito anos, mas depois de seis... sete semanas conhecendo você, devo fazer uma projeção de vinte... trinta anos?"

"Não", ele sussurra, olhando fixamente para o meio da mesa.

"Isso é um alívio. Vou voltar para a faculdade, tenho uma prova esta tarde. E agora estou com dor de cabeça, então vou tomar algo para poder me concentrar na prova."

"Eu sinto muito." Seu olhar levanta para encontrar o meu. "Sua dor de cabeça é minha culpa."

"Provavelmente." Dou de ombros. "Está tudo bem. Nada que dois ibuprofenos não resolvam. Precisa de ajuda para voltar ao sofá? Ou você quer que a Dra. Hathaway o ajude?"

"Eu só preciso que você venha aqui." Ele estende a mão.

Eu descanso minha mão na dele.

"Venha aqui." Ele puxa minha mão.

Levanto da minha cadeira e dou os dois passos para ficar ao lado de sua cadeira.

Ele solta minha mão e a estende para o topo da minha camisa e me puxa para sua boca. É um beijo lento, mas digo a mim mesma que posso dispensar um ou dois minutos extras para um beijo lento.

"Uh-hem..."

Eu me afasto e esfrego meus lábios enquanto o constrangimento sobe pelo meu pescoço.

A Dra. Hathaway está na porta, segurando uma planta em uma mão enquanto cobre os olhos de Roman com a outra. "Entrega. De um de seus pacientes."

"Mamãe, tira a mão!" Roman a afasta para longe.

"Então..." caminho até a saída mais próxima. "Eu tenho que ir. Tchau."

"Tchau, Dorfee!" Roman é o único a me dizer adeus.

Eli e a Dra. Hathaway estão muito ocupados se encarando.

CAPÍTULO 26



Ainda é você

Elijah

"Roman, é hora da soneca." Julie diz enquanto olha para mim.

"Eu não quero uma soneca!"

"Então vá descansar um pouco com seus brinquedos no quarto, caso contrário... é hora da soneca."

"Eu vou para o meu quarto." Ele faz beicinho, arrastando os pés pelas escadas.

Ela sabe que ele vai para o quarto brincar se a soneca é a outra escolha.

"Sério, Elijah? Na frente do nosso filho?"

Lambo meus lábios, ainda sentindo o gosto de Dorothy neles. "Pensei que vocês estivessem lá fora."

"Bem, nós não estávamos. E se você não está pronto para explicar a Roman por que está beijando Dorothy, sugiro que não a beije se houver uma chance remota de que ele possa pegar vocês."

Julie definitivamente não gostaria de saber que desci para o quarto de Dorothy, enquanto Roman jogava Xbox a pouca distância dos gemidos de Dorothy — coisas que não me indicariam para o Pai do Ano.

"Entendido. Talvez neste fim de semana você possa levar Roman para sua casa na sexta e no sábado à noite, e eu arranjo outra pessoa para ficar comigo."

"E por outra pessoa, você quer dizer Dorothy?"

"Quero dizer que minha mãe e meu pai podem vir durante o dia."

"E à noite?"

Eu dou de ombros.

"Você prefere ficar com sua nova namorada do que ter seu filho aqui?"

"Oh, Jules... você não quer começar com isso."

"Começar com o quê?"

Ela está aqui.

Na minha casa.

Ajudando-me a fazer coisas como urinar e escovar os dentes.

Posso derrotá-la com uma dose brutal de realidade. Mas não. Pela primeira vez, possivelmente pela primeira vez desde que ela me deixou, eu pego o caminho certo.

"Você poderia, por favor, me ajudar a ir até o sofá? Estou um pouco exausto com... tudo."

"Sim", ela responde. Sua expressão se torna resignada.

Depois que me ajuda a sentar no sofá, Julie vai verificar Roman.

"Ele adormeceu no chão." Ela sorri, descendo as escadas. "Tipo literalmente no meio dos Legos. Então o cobri com um cobertor. Sei que se tentar colocá-lo na cama, ele acordará." Julie pega os pratos do almoço e traz meus medicamentos com um copo de água.

"Ela te chama de Chefe Cadela."

Julie faz uma pausa por um segundo. Depois de algumas piscadas, ela me entrega os comprimidos. "Quem?"

"Dorothy. Tenho certeza de que é uma coisa boa."

"Mmm..." Ela assente. "Normalmente."

"Você está sorrindo. Sabe que é bom. Sabe que é um elogio."

"É... um bom elogio. Sim."

"Ela conhece suas estatísticas. Ouviu você dar palestras. Ela praticamente a idolatra como médica. Qual é a sensação?"

"Como é saber que sua namorada me admira — pelo menos profissionalmente?" Ela se senta no sofá, inclinando o corpo para me encarar. "Isso é bom. E um pouco estranho."

"Isso torna mais difícil para você não gostar dela?"

"Eu não desgosto dela."

"Você não gosta dela comigo."

Julie pressiona os lábios e joga o cabelo longo e vermelho por cima do ombro. "Eu não disse isso."

"Você não precisa dizer. Eu posso ver. Por quê? É Dorothy em particular, ou não importa quem me beijar?"

"Eu não sei", ela sussurra, desviando o olhar. "Eu não sei de mais nada."

"O que quer dizer?"

"A definição de Inferno: ter tudo o que você *deve* querer e ainda querer mais." Ela passa os dedos pelos cabelos, respirando fundo e soltando lentamente conforme a emoção domina seus olhos. "Eu não estava feliz e não sabia o motivo." Ela rapidamente enxuga uma lágrima. "Tivemos um bebê. Um *bebê,* Eli. E não era suficiente. Que..." Ela limpa a angústia da garganta "... que tipo de pessoa joga *tudo* fora porque não é suficiente? Eu realmente fiz testes — testes hormonais, exames cerebrais — honestamente, pensei que algo estivesse fisicamente errado comigo para me sentir incrivelmente insatisfeita. Tão... brava."

Ainda assim, depois de toda a dor e raiva, eu ainda quebro por dentro ao ver Julie agarrar a coisa invisível que a tortura.

"Tudo me irritava. Eu sempre me sentia a beira de começar uma briga ou de ter um colapso completo. E você era o destinatário de *tudo* isso. Mesmo quando não percebia. Por dois anos antes de nos separarmos, eu me ressentia pela maneira como você penteava seus cabelos, como você ria, a voz infantil que usava quando conversava com Roman, com o cheiro da sua colônia, com o ritmo das suas palavras, com a pausa estúpida que você dá antes de responder uma pergunta, como se sua mente estivesse sempre num atraso de dois segundos, a maneira como você toma seus smoothies e mexe seu café, apenas... cada maldita coisa sobre você me levava à beira da loucura. E sem um único pingo de razão."

Acho que recuperar minhas memórias de cair no barranco machucaria menos do que suas palavras. E, no entanto, sei que ela não está dizendo para me machucar. Ainda assim... as palavras abrem velhas feridas que não podem ser consertadas pelas mãos especializadas de cirurgiões. Eu seguro minhas palavras e mascaro minha reação.

"Eu me odiava. Eu simplesmente... me odiava por odiar você. Eu me odiava por querer sair. Eu me sentia a pior mãe, a pior esposa e filha, a pior amiga... eu me sentia o pior h-humano." Suas palavras falham. "E eu só precisava sair, mas não sabia como lhe dizer isso. Você era perfeito. E eu não queria nada com você. O que isso diz sobre mim? Houve momentos em que eu realmente esperava que você me traísse para que eu pudesse sair. Mas não Elijah... não. Você nunca faria isso. E até *isso* me irritava. Quem pensa assim? Que ser humano sadio espera que o cônjuge o traia?"

Eu não sei. Talvez isso signifique que sou sensato. Mas eu me recuso a apostar nisso. Afinal de contas... fiz algumas coisas levemente insanas com Dorothy nas últimas semanas.

"Então eu terminei nosso casamento. E mudei tudo o que odiava em mim mesma por fora, mas não mudou como me sentia por dentro. Eu me inscrevi em aulas como pole fitness e tentei encontros rápidos. Depois, passei por três psiquiatras diferentes, tentei toque curativo e meditação. Quando isso não funcionou, eu baixei um aplicativo de encontros e transei com dez estranhos em menos de duas semanas."

Eu recuo. Mesmo com os rumores, ainda tira o ar dos meus pulmões ouvi-la confessar *tudo* para mim. Prefiro a analogia 'eu era uma borboleta, você era meu casulo'.

"Ainda assim..." seu olhar vazio e olhos vidrados permanecem fixos na janela ou talvez na parede. Não sei dizer. "Não me senti melhor. Eu simplesmente me sentia sozinha. Mas me sentir sozinha parecia entorpecente. E essa falta de sentimento era melhor do que me odiar. E então um dia, eu conheci Nick numa aula de ioga. Eu não ligava para a aula, mas gostei do sorriso dele e do jeito que ele me olhava quando não sabia que eu o estava observando."

Julie ri. "Então começamos a namorar. O tipo bom de namoro em que você deixa toda a sua bagagem para trás. Não perguntamos um ao outro sobre nossos empregos ou irmãos. Não contei a ele sobre Roman ou meu casamento fracassado. Ele não me contou sobre suas três filhas e sua ex-mulher que foi diagnosticada com câncer dois meses depois que ele pediu o divórcio. Veja, nós vivemos o momento. Momentos cheios de perguntas como,

'O que acha da sombra roxa da garçonete ou onde vamos tomar sorvete? Devemos fazer uma tatuagem? Você acha que alguém poderia nos ouvir se transarmos naquele banheiro?'"

"Cristo, Jules..." Eu fecho os olhos.

"Nunca fumei maconha, injetei algo ou mesmo peguei uma receita de antidepressivo. No entanto, eu me sentia eufórica o tempo todo com Nick. Ele me dava o que eu precisava antes mesmo de saber o que era. E eu lhe dei uma vida sem perguntas ou culpa. Não precisávamos nos encaixar porque não estávamos tentando ser nada além de um momento."

Quando abro os olhos, Julie pisca e as lágrimas se libertam. Desta vez, ela não faz nenhum esforço para detê-las ou afastá-las.

"Às vezes nos encontrávamos para tomar um café e apenas nos sentávamos no canto e bebíamos em completo silêncio até que um ou outro se levantasse da cadeira e saísse. Isso é estranho, certo? Encontrar com alguém apenas para que não precise se sentar sozinho e tomar café. Mas era perfeito — um tempo e um lugar para *estar* sem se sentir sozinho. Sem sentir a necessidade de poluir o ar com palavras."

"O que aconteceu, Jules?"

Ela puxa a manga da camiseta de manga comprida sobre a mão e a usa para limpar o rosto. "Três semanas atrás, estávamos sentados em nosso café de sempre, no nosso lugar de sempre, bebendo nossas bebidas de sempre. Ele se levantou para sair primeiro. Mas, em vez de roçar as pontas dos dedos ao longo do meu braço, seu silencioso 'adeus, te vejo amanhã', ele parou apenas alguns centímetros atrás de mim, então estávamos de costas um para o outro. E ele me disse." Ela enxuga mais lágrimas.

"Disse o quê?"

"O nome da minha ex-mulher é Jennifer. Ela fez a primeira sessão de quimio hoje. Minhas meninas são Elisha, Kylee e Becca. Está na hora de eu ir para casa. Obrigado por isso. Eu nunca esquecerei." Ela funga, balançando a cabeça, os olhos revirando para o teto. "Ele foi de um belo mistério para uma realidade feia. Mas eu preciso da realidade. Pela primeira vez em três anos, estou pronta para a realidade. Finalmente *se encaixa*. O interruptor ligou. E tudo o que me destroçava antes de Nick parece ser a única coisa que pode me recompor. Como se o veneno fosse à cura. Como se fosse hora de eu ir para casa também. Só que... a minha não está mais esperando por mim."

Ficamos sentados em silêncio por muitos minutos enquanto suas confissões pairam no ar sem ter para onde ir.

"Você é minha realidade, Eli. Você é minha casa. Você. Eu. E Roman. E eu não te mereço. Não mereço uma segunda chance. Mas eu quero uma. E eu tenho que..." Ela respira, trêmula, para firmar as palavras "...eu tenho que acreditar que nosso amor que durou mais de duas décadas e a criação de outra vida é maior do que meus meses com Nick e suas semanas com Dorothy. Eu tenho que acreditar que essas outras pessoas entraram em nossas vidas para nos trazer uma nova perspectiva e nos unir novamente."

Estou cansado. Meu remédio para dor entra em ação e faz seu trabalho. A parte do meu cérebro que processa confissões alucinantes está fora de serviço. Então, inclino a cabeça para trás, fecho os olhos e adormeço.

CAPÍTULO 27



Estou aqui por você

Julie e eu não falamos sobre a nossa conversa durante as duas semanas seguintes. Caímos numa rotina de refeições, risadas com Roman, televisão, atualizações de pacientes do hospital e visitas de familiares. O lado bom é a disposição do meu pai para me ajudar a tomar banho. Ele praticamente me trata como um veículo. Sinto-me completamente machucado pelo ajuste de alta pressão que ele escolhe na mangueira do chuveiro. Mas... não tenho que lidar com o constrangimento de minha mãe ou Julie me banharem.

Dorothy? Bem, ela não atende minhas ligações, mas manda mensagens curtas de uma e duas palavras em resposta aos meus textos.

Eu: ***Como foi o seu dia?***

Dorothy: ***Bem.***

Eu: ***Posso te ver logo?***

Dorothy: ***Não tenho certeza.***

Eu: ***Você está bem?***

Dorothy: ***Sim.***

Ela oferece segurança emocional suficiente para fazer qualquer homem desesperado pular de um prédio bem alto. Mas não tenho a mesma sorte, porque não consigo mover a porra do meu corpo o suficiente por conta própria para chegar a uma borda alta.

Sinto que ela está fugindo de mim e não posso correr atrás dela. Meus ferimentos me impedem de ir fisicamente até ela. E odeio isso. Ela não fala, não vem me ver, não oferece nenhuma garantia de que estamos bem.

Que ignorante da minha parte pensar que estamos bem. Nós não estamos. Eu a interroguei sobre uma escapada imaginária e idiota para Londres e depois a pressionei para me contar seus planos para daqui trinta anos. Claro que ela correu. Qualquer pessoa em sã consciência correria e nunca olharia para trás.

"Se você não parar de franzir o rosto, essa linha na sua testa só ficará mais profunda." Mamãe pisca, olhando-me por cima de seu tricô. Ela está de olho em mim enquanto Julie e meu pai levaram Roman ao parque.

"Minha queda não tirou minha vida, mas parece que a arruinou. Eu não posso trabalhar. Não consigo dirigir. Não posso tomar banho sozinho. Eu não posso..." Balanço a cabeça. A depressão chega na quarta semana do meu processo de cura.

"Ontem, já que você não me trouxe o almoço de sexta-feira", ela sorri, "eu caminhei até o hospital e deixei uma mensagem para Dorothy. Ela me respondeu e concordou em tomar um café comigo durante o intervalo."

Estou chocado. E um pouco bravo que ela esperou um dia inteiro para me dizer isso. Mas principalmente sinto muita inveja por ela ter visto Dorothy.

"Como ela está?"

"Melhor que você." Mamãe ri. "Ela é Dorothy. Focada na faculdade e no trabalho. Acho que é um bom foco para ela agora. Essas são coisas que ela pode controlar."

"O que isso quer dizer? Ela poderia vir me ver. Deus sabe que tenho tentado convencê-la a ter uma rápida conversa por telefone."

"Talvez agora não seja o melhor momento para conversar com ela."

"Você está do lado de quem?" Meu interior aperta, abrindo feridas, fazendo novos cortes emocionais no meu coração. Estou pronto para enlouquecer. Eu preciso sair desse gesso, sair de casa... Preciso sair da minha mente.

"Do seu, querido. Sempre do seu. De que lado você está é a única questão que importa."

"Lado? Como acha que tenho um lado para escolher?"

"Porque Julie falou comigo."

O silêncio entra na sala, rendendo-se apenas ao zumbido da fornalha me queimando. Julie disse à minha mãe. Por que ela fez isso quando não lhe dei absolutamente nenhuma resposta à sua confissão? Nem uma única palavra.

“Você queria isso desde o dia em que ela te deixou. Você a queria de volta.”

“Sim — ah... eu queria com certeza. Mesmo quando a odiei, ainda a amava.”

“Isso diz muito.” Ela coloca o tricô de lado.

Eu brinco com os cordões do meu moletom cinza. “Realmente diz. Isso prova que sou um capacho especializado. Um homem fraco e apaixonado que se recusou a aceitar a realidade e seguir em frente.”

“Bem, sim, essas seriam as palavras das suas irmãs. Elas tentariam te deserdar se você aceitasse Julie de volta.”

Concordo com a cabeça.

“Eu odiei a dor a que você se agarrou tentando segurá-la, mas é uma das qualidades mais incríveis em você. Seu amor é tão incondicional. Seus votos de casamento significavam algo para você. E a maneira como você lutou por sua família partiu meu coração, mas também me deu um orgulho incomensurável. É fácil amar alguém quando eles te amam de volta, quando te querem, quando precisam de você. Não é tão fácil ter esse mesmo amor profundo quando eles parecem te desprezar ou quando te expulsam da vida deles.”

“Você acha que é a Dorothy? É ciúme o sentimento da Julie?”

“Acho que não. Eu acho que isso aconteceria com ou sem Dorothy. Tenho certeza de que ver você com Dorothy faz Julie se sentir ansiosa, como se ela precisasse fazer algo rapidamente antes de te perder para sempre.”

Inclino a cabeça para trás, esfregando a mão no rosto com um resmungo. “Ah cara... é foda a minha vida.”

“O que posso fazer? O que você precisa de mim? Sua *mãe*.”

“Eu preciso sair daqui.”

“Aonde quer ir?”



"Você está nervoso." Mamãe desliga o carro.

Encaro a porta da frente da casa de Dorothy. "Não. Talvez. Bem, é porque ela mora com os pais. Se estiverem aqui, eles atenderão a porta. Então terei que me explicar para eles. Essa parte me deixa um pouco nervoso."

"Se serve de consolo, estou fora da minha zona de conforto aqui também, porque sou a mãe deixando seu filho ferido de trinta e oito anos com uma bolsa para dormir. *'Oi, você pode cuidar do meu menino? Ele precisa de ajuda para se locomover, ir ao banheiro e cozinhar. Aqui está meu número. Ligue-me se ele for um fardo'."*

Eu gargalho. "Sim. Isso é loucura. Espero que minha namorada, transportadora de pacientes, socorrista, estudante de enfermagem apareça e demonstre suas habilidades de cuidadora."

"Talvez eu deva ficar por aqui."

"Isso seria seguro. Mas não quero estar seguro. Não quero que ela sinta que tem uma saída fácil."

"Eli, você precisa deixá-la ir ou segurá-la seriamente, mas não a prenda." Ela descansa a mão na minha.

"Eu sei."

Ela me ajuda a sair do carro da melhor maneira possível e coloca minhas muletas embaixo dos braços. Sim, estou teimosamente usando as duas muletas, mesmo com minhas costelas protestando. A fisioterapia ajudou.

Leva uma eternidade para chegarmos à porta, três batidas antes de Kellie atender a porta e um enorme suspiro de coragem para fazer meu discurso.

"Oh meu Deus, Eli! Q-que surpresa inesperada. Dorothy não disse que você viria. Ela nem chegou em casa do trabalho ainda. Entre. Você precisa de ajuda? Oi, Lori. Que bom vê-la novamente."

"É bom ver você também. Desculpe pela interrupção inesperada."

"Não tem problema. Sente-se onde quer que esteja mais confortável. Na verdade, a cadeira mais confortável fica na sala de jogos de Dorothy, mas há apenas uma."

"Perfeito." Eu caminho até a sala de jogos e me sento em sua cadeira reclinável cara com todos os gemidos e assobios.

"Oh... tudo bem. Posso pegar algo para beberem enquanto esperam?"

"Eu não vou ficar." Mamãe torce o nariz enquanto coloca minha bolsa para a noite ao lado da porta da sala de jogos enquanto eu relaxo no tecido macio, deixando minhas muletas caírem no chão em ambos os lados da cadeira.

"Oh." Kellie estreita os olhos para minha bolsa antes de mudar sua atenção para minha mãe e depois para mim.

"Dorothy não conseguiu tempo para ir me ver, então pensei em surpreendê-la. Mas como já é tarde e não posso dirigir, eu trouxe uma bolsa. Vou descobrir como chegar em casa amanhã. Espero que esteja tudo bem." Eu sorrio.

Kellie sorri como se minhas intenções fossem bem claras. Ela provavelmente sabe o suficiente sobre as semanas anteriores para saber que Dorothy simplesmente não está pronta para me ver. "Parece a melhor ideia que ouvi em muito tempo."

Sim, ela sabe.

"Ótimo." Mamãe aperta as mãos perto do peito. "Parece que você está bem, Eli. Então... eu vou para casa."

"Ele está em boas mãos." Kellie pisca para minha mãe e a leva até a porta.

Elas murmuram mais algumas coisas uma para a outra, mas não consigo entender as palavras. Depois que a porta fecha, Kellie me traz um pouco de água e um saco de pipoca de micro-ondas.

"Dorothy realmente sente falta de Roman." Ela me entrega a pipoca e fica ao lado da cadeira, apertando a faixa em seu roupão.

"Ele a adora. Ela é sua super-heroína. Tenho certeza que ele adoraria mostrar a ela a fantasia de Flash que minha mãe e Julie compraram para o Halloween. Ele vai desgastá-la antes que tenha a chance de ir pedir os doces ou travessuras."

Kellie ri. “Oh Dorothy adoraria vê-lo.”

“Kellie, eu... desculpe-me. Sinto que estou falhando com Dorothy no momento porque estou ferido e lidando com minha ex-esposa morando comigo novamente e minha família sempre por perto me ajudando. Eu só...”

“Dorothy acha que você pertence à Dra. Hathaway.” Ela deixa escapar as palavras tão rapidamente que levo alguns segundos para processá-las. “Quero acreditar que ela dirá isso na sua cara, mas pode sair numa versão diferente. No entanto, essas foram as palavras que ela me disse. E não é porque ela não gosta de você. Ela gosta... muito. Mas... você precisa saber onde a cabeça dela está agora, e temo que ela não consiga articular adequadamente seus pensamentos. Veja bem, o avô dela traiu a avó há muitos anos. Não apenas traiu, ele se apaixonou por outra mulher. Meu irmão tinha três anos na época — a idade do Roman. Eu nem tinha sido concebida. Meu pai deixou seu novo amor para voltar para sua família. Minha mãe o aceitou de volta. Se ela não o tivesse aceitado de volta, eu não estaria aqui, portanto Dorothy não estaria aqui. Ela conhece a história. Foi recontada para ela muitas vezes.”

Após cuidadosa reflexão, eu dou um aceno e um pequeno sorriso. O que posso dizer? Talvez nada. Talvez palavras certas não existam. “Obrigado por me contar isso.”

Ela sorri. “Obrigada por amar minha filha.”

Externamente, mantenho um sorriso suave. Por dentro? Parece que um pedaço irregular de metal está sendo empurrado dentro do meu coração.

“Grite se precisar de alguma coisa. Vou para a cama logo, mas tenho sono leve. E Dorothy deve estar em casa logo também.”

“Obrigado.”

CAPÍTULO 28



Foda-se a verdade

Dorothy

Sim!

Sanduíche de jaca *e* sobras de torta de maçã na geladeira. É o suficiente para me impedir de dar uma volta. Por escurecer mais cedo, acho menos atraente passear nas noites em que chego em casa do hospital perto das 21h.

Depois de jogar as sobras em um prato, pego um garfo e um copo de água e vou para minha sala de jogos.

"Que porra?" Acendo a luz da sala e vejo uma figura na minha cadeira.

"Oi para você também." Eli aperta o botão ao lado da cadeira, colocando-a na posição vertical. Então ele desliga a TV antes que eu possa registrar o que está assistindo.

"O que você está fazendo aqui?"

Ele sorri. "Estou aqui para te ver. Isso é torta de maçã?"

Olho meu prato. "Sim."

"Eu amo torta de maçã."

"Então?"

Eli ri. "Então traga sua bunda aqui e compartilhe um pouco comigo."

"É só um pedaço."

"Daí a palavra compartilhe."

Meu nariz franze.

"Não vou fazer um oral em você até compartilharmos a torta." Ele pisca.

Eu aperto minhas pernas juntas.

"Estou brincando. Já pareço estar sexualmente ativo?" Ele gesticula para o gesso.

"Como está o Romeu?" Sento-me no braço da cadeira, com o prato no colo.

"Você quer dizer o Flash? Porque é quem ele é agora que tem a fantasia de Halloween." Eli mostra uma foto do Romeu Flash em seu celular.

"Oh meu Deus, ele é tão adorável." Bato a ponta do garfo contra meu lábio inferior enquanto sorrio para a foto.

Eli pousa o telefone no outro braço da cadeira e exala uma respiração audível. "Julie me quer de volta."

Uau. Meu apetite começa a diminuir. Não porque não estive esperando essa conversa, mas apenas porque pensei que ele esperaria até eu comer meu sanduíche e eu o faria implorar pela torta. "Ela é esperta. Mesmo que tenha demorado muito tempo para encontrar a resposta certa." Dou de ombros. "Tudo o que importa é que ela encontrou."

"A resposta certa?" Ele pergunta.

"Duh. Você e Roman. Escolher sua família. Claro que é a resposta certa."

"Para quem?" Os olhos de Eli se estreitam.

"Para Roman. E talvez para você e talvez para ela também, mas definitivamente a escolha certa para Roman."

"E quanto a Dorothy Mayhem?"

"O que tem eu?" Dou uma mordida no sanduíche.

"Você disse que achava que me amava também."

"E?" Murmuro sobre o sanduíche de jaca frio.

"E que Roman gosta de você. Muito."

Eu engulo e concordo. “Verdade. Mas não sou a mãe dele. A Dra. Hathaway é a mãe dele. E ela deve vê-lo todos os dias. Você também deve. E agora que ela voltou ao jogo, é meio que óbvio.”

“E se eu escolher você?”

“Então você é um idiota.”

“Por que?”

Eu odeio a linha de questionamento dele. É estúpida e completamente inútil. “Porque você tem a chance de estar com Roman todos os dias. Noites também. Todos os fins de semana e feriados.”

“Mas eu quero você.”

Levanto e deslizo o prato no meu console de entretenimento, fazendo um *som metálico* alto. “Você é a porra de um idiota!” Seguro a parte de trás do meu pescoço com as duas mãos, apertando os dedos nos músculos ao longo do pescoço para aliviar a tensão. “Se eu pudesse escolher Roman sobre você, eu faria num piscar de olhos. Isso faz você se sentir melhor? Isso facilita sua decisão? Ele tem três anos, é inteligente e engraçado, e diz todas as coisas fofas. E aquele sorriso...”

Limpo minhas bochechas, estreitando os olhos nas minhas mãos, um pouco confusa e surpresa ao ver lágrimas. A ardência nos meus olhos e o fio escorrendo pela minha bochecha passam despercebidos em meio à minha raiva. “Aquele sorriso é *vida.*” Limpo as mãos na minha calça. “Então por que diabos você escolheria viver meia vida quando pode ter uma inteira?”

Eli aperta a ponta do seu nariz. “Por que você está fazendo isto comigo?”

“Fazendo o quê?”

“Fazendo-me sentir uma pessoa terrível.” Ele esfrega os olhos e me encara. Eles estão vermelhos.

“Eu não estou”, sussurro.

“Você está. Porque está usando meu filho como alavanca para sair da equação. Mas isso não é uma equação ou uma enquete em que todos têm um voto. Esta é a minha maldita vida!”

Eu pulo, envolvendo os braços no meu peito. Eu já vi Eli um pouco chateado antes, como quando concordei em sair com Warren ou quando

sugeri que Eli e a Dra. Hathaway levassem Romeu para Londres. Mas isso não é nada comparado ao maxilar cerrado de Eli e aos olhos cheios de lágrimas me fazendo refém em minha própria casa. Não consigo me mexer. Nem um único músculo.

Ele engole em seco, mantendo a mandíbula travada e conseguindo piscar várias vezes sem derramar aquelas lágrimas. “Você me fez sentir como um pai realmente terrível. E sei que não é isso que você pretendia fazer, mas você fez. Culpa, Dorothy... você está me matando com culpa. Você transformou amar você em uma falha. Um erro épico de julgamento. Uma escolha...” Ele balança a cabeça e funga. “Você não deveria ser uma escolha. Nem você. Nem Roman. Mas você colocou tudo assim. Se eu *escolher* você, significa que terei Roman em tempo parcial. Mas isso me faz ‘a porra de um idiota’ a seus olhos. Então, qual é o sentido?”

O que fiz de errado? Como me supero sempre em estragar as coisas? Passo tanto tempo planejando meus movimentos e minhas palavras. Eu as escrevo no diário e as revejo com meus pais. Como um movimento que pareceu tão desinteressado me transformou em um monstro? O inimigo crítico.

“Apenas...” Relaxo minha cabeça de um lado para o outro, fazendo uma careta pelas batidas dentro dela. “Apenas me diga o que quer que eu fale... o que você quer que eu faça.”

Ele abaixa a cabeça, fechando os olhos.

Olho novamente para a porta. Eli trouxe uma bolsa, mas quem trouxe Eli? Eu olho meu relógio. São quase 22h.

O que uma pessoa neurotípica faria?

Não tenho certeza. Esse cenário exato não foi exibido nos filmes ou nos meus romances dessa maneira. Quero dizer... dado seu comportamento completo, suponho que ele pode querer sair correndo, entrar no carro e cantar os pneus.

Mas ele não pode sair para qualquer lugar. Não tenho certeza nem se ele consegue ficar em pé sozinho.

Sem carro.

Minha entrada é de cascalho, então não há pavimento para cantar pneus.

Isso me deixa em território desconhecido, com apenas uma pergunta.

O que devo fazer?

Torta.

Você não pode errar com torta, especialmente torta de maçã. Deslizo o prato do console e me ajoelho no chão entre as pernas de Eli, dando à mesa onde sua perna engessada está uma pequena balançada. Ele abre os olhos, compartilhando uma expressão sem vida.

Acho que coloquei isso no rosto dele. Outro exemplo que meus planos não saíram como imaginei que sairiam. Então pego um pedaço de torta e levanto até a boca dele. Depois de alguns piscadas lentas, ele dá uma mordida.

Isso traz um pequeno sorriso no meu rosto, mesmo que ele não esteja encontrando um único pingo de felicidade.

Por minha causa.

Dou a próxima mordida. O pedaço a seguir inclui o maior pedaço de maçã, o melhor pedaço de toda a fatia. Lentamente, eu o movo em direção à sua boca, esperando que ele preste atenção na minha oferta, uma espécie de oferta de paz.

Ele dá uma mordida, mas seu olhar sem emoção permanece fixo em mim. Que desperdício. Eu poderia ter pego o pedaço para mim.

Meu pedaço.

O pedaço dele.

Meu.

Dele.

Sim, dou a última mordida na crosta, aquela que é um pouco crocante, mas doce, com uma fina camada pegajosa de recheio de maçã agarrada a ela. Algo me diz que Eli não apreciaria tanto quanto eu.

Sem a torta, as coisas ficam estranhas novamente.

Nada para dizer.

Nada para fazer.

No entanto, um homem incapacitado permanece na minha sala de jogos com sua bolsa de dormir ao lado da porta. E eu preciso de um banho. E meus remédios. E planejei trabalhar algumas coisas em meus diários. Mas

tudo foi para o inferno com a adição de Eli na minha noite de sábado. Ele está prestes a descobrir rapidamente que não tenho nenhuma pista de como ser uma anfitriã. Não estudo coisas que nunca pretendo fazer, e convidar as pessoas para ficarem na minha casa está no topo da minha lista de habilidades desnecessárias para aprender.

"Eli..."

"Shh..." Ele move a cabeça de um lado para o outro. Pegando o prato de mim, ele o coloca no braço da cadeira e se inclina para frente o suficiente para deslizar a mão atrás da minha cabeça e me puxar para frente. Nós nos encontramos no meio, nossos lábios quase se tocando. "Apenas me diga que ainda pensa que me ama também. Nada mais. Só isso."

Sei que é um erro me apaixonar pelo Dr. Hawkins. Sei que ele é complicado. Ruim para o meu coração. Ruim para minha agenda. Ruim para minha linha de pensamento.

Mas faço isso de qualquer maneira.

"Eu acho que também te amo... ainda."

Um sorriso quase imperceptível rompe seu rosto dolorido antes dele me beijar.

Ah caramba.

Isso não faz parte do plano. Eu deveria me afastar. Sim, fora da equação. Mas ele faz algo quando coloca minha cabeça em suas mãos grandes e me beija com seus lábios exigentes. Para um beijo final de despedida, parece altamente inapropriado. Língua demais para se despedir. E então eu gemo. Gritos, talvez até choramingos, parecem mais apropriados para um beijo final.

Não gemidos.

Mas eu faço isso de qualquer maneira.

"Você não pode me escolher", digo assim que o beijo termina.

Eli aperta os lábios e assente lentamente. "Eu não vou. Vou esperar você me escolher."

"O quê?" Afasto a cabeça. "Eu já fiz minha escolha. Eu escolhi Roman ter seus pais novamente. Escolhi que o pai de Roman não me beije como se ele quisesse arrancar minhas roupas, se pudesse."

Ele sorri. E se eu não estivesse tão aliviada ao vê-lo não me olhando como se tivesse um machado no coração, ficaria chateada por ele não levar as coisas a sério.

"Não seria em um tempo recorde, mas não se engane, Mayhem. Eu poderia arrancar suas roupas e localizar seu ponto G, mesmo com apenas metade do meu corpo funcionando. Se um cadáver ressuscitado pode ter um orgasmo, imagine o que eu poderia fazer com duas mãos totalmente funcionais, minha boca e um punhado de pensamentos obscenos."

Bem... um gole... caramba!

"Você pode me fazer um favor?" Ele pergunta.

Dou de ombros. Promessas cegas não são a minha coisa.

"Você pode deixar eu me recuperar? Você pode me dar algumas refeições com você, talvez duas xícaras de café, talvez um ou dois encontros com Roman antes de tomar sua decisão?"

"Eu te disse..."

Ele me beija novamente.

Se eu não amasse tanto a boca dele na minha, ficaria ofendida por ele continuar me interrompendo.

"Não vou mudar de ideia", digo enquanto me afasto.

Ele beija meu nariz e depois minha testa. "Então não vai doer esperar até que eu me recupere. Além disso, você não pode me dar um fora antes das festas. Isso é cruel."

Reviro os olhos.

"Vou tomar isso como um sim." Ele sorri.

"Que seja. Claramente você não sabe como meu cérebro funciona. Mas... você vai descobrir." Eu me levanto.

Eli segura minha mão e beija a parte interna do meu pulso. "Claramente você não sabe como meu amor funciona. Mas... você vai descobrir."

"Onde planejava dormir quando apareceu sem ser convidado e sem aviso prévio?"

"Na sua cama. Eu deixei você dormir na minha. Você me deve."

"Minha cama é menor."

"Então terá que me deixar te abraçar para que nenhum de nós caia."

"Se ficarmos grudados, isso não será um problema, mas você exala muito calor corporal, de modo que grudar pode ficar muito quente."

"Grudar? Do que você está falando?"

"Eu vou te mostrar." Pego suas muletas. "Você pode se apoiar em mim também. Sou muito mais forte do que pareço."



Elijah

Dorothy me ajuda a ir para o quarto dela com uma rápida parada no banheiro para urinar e escovar os dentes. Não tive a chance de inspecionar o quarto dela durante meu tempo anterior lá.

"Não é uma cama de solteiro."

"Não." Ela abre a coberta da cama. Não é um saco de dormir. É um lençol e colcha decorativa, mas tudo em uma coisa só, e tudo se fecha. "É para pessoas que não gostam de arrumar camas ou perder as cobertas no meio da noite", ela explica enquanto me ajuda a entrar na cama.

"Estou vestido demais para dormir."

Dorothy torce os lábios. "Você trouxe pijama?"

"Sim, e é chamado de cueca, e eu já estou usando. Só preciso tirar minha camisa e calça de moletom."

"Você quer dizer eu. Você precisa que eu os remova para você."

"Sim."

Ela puxa a camisa pela minha cabeça. "Hathaway faz isso para você em sua casa? Tira sua roupa?"

"Sim."

"Aff."

"Você acabou de falar aff para minha resposta?"

"Não." Ela desliza minha calça de moletom pelas pernas, por cima do meu gesso e depois tira as meias.

"Está com ciúmes que alguém está me despindo?"

"Não." Ela dobra minhas roupas e as coloca em cima da bolsa. "Você precisa de travesseiros extras para sua perna?"

"Um extra para minha perna está ótimo."

Ela coloca um travesseiro embaixo da minha perna e fecha meu lado da cama. Deixe-me repetir... *fecha* meu lado da cama.

"Vou tomar banho, escovar os dentes, passar fio dental e tomar meus remédios. Você está bem?"

"Estou *fechado* na cama de Dorothy Mayhem. A única maneira de melhorar seria se você me amarrasse e entrasse comigo — gentilmente e com extrema cautela por causa dos meus ferimentos, é claro."

Dorothy me olha inexpressiva. Acho que ela entendeu minha piada, mas realmente não acha isso engraçado. "Então você está bem. Ok. Vou tomar banho."

Quando ela termina sua rotina noturna, eu começo a adormecer.

"Posso abrir só embaixo se precisar de ar nos pés."

Abro minhas pálpebras pesadas, colocando em foco o cabelo molhado de Dorothy Mayhem e sua camiseta de tamanho grande da Taylor Swift escrito *Reputation*. "Para evitar que meus pés fiquem claustrofóbicos na sua cama com zíper?"

"Para permitir que o ar frio ajude seus pés a regular a temperatura do corpo." Ela abre o zíper da cama. "Posso deixar assim ou deixar seus pés de fora assim." Descolando as cobertas embaixo, ela expõe meus pés. Meu pé bom e aquele com apenas os dedos dos pés saindo de um gesso azul. Tantas opções e surpresas inesperadas com a cama com zíper. O mesmo vale para Dorothy Mayhem.

"Contanto que você durma aqui, ficará tudo bem comigo."

"Oh." Ela balança a cabeça. "Na verdade, não durmo dentro dela. Eu durmo em cima dela, para que esteja sempre arrumada. Se eu esfriar, pego um cobertor. Eu odeio lidar com arrumação de camas."

Não demonstro a ela quanta emoção sinto agora. Ela interpretaria como se eu estivesse emocionado com uma cama com zíper. Não é isso. Bem, é isso. É tudo. A minha versão de vinte anos de idade poderia ter achado camas com zíper um limite rígido. Eu poderia ter fugido de uma garota com cama com zíper sem olhar para trás. Quero dizer, ela tem uma cama com zíper. Imagine que outras esquisitices governam sua vida.

No momento, destrói-me imaginar que chegará o dia em que nada de fantástico como emus no Instagram, sopa sem frango de uma lata e camas com zíper farão parte da minha vida — que *ela* não fará parte da minha vida.

Porque... Ela. Escolheu. Meu. Filho.

Dorothy colocou Roman acima de todos os outros. E, ao fazer isso, ela me fez amá-la de uma maneira que arranca o ar dos meus pulmões, algema meu coração e reivindica minha alma.

"Então você não se importa?"

Abafando minhas emoções doloridas, eu sorrio. "Apenas suba na cama."

"Ok." Ela encolhe os ombros, apaga a luz e desliza na cama com zíper ao meu lado, prendendo-me já que ela está em cima da roupa de cama e eu estou dentro dela.

Eu a tenho exatamente onde quero, e realmente não posso tocá-la. Então fecho os olhos e apenas encontro conforto em sua proximidade.

"Eu te amo", digo depois de vários minutos de inquietação, esperando que isso a distraia do desconforto de compartilhar sua cama comigo, talvez acalme um pouco seus nervos.

"Ok..." Ela responde com voz ofegante.

"Você e*stá* ok?" Tento puxar as cobertas, mas estou preso com força e seu peso ao meu lado frustra minhas tentativas.

"Sim..." Ela engole tão forte que posso ouvir. E posso ouvir suas respirações superficiais, acelerando lentamente.

Viro a cabeça na direção dela, estreitando os olhos para ver seu rosto na escuridão. Empurrando meu queixo para chegar o mais perto possível. Seu rosto entra em foco o suficiente para que eu possa ver seus olhos fecharem, seu lábio inferior preso sob os dentes superiores.

Você tem que estar brincando comigo!

"Você está..." Aperto os olhos um pouco mais, cutucando seu corpo com meu cotovelo para chamar sua atenção "...se masturbando?"

"Sim..." *Scrash. Scrash. Scrash.* "Não..." *Scrash. Scrash. Scrash.* "Talvez... oh Deus..."

"Isso não está acontecendo", murmuro.

"Fo... foda-se, Eli!" Ela agarra minha coxa, segurando-a com força, enquanto sua pélvis se levanta da cama.

Sei que ela não quer que eu leia livros sobre autismo e a generalize nos estereótipos típicos. Mas a parte de alguns Aspies lutando para exibir um comportamento apropriado em certas situações parece encaixar em Dorothy perfeitamente. E acho que percebi isso no dia em que ela casualmente ficou nua no banco traseiro do carro na pizzaria.

Parece um momento estranho. *Se* eu fosse me masturbar na cama sem incluir minha parceira, acho que esperaria até que ela estivesse dormindo.

Depois que o aperto dela em mim relaxa, junto com o resto do seu corpo, ela solta um suspiro contente.

"Por quê? Somente... por quê?" Sussurro, olhando o teto escuro, rezando para que não demore a noite toda para minha ereção diminuir.

"Isso me ajuda a relaxar para que eu possa dormir mais fácil. Normalmente, escrevo no diário antes de dormir, mas não achei que você gostaria que a luz estivesse acesa."

"Bem..." Eu ajusto minha ereção desconfortável "...você pensou errado."

"Ok. Desculpa." Ela rola de lado, plantando sua bunda no meu quadril. "Vou escrever no diário na próxima vez."

CAPÍTULO 29



Minha garotinha

Dorothy

"Oh... porcaria..."

O alarme no meu celular toca. "Merda..." Eu me encolho, descolando-me do peito de Eli. Como isso aconteceu? Ele fez uma cirurgia há menos de um mês. E estou em cima dele!

Antes que possa aliviar completamente o corpo dele, ele pisca os olhos abertos.

"Eu sinto muito. Machuquei você? Não me lembro de rastejar em seu peito. Não é como sou. Eu só..."

"Aconteceu de madrugada."

"Oh, caramba." Torço o nariz, inclinando-me para desligar o alarme. "Então eu te acordei?"

"Sim." Ele sorri com um pequeno bocejo, cobrindo-o com o punho.

"Eu machuquei você?"

"Não." Ele ri. "Você é bem leve."

"Você voltou a dormir facilmente?"

"Não."

"Eli... eu sinto muito. Não estou acostumada a compartilhar espaço. Eu nunca compartilhei minha cama com outra pessoa."

Ele corre os dedos pela sua cabeça loura, deixando o braço atrás da cabeça, flexionando os músculos.

Deus... Ele é tão gostoso.

"Eu lutei para ficar acordado."

Balanço a cabeça. "Você quer dizer, adormecer."

"Não. Eu poderia dormir para sempre com você em mim assim, assim como posso com Roman. Mas eu não queria voltar a dormir. Eu queria cheirar seu cabelo. Absorver o calor do seu corpo. Sentir seu coração perto do meu." Ele dá um sorriso triste. "Eu queria criar uma memória que o tempo não pode apagar."

Deixo suas palavras girarem na minha cabeça, encontrando uma maneira de compreendê-las, encontrando um lugar para mantê-las. Mas elas não se encaixam na minha mente, então as guardo no meu coração, porque é onde elas pousaram quando ele as disse. "Para constar..." Pego roupas de ginástica do meu armário "... Amar você tem sido inesperadamente bom."

"Bom?" Ele ri.

"Perfeitamente adequado."

"Não existe nada melhor que isso." Ele tenta se sentar.

"Deixe-me ajudar."

"Eu estou bem. Bem, se puder abrir o zíper da cama, eu ficarei bem. Só preciso ir ao banheiro."

Eu abro o lado dele da cama. "Como você vai para casa? Você não tem um brunch hoje?"

"Minha mãe levará o brunch para minha casa. Minhas irmãs e suas famílias também irão. Este é realmente o dia para você pular o trabalho e vir ao brunch."

Ajudo-o a levantar-se e arrumo as muletas. "Parece o encontro de família perfeito. Roman deve estar bem animado. E a Dra. Hathaway, suponho, estará lá. Então isso é bom... ah... ela estava em sua casa ontem à noite? Quero dizer... como foi para ela você vir aqui?"

"Eu não sei." Suas palavras são um pouco tensas conforme ele dá os primeiros passos em direção ao banheiro com as muletas. "Eu não disse a ela que viria para cá. Foi uma decisão espontânea e de última hora. Eles estavam no parque. Mas minha mãe voltou para lá depois que me deixou aqui, então Julie descobriu eventualmente."

"Aposto que ela ficou brava. Espero que não comigo. Não te convidei para vir ontem à noite."

Eli olha por cima do ombro. "Se você não admirasse Julie, pelo menos em nível profissional, você ainda acharia que eu deveria ficar com ela?"

"Se vocês pudessem se amar, então sim. Por Roman... absolutamente."

"Jesus..." Ele murmura, continuando em direção ao banheiro.

"O quê?" Eu o vejo virar no canto.

"Se não vai me deixar ficar com você, pare de tornar tão fácil te amar." Ele empurra a porta fechada atrás de si.

Eu saio. Ele parece um pouco chateado. Achei que estávamos bem, mas talvez não estivéssemos. Quando chego ao trabalho, mamãe me manda uma mensagem para que eu saiba que o pai dele o pegou.

Eu realmente não deveria ter me apaixonado pelo Dr. Hawkins. No que eu estava pensando?



Elijah

Preciso de um banho.

Em vez disso, recebo as boas-vindas do brunch de domingo assim que meu pai me ajuda a entrar em casa. Eu me sinto como uma criança teimosa que acaba de ser arrastada para casa da casa de um amigo depois de quebrar o toque de recolher. Exceto que minha mãe me levou para a casa de Dorothy, então não tenho motivos para me sentir culpado.

"Ei." Dou um sorriso de boca fechada à minha família quando entro na sala cheia com as minhas irmãs, suas famílias, mãe, Roman brincando com seus primos mais velhos e Julie.

Julie... ela desvia o olhar para o chão assim que a vejo. Ela me faz sentir culpado, o que é loucura. Julie não tem o direito de me fazer sentir culpado por nada. Mas essa voz na minha cabeça (a voz de Dorothy) continua

me repreendendo por ter perseguido outra mulher quando tenho a oportunidade de reunir minha família.

Por Roman. Qualquer coisa por ele.

Mamãe e minhas irmãs têm sorrisos nos rostos, como se eu tivesse escapado de alguma coisa, e elas estão morrendo de vontade de saber os detalhes. Os detalhes? Ha! Isso é fácil.

Eu derramei meu coração para Dorothy e ela me rejeitou.

A torta de maçã estava boa.

E pelo jeito que soou, o orgasmo dela também.

Isso resume a noite anterior.

“Estou morrendo de fome”, digo, em vez de explicar minha ausência.

“Sim! Vamos comer.” Mamãe leva o grupo para a cozinha até eu ficar sozinho na sala com Julie.

“Como foi o parque?” Pergunto.

“Ele se divertiu. Molhou a cama, provavelmente porque bebeu muita água. Eu já limpei.”

“Obrigado.”

Ela assente.

“Vai evitar olhar para mim o dia todo?”

Ela levanta o olhar, com um sorriso forçado, uma máscara que pouco faz para esconder sua raiva ou decepção. Não sei dizer qual. “Bom dia, Elijah.”

Machucada. Ela está machucada.

Julie não tem o direito de estar machucada. Eu sei disso, e posso dizer pela expressão sombria em seu rosto que ela também sabe. Mas a mágoa é imune à razão. Isso, eu sei muito bem.

“Bom dia.”

Ela limpa a garganta. “Como está Dorothy?”

Um sorriso instantâneo vem ao meu rosto, apesar da dor imediata. “Ela está bem.”

Julie pressiona os lábios e assente. “Isso é bom.” Suas palavras não carregam amargura.

As mulheres da minha vida têm um talento especial para serem as mais incríveis quando eu realmente preciso que elas me mostrem seu lado sombrio. A raiva delas. Seu ciúme e egoísmo.

“Ela acha que eu deveria tentar reunir minha família — por Roman.”

O olhar de Julie se levanta para encontrar o meu enquanto seus lábios se separam. “O que...” Ela balança a cabeça como se não pudesse acreditar no que eu disse. “Bem, o que *você* acha?”

Olho por cima do ombro de Julie para minha família reunida em torno da ilha da cozinha, enchendo seus pratos de comida, enchendo a sala de risadas e enchendo meu coração de lembranças e lembretes da vida que desejei por tanto tempo.

“Eu acho que a vida é muito complicada.”

Ela pisca várias vezes e desliza as mãos nos bolsos da frente do jeans desbotado antes de inclinar o queixo em direção ao peito. “É”, ela murmura.

“É doloroso ter tudo o que sempre pensou que quisesse, mas parece que não está certo. Como se algo estivesse faltando.” Eu me ajeito no sofá, encostando as muletas no braço dele.

Julie grunhe uma risada, mantendo o olhar apontado para os pés.

“*Claro* que você sabe exatamente como eu me sinto. Exceto que você não experimentou o outro lado da equação — o lado solitário.”

Ela olha para cima, seus olhos estão arregalados. “O lado solitário? Oh, Elijah, você está muito errado. Não há sensação de solidão maior do que sentir que ninguém te entende. O inferno desolado de precisar de algo que não faz sentido para o resto do mundo. De perceber que, se você encontrar a coragem de se escolher, estará sozinho. Livre... mas muito sozinho.”

“Eu devo sentir pena de você? Porque eu...”

“Não”, ela interrompe com total convicção em sua voz. “Eu quero *você*, Eli. Não sua pena. Não sua simpatia. Eu só não quero que pense que a confusão, a depressão, a sensação de que eu queria sair da minha pele... da minha vida... foi um passeio fantástico no parque. E não culpo ninguém além de mim, mas não foi fácil. Sabe quantas vezes eu pensei em tirar minha própria vida? Você sabe?”

Estremeço, engasgando-me com o nó na garganta que cresce um pouco mais a cada palavra de sua revelação.

Julie pisca para conter as lágrimas. “Por...” Emoção tropeça em suas palavras “... porque eu não conseguia descobrir o que havia de errado comigo. Por que eu estava tão infeliz com a minha vida? Por que essa vida perfeita parecia um maldito fardo? Eu me sentia tão inadequada como mãe, médica, esposa, pessoa... você sabe como é ser um fracasso como ser humano?”

Meu queixo trava enquanto seus olhos brilham com lágrimas não derramadas.

“É... solitário... pra caralho”, ela sussurra antes de respirar fundo e olhar o teto como se suas lágrimas pudessem desafiar a gravidade se ela apenas continuar olhando para cima.

“Vocês dois vão comer com a gente...” Mamãe para quando seu olhar faz um pingue-pongue entre mim e Julie. “Sabe, seu pai ligou os aquecedores da varanda. Nós vamos nos sentar lá fora e comer. Vocês dois levem o tempo que quiserem.” Ela descansa a mão no ombro de Julie antes de desaparecer na cozinha.

“Você deveria ver alguém”, digo com resignação. “Minha mãe. Julie, você poderia falar com minha mãe. Se está deprimida...”

“Não.” Ela ignora meus esforços em mostrar preocupação. “Eu já vi alguém. Já estou tomando medicamentos — estabilizadores de humor, antidepressivos. E odeio isso. Eu os odeio e o que eles significam. Eu odeio que algo esteja errado comigo. Mas estou tomando-os por Roman, porque ele merece ter uma mãe que esteja presente e seja confiável. E eu estou indo a terapia. É verdade que faz apenas um mês, mas estou fazendo isso.”

Eu esfrego minha testa. Bipolar. Ela é bipolar, e eu não vi isso. Como isso aconteceu? Como diabos não vi isso? “Por que você não me contou antes?”

“Eu não queria que se sentisse responsável. Até que percebi que eu realmente queria *você*. Mas não quero que você volte para mim por algum sentimento de responsabilidade. Não é problema seu. Não é sua responsabilidade.”

“Jules, pedir-me para voltar à sua vida se torna meu problema, o que também é minha responsabilidade.”

“*Se* você voltar.”

Eu concordo lentamente. "*Se*..."

Julie me estuda por alguns segundos. "Você a ama?"

"Sim", sussurro, porque eu amo... assumidamente amo Dorothy Mayhem.

Espero pela próxima pergunta de Julie, preparando-me para qual será minha resposta.

Julie vai me perguntar se eu ainda a amo.

E eu direi que sim.

Apesar de tudo — o abandono cego, a perda do meu casamento, a perda do tempo com Roman, as palavras irregulares — eu amo Julie Hathaway. Por mais de vinte anos eu, sinceramente, senti que fui colocado na Terra para amá-la. É simples assim.

Ou assim eu pensava...

Mas Julie não diz nada. E tudo bem.

Não preciso que ela saiba neste momento que eu a amo. Assim como eu não preciso que ela saiba que passei o ano após nosso divórcio a odiando até os ossos, mas de alguma forma ainda a amando até minha alma.

É complicado.

"Posso lhe trazer um prato de comida?" Ela sorri. Não é um grande sorriso, mais como se o cachorro dela morreu, mas teve uma vida boa, então tudo ficará bem eventualmente.

Conheço esse sorriso muito bem. É o que usei por meses depois que ela me deixou. "Obrigado. Isso seria ótimo."

CAPÍTULO 30



Dorothy

"Eu fiz algo errado?" Warren me segue até o elevador da cafeteria depois do meu intervalo. Ele sorri como se não pudesse fazer *nada* errado.

Faz seis semanas desde o encontro da fondue do Inferno.

Seis semanas desde o acidente de Eli.

E três semanas desde que vi Eli. Não que ele não tenha feito amplas tentativas de me ligar e mandar uma mensagem. Ele fez. Eu apenas estive ocupada.

Ocupada com a faculdade.

Ocupada com o trabalho.

Ocupada esperando meu tempo até que ele se cure. Então, mais uma vez, direi a ele para voltar à Dra. Hathaway, e esse capítulo bagunçado de luxúria e amor (e por capítulo, quero dizer uma dúzia ou mais de diários) pode ser carimbado como completo.

Fim.

"Hum, sim", respondo, olhando as portas do elevador enquanto rolo meus lábios entre os dentes e tamborilo os dedos nos meus braços cruzados no meu peito.

Vá embora. Vá embora. Vá embora.

"Bem, você vai me dizer exatamente o que eu fiz que me rendeu essa frieza?"

O que eu fiz parece singular. Tenho um diário inteiro de todas as coisas que considero 'erradas' com Warren. Por onde devo começar?

"Você me levou para um encontro em uma fondue."

Ele se aproxima, pairando logo atrás de mim. Isso me deixa com coceira. Tenho que ser alérgica a ele. Uma transa na sala de descanso poderia me colocar em choque anafilático.

"Você não gostou da fondue? Ou tinha *outras* coisas em mente que não incluíam o jantar?" Ele abaixa a voz com tudo o que vem depois da palavra *outras*.

Abro a porta para a escada, incapaz de esperar mais um segundo pelo elevador. Warren me segue.

Idiota.

"Dorothy, vamos lá. Apenas me diga."

Seguro meu café em uma mão e fecho a outra enquanto meus pés sobem as escadas. "Um encontro em uma fondue é equivalente a sexo desprotegido com um estranho no primeiro encontro. É nojento e apenas atrai problemas. No entanto, foi onde você me levou. E só saí com você porque a pessoa com quem estava fazendo sexo na época não queria que eu lhe dissesse, então mantive nosso encontro para não ter que explicar por que não podia sair com você. E tem mais... muito mais que eu poderia dizer sobre suas falhas profundas de caráter e gosto questionável em tudo, desde a colônia até a sua marca de sapatos. Mas este ano prometi ser mais reticente com minhas opiniões negativas."

"Cristo, Mayhem, você é uma bela opressora. E com quem você está transando que me conhece?"

"Ninguém. Não estou sexualmente ativa no momento." Olho o relógio quando ele apita com uma notificação de atividade, perguntando se estou fazendo um treino de subir escadas.

"Mas com quem você *estava* quando fomos ao nosso encontro?"

"Não vou dizer."

Por favor, cale a boca antes de eu deixar escapar porque não consigo guardar segredos!

Abro a porta do quinto andar. Warren fica no meu calcanhar, e sei que ele não precisa de nada no quinto andar.

"Mas claramente vocês não estão mais juntos. Certo?"

"Sim. Não. Ugh... ele sofreu um acidente, então as coisas estão complicadas."

"Um acidente?"

"Vá embora, Warren." Dobro minha velocidade pelo corredor, mas suas pernas são muito mais longas, é inútil.

"A única pessoa que conheço que sofreu um acidente é o Dr. Hawkins. Mas isso é ridículo, então..."

"Por que isso seria ridículo?" Eu viro, olhando Warren enquanto ele segura seu café para o lado em vez de bater no meu peito.

O sorriso arrogante desaparece do seu rosto geneticamente talentoso enquanto seus olhos se arregalam, e sua mandíbula treme. "De jeito nenhum. Não há nenhuma maneira que você e Hawkins estivessem..." Ele balança a cabeça.

"Bem..." Limpo minha garganta e dou um passo para trás, desviando meu olhar para a enfermeira que passa à minha esquerda. "Eu não disse que era ele. Eu apenas perguntei por que seria tão ridículo."

Warren inclina a cabeça para o lado. Minha pele fica vermelha conforme ele me estuda. Eu me recuso a olhar para ele, mas sei que ele está me interrogando visualmente.

"Puta... merda... é verdade. Você e Hawkins."

"Não." Balanço a cabeça. "Pelo menos... não mais." E *essa* é minha maior falha. Eu absolutamente não posso mentir para salvar minha vida, ou a vida de Eli, ou uma pequena vila de crianças famintas no meio do mundo. E embora eu odeie mentiras porque nunca consigo ver além delas, invejo aqueles que conseguem fazer isso tão bem.

Eu me viro e continuo andando. Warren não me segue. Acho que ele não pode mexer as pernas depois que minha confissão não intencional o deixa paralisado de descrença. Saber que ele sabe vai me deixar louca, então tenho que confessar a Eli que deixei escapar.

Eu: ***Dr. Warren sabe que fizemos sexo. Eu disse a ele que não estamos fazendo sexo agora. Espero que você não esteja bravo.***

Leva menos de dez segundos para ele responder, provavelmente porque ele não tem nada melhor para fazer do que ficar sentado o dia todo.

Dr. Hawkins: ***Oi. Eu conheço você? Sinto que você é alguém que eu conhecia e ligava e mandava muitas MENSAGENS sem resposta. Hum... deixe-me pensar.***

Reviro os olhos assim que ele envia uma segunda mensagem.

Dr. Hawkins: ***Na verdade, estou furioso por não estarmos fazendo sexo agora. Por que isso?***

Estreitando os olhos, disseco sua resposta para separar os fatos da ficção. Ele está brincando. Certo?

Eu: ***Você está com um gesso. Você fez uma cirurgia para hemorragia interna. Você voltou com a Dra. Hathaway.***

Dr. Hawkins: ***Eu sinto tanto sua falta que não consigo respirar.***

Eu franzo a testa.

Eu: ***Ok. Tenho de trabalhar. Cuide-se.***



Elijah

"Porque a cara triste?" Julie pergunta, olhando para cima do seu lugar no chão ao lado de Roman.

Eles estão montando um quebra-cabeça de elefante na mesa de centro perto do sofá. É uma tarde de domingo preguiçosa com livros e quebra-cabeças, com futebol, chocolate quente e biscoitos. Julie parece confortável e completamente em casa. Seu sorriso fácil me dá um vislumbre do que nossa vida poderia ter sido se não tivéssemos nos divorciado.

"Desculpa." Eu me recupero com um sorriso fácil que espelha o dela. "Eu não quis ter uma cara triste. Só estou um pouco cansado."

"Então tire um cochilo."

Balanço a cabeça. "Cansado de viver no sofá. Não é divertido. Sinto falta de correr e trabalhar. Sinto falta de dirigir e correr atrás de Roman."

"Eu tenho certeza, amor. Mas amanhã é seu dia."

Amor.

Sim. Amanhã eu tiro meu gesso. Chega de muletas. E depois o quê?

"Olha, papai!" Roman pula para cima e para baixo depois de encaixar a última peça no quebra-cabeça.

"Isso é incrível, cara. Bom trabalho."

Ele pula no sofá. Julie não o impede mais. Ela sabe que eu me curei o suficiente para lidar com sua excitação de corpo inteiro. Enquanto Julie se senta ao nosso lado, dou um grande beijo em Roman.

"Mamãe também ajudou! Dê um beijo na mamãe também!"

Meu sorriso desaparece um pouco, mas a expressão de Julie brilha com esperança. Por quê? Onde estava essa esperança quando eu a queria? Quando senti que precisava mais do que tudo?

"Beije a mamãe!" Roman dá um tapa em minhas bochechas, empurrando-as como lábios de peixe.

"Que tal eu fazer um 'toca aqui' com a mamãe."

Eu levanto a mão.

Julie ri.

"Não. Beija!"

"Ok, amigo. Um beijo." Julie o afasta de mim.

O quê? Não. Nem fodendo. Nem um beijo.

Ela se inclina, sorrindo. "Por Roman", ela sussurra antes de pressionar sua boca na minha.

Eu não me mexo, e ela também não mexe muito a boca, mas também não se afasta. É mais do que um selinho. É como se ela estivesse esperando para ver se eu mordo a isca.

Minha cabeça balança para o lado conforme Roman bate palmas. "Viva! Beijos para a mamãe!" Ele pula do sofá.

Julie olha para mim, mantendo o rosto bem próximo ao meu. "Eli..." Ela sussurra.

"Coloque-o para tirar uma soneca."

"Eli..."

"Jesus, Jules... apenas faça isso."

Ela concorda lentamente, a rejeição assombrando seu rosto.

Assim que eles chegam ao topo da escada, pego minhas muletas, amarro o sapato direito em uma delas e saio, pedindo um táxi para me pegar mais abaixo na rua. Se ele não aparecer até Roman dormir, não quero que Julie me veja esperando na calçada.

Quarenta minutos depois, sou deixado no hospital, meu hospital.

"Dr. Hawkins! Que bom te ver!" Uma das enfermeiras da emergência me cumprimenta.

"Obrigado", murmuro, caminhando para o elevador. Quando as portas se fecham, envio uma mensagem ao Dr. Andrews, o oncologista pediátrico.

Eu: ***Está trabalhando?***

Dr. Andrews: ***Ei! Sairei logo. Você voltará a trabalhar quando?***

Eu: ***Estou subindo. Preciso de um favor.***

O Dr. Andrews foi para a escola com o Dr. Warren. Ele é solteiro e trabalha uma tonelada de horas. E ele fará o que eu disser para fazer, para que não precise lidar com colegas de igual posição que se recusam a me fazer esse pequeno favor.

"Droga... ainda está com gesso, hein?" Dr. Andrews me cumprimenta no elevador.

Eu levo minhas muletas em direção à sala vaga mais próxima. "Sim, mas não por muito tempo. Está marcado para tirar amanhã."

"Isso é ótimo. Então, qual é o favor?"

Apoio-me na mesa. "Eu quero que você tire agora."

Ele ri. "Mas você acabou de dizer que vai tirar amanhã. Eu não sou seu médico, e o que é mais um dia?"

"Mais um dia é minha sanidade. Então você pode tirá-lo, ou eu o tirarei, mas isso sairá agora."

Com pouca resistência, ele pega as ferramentas e remove meu gesso. “Você ainda pode precisar de muletas.” Desamarro o sapato direito da muleta, o calço e o amarro frouxo. “Sim. Obrigado. Tchau.” Eu manco em direção ao elevador e desço até meu escritório.

Eu: ***Venha ao meu escritório.***

Dorothy responde rapidamente.

Não posso. Ocupada.

Eu: ***Não é um pedido. É uma ordem.***

Dorothy: ***Você não é meu chefe.***

Eu: ***Na verdade, sou sim, tenho autoridade sobre você. Então traga sua bunda para meu escritório!***

Ela responde com o emoji do dedo médio.

Então... eu espero. E enquanto espero, Julie me envia uma mensagem.

Apenas me diga que você está bem.

Eu me sinto mal. Apesar de tudo o que ela fez comigo, ainda me sinto mal. Julie é bipolar. Ela está tentando recompor sua vida. E o fato de que ela me quer nisso... bem, a escolha do momento é simplesmente terrível.

Eu: ***Estou bem.***

E é isso. É tudo o que ela me diz. Mais uma vez, ela está dificultando para eu me encontrar nesta vida. Ela está dificultando odiá-la e facilitando voltar à nossa vida. Só não tenho certeza se essa ainda é minha vida.

Toc toc.

“Entre.”

Dorothy abre a porta. Avental rosa, camiseta cinza, Nikes cinza, o cabelo preso num rabo de cavalo e uma carranca no rosto. “Você precisa me prometer agora que não serei demitida por estar em seu escritório, em vez de onde deveria estar.”

“Eu prometo.” Bem, tenho noventa e nove por cento de certeza de que ela não será demitida. Estou aqui há tempo suficiente para ter alguma influência.

Dorothy fecha a porta atrás dela e se senta, olhando pela única janela do meu escritório, a que tem uma excelente vista do centro de Portland.

Levanto minhas duas pernas sobre a mesa para que ela possa ver que meu gesso foi tirado. Ela dá uma rápida olhada na direção das minhas pernas, então seu olhar encontra o meu.

"Você está melhor. Bom saber. Escolho Roman. Volte para sua esposa. Estamos bem? Estou dispensada agora?"

"Não. Nós não estamos bem."

Ela solta um longo suspiro. "Se meu avô tivesse escolhido sua amante em vez da minha avó, minha mãe não teria sido concebida. Eu não existiria. Meu pai não teria encontrado a mulher que ama tanto. Não acredito no destino, mas acredito que algumas coisas fazem sentido. Você e a Dra. Hathaway fazem sentido. Dar a Roman um lar com os dois pais faz sentido. Nós não fazemos sentido."

"Primeiro..." Eu me levanto da cadeira, mancando um pouco para dar a volta na mesa, então estou me apoiando contra ela enquanto estou em pé na frente dela "... nós fazemos sentido. Não é nada que possa ser colocado em palavras. Eu só sei que fazemos sentido, porque eu *sinto* isso. Segundo, você não é minha amante. Julie se divorciou de mim. E você nunca teria sido minha amante. Eu não sou esse tipo de homem."

"Mas ela quer você de volta."

"Depois de um ano que os papéis foram assinados, ela poderia ter me tido de volta. Mas então você entrou na minha vida e mudou isso."

"Eu não mudei."

"Droga, Dorothy!" Bato minhas mãos ao meu lado na mesa, e ela se assusta. "Você tem que decidir se me ama, se quer ficar comigo. Mas não é legal você tomar decisões por mim e pela minha vida. Mas..." eu me inclino para frente, apoiando as mãos nos braços da cadeira dela "... se você me ama, *fique comigo.*"

Sua testa franze enquanto ela cerra os dentes, emoção enche seus olhos com lágrimas não derramadas. Eu não quero machucá-la. Eu quero amá-la. Não consigo respirar quando a imagino com alguém além de mim. Tem que ser eu. Ela tem que *me* deixar amá-la.

Respirando trêmula, ela enxuga uma lágrima antes que encontre sua bochecha. "Você vai se lembrar de mim como a pessoa que devolveu sua vida.

É assim que quero que você se lembre de mim. Daqui a alguns anos você terá uma vida perfeita. Uma esposa. Roman. Talvez até um irmão ou irmã mais novo para ele. Um cachorro. Possivelmente uma emu de sua preferência. Ou uma alpaca. E você vai sorrir pensando nesse momento em que a transportadora de pacientes, Dorothy Mayhem, insistiu que você não desistisse da que provavelmente é sua última chance de retomar sua vida... a vida perfeita. Você pode fazer isso? Você conseguirá se lembrar de mim assim?"

"Não desista de mim. Por favor..." Descanso a testa contra a dela e fecho os olhos.

Dorothy descansa as mãos nas minhas bochechas. "Eu não estou desistindo. Eu sou sua maior guerreira. Sou sua mulher maravilha. Estou lutando por você quando você é estúpido e cego demais para ver o que está à sua frente."

"Não." Movo minha testa contra a dela. "Você não entende. *Você* é que é estúpida demais para ver. Você é quem vai lembrar de *nós,* e vai ver como *você* fez a escolha. Não eu." Seguro seu rosto da mesma maneira que ela está segurando o meu. "Olhe para mim."

Dorothy força seus olhos lacrimejantes a encontrarem o meu olhar.

"Esta é *sua* escolha. Sempre foi sua escolha. Porque eu fiz a minha no segundo em que entrei no banco de trás do seu carro."

Mais lágrimas rolam pelo seu rosto. "Eu escolho Roman", ela sussurra.

Pressiono meus lábios nos dela, segurando-a firmemente perto de mim, guardando esse sentimento na memória. "Ele não é seu para escolher", sussurro, soltando-a e afastando meu rosto de seu aperto.

Ela ofega com um soluço conforme pego as muletas e saio do meu escritório.

CAPÍTULO 31



Dorothy

"Uau! Sério, Dorothy? Onde esteve? Sei que você é adulta, mas nós estávamos..." A mão da mamãe cobre seu rosto quando eu olho para cima, deixando-a ver meus olhos inchados de tanto chorar.

Muitas. Lágrimas.

Saí do hospital às 08h. Treinei por duas horas. Então fiquei no meu carro na frente da academia chorando por mais duas.

"Dorothy..." Mamãe arrasta seus chinelos pelo chão e me puxa para seus braços.

Eu nem choro. Tudo parece entorpecido, como se todos os meus sentimentos residissem nas lágrimas, e não as tenho mais — então não tenho mais sentimentos.

Sem alegria.

Sem amor.

Sem raiva.

Nada.

"O que aconteceu?"

"Ele me odeia."

"Quem?" Ela se afasta, ainda me segurando.

"Eli."

"Não." Mamãe balança a cabeça.

Concordo com a cabeça lentamente, ainda sem sentir emoção. Sem lágrimas. Sem sorrisos. Nada.

"Por que pensa isso?"

"Eu escolhi Roman em vez de nós. Como isso é errado?" Consigo franzir a testa porque ainda não entendo. Eu nunca vou entender.

"Não é errado, menina. É corajoso. É honesto. É algo que vai além das palavras. E Eli não consegue entender por que ele te ama. E falando como alguém que te ama muito, eu sei que ele está sofrendo porque a ideia de viver sem você é bastante insuportável."

Eu me viro para o meu quarto. "Boa noite."

"Dorothy..." Ela me segue para o meu quarto.

"Ele disse que era minha decisão. E eu escolhi Roman. Então ele disse que Roman não era minha escolha. E ele me culpa. Mas deveria ter sido a escolha dele. Julie e Roman ou eu e Roman em tempo parcial. Mas ele continuou tentando fazer a escolha errada. E não posso viver assim. É muita pressão para não estragar tudo e fazê-lo se arrepender de ter me escolhido. Pressão demais para ser algo bom o suficiente para que ele não sinta falta de Roman quando não está com ele... quando ele só tem a mim. E se ele ficar sem mim um dia? Eu posso morrer. Ou mudar. Ou ser espetacularmente como fui com todos os meus relacionamentos... todos os meus relacionamentos *fracassados*. Então o que? A Dra. Hathaway não vai esperar por ele para sempre."

Mamãe tira uma camisola limpa da minha gaveta e uma das minhas calcinhas favoritas, branca e sem graça. "Tome um banho. Durma um pouco. A clareza virá com o tempo. O perdão virá com o tempo. Então não preste atenção no tempo. Faça seu trabalho. Viva sua vida. Então, um dia, você perceberá que isso não passou de uma experiência para ajudá-la a lidar com outra coisa no caminho. Eli foi extremamente sortudo por ter você na vida dele, mesmo que fosse apenas temporário."

Eu concordo. Pego a roupa da mão dela. "Acredito que sim."



Elijah

"Oi." Julie senta-se, esfregando os olhos sonolentos. O cobertor desliza de cima do corpo dela e cai do sofá no chão. Ela verifica o telefone na mesa de centro. "É 01h da manhã. Você está bem?" Seu olhar pousa na minha perna enquanto manco para dentro da sala, sem minhas muletas, tirando o capuz.

"Não. Eu não estou bem." Acomodo-me na cadeira em frente ao sofá.

Ela pega o cobertor do chão e se envolve novamente, aninhando-se no canto do sofá, seus cabelos ruivos estão bagunçados. "Quer falar sobre isso?"

"Não." Olho fixamente para ela.

"Como chegou em casa?"

"Táxi." Coço a testa, fechando meus olhos secos por alguns segundos.

"Eu acho que você não precisa remover o gesso amanhã."

Balanço a cabeça.

Ela solta um suspiro lento. "Eu te perdi, Eli?"

Como respondo a isso? A resposta deve ser claramente óbvia. Certo? Quero dizer... ela se divorciou de mim. Como você pode dizer que perdeu algo se de bom grado e avidamente o deixou — liberou, soltou?

"Você me fez sentir como nada. Menos que nada." Dou uma risada. "Quero dizer... é mesmo possível? Acho que sim. Não é que você simplesmente não me queria, é que você me desprezava. E eu entendo." Finalmente olho para ela, encontrando sua expressão angustiada. "Você tinha... você *tem* algo acontecendo que está fora do seu controle. Mas eu não sabia disso. E você também não. E esse vazio irradiava por todas as células do meu corpo, assumindo minha existência. E por tanto tempo eu senti que apenas você poderia me trazer de volta à vida. Eu senti que nunca mais seria eu sem você."

Balanço a cabeça lentamente. “Deus... parecia como se você fosse a força pela qual eu vivia a vida. E quando você saiu, parecia que o sol parou de brilhar. Como se eu não soubesse existir num mundo que não girava ao seu redor. Eu deixei você ser meu tudo. Então, quando você saiu, eu não tinha nada. Exceto Roman. E por tanto tempo eu me apeguei a ele pelas razões erradas. Ele era você. O único pedaço de você que eu ainda tinha. Uma pequena fatia da minha existência que você não... que você não poderia tirar.”

“Eli... me desculpe.”

“Não se desculpe. Deus... não se desculpe por ser bipolar. Isso é fodido. Seria como meus pacientes se desculpando por terem câncer. Pedindo desculpas pelo sofrimento. Pedindo desculpas por morrer.”

“O que aconteceu hoje à noite, Eli?” Ela sussurra.

Meu olhar se apega à mesa de centro. “Eu perdi Dorothy.” Levanto-me da cadeira, manco até as escadas e subo, lento e desajeitadamente, mas faço isso sozinho. Depois de um longo banho, uso fio dental e escovo os dentes, então rastejo na cama por volta das 02h da manhã.

Assim que começo a dormir, o outro lado da cama afunda. Julie desliza ao meu lado, passando os braços em volta de mim, de frente para as minhas costas. Fecho os olhos novamente e adormeço.

Na manhã seguinte, acordo um pouco depois das 06h com um espaço vazio ao meu lado. Demoro alguns segundos para me equilibrar quando estou de pé e coloco uma camiseta branca. Enquanto desço as escadas, o aroma do café me cumprimenta.

“Bom dia.” Julie já tomou banho e se vestiu para trabalhar com uma saia lápis azul-marinho e uma camisa de botão cinza claro. O cabelo dela está cuidadosamente preso em um rabo de cavalo.

“Bom dia.” Sento-me à mesa.

“Então... precisamos tomar algumas decisões.”

Decisões. Meio que odeio todas as decisões no momento. Nem quero tomar uma decisão sobre o que vou vestir hoje, muito menos qualquer tipo de decisão que mude a vida. “Que decisões?” Murmuro.

Ela me entrega uma xícara de café e roça os lábios na minha bochecha em um beijo suave. Acho que não quero que ela me beije. Mas quis isso por tanto tempo que a sensação estranha de não querer está mexendo com minha cabeça.

"Sua mãe virá hoje. Então, se decidir trabalhar, ela ficará aqui com Roman. Mas precisamos definir um cronograma. Minha mãe está acostumada a cuidar de Roman a cada duas semanas, então não sei como ela se sentirá em vê-lo em tempo integral. Ela está acostumada a almoçar com os amigos nas suas semanas de folga ou fazer pequenas viagens com o papai. Mas o que realmente estou pensando é que devemos considerar reduzir nossas agendas como discutimos fazer logo após o nascimento de Roman. Bem..." Ela se senta na minha frente. "Ajustei minha agenda e apenas se certifique de não trabalhar mais de quarenta horas por semana. Mas e se tentássemos cada um trabalhar quatro dias por semana. Eu poderia ficar de folga nas quintas-feiras. Você poderia pegar as sextas. Se sua mãe estiver disposta a cuidar de Roman às segundas-feiras, minha mãe poderá cuidar às terças e quartas-feiras, e ele não precisará ir para creche. Além disso, minha mãe ainda terá dias de folga para fazer outras coisas, incluindo suas escapadas com papai. O que acha?"

O que eu acho? Tomo um gole do meu café. Bem, acho que sinto falta da Dorothy.

"Não posso fazer isso agora." Inclino a cabeça, coçando a cabeça enquanto fecho os olhos.

"Oh... bem. Ok. Podemos discutir isso mais tarde, quando não estiver tão grogue. Quer uma carona para ir trabalhar?"

Eu costumava... costumava querê-la ao meu lado na cama. Eu costumava querer seus beijos de bom dia. Eu adorava ir ao trabalho junto com ela, especialmente nos dias em que não podíamos tirar as mãos um do outro — durante os primeiros anos, logo após nós dois conseguirmos nossos empregos no hospital infantil.

O comportamento imprudente.

Eu costumava dirigir a cento e vinte... Cento e trinta quilômetros por hora com a cabeça de Julie no meu colo, sua boca em mim. Às vezes eu precisava parar atrás de um prédio antigo ou ao longo de uma trilha vazia, porque mal podíamos esperar... porque *precisávamos* um do outro de todas as maneiras possíveis.

A sensação de precisar de Julie consumiu toda a minha vida adulta.

"Não sei que horas estarei lá hoje, já que eles não estão me esperando até quarta-feira. Então vou dirigir." Preciso muito parecer normal. Soar bem. Mas não estou bem.

Dorothy... tudo com ela está bem.

Belo. Emocionante. De parar o coração. Alcançando a alma. *Ok.*

"Ok. Vou falando com você. Talvez possamos almoçar se minha agenda permitir."

Não. Julie não tem permissão para dizer ok. Não é a palavra dela. Perde todo o sentido quando sai de seus lábios.

"Talvez." Forço um sorriso antes de tomar um gole do meu café.

"Oh, sua mãe está aqui." Ela coloca sua xícara de café na pia. "Desde que você vai dirigir, eu já vou. Beije Roman por mim."

Eu concordo.

Como isso está acontecendo? Como ela está na minha cozinha, agindo como se fossemos uma família, dando-me exatamente o que sempre desejei? Como é possível me sentir tão sufocado por meus sonhos?

"Bom dia Lori! Tenha um ótimo dia", a voz alegre de Julie me irrita mais.

"Alguém está de bom humor." Mamãe levanta uma sobrancelha em surpresa depois que Julie fecha a porta.

Não vemos essa Julie há muito tempo. É ótimo, certo? Quero dizer, deveria ser *tudo.* Mas não é.

"Sim." Tomo outro gole de café, descansando os cotovelos na mesa.

"Está sem gesso, no entanto sua consulta para retirá-lo é hoje. Quer falar sobre isso?" Ela se senta ao meu lado, coloca uma garrafa de vidro de suco verde em cima da mesa e a bolsa no chão.

"Não." Movo minha atenção dela para a janela, sem realmente focar em algo em particular. Esse é o problema. Nada na minha vida parece em foco.

Ela descansa a mão na minha. "O que você quer, Eli?"

Eu resmungo. "O impossível."

Ela dá uma risada sem entusiasmo. "Bem, eu te ensinei a alcançar as estrelas. Acho que deveria sentir um pouco de orgulho em sua situação. Você pode definir o impossível?"

Esfrego a mão pelo rosto e solto um longo suspiro. “Quero Roman todos os dias. Não quero perder nada. E quero Dorothy. E eu não quero odiar Julie. E não quero que ela me odeie. E se estou fazendo uma lista de desejos, é melhor acrescentar a cura para o câncer.”

“Qual seu plano B?”

Permitindo um leve sorriso enfeitar meu rosto, eu olho para ela. “É isso que estou tentando descobrir desde que Dorothy se retirou da equação.”

“Sinto muito, Eli.”

“Sim, eu também.”

“Então, onde isso deixa você e Julie? Ela parecia muito feliz alguns minutos atrás.”

“Sim. Ela foi para minha cama na noite passada e passou os braços ao meu redor, soltando aquele suspiro satisfeito como se tudo estivesse certo de novo no mundo. Isso foi depois que eu disse a ela que Dorothy me deixou. Eu apenas me pergunto como minha vida ficou tão bagunçada. E sinto que há algo errado com Julie por querer estar comigo quando ela sabe que estou apaixonado por Dorothy. Mas então...”

Eu solto uma risada. “Mas então eu percebo. Eu fui *essa pessoa* no ano passado, silenciosamente implorando para que ela voltasse para mim, que me amasse, precisasse de mim, criasse Roman comigo, enquanto sabia o tempo todo que ela não me queria.”

“Sim. Isso é irônico. E doloroso. E eu gostaria de ter uma resposta brilhante para você, mas não tenho. No entanto, se Dorothy está realmente fora de cena, você precisa decidir aonde ir a partir daqui. Você precisa de um plano B.”

CAPÍTULO 32



Adeus

"Bem-vindo de volta." Dr. Warren ergue os olhos do computador do meu laboratório, dando-me um leve sorriso.

"Obrigado." Planejei chegar um pouco mais cedo, mas Roman acordou e eu decidi tomar café da manhã com ele e minha mãe.

O olhar de Warren pousa na minha perna e nota meu leve desequilíbrio. "Tem certeza que está pronto para voltar?"

"Mais do que pode imaginar", murmuro, passando por alguns gráficos e resultados de laboratório no meu tablet.

"Deve ter sido um inferno, você sabe... ser cuidado pela Dra. Hathaway *e* dormir com Dorothy Mayhem."

Dou uma risada enquanto desvio meu olhar do tablet. "Tudo bem, suponho que seja o melhor momento. Sim, eu estava envolvido com Dorothy. Mas não estou agora. E peço desculpas se você realmente teve sentimentos por ela que foram além de colocá-la sob você na sala de plantão."

Warren cruza os braços sobre o peito e assente uma vez. "O que aconteceu?"

"Um pedido de desculpa é o máximo que lhe devo. Não vou lhe dizer o que aconteceu entre mim e Dorothy."

Ele encolhe os ombros. "Ela vai me dizer. Não tenho certeza de que ela possa manter segredo."

"Deixa-a em paz."

Warren levanta as mãos. "Uau... vou deixá-la em paz." Ele olha por cima do meu ombro e assente. "Falando no diabo."

Viro em direção à janela. Dorothy está conversando com Willa. Ela sorri para algo que Willa diz. Isso me faz sorrir. Adoro ver Dorothy feliz. Mas seu sorriso vacila quando sua atenção é atraída para algo além de Willa. Julie passa por elas, dando a Dorothy um sorriso largo e um aceno de cabeça antes de rapidamente virar à esquerda, entrando no meu laboratório.

"Doutores." Ela não perdeu nada da sua alegria pela manhã. "A biópsia de Keisha Eldridge voltou. É um melanoma maligno." Ela me mostra os resultados.

Depois de examiná-los, entrego-os ao Dr. Warren.

Julie sorri e passa as pontas dos dedos ao longo da minha orelha, mexendo no meu cabelo. "Eu acho que você poderia dar uma escapada, Eli."

Meus olhos encontram Dorothy. Ela abaixa o olhar, colocando o cabelo atrás das orelhas enquanto passa por Willa como se não pudesse sair daqui rápido o suficiente.

"Vamos levar Roman para comprar uma nova fantasia de Halloween no próximo fim de semana. Ele já está enjoado da fantasia de super-herói. Eu sabia que ele enjoaria. Deveríamos comprar fantasias também. Lembra que sempre conversamos sobre fazer isso?"

Warren ergue os olhos da ficha de Keisha, arqueando uma sobrancelha enquanto Julie mexe na gola da minha camisa. Eu costumava amar quando ela mexia no meu cabelo e minhas roupas — qualquer coisa para sentir seu toque. Para onde isso foi? Por que o toque dela parece tão errado?

Dorothy Mayhem me arruinou. Simplesmente me arruinou completamente.

Mas suas palavras me tornam responsável, como se eu devesse a ela por dar a Roman à vida que ela acha que ele merece. E ele merece essa vida.

"Sim." Coloco o melhor sorriso que posso no rosto. "Ele adoraria isso."

"Perfeito!" Julie fica na ponta dos pés e beija o canto da minha boca.

Fico imóvel, sentindo todo o peso do olhar examinador de Warren.

"Tchau, Dr. Warren." Julie lança um sorriso antes de sair do laboratório.

"Não fale nada."

"Ela é a mãe do seu filho. Uma médica de sucesso. Incrivelmente bonita. O que posso dizer? Fora isso... é óbvio por que você não está mais com Dorothy."

Dou três passos dolorosos em direção a ele, pego seu jaleco e o empurro contra a parede. Os olhos dele arregalam.

"Dorothy Mayhem é a porra do universo. Ela é o que todos os outros humanos poderiam apenas sonhar em ser. Ela é melhor que eu, melhor que você e melhor que a Dra. Hathaway — somados e multiplicados pelo infinito. E mesmo assim... não chegaríamos perto de Dorothy Mayhem. Então, se eu ouvir você dizer o nome dela novamente, é melhor que seja com total respeito e reverência. Fui claro?"

Warren pisca lentamente antes de assentir. Eu o solto, e vou contar aos pais de Keisha Eldridge que a filha deles tem um câncer mortal que é muito raro em crianças. Depois, exponho suas opções de tratamento e lhes dou estatísticas de sobrevivência muito promissoras, enquanto rezo com eles para um Deus que pode ou não existir.

Dorothy estava certa... meus problemas são pequenos, mesmo que no meu coração eles pareçam incrivelmente grandes e insuportáveis.



As duas semanas seguintes se tornam um borrão enquanto me acostumo a trabalhar todos os dias. Eu ainda faço fisioterapia. Mas estou voltando a andar normalmente. Warren e eu fizemos as pazes em silêncio, focando mais no trabalho e menos na vida pessoal.

Julie e suas coisas continuam se infiltrando em minha casa, como se ela estivesse se mudando sem nem mesmo anunciar ou alugar uma grande van para fazer tudo de uma vez. E estou deixando acontecer porque não sei como impedir ou se devo impedir.

Espero que em breve eu vá simplesmente acordar e tudo se encaixar. Julie será o amor da minha vida novamente. Roman vai pular de alegria porque estará de volta em um lar estável e em tempo integral, com dois pais colocando-o para dormir todas as noites. Minhas irmãs vão parar de me encarar durante o brunch de domingo, porque aceitarão minhas razões por permitir que Julie volte à minha vida... minha casa... minha cama.

E Dorothy...

Bem, tenho que acreditar que um dia vou agradecê-la. Um dia vou parar de sentir falta dela. Um dia não vai doer passar por ela no corredor do hospital. Mas esse dia parece inacessível no momento.

Depois do almoço com minha mãe, pego um café para amenizar o frio do outono no ar e espero o elevador me levar ao meu laboratório.

"Merda!"

Olho por cima do ombro no momento em que Dorothy aparece, segurando o café quente que ela espirrou na frente da blusa. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ela olha para cima. Pelo tamanho dos seus olhos é óbvio que ela não esperava me ver quando virou o corredor.

"Oi." Meu sorriso atinge uma nova altura, uma que não aparece há semanas.

Parece bom e horrível. Refrescante e devastador.

"Gole."

Gargalho. Isso parece muito bom também. Isso simplesmente acontece. Não estou fazendo para desempenhar um papel. Não estou fazendo por ela. É por mim.

O sorriso.

A risada.

A sensação quente de satisfação.

É por mim.

E é incrível, mesmo que esse momento passe num piscar de olhos. Por enquanto, manterei meus olhos abertos.

"Você acabou de dizer gole?"

"Bem..." ela passa a mão na frente da blusa, fazendo com que o café se espalhe mais "... eu, hum, pensei nisso primeiro. Então simplesmente saiu."

"Você pode precisar de uma blusa limpa."

Mantendo o queixo inclinado em direção ao peito, ela continua a esfregar as manchas. "Não tenho uma blusa que combina. Ninguém trabalha com camiseta e sapatos como os meus."

Mais risadas enchem meu peito quando o sorriso ameaça romper meu rosto inteiro. “Às vezes você tem que fazer a alternativa funcionar, mesmo que pareça errado.”

“É mais fácil falar do que fazer.” Ela olha para cima.

Minhas palavras ditas sem grande significado ganham vida própria. Sugando todo o oxigênio do espaço ao nosso redor. Ecoando uma realidade muito sombria. Apagando meu sorriso e me silenciando.

As portas do elevador abrem. Afasto-me e a deixo ir primeiro. Ela aperta o botão no quarto andar. O mesmo andar do meu laboratório.

As portas se fecham.

Eu me movo atrás dela para esconder tudo o que está gravado no meu rosto.

Eu sinto sua falta.

Eu te amo.

Estou vivendo com a alternativa por Roman... e por você.

“Como você está?” Sussurro.

Ela não precisa dizer dessa vez. Eu a ouço engolir. “Bem”, ela diz baixo como se as palavras mal passassem pela garganta.

Bem.

Não gosto de Dorothy *bem*. A Dorothy *bem* destrói meu coração porque sei que ela está ‘ok’ e é espetacular, exceto que bem parece andar junto com mal respirar. Ela sabe como estou incrivelmente bem agora?

As portas se abrem.

Ela sai apressada.

E eu a deixaria ir. Eu realmente faria isso, mas ela levanta a mão e limpa o rosto enquanto seus pés se movem o mais rápido possível para longe de mim.

Tomo mais um gole do meu café, jogo-o no lixo e sigo Dorothy, aumentando o ritmo para alcançá-la.

“Não! O que você está fazendo?” Ela tenta passar por mim quando entro na frente dela e me viro para detê-la. Eu quero agarrá-la. Forçar nela

um pouco de noção... puxar um pouco mais de emoção de dentro dela. Mas não a toco fisicamente.

"Uma palavra."

Ela balança a cabeça.

"Eu não quero."

Ela morde o lábio superior, mas isso não impede seu lábio inferior de tremer ou a vermelhidão em seus olhos. Balanço a cabeça em direção à sala de plantão, e ela lidera o caminho, novamente enxugando os olhos de costas para mim.

Um interno grogue levanta a cabeça quando abro a porta do quarto.

"Fora", ordeno, mantendo a porta aberta.

"Mas eu acabei..."

"Fora!" Solto um suspiro exasperado, não me sentindo paciente o suficiente para explicar minha ordem com mais de uma palavra, e definitivamente não paciente o suficiente para ouvir suas razões para não sair exatamente neste minuto.

Dorothy se vira como se tivesse decidido fugir enquanto o interno calça os sapatos e passa por nós com um resmungo. Mas fico em sua direção novamente, dando vários passos para forçá-la a retroceder enquanto fecho e tranco a porta.

Ela abre a boca para protestar novamente, então agarro seu rosto e coloco meu olhar no nível do seu.

Mais lágrimas enchem seus olhos.

"Eu *preciso* que você fique ok. Eu preciso disso como preciso de oxigênio."

"Eli..." Ela sussurra, fazendo um esforço intenso para impedir que as lágrimas deslizem por seu rosto.

"Diga-me que você está ok, Dorothy. Diga-me que você está ok, e vou te deixar sair agora."

"Estou bem."

"Não é o mesmo." Faço uma careta, sentindo a dor dela, é como se fosse minha... *porque* é minha.

"Estou bem." Ela pisca, perdendo a batalha contra suas emoções.

"Sim..." Sussurro, descansando a testa na dela por alguns segundos antes de passar os lábios por sua bochecha manchada de lágrimas "...estou bem também."

Meu coração bate tão forte que é ensurdecedor. Quando nossas bocas se unem, a realidade deixa de existir. Estou tão cansado de fazer a coisa certa quando isso parece tão errado.

Quando ela abre minha calça, eu desisto.

Eu deixo de lado a razão.

Deixo de lado a preocupação.

Deixo de lado tudo o que não está nesta sala... neste momento.

Nós nos afastamos por tempo suficiente para descartar nossa parte de cima. Então nossas bocas colidem novamente enquanto minhas mãos cuidam do gancho do sutiã. Dorothy nem tenta falar. É assim que eu sei que ela está *bem.* Porque com 'ok' Dorothy teria muito a dizer. Ela convidaria sua consciência para ficar entre nós. A Dorothy *ok* me avisaria que ela não está usando o sutiã ou a calcinha certos para fazer isso.

Sinto falta da Dorothy *ok*. Mas a parte da minha alma que está passando fome sem ela, sente alguma gratidão por sua dor, porque ela está me dando isso. Ela está alimentando minha alma, trazendo-me de volta à vida.

Suas mãos deslizam nos meus cabelos, aprofundando nosso beijo, gemendo na minha boca, empurrando-me contra uma cama de solteiro. Tiramos nossos sapatos. Minhas mãos seguram seus seios.

"Eli..." Ela inclina a cabeça para trás, olhos fechados, enquanto coloco o sutiã na pilha de roupas aos nossos pés.

Deslizo sua calça e calcinha num movimento suave enquanto minha boca cobre um de seus seios. Não posso me cansar dela. Minhas mãos e lábios se movem ao longo de sua pele, desesperados para consumir cada centímetro dela.

Caímos na cama, nós dois trabalhando juntos para tirar minha calça e cueca. Com elas ainda agarradas ao meu tornozelo direito, eu me acomodo entre as pernas dela, guiando seu joelho esquerdo em direção ao seu peito e empurro dentro dela. Nossas bocas se encontram novamente.

Com fome.

Desesperados.

A união perfeita de tudo o que contivemos.

As pernas da velha cama de armação de metal raspam no chão enquanto as molas gemem sob o colchão fino. Os dedos de Dorothy afundam nas minhas costas enquanto empurro dentro dela. Não quero que termine, mas a *necessidade* me estimula. *Ela* me estimula com a língua imitando nosso ritmo e as costas arqueando longe da cama, deixando-me saber que ela está perto.

Eu preciso. Eu preciso. Eu preciso.

Eu amo essa mulher. Ela me deixa louco. Todos os meus sentidos explodem em sua presença. Sou a melhor versão de mim mesmo com ela. Eu simplesmente... amo essa mulher.

"Jesus..." Ela arfa, fechando os olhos enquanto a cabeça se move para o lado e um dos calcanhares afunda na parte de trás da minha perna.

Pressiono sua outra perna alguns centímetros mais perto de seu peito, como se todo o meu ser quisesse rastejar dentro dela... possui-la.

Ficar com ela para sempre.

Inclino o pescoço para trás, meu rosto se contorce enquanto gozo.

Minha mente e coração se preparam instantaneamente para ela me afastar, vestir suas roupas em menos de trinta segundos e fugir com uma onda de arrependimento, porque a única coisa que se aproxima do tamanho do coração de Dorothy é sua consciência.

Mas... ela faz o que sempre faz melhor. Surpreende-me.

Seus olhos se abrem, os lábios curvam em um sorriso perfeito, e ela segura a parte de trás da minha cabeça como fiz com ela tantas vezes. Então ela me puxa para um beijo lento.

Nosso beijo termina quando algo no chão faz um som vibratório. É um dos nossos telefones.

"Eventualmente", ela sussurra, passando a ponta do polegar ao longo da minha sobrancelha.

Estreito os olhos.

Seus lábios formam um leve sorriso. “Eventualmente eu vou ficar *ok*. E você também.”

Um adeus.

Isto é um adeus. Uma repetição porque aquele no meu escritório foi horrível. Mas, no entanto, é um adeus. Não sei se dizer adeus a Dorothy Mayhem pode ser algo, exceto horrível.

Aceno porque todas as palavras permanecem presas na minha garganta.

CAPÍTULO 33



O homem do chapéu amarelo

Sexo não é encerramento. Não é um adeus. E isso não satisfaz o coração. É um falso momento de esperança em que o corpo consegue o que quer enquanto a mente fecha os olhos para a realidade.

Minha realidade?

Eu tenho uma família.

Hoje estou vestido como O Homem do Chapéu Amarelo. Julie é uma banana e Roman é George, o curioso. Roman queria que fossemos super-heróis, mas Julie se apaixonou pelo tema do macaco. Realmente acho que ela ficou chateada porque Roman insistiu para sermos super-heróis 'como a Dorfee'.

Julie dá a Roman uma banana de verdade como lanche antes de sairmos e ele encher sua barriga com doces. Eu tiro uma foto rápida do nosso macaquinho comendo banana e a mando para Dorothy porque sei que ela vai adorar.

Eu: ***Não é um super-herói, mas ainda é muito bonito!***

É o primeiro contato que faço com ela desde a sala de plantão, semanas atrás, além do rápido olhar ocasional ao passarmos um pelo outro no hospital. Nem sei ao certo por que é uma reação automática tirar a foto e enviar para ela. Mas... é.

"Sua família está a caminho daqui. Para quem está enviando isso?" Julie revira os olhos, espreitando ao meu redor para ver o telefone. "Jesus, Elijah..." Ela sussurra antes que eu possa sair da tela de mensagens com o nome de Dorothy no topo.

Eu me viro, mas ela já está no meio da escada.

"Olá? Cadê o George?" Mamãe chama, abrindo a porta da frente.

Meus pais e irmãs entram na sala, tirando muitas fotos de Roman e de mim.

"Essas são as melhores fantasias!" Minha mãe sorri. "Onde está Julie?"

"Quarto." Faço um gesto em direção às escadas. "Vou ver se ela está pronta."

Dou passos lentos pelo corredor até meu quarto. Nosso quarto? Foda-se, não faço ideia. Fecho a porta e carrego minha bunda culpada para a porta do banheiro.

Julie olha-se no espelho, olhos molhados, lábios presos entre os dentes.

"Eu sinto muito." Pouco original. Mesmo com sinceridade na minha voz, as palavras soam vazias.

"O que estamos fazendo, Eli?" Nossos olhares se encontram no espelho. "Porque estou aqui, analisando cada movimento, tentando reunir nossa família. E pensei que você queria isso também."

"Sim." Eu abaixo a cabeça, sentindo muita culpa para sequer olhar para ela por mais tempo.

"O que interpretei errado? Confundi? Por que pensei que você e Dorothy haviam terminado? Eu tenho feito as refeições e lavado a roupa. Dormimos na mesma cama, mas você não me toca. E eu pensei que era por causa dos ferimentos e talvez Dorothy também... pensei que talvez você precisasse de tempo para esquecer. Mas mandar mensagens para ela com fotos de Roman não é esquecer."

Forço meu olhar de volta para ela. E Julie não parece brava, ela parece machucada.

Ela olha para seus pés. "Entendi. Eu arruinei a gente. Eu nunca esperei nada de você. E carreguei o fardo. Mas você me pediu para tentar outra vez. Então pensei que era isso o que queria. E desde que tomo meus remédios e faço o aconselhamento, percebi que é o que quero também. Mas não posso fazer isso se você não estiver de acordo. Se você precisar de mais tempo, eu o darei. Basta me pedir. Se não quiser mais isso, então me diga. Mas, por favor, eu imploro... não me mantenha à distância fazendo-me parecer uma tola, porque você não pode decidir o que quer."

Tiro o chapéu amarelo e passo a mão pelo cabelo em um suspiro profundo.

O que eu quero.

Eu quero o impossível.

"Papai! Vamos!" Roman corre pelo quarto, colidindo na minha perna, felizmente minha perna boa.

Julie vira a cabeça e seca o rosto.

"Ok, George. Vamos." Eu saio pela porta.

Roman pega minha mão e a puxa enquanto eu tento levá-lo para fora do quarto. "Vamos, mamãe." Ele estende a outra mão para ela, e ela a segura.

Enquanto nós três estamos aqui de mãos dadas, Julie e eu olhamos um para o outro.

"Eu quero isso", sussurro para ela.

Ela me dá um sorriso trêmulo e assente. "Eu também."



Nós acompanhamos nosso menino através dos doces ou travessuras. Eu o vejo rir, e isso me faz sorrir.

Um sorriso de verdade.

Julie brinca com ele entre as casas, como se nosso macaquinho a devorasse, e isso me faz sorrir.

Um sorriso de verdade.

Quando chegamos em casa, lhe damos um banho, e mais sorrisos e risos se seguem. E eu penso... talvez eu possa fazer isso. Talvez possa encontrar meu caminho de volta para esta vida. Talvez Dorothy esteja certa.

"Ele está dormindo." Julie suspira com um sorriso fantástico no rosto enquanto entra no quarto, jogando sua fantasia de banana no chão, deixando-a com uma camiseta preta e leggings amarela.

Esfrego uma toalha no meu cabelo molhado, acabei de tomar banho. O olhar de Julie desliza ao longo do meu peito nu até meu short de corrida.

Odeio que haja uma parte em mim que parece que ela não tem o direito de me olhar dessa maneira.

Dentro ou fora, Eli. Tome uma decisão.

Para Dorothy, o dia na sala de plantão pode ter parecido o verdadeiro rompimento de laços. Mas para mim, é este momento. É quando decido retomar minha vida, dar tudo ao meu menino.

Julie se aproxima, um passo lento de cada vez. Esperei tanto tempo para ver esse olhar novamente, para me sentir desejado, para sentir a atração inegável que nos uniu vinte e dois anos atrás.

Mas ainda assim... penso em Dorothy. Talvez eu sempre pense em Dorothy. Ela só terá que ser uma cicatriz, uma marca permanente no meu coração, porque eu a deixei dentro de mim. E deixá-la ir foi brutal e não sem danos.

Julie descansa as mãos no meu peito nu e pressiona os lábios no meu peito. Fecho os olhos e deslizo a mão em seus longos cabelos ruivos. Não é tão macio quanto o cabelo de Dorothy. Mas o arrepio que isso provoca em Julie é familiar. Então é a isso que me apego — o familiar.

Ela salpica beijos até meu pescoço. Minha mão aperta o seu cabelo, assim como a pressão sufocante no meu peito. Seus lábios param no ângulo da minha mandíbula e ela espera que eu olhe para ela.

Então eu olho.

Mas tão rapidamente, eu fecho meus olhos e a beijo para que ela não veja a dor e o arrependimento em meu olhar. Eu preciso acreditar que um dia isso não estará ali.

Algum dia eu ficarei *ok.*

Julie não tem cheiro de coco. Mas tudo bem.

Bem...

Ela cheira a rosas. Eu adorava o cheiro de rosas.

Solto a toalha da minha outra mão e agarro seu quadril, deslizando minha mão até seu peito. Não é familiar. É maior do que era quando a toquei assim da última vez. E muito maior que os seios de Dorothy, os que sinto falta.

Os dedos de Julie sentem minha ereção através do meu short. Estou claramente excitado, e isso é bom para nós. Realmente não sei se é Julie ou as lembranças de Dorothy.

Não importa.

Esta é minha vida agora. Vou abraçar isso.

Vou amar isso.

Bloqueando todas as outras comparações que podem arruinar esse momento, caminho até a cama. Não nos apressamos em nada, como se houvesse necessidade de nos familiarizar novamente, de permitir que nossos corpos encontrem o antigo ritmo. Nossos braços e pernas se enroscam na cama enquanto continuamos o beijo lento. Tiro a blusa e o sutiã dela.

Julie respira fundo e segura, olhos cheios de apreensão e arrependimento enquanto encaro seu novo corpo. Ela não diz isso, mas sei que ela está sentindo certa vergonha por não se amar do jeito que eu sempre a amei. Por pensar que algo nela era menos do que perfeito. Mas a perfeição muda e o mesmo acontece com a forma como nos vemos. E isso está... *Ok.*

No momento em que me preparo para dizer algo reconfortante, viramos a cabeça em direção à porta e para o garoto de olhos sonolentos com vômito na frente de seu pijama.

“Oh, filho!” Saio da cama enquanto Julie rapidamente cobre o peito.

“Minha barriga...”

“Sim, vamos te limpar”, eu digo.

Ele chora um pouco e depois vomita, mas não saio do caminho rápido o suficiente para impedir que o vômito caia sobre mim. Sem pensar duas vezes no que estava prestes a acontecer antes de Roman ficar doente, limpamos a bagunça e o colocamos na cama entre nós com uma tigela grande para segurar mais vomito.

CAPÍTULO 34



Opa...

Dorothy

"O que você está fazendo?"

"Jesus!" Pulo com o som da voz do Dr. Warren. "Não me assuste assim."

Ele joga suas embalagens de almoço no lixo. "Almocei, vendo você andar de um lado para o outro nos últimos quinze minutos. O que está acontecendo?"

"Nada está acontecendo." Eu me forço a ficar parada, enfiando as mãos nos bolsos da blusa.

Quinze minutos. Foda-se... meu tempo acabou.

Não. Isso é uma coisa boa. Eu preciso trabalhar. Trabalhar é bom. Eu deveria pensar no trabalho.

"Não a vi espreitando pelo laboratório mais. Isso tem algo a ver com a dupla reconciliada de Hawkins-Hathaway?" Warren levanta o queixo, olhando-me com desconfiança.

"Oh. Então os rumores são verdadeiros? Eles estão juntos de novo?"

Ele levanta uma sobrancelha. "Sim..." Ele diz lentamente.

"Bom. Isso é ótimo. Assim como deve ser."

Então o rompimento e os trinta e dois diários subsequentes que resolveram meus pensamentos não foram de graça. É uma fresta de esperança. Frestas de esperança são boas.

Roman tem seus pais juntos novamente. *Isso* é tudo o que importa para mim.

Mais ou menos...

"Quantas xícaras de café você tomou hoje, Mayhem?"

"Uma. Por quê?" Paro de andar de novo. Quando eu recomecei a andar?

Ele ri, pressionando o botão no elevador. "Por nada."

"Ele está feliz. Certo?"

Dr. Warren faz uma pausa, segurando as portas do elevador. "Claro. Quero dizer. Todos tiveram problemas gastrointestinais ou intoxicação alimentar, com diarreia e vômito nas últimas três semanas. Mas acho que todo mundo se recuperou."

"Isso é bom. Bem a tempo do feriado!"

Ele ri novamente antes de entrar no elevador. "Claro."

"Espere!"

As portas se fecham antes que eu possa pará-las. Eu preciso voltar ao trabalho. Meu dedo trêmulo aperta o botão.

"Oi."

Olho por cima do ombro. "Oi." Praticamente engasgo com essa palavra quando a Dra. Hathaway me dá um sorriso educado.

As portas do elevador se abrem novamente, e entro apressada, o que é estúpido, já que ela também vai entrar. Não é como se eu pudesse fugir dela.

Ela pressiona o botão no sexto andar. Fantástico. É para onde vou também.

"Como você tem passado?" Ela pergunta, e parece verdadeiro e gentil. Não é como se ela soubesse que fiz sexo com Eli na sala de plantão há cinco semanas.

Não que eu esteja contando.

"Bem. Ouvi dizer que estavam doentes. Sinto muito. Espero que esteja tudo bem agora."

"Sim." Ela balança a cabeça com um pouco de alívio. "Não foi muito divertido."

"Tenho certeza que não." Alcanço meu bolso quando meu telefone vibra. Quando o pego, as outras coisas no meu bolso também saem, caindo no chão. "Porcaria." Inclino-me ao mesmo tempo que Julie.

Minha mão vai para o maço de lenço de papel (porque não quero que ela toque em meus lenços sujos). Ela pega uma nota de dez dólares dobrada e a única coisa que eu realmente deveria ter pego antes dela — mas não peguei.

Levantamos ao mesmo tempo, nossos olhares fixos no teste de gravidez na mão dela. *Meu* teste de gravidez. O que fiz no banheiro da lanchonete, vinte e cinco minutos atrás.

As portas abrem e ela coloca o teste no bolso do jaleco. Como... Que porra é essa? Esse é o meu teste!

"Uma palavra, Dorothy." Ela sai do elevador, ombros para trás, queixo erguido como a chefe que ela é, seguindo diretamente para seu escritório com *meu* teste de gravidez.

O que há com a dupla Hawkins-Hathaway e sua constante necessidade de ter *uma palavra* comigo?

Nunca fui enviada para a sala do diretor na escola. Então isso é novo para mim. E é péssimo porque não estou preparada para isso. Se ela puder me dar um dia, estarei pronta. Algo me diz que ela provavelmente não vai atender ao meu pedido.

"Feche a porta, por favor."

Eu fecho a porta.

Ela fica de pé atrás de sua mesa, como faria qualquer vadia com autoridade, e tira o teste do bolso do jaleco. Depois de olhar sem palavras por uma eternidade, ela levanta o olhar para o meu. "Por favor, diga-me que você tem um namorado."

Balanço a cabeça.

Sua testa franze quando ela volta sua atenção para o teste de gravidez.

"Quando foi a última vez que você falou com Elijah?"

"Hum... no Halloween, ele me enviou uma foto de Roman, mas não respondi. Mas não porque não achei que fosse uma imagem fofa. Roman é o menino mais adorável que eu já vi."

Dra. Hathaway grunhe uma risada e balança a cabeça várias vezes. "E quando foi a última vez que você fez sexo com Elijah?"

Não é da conta dela. Quero dizer... não acho que seja da conta dela. Sinceramente, não sei para quem importa agora.

"Cinco semanas atrás", digo por que não posso mentir para ela.

Sua cabeça retoma seu lento aceno de cabeça. Ela teria sido uma boa diretora ou talvez até uma promotora.

"Quais são seus planos?" Ela me prende com um olhar neutro que me faz contorcer.

"Fiz xixi no palitinho há menos de trinta minutos. Ainda não tenho um plano."

"Você está planejando seguir em frente? Você está pensando em contar a ele?"

"Eu..." Balanço a cabeça. "Claro que vou seguir em frente."

Ela se encolhe. "Não quis dizer que você não deveria. Simplesmente respeito o direito de uma mulher escolher."

Se ao menos ela respeitasse meu direito ao *meu* teste de gravidez.

"Eu sinto muito."

"Pelo quê?" A cabeça dela inclina para o lado.

Droga, ela é boa. Estável. Inflexível. Formidável à sua maneira.

"Você estuprou Elijah?"

"O quê?" Minha cabeça inclina bruscamente para trás. "Não!"

"Então por que se desculparia por ter sexo consensual com ele?"

"Porque o devolvi a você para que Roman possa ter uma casa com dois pais que o veem todos os dias porque esse é o sonho. Roman é jovem demais para viver algo que não seja um sonho, mesmo que seja uma possibilidade remota."

Suspiro, esperando que meu coração se acalme, esperando que ela me deixe sair para que eu possa lidar com isso de alguma maneira que não envolva ela me interrogar, exigindo que eu tome decisões que mudem minha vida neste momento.

"Você está certa. Roman merece isso. E eu amo Eli. E não há nada que eu queira mais do que essa segunda chance com ele."

Mordo o lábio inferior com tanta força que posso provar sangue. "Não vou tirá-lo de você, mas tenho que contar a ele. Você sabe disso, certo? E nós vamos resolver. Mas ainda não estou pronta para contar a ele. Se você quiser saber quando eu estiver pronta para contar a ele, posso fazer isso."

Ela vira as costas para mim e abaixa a cabeça, colocando a mão na nuca. "Você pode ir agora."

Eu não preciso ouvir duas vezes.



Elijah

"Eu preciso ir." Levanto-me da cadeira enquanto minha mãe fica de pé e faz sua habitual viagem de sexta-feira em torno da mesa para me dar um abraço e um beijo.

"Obrigada pelo almoço. Apanharemos Roman por volta das 17h. Tenho orgulho de você por dar outra chance a Julie. Você é um homem gentil e um pai incrível. Então, aproveite seu fim de semana sozinho com Julie. Vocês precisam disso, especialmente depois de três semanas seguidas de alguém doente na casa. Todos ficarão bem descansados e de bom humor no Dia de Ação de Graças na próxima semana."

Eu concordo. "Sim. Ok, então eu te vejo mais tarde."

Volto ao trabalho. Se eu não fosse mais esperto, diria que o universo está conspirando para me impedir de fazer sexo com Julie. E embora eu *ainda* não consiga tirar Dorothy da cabeça, preciso fazer um esforço para seguir em frente e mostrar a Julie que minhas intenções são reais.

Então agora que todo mundo está finalmente bem, vou mandar Roman para passar o fim de semana com meus pais enquanto trabalho no meu relacionamento com Julie — enquanto me reconecto com ela.

Deus... espero que dê certo. Espero que todos os sentimentos antigos voltem rapidamente, porque não posso viver uma vida com ela se a cada dia meu coração bater por outra mulher.

Chego em casa alguns minutos antes das 17h, um pouco surpreso que minha mãe e meu pai ainda não estejam aqui. “Oi.” Sorrio para Julie quando entro na cozinha.

“Oi.” Ela devolve meu sorriso, mas não é tão grande quanto o meu.

“Dia difícil?” Eu pergunto, olhando por cima do ombro enquanto lavo as mãos.

Ela bebe um copo de vinho tinto e encolhe os ombros. “Posso dizer que sim.”

Meu olhar faz uma rápida varredura em seu corpo coberto pelas mesmas roupas que ela usou para trabalhar — calça preta justa e uma blusa rosa leve mostrando um pouco de decote. O cabelo dela está solto. E seus lábios estão cobertos de vermelho.

“Você está linda.” Eu falo sério e sinto uma sensação de realização por dizer isso sem tropeçar em nenhuma culpa.

“Obrigada.” Julie olha seu copo de vinho, girando um pouco enquanto eu me sirvo um copo. “Eu amo você, Elijah.” Ela mantém o queixo apoiado no peito.

“Eu sei.” Inclino-me contra o balcão ao lado dela, afastando uma mecha de cabelo do olho dela, persuadindo-a a olhar para mim novamente. Nas últimas semanas, enquanto me envolvia com a confusão da intoxicação alimentar, senti cada suspiro do seu amor. O jeito que ela se importou comigo e com Roman quando não estava se sentindo bem. Eu testemunhei a mulher pela qual me apaixonei há muitos anos.

Um mundo de vulnerabilidade reside em seus olhos e nas linhas profundas ao longo de sua testa enquanto ela força um sorriso. “Estou dentro. Mesmo que seja um tiro no escuro... estou dentro.”

Deslizo minha mão pelo braço dela. “O que quer dizer?”

"Quero dizer que quero uma vida com você. Aquela que eu me afastei. Eu quero de volta. *Sei* que não mereço isso, mas eu quero. Você. Eu. Roman. Não há nada que eu queira mais. Então, lutarei por nós até recuperar minha família. Ou..." Ela pisca, desviando o olhar "... até que você me diga que a luta acabou."

"Jules..." Deslizo meus dedos ao longo de sua bochecha, e ela se inclina para meu toque. "A luta acabou. Estamos bem."

Bem...

Interiormente me repreendo por dizer isso. Mesmo que não signifique nada para ela, ainda significa algo para mim. Isso significa que ainda não estamos bem. Mas eu quero chegar lá. Eu quero muito.

"Não acabou. Está apenas começando." Ela dá um passo para trás e estende a outra mão.

É um teste de gravidez.

E é positivo.

Ela está gravida. E nós dois sabemos que não é meu. Então é dele... o homem que a deixou para voltar para sua família. Um milhão de pensamentos percorrem minha mente.

Ele sabe?

Ele voltará para ela?

Mas ela ainda me quer. Ela ainda quer Roman e eu.

Lágrimas enchem seus olhos.

"Jules... tudo ficará bem. Nós vamos resolver isso." Eu pego o copo de vinho dela. Ela não deveria beber vinho.

Ela enxuga os olhos antes que as lágrimas escapem, balançando a cabeça lentamente. "Você nem parece surpreso. Você sabia... ela te contou."

Eu estreito os olhos. "Como eu poderia saber que você está grávida do bebê de outro homem? E quem é 'ela'? Do que você está falando?"

"Oh meu Deus..." Julie sussurra, cobrindo a boca com a mão. As lágrimas vencem e se libertam num piscar de olhos. "Você... você pensou que eu..." Ela balança a cabeça. "Eu... estava grávida do bebê dele... e você... você

estava bem com isso?" Julie ri. De forma exagerada. O tipo doloroso. O tipo de risada que me assusta.

Eu a abraço, meu instinto natural é de confortá-la e protegê-la, mas ela dá outro passo atrás.

"Só você, Eli... só você ama assim."

"Assim como?"

"Completamente", ela sussurra e soluça, "incondicionalmente. Você sempre faz a coisa certa, mesmo que isso o mate."

"Jules, não há certo ou errado aqui. Só estou dizendo que apoio você, não importa o que você decida. Mas não acho que deva decidir isso sem ele. Se eu estivesse no lugar dele, não iria querer isso."

"Jesus Cristo..." Ela coloca a mão na cabeça e segura o cabelo, continuando a sacudi-la como se fosse uma realidade que ela não está pronta para enfrentar. Depois de alguns segundos fazendo algo entre um soluço e a risada daquela mulher louca, ela agarra minha mão, coloca o teste de gravidez e fecha meus dedos ao redor. Seu sorriso doloroso desaparece num rosto inexpressivo, ensopado em lágrimas, maquiagem manchada ao redor dos olhos. "Não é meu o teste de gravidez. Não sou eu quem está grávida." Ela fica na ponta dos pés e pressiona um beijo na minha bochecha antes de pegar sua bolsa, deslizar os pés nos sapatos e sair pela porta da frente.

Abro a mão e olho o teste positivo. O que acabou de acontecer? Parece que alguém acabou de bater um caminhão no meu cérebro. Suas palavras estão ali, ecoando repetidamente. Eu as ouço.

Julie não está grávida.

Não é o teste dela.

Dorothy... não. Julie não faria um teste nela. Não faz sentido, mas é a única explicação que faz algum sentido neste momento.

"Dorothy está grávida do meu bebê..."

CAPÍTULO 35



Guacamole para a vitória

Dorothy

"Orville ficou preso na porta do cachorro de Gemma novamente", papai diz, revirando os olhos depois que a garçonete anota nosso pedido.

Eu os convenci a me encontrar para a noite mexicana. Guacamole e batatas fritas tornam tudo melhor, até mesmo testes de gravidez positivos.

"Então, o que está acontecendo? Você tem notícias emocionantes para nós?" Mamãe toma um gole de sua enorme margarita. "Oferta de emprego antecipada? Novo namorado? Promoção no trabalho?"

"Não." Tomo um gole da minha água. "Apenas grávida."

Mamãe se engasga com a bebida. Papai não se mexe. Nem um piscar de olhos.

"Está bem. Vocês não precisam dizer nada. Não há muito a dizer."

Mamãe engole o resto da bebida. "Não há muito a dizer? Dorothy, você está... grávida? Bem... hum... você não entende o que isso significa?"

A garçonete traz nosso guacamole e batatas fritas. Eu ataco meu prato. "Sim, mãe. Estou bem ciente de como os bebês são feitos. O processo de desenvolvimento. E o compromisso de mais de dezoito anos. Mas eu já fiz o teste. Já tive meu colapso inicial, seguido pelo da Dra. Hathaway roubando meu teste de gravidez e nove horas de negação."

"Espere... o quê?" Mamãe leva sua mão ao outro lado da mesa para pegar minha mão, impedindo-me de comer a batata.

Então eu reconto a saga inteira.

Depois comemos em silêncio porque sei que eles não têm ideia do que dizer ou fazer no momento. Somos três. Mas tenho cerca de trinta e cinco semanas para planejar tudo. Não é segredo que eu não tinha a intenção de ter filhos. Adotar, talvez. Mas não isso.

E ainda assim... aqui estou. Grávida do Dr. Hawkins.

"Não espere para contar a ele", mamãe finalmente fala enquanto papai paga a conta. "Se Julie já não contou."

"Não. Confie em mim. Ela não contou. Sinceramente, acho que ela espera que eu não conte. Quero dizer... ela está com ele novamente. Agora, aqui estou ameaçando atrapalhar tudo isso, mas não mesmo. Ele pode estar tão envolvido quanto quiser ou não. Não preciso dele financeiramente. E eu vou cuidar de tudo. Certo?"

E por certo, eu quero dizer cem por cento, "Vocês me apoiarão, certo?"

"Claro." Mamãe sai da mesa atrás do papai. "Mas diga a ele, Dorothy. E diga logo."

"Eu vou. Eu descobri *hoje*. Nem confirmei com um médico. E eu posso espirrar e abortar. Interromper todo mundo com um alerta exagerado de gravidez não é obrigatório quase as 22h da sexta-feira. Mas..." Meu nariz franze. "Estou grávida. Estou... grávida."

Meus pais assentem lentamente, mostrando um pouco de alívio diante do meu momento de pânico — meu *verdadeiro* reconhecimento.

"Essa criança herdará meus genes. Está condenada. Eli vai perceber também. Ele é esperto. Ele estuda coisas, como coisas terríveis que geneticamente passamos para a próxima geração. Ele não vai querer isso. E tudo bem, certo? Eu cuido disso. Quero dizer... *nós* cuidamos disso. Certo?"

"Sim. Claro, menina. Nós cuidamos disso", mamãe me abraça logo depois de sairmos do restaurante. "Mas *logo*. Você precisa contar a ele logo."

"Sim. Logo..." Suspiro. Em janeiro, se eu puder ficar de boca calada por tanto tempo. Ação de Graças é na próxima semana. Natal no próximo mês. Não vou perturbar as famílias durante os feriados. Além disso, isso dá a esse pequeno feto dentro de mim tempo para decidir se ele ou ela ficará.

Fico presa em todos os semáforos ao sair de Portland, então meus pais apontam para casa.

"Oh merda..." Sussurro quando vejo um Tesla azul e o contorno de um homem — o homem — sentado nos degraus da varanda da frente. Acelero para estacionar na garagem antes que mamãe e papai arrastem seus traseiros para fora do carro. "Entrem pela porta dos fundos. Vão agora!" Exijo antes mesmo de soltar o cinto de segurança.

"Ele sabe..." Mamãe balança a cabeça.

"Nós não sabemos disso, mas eu... apenas vão."

"Nós estamos indo... nós estamos indo." Papai puxa o braço da mamãe em direção à porta dos fundos da garagem.

Saio na frente e abaixo à porta da garagem no teclado. Meus pulmões e coração se recusam a cooperar. É difícil respirar enquanto dou passos lentos para a varanda.

Lá está ele... sentado no último degrau, vestindo jeans e um moletom. Os cotovelos estão apoiados nos joelhos, as mãos cruzadas na frente dele. Ele tem uma camada mais grossa de barba por fazer ao longo do rosto, aproximando-se do comprimento perfeito de uma barba bem aparada. Ele é... gostoso.

Sim, mesmo agora, no escuro, quando ele pertence à outra mulher, ele ainda é um espetáculo.

"Você deveria ter me enviado uma mensagem. Eu não estava te esperando. Fomos para um jantar tardio, já que não saio do trabalho antes das oito. Mexicano... batatas fritas e guacamole. Foi muito bom."

Eli passa a mão pelos cabelos, abaixando o queixo e coçando a nuca. "Eu sei a que horas você sai do trabalho. Mas não queria discutir nosso bebê por mensagem de texto."

Gole...

"Ela te contou", eu sussurro.

"A questão é: por que você não contou?" Ele parece um pouco magoado ou com raiva. Ou talvez apenas cansado. Realmente não posso dizer por que está escuro, e estou com frio, e meu coração acelerado dificulta a audição.

"Eu literalmente fiz o teste esta manhã." Começo a andar de novo. "Coloquei no bolso. Então caiu do meu bolso quando fui pegar meu telefone. Ela estava lá. Ela o pegou e me fez segui-la ao seu escritório para falar sobre

isso. Eu não imaginei que ela diria hoje. Pensei que ela teria a decência de *me* dar pelo menos vinte e quatro horas para digerir o fato de que minha vida vai mudar para sempre!"

Eli se levanta e dá três passos para me encontrar. "Por que você está gritando?" Ele agarra meus ombros para parar minha caminhada.

Uau... eu pensei... eu pensei de verdade que havia compreendido isso. Eu pensei que havia resolvido isso na minha cabeça, muito factualmente, muito analiticamente. No entanto, aqui estou eu desmoronando. Aí vêm as lágrimas como a chuva que não estava na previsão.

"Porque estou grávida. E eu realmente queria lhe dar a vida que você queria — a vida que você merece. E eu sei que foram precisos dois para fazer esse bebê, mas eu nunca deveria ter deixado isso acontecer. É que eu realmente queria estar com você uma última vez. E agora tudo está arruinado, e estou tentando muito fingir que não está. Mas se a Dra. Hathaway deixar você de novo por causa disso, vou me sentir mal para... sempre." Cubro meu rosto com as mãos e seguro os soluços, mas eles balançam meu corpo de qualquer maneira.

Eli me envolve em seus braços. "Oh meu Deus, Dorothy... você não está nem perto de entender a verdade sobre o que isso significa." Ele pressiona os lábios no topo da minha cabeça.

Eu limpo meu rosto, fungando, enquanto o olho. A luz da lua ilumina seu rosto, e agora quero ser egoísta, mas não posso. Não vou. "Você acabou de recuperar a sua família. Não deixe isso arruinar tudo. Prometa-me que não fará nada estúpido."

Ele acaricia minhas bochechas com os polegares, secando as lágrimas e afastando os cabelos grudados no meu rosto. "Defina estúpido." Um sorriso curva seus lábios.

"Estúpido é pensar que não posso fazer isso sozinha. Eu posso. E meus pais estão aqui. Este bebê será amado e bem cuidado. Estúpido é pensar que preciso de você mais do que eles."

"Dorothy Mayhem, estúpido é pensar que *eu* não preciso de *você.* Estúpido é pensar que esse bebê é qualquer coisa menos do que o melhor milagre que experimentei desde que Julie me disse que estava grávida de Roman. Estúpido é pensar que vou deixar você tomar mais decisões por mim." O aperto de Eli no meu rosto se intensifica quando ele se inclina para me forçar a olhá-lo nos olhos.

"A única coisa que foi arruinada fui eu. Você me arruinou no dia em que entrou na minha vida, usando aqueles Nikes vermelhos ultrajantes. Você me arruinou para Julie e todas as outras mulheres. Sou o vaso caro que você quebrou enquanto fazia compras. Eu não sou bom para ninguém. Eu sou seu. Você está presa comigo. Então pegue as peças e lide com isso, porque eu não vou a lugar nenhum."

"Mas Roman..."

Ele me libera. "Não! Não! Não! Não!" Passando por mim, ele caminha uns seis metros abaixo da minha entrada, puxando seus cabelos. "Roman é perfeito!" Ele grita... Como se estivesse tentando acordar todo mundo num raio de oito quilômetros. "Ele está feliz. Ele é amado. Ele está bem ajustado. E ele adora DORFEE MAYHEM!" Eli coloca as mãos em volta da boca e inclina a cabeça para trás como um animal uivando para a lua. "TODOS AMAM DORFEE MAYHEM, PORQUE ELA É O MELHOR SER HUMANO QUE JÁ EXISTIU! E ELA VAI TER UM FILHO MEU! EU. SOU. O. HOMEM. MAIS. SORTUDO. DESSE. MUNDO!"

Tirando as mãos do rosto, ele volta para mim. Não posso nem começar a explicar quão completamente envergonhada estou.

"Eu escolhi você, Dorothy. Eu escolhi você antes, mesmo quando você não me escolheu. Eu escolho você agora. Eu escolho você amanhã. Mas pelo amor de Deus, mulher..." Ele cai de joelhos aos meus pés, literalmente descansando a testa nos meus tênis, as mãos segurando minhas panturrilhas. "Você poderia me escolher? Você deixaria sua própria felicidade importar pela primeira vez?"

"Querida?" Mamãe chama na porta atrás de mim. Ela parece um pouco preocupada. Não consigo imaginar o porquê. "Está tudo bem?"

Limpando as últimas lágrimas do meu rosto, enfio meus cabelos atrás das orelhas e agacho, passando os dedos pelos cabelos de Eli enquanto ele respira pesadamente com a testa ainda apoiada nos meus sapatos. "Sim, está tudo... ok."

Eli murmura alguma coisa, mas não consigo entender. Ele levanta a cabeça devagar. "Diga isso de novo."

Eu deixo meu sorriso aparecer, mas só um pouco.

Ele se senta, evidentemente não se importando de estar sentado numa mistura de terra e grama, mas principalmente terra. Então ele agarra

minha cintura e me puxa para ele, então minhas pernas envolvem sua cintura e meu nariz quase toca o seu. “Diga isso de novo.”

“Está tudo ok.” Meu sorriso se arrasta um pouco mais pelo meu rosto.

“Mais uma vez...” ele sorri.

Pressiono as palmas das mãos no seu rosto barbudo e deslizo os lábios nos dele. “Ok... está tudo ok.”

“Porque você me ama.”

Eu beijo seu lábio superior. “Porque eu amo você.”

“Porque você me escolheu.”

Beijo seu lábio inferior. “Porque eu escolhi você.”

“E nós vamos ter um bebê.”

Concordo, beijando seu nariz, suas bochechas, sua testa. “E nós vamos ter um bebê.”

CAPÍTULO 36



Elijah

"Oh... meu Deus!"

Fazendo uma careta, eu abro um olho. Minhas costas doem. Estou de bruços. Raramente durmo de barriga para baixo. Deve ser por isso que minhas costas doem. Um travesseiro cai na minha bunda — minha bunda nua.

Kellie olha para mim, de olhos arregalados, com a mão sobre a boca. E ela começa a murmurar atrás daquela mão. "Eu ia lavar roupa para Dorothy. E pensei em lavar o cobertor que estava jogado na cama dela, mas não fazia ideia de que você estava debaixo do cobertor. Oh meu Deus... por que ela cobriria completamente um homem nu e adormecido e depois iria trabalhar sem dizer nada?"

"Hum..." Aperto os olhos, abrindo meu outro olho e rolando de costas, mantendo o travesseiro sobre minha barriga. "Estamos falando de Dorothy... claramente seu palpite é tão bom quanto o meu."

Fomos calados para sua cama. E então começamos a realizar certas *atividades* que exigiam mais liberdade para se movimentar na cama... e no chão. Sim, eu tenho certeza que estávamos no chão em algum momento. Minha mente está um pouco confusa, porque acho que não consegui dormir mais de duas horas. Não tenho ideia de quando Dorothy se levantou ou de como ela está por dormir tão pouco.

"Obrigada por amar minha menina." Ela abraça uma trouxa de roupas sujas no peito.

Esfrego os olhos antes de colocar os dedos atrás da cabeça, encontrando o enorme sorriso de Kellie e os olhos brilhantes. A mãe de Julie nunca me agradeceu por amar sua filha.

Eu retribuo o sorriso. "É realmente um prazer. E eu..." Eu me encolho, sentindo como se tivesse dezoito anos em vez de trinta e oito. Talvez meu

corpo nu apenas coberto por um travesseiro seja o que me faz sentir um pouco inseguro. “Peço desculpas por não ser mais responsável com sua filha. Mas eu a amo. E vou cuidar dela e criar esse bebê com ela. Tenho apenas as melhores intenções no que diz respeito a Dorothy.”

“Eu agradeço. Agradeço muito.” Ela se senta ao lado da cama.

Ok... vamos conversar agora, comigo nu na cama de Dorothy. Não... há nada estranho sobre isso. Eu me afasto alguns centímetros, mantendo um aperto firme no travesseiro.

“Alguns anos atrás, antes que o tio dela morresse e deixasse todo seu dinheiro...” Kellie solta um suspiro lento, olhando pelas venezianas das cortinas da janela “... fui fazer compras com Dorothy bem quando a faculdade estava se preparando para começar. Cada uma de nós pegou um carrinho. Eu fui por um corredor. Ela foi para o outro lado. Nos encontramos minutos depois. Eu tinha quatro coisas no meu carrinho. O carrinho de Dorothy estava *cheio*. Agora... coisas que você descobrirá sobre Dorothy, se ainda não o fez: ela tem reservas de tudo — xampu, desodorante, pasta de dente... o que você quiser. E não apenas um extra. Estou falando de três ou quatro tubos extras de creme dental. Então, antes de me concentrar no conteúdo do carrinho dela, presumi que ela simplesmente estava tendo um momento. Um pouco de ansiedade que exigia o conforto das reservas.”

“Não... eu estava errada. Essa é a coisa, passamos grande parte de nossas vidas como pais tentando garantir que nossos filhos sejam bons seres humanos. Então, um dia, sem você realmente perceber, isso acontece. O carrinho de Dorothy estava cheio, mas o material não era para ela. Após uma explicação, ela me disse que havia uma caixa de doações em frente à casa de uma criança onde ela passava todos os dias a caminho do trabalho. Já fazia mais de uma semana e ninguém havia doado. Ela fez alguns trabalhos de verão com essas crianças... as crianças abusadas e negligenciadas. E ela disse que elas tinham *menos do que* nada, e ninguém os estava ajudando, nem um pouco. Então ela disse que sabia que o que estava fazendo não faria diferença, mas pelo menos queria tentar. Em um minuto fiquei preocupada que ela estivesse tendo um dia ruim, preparando-me para interrogá-la sobre tomar seus medicamentos fielmente. No minuto seguinte, estou de pé em uma loja com lágrimas escorrendo pelo rosto.”

Ela encolhe os ombros. “Fico feliz em dizer que criei um bom ser humano que agora está se tornando melhor do que eu.”

Sim, preciso de uma vida com Dorothy Mayhem. E eu não posso acreditar o quão perto cheguei de deixá-la escapar de mim.

"Enfim, só quero que você saiba que alguns dias serão pura loucura. Quero dizer... Deus sabe que eu amo essa garota, mas ela é desajeitada e barulhenta. Fala durante os filmes, constantemente é repreendida para se calar. E ela é hipocondríaca. Está sempre morrendo de alguma coisa. Ela não come a última fatia de pão, a última colherada de manteiga de amendoim em um pote, o último biscoito em um pacote. Não. Ela simplesmente pega um novo. E os passarinhos..." Kellie ri. "Perguntei-lhe uma vez se ela queria colocar algumas sementes para o pássaro mamãe que teve bebês em um ninho. Dorothy nem pensou, ela apenas disse, 'Não. Eu acredito em Darwin'."

Eu gargalho. Kellie conhece todas as manias de Dorothy que podem enlouquecer seus pais, mas me fazem amá-la ainda mais.

"Mas então... ela enche uma caixa para crianças que têm menos que nada."

Mas então isso...

Dorothy... Dorothy... Dorothy...

"Você fez um ótimo trabalho criando-a. Ela é perfeita." Eu sorrio.

Kellie se levanta, torcendo a boca para esconder seu orgulho. "Ela é... boa o suficiente." Ela pisca e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.



Minha mãe manda uma foto de Roman comendo panquecas com um 'Espero que você e Julie estejam aproveitando seu tempo a sós'.

Isso significa que Julie não pegou Roman na noite passada. Então dirijo para a casa dela. Depois de tocar a campainha duas vezes, ela atende a porta com um roupão. Olhos inchados e um sorriso forçado.

Eu entro. "Jules..." Eu a abraço.

Ela agarra minha camisa e soluça silenciosamente por alguns minutos. Não há muito a dizer. Ela sabe.

Isso dói.

Tudo o que tínhamos mudou, e simplesmente não se encaixa mais.

"Estou atrasada demais." Ela se afasta e limpa o rosto.

Aceno lentamente. Só uma vez. “Não é por causa do bebê. Não quero que você pense que estou escolhendo esse filho que vou ter com Dorothy ao invés de escolher o nosso filho.”

Julie se vira, sua respiração falha em uma inspiração lenta enquanto caminha em direção à janela da frente para sua espaçosa sala grande. “Eu sei, Eli.”

“Quero que fiquemos bem, Jules. Talvez não hoje. Talvez não por algum tempo, mas quero que Roman tenha o melhor de nós, separados e juntos. Não quero que ele nunca me veja fazer nada além de te amar. Porque eu amo... eu te amo com uma parte de mim que sempre pertencerá apenas a você.”

Ela se vira, piscando com mais lágrimas silenciosas que rapidamente enxuga do rosto enquanto encolhe os ombros. “Então é isso que faremos... nós daremos tudo a ele. Eu. Você. Nós. E a mulher que me idolatra.”

“Jesus, Jules...” Balanço a cabeça e me permito retribuir o mesmo sorriso minúsculo que ela tem em seu próprio rosto. “Você vai usar isso contra mim para sempre?”

Ela ri. Ainda está parcialmente soluçando, mas posso dizer que ela está se esforçando muito para fazer isso direito. “Sim. Você vai conseguir o amor dela, mas eu terei o respeito.”

Minhas sobrancelhas arqueiam. “Acha que ela não me respeita?”

“Bem...” Julie ajeita o roupão como se ajeitasse o jaleco, ombros para trás, queixo para cima. “Tenho certeza de que há algum respeito aí, mas acho que ela nunca poderia pensar em você como uma chefe cadela.”

Tenho um milhão de respostas, começando com o fato de que tenho certeza que homens não podem ser cadelas. Mas não lhe dou nada além do meu silêncio e um aceno tranquilo. Ela está sofrendo. Sei disso porque reconheço a falsa confiança. Vivi isso no ano passado. Abandonar seu primeiro amor é muito doloroso. E por mais que as pessoas pensem que ela me abandonou no ano passado, ela não o fez. Na verdade, não.

Este. Este é o verdadeiro desapego dela.

Este sou eu... abandonando.

“Eli...” À medida que mais lágrimas enchem seus olhos, luto contra minhas próprias emoções, e ela vê. Dessa vez ela me abraça.

Dessa vez ela me conforta.

Abraçamo-nos por tanto tempo, não tenho certeza de que hora do dia é. É um adeus silencioso. É doloroso. É exatamente o que deveria ser porque nós somos o mundo um do outro — tudo um do outro — há muito tempo. Passei a vida toda com essa mulher.

Agora, eu a beijo na bochecha uma última vez quando a solto, viro e saio para passar a vida inteira com Dorothy Mayhem.

EPÍLOGO



Novos vizinhos

Sete meses depois...

"Eu sou uma baleia. Uma baleia em um vestido. Uma baleia com um chapéu. Como você gosta disso?"

"Você está escrevendo para o Dr. Seuss?" Pergunto a Dorothy, a mãe da minha criança — uma garota, disseram. Minha super-heroína. Minha colega de treino. Meu quase tudo... exceto Roman. Ah... e ela não é minha esposa.

Não.

Nenhum casamento com Dorothy Mayhem.

Tudo bem. Seria um crime mudar esse nome incrível.

Ajusto seu chapéu de formatura antes de beijar seus lábios com sabor de coco enquanto toco Violet Riley Mayhem Hawkins com minhas mãos enquanto ela chuta dentro da barriga de sua mãe.

Sim, estou me preparando para viver uma vida com Riley e Mayhem.

"Esse vestido me faz parecer gorda?" Dorothy continua franzindo a testa.

"Enfermeira Mayhem, já tive o suficiente de você insultando a mulher que amo. Pode dar um tempo? Coloque um sorriso no rosto. E vá plantar sua bunda sexy naquela cadeira para receber seu diploma."

"Você acha que realmente vai parar neste?" Seu pai sorri, referindo-se a várias formaturas.

Dorothy encolhe os ombros. "Eu não sei. Estou meio que ficando cansada da rotina do hospital."

Gargalho para aliviar o clima. Os pais dela? Eles não riem porque sabem que ela não está brincando. Eu também sei, mas essa mulher tem meu bebê dentro dela. Eu não dou a mínima se ela vai conseguir ou não um emprego como enfermeira.

Minha Dorothy vagueia pela vida. E enquanto ela sempre voltar para mim, não me importo se ela passe uma eternidade na faculdade, conseguindo vinte diplomas diferentes, ou empurrando pacientes por um hospital, ou coletando todas as noites da semana.

"Dorothy... eu vou bater palmas para você." Roman abraça as pernas dela e ela se abaixa para abraçá-lo de volta. Meu filho a ama, talvez mais do que eu. Ela é digna desse tipo de amor. Ela é simplesmente... a perfeição.

"Obrigada, Romeu."

"Beijos para Violet." Ele pressiona as mãos na barriga dela e beija sua irmãzinha.

"Eu vou chorar..." Kellie enxuga os olhos.

"Por favor, mãe. Estou inchada em vários lugares. Você pode não me fazer chorar com sua tolice?"

"É felicidade, não tolice." Kellie revira os olhos para Dorothy. "Vamos levar Roman para encontrar os assentos. Eu te amo." Ela abraça a filha.

Dorothy faz sua tentativa desajeitada de abraçar sua mãe, mas Violet tem complicado as coisas. Como se isso fosse possível em um abraço de Dorothy Mayhem.

"Vamos, Dorothy", uma de suas colegas de classe chama, passando por Dorothy para se sentar no auditório.

"Você está bem?"

Ela sorri para mim. "Estou ok."

Olho para o relógio. "Eu vou assistir daqui então posso te parabenizar de pé diante você."

"Idiota." Ela franze a testa, girando para ir ao auditório.

Pego seu vestido, puxando-o para detê-la. Então coloco meus braços em volta dela, descansando o queixo no seu ombro, minhas mãos sobre as dela na barriga. "Dorothy Mayhem", sussurro, "estou tão orgulhoso de você.

Você é o universo. É inquestionavelmente o ser humano mais gentil que já conheci. Obrigado por me escolher. Nesta vida... comigo. Eu te amo."

Sua cabeça encosta na minha. "Acho que também te amo."

"Ok." Beijo sua bochecha uma última vez antes de deixá-la ir.



Três dias depois, levo minha Dorothy ao hospital às 03h da manhã, quando suas contrações são próximas e desconfortáveis.

Só que... Não chegamos lá.

"Agora, Eli." Ela me dá um olhar de olhos arregalados, a dez minutos do hospital. A mão dela desliza pela saia. "Eliii!" Ela fecha os olhos, prendendo a respiração. "Eu sinto a cabeça. Eli!"

"Ok, querida. Vamos conseguir. Nada demais." Paro no acostamento.

"Isso queima!" Ela grunhe, franzindo o rosto. "*É* demais!"

Chamo uma ambulância.

"Vou movê-la para o banco traseiro." Saio, corro em volta do carro e a levanto do banco da frente para o banco traseiro.

"Eli!" Ela abaixa o queixo e empurra. "Oh Deus! Chame uma ambulância antes que a bebê caia de cabeça! Eli... ela tem meus genes. Não podemos deixá-la cair de cabeça também!"

"Dorothy Mayhem..." Agarro sua mão, entrelaçando nossos dedos e apertando até que ela me olha. "Eu sei que não sou seu médico favorito... mas ainda assim sou médico. Liguei para a ambulância. Eles estarão aqui em breve. Enquanto isso... nós cuidamos disso. Eu cuido de você. Eu cuido de Violet."

Retiro sua calcinha, levanto meu telefone com a lanterna que ilumina a cabeça de Violet. "Ela tem cabelos pretos."

"C-como você pode estar CAAALMO?" Seu rosto se contorce com outra contração enquanto ela empurra.

Sei que ela está com dor. Mas minha Dorothy nunca foi tão bonita. "Estou calmo porque estou me preparando para fazer o parto da nossa bebê.

E você é a pessoa mais forte que eu conheço. Então vamos fazer isso. Vamos conhecer Violet."

Dorothy abre os olhos, com lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto assente. "Obrigada", ela sussurra entre contrações, com dificuldade para respirar.

"Pelo quê?"

"Por me deixar ser eu. Deixar-me ser o suficiente."

Minhas próprias emoções queimam em meus olhos. "Por nada."

"Ai... está chegando... dói. ELI!"

"Empurre, Dorothy... você entendeu."

Ela empurra uma vez, duas vezes... E no terceiro empurrão, a cabeça de Violet está fora.

"Pare, querida. Respire fundo algumas vezes. Tente não empurrar. O cordão está no pescoço dela." Sinto o cordão, está apertado, mas não muito. "Ok. Dê-me outro grande empurrão."

Dorothy grita e Violet desliza para fora. Solto o cordão do pescoço dela e, quando as luzes da ambulância iluminam atrás de nós, Violet solta o primeiro choro. É um pouco fraco, com um gorgolejo, mas é o primeiro suspiro dela, e nada desde que Roman deu o primeiro suspiro soou tão bonito.

"Minha bebê..." Dorothy alcança Violet enquanto várias pessoas se aglomeram ao redor do veículo.

Não posso nem falar, estou emocionado enquanto entrego a Dorothy nossa filha.

É engraçado como um ano pode mudar seu mundo. E é incrível como uma única respiração pode tirar uma vida, dar uma vida e, às vezes... salvar uma vida.

Ela é a minha respiração.



Dorothy

Três semanas depois...

Trouxemos Violet para casa do hospital dois dias depois que Eli fez meu parto na parte de trás do meu Q5. Eu realmente deveria ter pego o Q7.

Casa... bem, é a casa dele na Skyline Drive. E nossa casa de fim de semana fica há 45 minutos, com um quintal enorme, um trampolim e dois emus. Gemma viaja para lá e para cá conosco. E meus pais passam mais tempo sentados juntos no sofá comigo.

Sou uma pessoa caseira. Uma criatura de hábitos. Eu gosto do familiar. E Eli respeita isso. Ele honra cada coisa peculiar da minha personalidade. Minha necessidade de espaço. Minha necessidade de expressar minhas emoções em emojis e classificá-las em pilhas e pilhas de diários coloridos.

“Julie está vindo.” Eli franze a testa enquanto desce as escadas depois de colocar Violet para dormir. Ele coloca o monitor na mesa de centro.

“Ela vai apenas deixar Roman. Por que essa cara?” Eu pergunto.

Temos um ótimo relacionamento com a Dra. Hathaway. E toda a culpa que pensei que sentiria por Eli desistir de ter Roman em tempo integral foi por nada. Roman é um jovem inteligente, porque todos nós trabalhamos muito para garantir que ele sinta uma abundância de amor e senso de família.

“Ela vai se mudar.” Ele balança a cabeça. “Nós concordamos que não faríamos isso até Roman ser mais velho. Não é um acordo por escrito, mas nós dois o manifestamos. Ouvi dizer que ela recebeu uma oferta de emprego em Nova York. *Nova York*, Dorothy. É longe demais. São viagens demais. Ele deveria começar a pré-escola neste outono. Como ela pode fazer isso? Como ela pode arrancá-lo assim? Não tem como isso funcionar a cada duas semanas. Eu...” Ele passa as mãos pelos cabelos desarrumados — e sim — sensuais.

Sinto sua ansiedade, mesmo que não saiba o que dizer. Ele vai me pedir para ir para Nova York também, então ficaremos perto de Roman? A ideia evoca uma ansiedade nauseante porque sei que direi sim. Vai me matar deixar meus pais, meus emus, minha zona de conforto, mas eu farei isso. Farei isso por Roman. E Eli sabe disso... ele sabe que meu amor por Roman é tão grande quanto meu amor por Violet. Não vejo Roman como algo menos que meu próprio filho. Meu amigo... meu pequeno super-herói.

Meu Romeu.

"Então vamos." Sim. Aqui vou eu. Evitando conflitos a todo custo. "Nós nos mudaremos para Nova York."

"Meus pacientes, querida. Não se trata apenas de Julie, Roman, você, Violet... nossas famílias. É sobre meus pacientes."

Concordo com a cabeça, saindo da poltrona e parando na frente dele. Eu apenas... inclino-me para ele. É a minha maneira de oferecer um abraço. Eli passa seus braços ao meu redor.

"Claro... claro que você diria isso. Eu te amo muito, Dorothy Mayhem."

A campainha toca e, antes que Eli possa atender, Roman abre a porta e corre para dentro.

"Shh..." Eli preventivamente o cala enquanto o pega para um grande abraço. "Violet está dormindo. Como vai, amigo?" Ele enterra o rosto no pescoço de Roman e o beija repetidamente.

"Papai!" Ele ri.

A Dra. Hathaway — sim, ela sempre será a Dra. Hathaway, chefe cadela para mim — entra logo após Roman e sorri com a demonstração de afeto de pai e filho.

"Vá brincar em silêncio no seu quarto enquanto falo com a mamãe."

"Não. Escute, papai! Temos uma surpresa."

Eli coloca o dedo na boca dele para lembrar Roman de manter a voz baixa.

"Temos uma surpresa", Roman repete em um sussurro, colocando as mãos na boca.

Deus... eu amo esse garoto.

A Dra. Hathaway ri.

Eli dá um sorriso hesitante, claramente sem vontade de surpresas. Especialmente aquelas que envolvem a mudança para Nova York. E eu já sei que ele está chateado, que ela deixou Roman animado com isso.

“Venha aqui, papai. Venha aqui agora.” Roman segura a mão de Eli, puxando-o em direção à porta.

Olho a Dra. Hathaway.

Ela pisca. “Você está ótima, Dorothy. Como está sua linda garotinha?”

Sei que não devemos deixá-la nos irritar, mas não posso evitar meu orgulho materno quando ela pergunta sobre Violet. Minha filha é a garotinha mais linda de todas. Sei que toda mãe diz isso, mas é verdade no meu caso.

“Ela é perfeita.”

“Pegue o monitor e venha conosco.” Dra. Hathaway acena com a cabeça para o monitor do bebê.

Hesito por alguns segundos antes de pegar meu telefone. Eli usa o monitor, mas tenho áudio e vídeo do berço no meu telefone.

Eu os sigo para fora, exatamente quando Eli e Roman atravessam a rua.

“Deve ter vendido”, murmuro, percebendo que a casa em frente à nossa não tem mais uma placa de *venda* no quintal.

“Papai! Esta é a nova casa da mamãe! Você gosta disso?”

Eli apenas... para, mesmo com Roman puxando seu braço. Depois de alguns segundos, ele se vira para a Dra. Hathaway.

Ela encolhe os ombros com um grande sorriso. “Isso tornará mais fácil para nós dois colocarmos Roman para dormir. E para ele passar mais tempo com a irmã. E para eu discutir pesquisas médicas de ponta com Dorothy, quando ela não está ocupada sendo uma super-heroína.”

Sim, ele está em choque. Ele nem sequer piscou.

Eu? Estou tentando parecer calma, quando realmente quero perguntar com que frequência ela quer se reunir para discutir essa pesquisa médica de ponta. Mas não tiro isso de Eli. É o momento dele.

É o mundo dele se completando.

“Você está ok, Eli?” Ela pergunta com uma leve risada.

Roman continua a puxar uma de suas mãos enquanto ele assente lentamente. Algo parecido com o emoji mais feliz já toma conta de sua expressão quando ele traz a outra mão para pegar a minha.

“Sim.” Ele exala um longo suspiro. “Tudo está definitivamente *ok*.”

